UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

SABRINA MATUDA

**Futebóis: uma análise do léxico do futebol em português
brasileiro e inglês britânico sob a perspectiva da Linguística
de *Corpus***

São Paulo
2015

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

**Futebóis: Uma análise do léxico do futebol em português
brasileiro e inglês britânico sob a perspectiva da Linguística
de *Corpus***

Sabrina Matuda

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Stella Esther Ortweiler Tagnin

São Paulo

2015

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR
QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE
ESTUDO OU PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Sabrina Matuda

Futebóis: uma análise do léxico do futebol em português brasileiro e inglês britânico sob a perspectiva da Linguística de *Corpus*

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Aos meus pais, Hélió e Rita

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento mais do que especial a minha orientadora, prof^a. Stella Tagnin, pelo incentivo constante, pela preciosa orientação, pela prontidão para esclarecer dúvidas de última hora, pelas devidas cobranças e pela confiança em mim depositada. Todas as falhas são de minha inteira responsabilidade.

Aos professores João Azenha Jr. e Paola Giustina Baccin, pelas valiosas contribuições no exame de qualificação.

Ao Professor Flávio de Campos, por me abrir horizontes e inspirações.

Aos companheiros do Grupo COMET, Alva, Carmen, Danilo, Elisa, Helmara, Joacyr, Luciana C., Luciana G., Malila, Marlene, Rodrigo e Sandra. Obrigada pelas discussões sempre proveitosas e, é claro, pelos momentos de descontração e comilança.

À Rozane, companheira fiel de congresso, sempre pronta para mais uma aventura acadêmica.

Ao LUDENS (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas), pelo apoio à pesquisa.

Aos colegas do LUDENS, pela paciência em responder as inúmeras perguntas, muitas vezes bastante óbvias, sobre futebol.

Em especial, gostaria de agradecer aos colegas “do futebol” Tiago Machado e Vanessa Gonçalves, pela consultoria durante toda a pesquisa.

Aos amigos, pelo incentivo permanente e por entender a ausência.

A minha irmã, Carina, pela amizade e paciência em meus momentos de crise (que não foram poucos!).

Ao meu avô, Milton Cândido da Silva, que, mesmo sem entender muito bem o que fiz nos últimos três anos, me deu força e estímulo para continuar nos momentos mais difíceis.

Ao meu namorado, John, não só por entender minha ausência, no sentido literal da palavra, mas também pelo constante apoio e incentivo.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Agradeço especialmente à FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) por acreditar em minha pesquisa e me contemplar com a bolsa de estudos de três anos, permitindo dedicação exclusiva à tese durante esse período.

Sumário

Sumário	ix
Índice das figuras	xi
Índice dos gráficos	xiii
Índice das tabelas	xiii
Índice dos quadros	xiv
Resumo	xv
Abstract	xvi
Introdução	1
Capítulo 1 – Futebol.....	9
1.1 Possíveis origens do futebol.....	9
1.2 Futebol moderno na Inglaterra.....	13
1.3 Futebol no Brasil.....	16
1.4 Forma-representação	23
1.4.1 Futebol arte x Futebol força.....	26
Capítulo 2 – Pressupostos Teóricos	30
2.1 Linguística de <i>Corpus</i>	30
2.1.1 Linguística de <i>Corpus</i> e Terminologia	33
2.1.2 Linguística de <i>Corpus</i> e Tradução	35
2.1.3 Linguística de <i>Corpus</i> e convencionalidade	37
2.2 Terminologia.....	39
2.2.1 O texto especializado	40
2.2.2 Terminologia Textual.....	43
2.2.3 Termos e Combinatórias Léxicas Especializadas	44
2.3 Tradução técnica e cultura	48
2.3.1 Mas, afinal, o que é cultura?	48
2.3.2 Tradução técnica como condicionante cultural.....	53
Capítulo 3 – Materiais e Métodos	60
3.1 O <i>corpus</i> de estudo.....	60
3.1.1 Critérios iniciais	60
3.1.2 Critérios redefinidos.....	61
3.1.3 Composição do <i>corpus</i>	65
3.1.3.1 <i>Subcorpus</i> em português	71
3.1.3.2 <i>Subcorpus</i> em inglês	82
3.1.4 Armazenamento dos textos	92
3.1.5 Cabeçalho.....	92
3.2 Etiquetagem	95

3.2.1 Etiquetagem discursiva	96
3.2.2 Etiquetagem morfossintática	98
3.2.2.1 Etiquetador	100
3.2.2.2 Etiquetas	103
3.2.2.3 Expressões de busca	104
3.3 Os <i>corpora</i> de referência	105
3.4.1 <i>WordSmith Tools</i>	107
3.4.1.1 <i>Wordlist</i>	108
3.4.1.2 <i>Keywords</i>	113
3.4.1.3 <i>Concord</i>	117
3.4.2 <i>TshwaneLex (TLex)</i>	120
3.5 Metodologia	130
3.5.1 Seleção dos estudos de caso	131
3.5.2 Compreensão dos significados dos termos	140
3.5.3 Estabelecimento de equivalentes	142
Capítulo 4 – Estudos de Caso	145
4.1 gol	145
4.2 falta	162
4.3 drible da vaca	168
4.4 fazer cera	173
4.5 técnico; treinador	177
4.6 clássico	189
4.7 bichado	196
4.8 retranca	199
4.9 elástico	203
4.10 chocolate	211
4.11 carregador de piano	213
4.12 carretilha; lambreta	217
4.13 rolinho; caneta; janelinha; sainha	229
4.14 corte seco	231
4.15 cai-cai	234
4.16 chinelinho	238
4.17 <i>the Matthews move</i>	241
Capítulo 5 – Modelo de dicionário	245
5.1 Por que dicionário e não glossário?	245
5.2 Ficha terminológica	247
5.3 O dicionário	252
5.3.1 Macroestrutura	252

5.3.2 Microestrutura.....	255
5.3.2.1 Entrada	256
5.3.2.2 Categoria gramatical	258
5.3.2.3 Equivalente(s)	259
5.3.2.4 Definição.....	261
5.3.2.5 Exemplo(s).....	265
5.3.2.6 Informações enciclopédicas	267
5.3.2.7 Remissivas	269
5.3.2.8 Vídeo.....	270
5.3.2.9 Imagem	271
Considerações finais	273
Referências bibliográficas.....	280
Anexo 1	293
Anexo 2.....	303

Índice das figuras

Figura 1: Página do jornal <i>The Guardian</i> sobre o resultado da partida entre o <i>Manchester United</i> e o <i>Liverpool</i> pela <i>Premier League</i> de 2015.	68
Figura 2: Página do jornal <i>Folha de São Paulo</i> sobre o resultado da partida entre o <i>Corinthians</i> e o <i>São Paulo</i> pelo campeonato Paulista de 2015.	69
Figura 3: Página do periódico <i>on-line Lance!Net</i> com resultado de partida (à esquerda) e a descrição da partida (à direita) que ocorreu entre <i>Palmeiras</i> e <i>Corinthians</i> pela 12ª rodada do Campeonato Brasileiro de 2014.	76
Figura 4: Página de RPCIs do jornal <i>Folha de S. Paulo</i> (à direita) e do <i>site</i> do <i>Globo Esporte</i> (à esquerda).	79
Figura 5: Notícia sobre o resultado de uma partida entre <i>Derby</i> e <i>Nottingham Forest</i> (direita) e a descrição da mesma partida (esquerda); ambas retiradas do <i>site</i> do Jornal <i>The Guardian</i>	87
Figura 6: RPCI retirado do jornal <i>The Telegraph</i> (direita) e RPCI retirado do <i>Mail Online</i> (esquerda).	89
Figura 7: Exemplo de cabeçalho da categoria RP.	94
Figura 8: Etiquetas discursivas criadas para os resultados de partidas, as notícias sobre compra e venda de jogadores e técnicos e as notícias sobre a situação dos times nos campeonatos.	96
Figura 9: Etiquetas discursivas utilizadas nas descrições de partidas.	97
Figura 10: Etiquetas discursivas utilizadas nos relatos de partidas com comentários de internautas.	98
Figura 11: Interface do etiquetador no <i>site web4you</i> (à esquerda) e exemplo de um texto etiquetado (à direita).	102
Figura 12: Interface do <i>Tree-Tagger</i>	102
Figura 13: Linhas de concordância da expressão de busca “ <i>were VBD be made</i> ”	105
Figura 14: Interface do <i>software WordSmith Tools</i> versão 6.0.	107
Figura 15: Tela de ajuste das funções consideradas para a criação da lista de palavras do <i>subcorpus</i> de inglês.	109
Figura 16: Ajustes realizados na opção <i>Tags & Markup</i> das configurações avançadas.	110
Figura 17: Ajustes realizados para o levantamento das palavras-chave.	116

Figura 18: Tela de seleção dos <i>corpora</i> .	116
Figura 19: Seleção das linhas de concordância de <i>goal</i> ordenadas pelas três primeiras palavras à esquerda.	118
Figura 20: Seleção de <i>clusters</i> de três palavras de <i>goal</i> .	120
Figura 21: Tela inicial do <i>TshwaneLex</i> .	121
Figura 22: Tela da reversão automática de termos do <i>TLex</i> .	122
Figura 23: Tela da escolha dos elementos que constituirão os verbetes.	123
Figura 24: Tela de customização do <i>TLex</i> .	124
Figura 25: Tela de inclusão de elementos no dicionário.	124
Figura 26: Exemplo de verbete que apresenta a referência cruzada <i>same as</i> .	125
Figura 27: Exemplo de verbete que apresenta a referência cruzada <i>SEE</i> .	126
Figura 28: Tela de formatação dos estilos do elemento <i>example</i> .	127
Figura 29: Tela de formatação do atributo <i>example</i> do elemento <i>Example</i> .	127
Figura 30: Tela de formatação do atributo <i>Source</i> do elemento <i>Example</i> .	128
Figura 31: Tela de visualização hierárquica (<i>Tree View</i>) e janela de preenchimento das informações do verbete ‘drible da vaca’.	129
Figura 32: Tela de visualização do verbete ‘drible da vaca’.	130
Figura 33: Pesquisa no <i>facebook</i> sobre a diferença entre ‘drible’ e ‘jogada’.	142
Figura 34: Número de gols do Campeonato Brasileiro de 2006 a 2013.	146
Figura 35: Número de gols da <i>Premier League</i> nas temporadas de 2011/2012, 2012/2013 e 2013/2014.	146
Figura 36: Parte das linhas de concordância da etiqueta VVG.	148
Figura 37: Parte das linhas de concordância de “fire**”.	149
Figura 38: Parte do contexto expandido da linha de concordância 153 de <i>fire*</i> .	150
Figura 39: Reportagem sobre o alto número de faltas no Campeonato Brasileiro.	163
Figura 40: Redução no número de faltas da Série A do Brasileirão.	164
Figura 41: Número de faltas de cada time por partida na <i>Premier League</i> de 2013/2014.	165
Figura 42: Reportagens na imprensa internacional sobre a prática de cavar falta dos jogadores brasileiros.	166
Figura 43: Número de cartões aplicados devido a faltas cavadas no Campeonato Brasileiro de 2013 e na <i>Premier League</i> 2013/2014.	167
Figura 44: Resultado parcial da busca no <i>Google</i> por ‘Pelé’, ‘ <i>World Cup</i> ’ e ‘Mazurkiewicz’.	171
Figura 45: Definição de <i>stall</i> como verbo no <i>freedictionary.com</i> .	176
Figura 46: Definição de <i>manager</i> apresentada pela <i>Wikipedia</i> .	182
Figura 47: Perfil de Louis van Gaal no <i>site</i> do <i>Manchester United</i> .	183
Figura 48: Perfil dos técnicos do <i>Manchester United</i> .	185
Figura 49: Comissão técnica do São Paulo.	188
Figura 50: Membros da diretoria e dos conselhos do São Paulo F.C.	189
Figura 51: Resultado da busca no <i>Google</i> para as palavras: “Cristiano Ronaldo”, <i>Portugal</i> e <i>Turkey</i> .	207
Figura 52: Vídeo tutorial de como dar um ‘elástico’.	209
Figura 53: Tutorial do <i>Youtube</i> com uma compilação de ‘elásticos’ executados por Ronaldo.	211
Figura 54: Parte das respostas para a pergunta “O que significa carregar o piano no futebol?”.	214
Figura 55: Parte do artigo que descreve o jogador Ramires como carregador de piano.	215

Figura 56: Entrada ‘Ramires’ na <i>Wikipedia</i>	216
Figura 57: Definição de <i>box-to-box midfielder</i> na <i>Wikipedia</i>	216
Figura 58: Resultado da busca para “ <i>rainbow flick</i> ” no <i>Google</i>	221
Figura 59: Tutorial do drible <i>Jay Jay Okocha</i> no <i>YouTube</i>	224
Figura 60: Instruções de como executar o drible no <i>site Wikihow</i> em inglês.....	227
Figura 61: Resultado de busca no <i>Google</i> para <i>Johan Cruyff</i>	232
Figura 62: Página do jornal inglês <i>The Guardian</i> descrevendo a origem de um movimento conhecido como “ <i>Cruyff turn</i> ”.	233
Figura 63: Resultado da busca no <i>Google.es</i> para as palavras ‘Neymar’ e ‘ <i>piscinero</i> ’.	236
Figura 64: Foto do jogador <i>Ashley Young</i> , à esquerda, ponta do <i>Manchester United</i> , simulando uma falta.	237
Figura 65: Vídeo com tutorial de como executar o <i>The Matthews move</i>	242
Figura 66: Tutorial com fotos de como executar <i>The Matthews move</i>	243
Figura 67: Entrada dos dois verbetes de ‘gol’ e do verbete ‘gol, [FAZER MARCAR] [um o]’.....	258
Figura 68: Destaque da categoria gramatical dos dois verbetes de ‘falta’ e da CLE ‘falta, [FAZER COMETER] uma’.....	259
Figura 69: Destaque dos equivalentes de <i>nutmeg</i> em português.	259
Figura 70: Destaque dos equivalentes de ‘gol, [FAZER MARCAR] [um o]’.....	260
Figura 71: Destaque para a definição de <i>diver</i>	264
Figura 72: Destaque para os exemplos de ‘falta, [FAZER COMETER]’.....	267
Figura 73: Destaque para os exemplos dos equivalentes de <i>nutmeg</i> em português.....	267
Figura 74: Destaque da informação enciclopédica do termo <i>dummy</i>	268
Figura 75: Destaque da informação enciclopédica do termo ‘carretilha’.	268
Figura 76: Referência cruzada entre ‘lambreta’ e ‘carretilha’.	270
Figura 77: Modo de visualização do elemento ‘vídeo’ no <i>TLex</i>	271
Figura 78: Verbetes ‘gol’.....	272

Índice dos gráficos

Gráfico 1: Tipos de fontes utilizadas na composição da categoria RP do <i>subcorpus</i> em português.....	75
Gráfico 2: Tipos de fontes utilizadas na composição da categoria DR do <i>subcorpus</i> em português.....	77
Gráfico 3: Tipos de fontes utilizadas na composição do <i>corpus</i> CV em português.	80
Gráfico 4: Tipos de fontes utilizadas na composição da categoria ST do <i>subcorpus</i> em português.....	82
Gráfico 5: Tipos de fontes utilizadas na composição da categoria RP em inglês.....	87
Gráfico 6: Tipos de fontes utilizadas na composição da categoria DP do <i>subcorpus</i> em inglês.	88
Gráfico 7: Tipos de fontes utilizadas na composição do <i>corpus</i> CV em inglês.	90

Índice das tabelas

Tabela 1: Características do <i>corpus</i> de estudo.....	65
Tabela 2: Vinte palavras mais frequentes, em ordem decrescente, do <i>subcorpus</i> de estudo em inglês.....	111

Tabela 3: Amostragem da lista de palavras do <i>subcorpus</i> de português ordenada alfabeticamente.	112
Tabela 4: Visualização parcial dos dados estatísticos do <i>subcorpus</i> de estudo em inglês.	112
Tabela 5: Vinte primeiras palavras-chave, em ordem decrescente de chavicidade, do <i>subcorpus</i> em português.	117
Tabela 6: Palavras-chave do <i>subcorpus</i> de português.	136
Tabela 7: Número de linhas de concordância para cada etiqueta gramatical de verbo.	147

Índice dos quadros

Quadro 1: Futebol brasileiro x futebol europeu.	28
Quadro 2: Composição inicial do <i>corpus</i> de estudo.	61
Quadro 3: Configuração final do <i>corpus</i>	65
Quadro 4: Contraste de algumas características entre <i>high-context cultures</i> e <i>low-context cultures</i>	67
Quadro 5: Fontes utilizadas para a compilação da categoria RP do <i>subcorpus</i> em português.	73
Quadro 6: Fontes utilizadas para a compilação da categoria DP do <i>subcorpus</i> em português.	77
Quadro 7: Fontes utilizadas para a compilação da categoria CV em português.	80
Quadro 8: Fontes utilizadas para a compilação da categoria ST do <i>subcorpus</i> em português.	81
Quadro 9: Fontes utilizadas para a compilação do <i>corpus</i> RP em inglês.	85
Quadro 10: Fontes utilizadas para a compilação da categoria DP do <i>subcorpus</i> em inglês.	88
Quadro 11: Fontes utilizadas para a compilação da categoria CV em inglês.	91
Quadro 12: Fontes utilizadas para a compilação da categoria ST do <i>subcorpus</i> em inglês.	92
Quadro 13: Legenda das etiquetas do cabeçalho.	94
Quadro 14: Etiquetas do <i>Tree-Tagger</i> (inglês).	104
Quadro 15: Etiquetas do <i>Tree-Tagger</i> (português).	104
Quadro 16: Legenda com a classificação das palavras-chave e suas respectivas cores.	137
Quadro 17: Palavras-chave associadas ao estilo brasileiro e ao estilo inglês.	154
Quadro 18: Colocações verbais e adjetivas de ‘falta’.	162
Quadro 19: Clássicos do futebol brasileiro.	192
Quadro 20: Categorias gramaticais identificadas entre os termos.	258
Quadro 21: Definições de ‘definição terminológica’ encontradas.	262

Resumo

MATUDA, Sabrina. **Futebóis: Uma análise do léxico do futebol em português brasileiro e inglês britânico sob a perspectiva da Linguística de *Corpus***. 2015. 332 f. Tese (Doutorado em Letras)—Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

O objetivo desta pesquisa foi criar um modelo de glossário de futebol composto por verbetes marcados por diferenças culturais entre o Brasil e a Inglaterra.

Partimos da hipótese de que os diferentes jeitos de jogar, a história do futebol em cada cultura, a apropriação cultural das regras na Inglaterra e no Brasil e outros fatores de ordem histórico-social contribuíram para a criação do léxico do futebol em português e inglês. Para conduzir a pesquisa, baseamo-nos na Linguística de *Corpus*, na Terminologia Textual e na Tradução Técnica como ato comunicativo sujeito a condicionantes culturais, áreas que compartilham o interesse de observar a linguagem real em seu contexto de ocorrência. Recorremos ao conceito antropológico forma-representação para melhor explicar as diferenças entre o futebol brasileiro e o futebol inglês.

O *corpus* de estudo é comparável e possui 469.765 palavras em português e 600.079 em inglês. Cada *subcorpus* é composto por cinco categorias de textos: resultados de partidas, descrição de partidas, relatos de partidas com comentários de internautas, notícias sobre compra e venda de jogadores e técnicos e notícias sobre a situação dos times nos campeonatos. O *corpus* foi submetido à etiquetagem morfossintática por meio do etiquetador *Tree Tagger* e analisado semi-automaticamente com auxílio do programa *WordSmith Tools*.

Selecionamos dezessete termos e combinações léxicas especializadas (CLEs) que são culturalmente marcados e que deram ensejo aos estudos de caso que compõem o modelo de dicionário proposto. A análise desses casos revelou dois aspectos importantes: 1) o futebol brasileiro é frequentemente associado a palavras como ‘drible’, ‘criatividade’, ‘espontaneidade’, ‘habilidade’, ‘beleza’ e ‘ginga’, ao passo que o futebol inglês é quase que exclusivamente associado a palavras de força e rapidez; 2) os aspectos histórico-culturais e a história do futebol no Brasil e na Inglaterra influenciaram, de forma direta, a terminologia do futebol em português e inglês, confirmando nossa hipótese.

Ao final do trabalho, o modelo de dicionário proposto é apresentado em anexo.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol. Termos culturalmente marcados. Linguística de *Corpus*. Terminologia. Combinações léxicas especializadas (CLEs). Tradução

Abstract

MATUDA, Sabrina. **Footballs: A corpus-driven analysis of football lexicon in Brazilian Portuguese and British English**. 2015. 332 p. Dissertation (PhD)—Faculty of Philosophy, Languages and Literature, and Human Sciences, University of São Paulo, São Paulo, 2015.

The primary aim of this research is to present a model for a football dictionary consisting of entries marked by cultural differences between Brazil and England.

The central hypothesis of this dissertation is that the different ways of playing, the football history in each culture, the cultural appropriation of rules in England and Brazil and other historical and social factors have contributed to the creation of the football lexicon in Portuguese and English. The theoretical dimensions underlying this study are Corpus Linguistics, Textual Terminology and Technical Translation as a communicative act subject to cultural conditions, areas which share an interest in observing language in its actual context of occurrence. We also highlighted the anthropological form-representation concept to better explain the differences between Brazilian football and English football.

In order to carry out our analysis, we compiled a comparable study corpus which comprises 469,765 words in Portuguese and 600,079 in English. Each subcorpus consists of five categories of texts: match results, match description, match reports with comments from Internet users, news about players' and coaches' purchase and sale and news on the position of the teams in the championships. The corpus was annotated with part-of-speech tags through *Tree Tagger* and investigated with the linguistic analysis software *WordSmith Tools*.

Seventeen culturally marked terms and specialized lexical combinations (CLEs) gave rise to the case studies which constitute the dictionary model. The analysis of these cases revealed two important aspects: 1) Brazilian football is often associated with words like 'dribble', 'creativity', 'spontaneity', 'ability', 'beauty' and '*ginga*' whereas English football is almost exclusively associated with words of strength and speed; 2) the historical and cultural aspects and the history of football in Brazil and England have direct impact on the football terminology in Portuguese and English, a conclusion which confirms our initial hypothesis.

A model of dictionary entries is attached to this dissertation.

KEYWORDS: Football. Culturally marked terms. Corpus Linguistics. Terminology. Specialized lexical combinations. Translation

Introdução

Não é sem razão que o campo de problematização do futebol tenha crescido no mundo todo, nos últimos tempos. Como desconhecer que ele se tornou uma espécie de língua geral que coloca em contato as populações de todos os continentes? (WISNIK, 2008)

Ter o futebol como objeto de estudo não é tarefa fácil. A resposta a uma simples pergunta como ‘O que é futebol?’ poderia, por si só, ser objeto de estudo de uma tese. Nesta pesquisa, observamos o “esporte das multidões” em múltiplas dimensões.

Futebol é esporte. E é o esporte preferido dos brasileiros. Segundo uma pesquisa publicada em 2010 pelo *Diário Lance!*¹, cerca de 30% da população brasileira pratica futebol e aproximadamente 44% dos brasileiros acima de dezesseis anos se envolve cotidianamente com o esporte, seja de forma ativa ou passiva.

Futebol é paixão. É jogado nos quatro cantos do mundo, por camadas sociais distintas e em diferentes espaços, como campos de várzea, quadras, praias, ruas, escolas, clubes etc. (DAMO, 2005). É um esporte único na habilidade de, ao mesmo tempo, aproximar e separar – é capaz de unir diferentes setores da população de um país em uma partida de Copa do Mundo, ao mesmo tempo em que pode motivar violentos eventos entre torcidas de times rivais.

Futebol é competição. É o jogo mais praticado no mundo. De acordo com o sociólogo John Loy (1969, p. 56), jogo é qualquer forma de competição cujo resultado é determinado por três fatores: habilidade física, estratégia ou sorte, fatores que podem ser observados na preparação física dos jogadores – aspecto que vem ganhando mais evidência nos últimos anos –, nos treinamentos das equipes profissionais e nos resultados inesperados de algumas partidas.

Futebol é lazer. Principalmente no Brasil. Apesar da urbanização das cidades, ainda é comum ver crianças e adultos jogando na rua, em campinhos, na várzea, na praia, em quadras alugadas, enfim, onde houver espaço para improvisar um campo.

¹ Disponível em: <http://www.bdobrazil.com.br/pt/analises/esporte/Futebol,%20a%20maior%20paixão%20dos%20brasileiros.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

Introdução

Futebol como lazer é sinônimo de ‘pelada’, modalidade caracterizada por sua espontaneidade, normalmente realizada entre amigos ou moradores de um mesmo bairro. Na ‘pelada’ as regras do jogo são frequentemente quebradas: altera-se o número de jogadores – muitas vezes um time tem um jogador a mais que o outro –, e é comum a ausência de árbitros (VILLELA, 1997, p. 69). A pelada normalmente acontece nos fins de semana ou após o expediente de trabalho. Pelada é diversão.

Futebol é mercado da economia. O futebol mundial é um grande negócio. Se considerarmos contratos de jogadores, transferências, direitos de transmissão de partidas, vendas de produtos dos times e outros aspectos, constataremos que o futebol é um dos esportes mais lucrativos do mundo, mobilizando profissionalmente milhões de pessoas. No Brasil, o futebol é uma atividade econômica com grande capacidade de gerar empregos e tem efeito multiplicador maior que muitos setores tradicionais (LEONCINI & SILVA, 2005).

Futebol é política. Por ora não adentraremos essa dimensão do futebol, dada sua complexidade, mas é inegável que futebol e política sempre andaram juntos, desde os primórdios do esporte, na Inglaterra, até os dias de hoje, como veremos mais adiante.

Futebol é cultura. É reconhecido mundialmente como manifestação cultural. Sociólogos, antropólogos, historiadores, jornalistas, etnólogos, filósofos, pedagogos e psicólogos abordam o futebol sob diferentes ângulos em estudos acadêmicos. É fato que o futebol é considerado elemento importante da nossa cultura. DaMatta (1982) afirma que o futebol expressa a sociedade brasileira, devendo, assim, ter assegurado seu lugar na sociedade. Para o autor, “o futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir” (DAMATTA, 1982, p. 21).

Futebol é instrumento de batalha para uma série de conflitos (ANCHIMBE, 2008). Tomemos como exemplo a luta contra o racismo, que acontece em estádios por meio da manifestação de torcedores que carregam faixas com mensagens avessas a essa forma de preconceito. Outro exemplo é a tentativa de amenização de conflitos locais, como uma partida ocorrida em 2006 entre um combinado de Israel e da Palestina contra celebridades. Ou, ainda, na luta contra a pobreza, por meio de

Introdução

partidas como, por exemplo, as que estão sendo organizadas pelos ex-jogadores Ronaldo e Zinédine Zidane, embaixadores da Boa Vontade do Programa da ONU para o Desenvolvimento, que tem como objetivo arrecadar verba para trabalhos de recuperação na Guiné, na Libéria e em Serra Leoa e apoiar projetos sociais na cidade de Saint-Étienne.

Enfim, *futebol é língua*. Como afirma Wisnik (2008), “[Futebol] é a língua geral que coloca em contato as populações de todos os continentes”.

Poderíamos continuar, sem muito esforço, apresentando outras dimensões do futebol na sociedade. Contudo, acreditamos que a importância que as dimensões aqui elucidadas conquistou no mundo globalizado já justifica nossa pesquisa. Seja como esporte, paixão, competição, lazer, mercado da economia, política, cultura ou área de pesquisa, o futebol ocupa boa parte das conversas, normalmente com nossos conterrâneos, em nossa língua materna, mas também é tema de diálogos estrangeiros e, na maior parte dos casos, esse segundo tipo de comunicação acontece em inglês.

Levando em conta as particularidades do futebol no Brasil e na Inglaterra – como é jogado, por quem é jogado, onde é jogado, o alcance na mídia, o lugar que ocupa na cultura, entre outros fatores –, perguntamo-nos: “Como falar sobre futebol em inglês?”, ou melhor, “Como falar sobre o futebol brasileiro em inglês?” A pergunta, que não tem resposta simples, também pode ser feita na ordem inversa: “Como falar sobre o futebol inglês no Brasil?”.

A princípio poderíamos responder: “Só depende de uma ‘boa’ tradução”. Mas, então, questionaríamos: “E quais os aspectos que envolvem uma ‘boa’ tradução?”. Essa resposta já é um pouco mais complicada, mas em um primeiro momento mencionaríamos o uso de terminologia apropriada e a consideração do contexto e de fatores culturais, o que nos leva a outra pergunta: “Como garantir a terminologia apropriada e considerar esses fatores que são de suma importância para a tradução?”. Uma forma de se fazer isso seria partindo de textos autênticos, analisados por meio de uma metodologia baseada em Linguística de *Corpus*.

Infelizmente o processo de construção desta tese não foi tão simples quanto aquele idealizado no parágrafo anterior. Em nossa pesquisa de mestrado (MATUDA, 2011), respondemos, em parte, a pergunta sobre as características de uma “boa” tradução técnica, já utilizando a linguagem do futebol como objeto de estudo.

Introdução

Investigamos as unidades fraseológicas mais comuns com o termo ‘gol’ em português e, por meio da análise de *corpora* comparáveis, propusemos equivalentes tradutórios para essas unidades em inglês. A pesquisa contribuiu para a conscientização de que, embora seja especialmente relacionado ao lazer, o futebol é uma área técnica, pois possui um vocabulário específico organizado em torno de uma temática. Sendo assim, possui uma linguagem própria, utilizada para descrever acontecimentos a ele relacionados. Essa linguagem é padronizada e, justamente por esse motivo, não pode ser utilizada aleatoriamente. Ou seja, devemos respeitar as normas de funcionamento dessa terminologia.

A segunda parte da pergunta, “Como considerar fatores culturais?”, infelizmente não foi respondida na dissertação de mestrado por questão de tempo e de objetivos da pesquisa. Mas a ausência de uma resposta foi o pontapé inicial desta pesquisa de doutorado.

Ao concluir o mestrado, tínhamos algumas certezas e várias incertezas sobre a terminologia bilíngue do futebol, e todas essas incertezas estavam relacionadas à influência da dimensão histórica e cultural no funcionamento da linguagem do futebol em português e em inglês. Eis que, dessas incertezas, nasceu a hipótese da presente pesquisa:

Os diferentes jeitos de jogar, a história do futebol em cada cultura, a apropriação cultural das regras na Inglaterra e no Brasil e outros fatores de ordem histórico-social contribuíram para a criação do léxico do futebol em português e inglês.

Sendo assim, propomos observar o léxico do futebol, tendo como pano de fundo a história do esporte em cada cultura, pois partimos da hipótese de que as terminologias são influenciadas por fatores contextuais, que devem ser considerados durante o ato tradutório. O desejo de auxiliar o tradutor deu origem ao objetivo de nosso trabalho:

Criar um modelo de dicionário de futebol composto por verbetes que sejam marcados por diferenças culturais entre Brasil e Inglaterra.

Introdução

Com a promessa de auxiliar na comunicação de estrangeiros, turistas e aficionados pelo esporte, surgiram inúmeros glossários e dicionários bilíngues sobre a linguagem do futebol na época da Copa do Mundo de 2014. No entanto, após uma breve análise desse material, constatamos que as obras, em sua maioria disponíveis *on-line*, foram compiladas sem critério algum. Dos oito *sites*, glossários e dicionários analisados, destacamos três que podem contribuir, dentro dos objetivos propostos, para a comunicação entre brasileiros e estrangeiros em torno da temática do futebol. Tratem os brevemente de cada um delas.

A primeira é o *Global Football Glossary*², desenvolvido por um grupo de pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC). O aplicativo trilingue (português-espanhol-inglês) contabiliza 300 verbetes, que compreendem termos, definições e exemplos de uso em cada idioma. Os termos são divididos em oito campos semânticos: arbitragem, áreas de campo, equipamentos, ato/ação, posições, termos de jogo, táticas e pessoas. Embora prometa, em sua descrição, abranger expressões comuns do futebol, a obra não contempla as mais utilizadas³ para conversar sobre uma partida, por exemplo. Além disso, os exemplos parecem ter sido criados⁴.

A segunda obra é, na verdade, parte do TECLA SAP⁵, *site* sobre curiosidades do inglês. Durante a Copa do Mundo e os meses que a antecederam, o autor do *site* dedicou um espaço⁶ para artigos sobre a linguagem do futebol. Esses artigos, sempre com exemplos e informações completas sobre os termos mais comuns do esporte, são direcionados para curiosos do futebol em geral. No *site*, o autor dialoga com seus leitores, que, muitas vezes, dão sugestões sobre outros termos que poderiam ser abordados em artigo futuro. Não nos parece, portanto, que o objetivo do autor tenha sido compilar uma obra terminográfica.

A obra mais recente e também a mais completa é o ‘Glossário de termos de futebol português-inglês/inglês-português’, de Eduardo Araújo. O material é dividido

² Disponível para download em: < https://play.google.com/store/apps/details?id=appinventor.ai_ubilab_famecos.GlobalFootballGlossary&hl=en >. Acesso em: 26 jul. 2014.

³ Em contraste com as palavras-chave extraídas de nosso *corpus* de estudo.

⁴ Não encontramos explicações de como os exemplos foram selecionados.

⁵ Disponível em: < <http://www.teclasap.com.br/> >. Acesso em: 14 abr. 2014.

⁶ Disponível em: <http://www.inglescomfutebol.com.br/> >. Acesso em: 15 jun. 2014.

Introdução

em duas partes: a primeira apresenta os elementos estáticos do jogo, como equipamentos, partes do campo, nomes das posições, regras e infrações; e a segunda compreende situações de jogo. Além dessas, um capítulo à parte lista os termos usados na obra, que, bastante completa, contempla, de certa forma, alguns termos marcados por características culturais e históricas. No entanto, trata esses termos e suas particularidades como curiosidades da língua, sem traçar nenhum paralelo com as culturas envolvidas. Constatamos, também, a ausência de sinônimos. Ademais, embora alguns exemplos pareçam autênticos, não é esclarecido para o consulente se foram criados ou extraídos de textos reais. Enfim, não encontramos um dicionário bilíngue inglês-português sobre o futebol formado por verbetes e CLEs culturalmente marcados. Diante dessa lacuna, propomos a elaboração do modelo de dicionário de futebol, cuja construção está detalhada nesta tese.

Para alcançar os dois objetivos propostos, estabelecemos seis passos, a saber:

- 1) compilar um *corpus* comparável de futebol no par de línguas inglês e português composto por textos de campeonatos ingleses e brasileiros;
- 2) explorar o *corpus* e fazer um levantamento das palavras-chave mais frequentes;
- 3) selecionar os termos e combinatórias léxicas especializadas (CLEs) culturalmente marcados;
- 4) estabelecer possíveis equivalentes para os termos e CLEs;
- 5) criar definições para os termos e CLEs;
- 6) criar um modelo de glossário composto pelos verbetes marcados por diferenças culturais entre Brasil e Inglaterra.

Para conduzir a análise, utilizamos basicamente três abordagens teóricas: a Linguística de *Corpus* (LC), a Terminologia Textual, a Tradução Técnica como ato comunicativo sujeito a condicionantes culturais e o conceito forma-representação.

A compilação e a exploração do *corpus* de estudo foram realizadas por meio dos conceitos subjacentes à LC, que se ocupa da coleta e análise de *corpora* para a investigação de fenômenos recorrentes na língua.

A Terminologia Textual nos deu o aporte teórico para o estabelecimento dos critérios de identificação, bem como para a definição das CLEs.

Introdução

As noções de equivalência de Azenha Jr. (1999) e Tagnin (2007), empregadas na tradução técnica, contribuíram de forma significativa para a busca de equivalentes.

O conceito forma-representação, proposto por Toledo (2002), foi fundamental para entendermos algumas discrepâncias na linguagem utilizada para falar de futebol em inglês e português.

O produto final do trabalho, o *Dicionário de termos culturais do futebolês português-inglês e inglês-português*, tem como objetivo auxiliar tradutores em geral, estudantes de tradução, comentaristas, colunistas, jornalistas, clubes esportivos etc. na redação de textos sobre futebol em português e inglês, especialmente aqueles que abordam termos culturalmente marcados.

Quanto à divisão, o trabalho estruturou-se em cinco capítulos:

No primeiro capítulo, apresentamos um breve histórico do futebol, com algumas hipóteses sobre as origens do esporte e as circunstâncias que marcaram o surgimento do futebol moderno e sua introdução no Brasil. Ao final, introduzimos o conceito de forma-representação proposto por Toledo (2002) e discutimos a dicotomia “futebol-arte” x “futebol-força”.

O segundo capítulo introduz as três abordagens teóricas utilizadas na pesquisa: Linguística de *Corpus*, Terminologia Textual e Tradução Técnica como ato comunicativo sujeito a condicionantes culturais.

No terceiro capítulo explicamos a metodologia adotada na pesquisa. Apresentamos, inicialmente, o *corpus* de estudo e os *corpora* de referência. Em seguida, tratamos dos etiquetadores e das ferramentas computacionais utilizadas na pesquisa, e, ao final desse capítulo, descrevemos os passos seguidos para a análise dos dados.

O capítulo 4 apresenta uma análise detalhada dos estudos de caso selecionados.

As decisões tomadas para a elaboração do modelo de dicionário bilíngue português-inglês de futebol, composto por termos e CLEs culturalmente marcados, são apresentadas no quinto capítulo. Explicamos os elementos que compõem a macro e a microestrutura da obra e discutimos algumas questões teóricas essenciais para a compilação do dicionário.

Introdução

Em Considerações Finais recapitulamos os resultados alcançados na pesquisa e discutimos a possibilidade de a metodologia utilizada ser replicada em outros estudos. Após as referências bibliográficas, anexamos o modelo de dicionário construído.

Capítulo 1 – Futebol

“Os meios de comunicação têm tentado estender a popularidade do futebol a outros jogos, como o tênis, o voleibol e outros. Em vão: somente o futebol é que verdadeiramente mobiliza a “paixão” do povo brasileiro”. (Ariano Suassuna)

O presente capítulo apresenta um breve histórico do futebol. Primeiramente, expomos algumas hipóteses sobre as origens do esporte. Em seguida, levantamos alguns pontos que marcaram o surgimento do futebol moderno e discorremos sobre a introdução do futebol no Brasil. Ao final, apresentamos o conceito de forma-representação proposto por Toledo (2002) e discutimos a dicotomia “futebol arte” x “futebol força”.

1.1 Possíveis origens do futebol

Voltar às origens do futebol, descrever o surgimento do futebol moderno na Inglaterra e sua chegada e popularização no Brasil seria muita pretensão para uma tese filiada ao programa de Estudos da Tradução e que tem como objetivo verificar como os diferentes tipos de jogar contribuíram para a criação do léxico do futebol em português e inglês. Deixemos, então, esse trabalho para os historiadores e antropólogos, que o têm feito de maneira exemplar.

Desde meados da década de 1990, surgiram inúmeras publicações que têm como tema e objeto o universo futebolístico. Livros, teses, dissertações e artigos sobre o assunto vêm ganhando espaço dentro da produção acadêmica, sobretudo nas faculdades de história e antropologia (TOLEDO, 2002; DAOLIO, 2005; FRANCO JÚNIOR, 2007; MELO, 1997; GIGLIO & SPAGGIARI, 2010; GUEDES, 2010, HOLANDA *et al.*, 2012, entre outros).

Em nossa pesquisa, utilizamos os trabalhos de historiadores, antropólogos e jornalistas para melhor entender o funcionamento do futebol dentro das sociedades brasileira e inglesa, e, assim, analisar de forma mais ampla a terminologia utilizada

Capítulo 1

para tratar desse esporte no Brasil e na Inglaterra. Dessa forma, quando falamos em histórico do futebol não nos referimos a uma história cronológica do futebol, que descreveria todos os acontecimentos que marcaram o esporte desde seu surgimento até a atualidade, mas sim a alguns de seus eventos e características presentes nos dois países mencionados, e que nos levaram a criar uma autorrepresentação sobre nosso futebol e que contribuem para o entendimento de algumas questões culturais.

A escolha de elucidar esses eventos históricos, ainda que de maneira bastante sintética, deu-se pela observação de que parece existir um consenso entre os pesquisadores de que a história do futebol não pode ser isolada da história do mundo. Em *The Ball is Round: A Global History of Soccer*, Goldblatt (2008) advoga que a história do futebol não pode ser estudada à parte da história, da sociologia e da economia. Para o pesquisador, o caminho contrário também ocorre, ou seja, a história do mundo não é e nem será completa sem a história do futebol. Para Verdú (*apud* WISNIK, 2008, p. 47), o futebol é entendido como uma mimese, ou seja, uma representação do jogo social, onde o jogo incorpora alguns elementos indicativos de mudança histórica. Em “A dança dos deuses”, Franco Júnior (2007) propõe que o futebol seja entendido como uma metáfora de diferentes planos do viver humano nas condições históricas do último século.

Independentemente das diferenças entre as propostas apresentadas, fica clara a tendência de analisar o futebol considerando-se o contexto histórico-cultural em que está inserido; e uma vez que nos vinculamos a uma vertente da Terminologia e a um modo de entender a tradução que têm como base o contexto de produção do texto, não poderíamos deixar a história do futebol de lado.

Inúmeras são as hipóteses acerca do surgimento do futebol. Acredita-se que na China antiga, entre 2000 e 1500 a.C., guerreiros criaram um passatempo que consistia em chutar o crânio dos inimigos para relaxar após as batalhas. A prática consistia em passar o crânio de pé em pé sem deixá-lo cair no chão, levando-o para dentro de duas varas fincadas no campo. No século III a.C., o passatempo deu origem a uma prática militar chamada *tsu-chu*, literalmente “chutar a bola” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 15). Durante o exercício, os participantes – oito ou doze em cada time –, chutavam uma bola de couro recheada de crina de cavalo para dentro dos limites demarcados por duas estacas fincadas no chão. No século II, o *tsu-chu* foi importado pelo Japão e

Capítulo 1

teve seu nome traduzido para *kemari*. A prática perdeu o caráter de competição e passou a ser mais associada a um ritual: os jogadores, posicionados em um círculo relativamente pequeno, tinham que passar a bola, que representava a terra, sem deixá-la tocar o chão.

Outro suposto antecessor do futebol é o *tlachtli*. Jogado no México pelos astecas por volta de 900 a.C., o *tlachtli* era praticado com uma bola de borracha e os sete jogadores de cada equipe tinham como objetivo arremessá-la para dentro de um aro no campo adversário por meio de toques feitos somente com os joelhos, cotovelos e bacia. Embora o capitão da equipe perdedora fosse decapitado, o *tlachtli* era um jogo rito, pois, como o próprio nome revela – “o que se dá a ver” (WISNIK, 2008, p. 71) ou, simplesmente, “espetáculo”⁷ –, a atividade possuía uma relevância simbólica para seus praticantes.

Na Grécia clássica, pelo menos desde o século IV a.C., o *epyskiros* era jogado por nove homens que tentavam introduzir uma bola recheada de areia em um alvo determinado. Da prática grega, surgiu, por volta de III a.C. em Roma, o *harpastum*, jogo inicialmente utilizado como exercício militar com o intuito de aperfeiçoar a capacidade atlética, desenvolver a tática, a lógica e a organização dos soldados, e que se popularizou a partir do século I d.C. Máximo e Porto (1968, p. 11) observam várias afinidades entre o *harpastum* e o futebol moderno. Essa possível ligação se deve a sua introdução nas ilhas britânicas pelas tropas romanas, o que teria dado origem a diferentes jogos com bola, dentre eles o futebol.

No século XVI, jogava-se em Florença, na Itália, o *calcio*. O esporte era praticado em um campo retangular no principal espaço público da cidade, a *Piazza Santa Croce*. Era composto por dois times de 27 homens uniformizados, possuía um conjunto de regras e contava com árbitro. Para Franco Júnior (2007, p. 17), o *calcio* marcou uma nova etapa na história do jogo devido as suas características e organização. A princípio, era praticado por representantes de todos os segmentos sociais; mas na segunda metade do século XVI, tornou-se exclusividade da nobreza, sem, contudo, deixar de atrair grande público a suas partidas. Devido ao seu caráter nobre, o esporte foi introduzido no treinamento da elite paramilitar local entre os séculos XV e XVIII (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 17). Essa estreita ligação com a

⁷ Tradução proposta por Franco Júnior (2007, p. 16).

Capítulo 1

nobreza e sua aplicação no aperfeiçoamento militar levou o jogo ao desaparecimento durante mudanças político-sociais a partir de 1739. Em 1930, o esporte ressurgiu atrelado ao estado fascista, em comemoração ao quarto centenário de uma partida histórica jogada pelas tropas do imperador austríaco Carlos V (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 17).

De acordo com Franco Júnior (2007, p. 17-18), dada a inegável origem inglesa do futebol moderno, é comum a tentativa de encontrar suas origens em práticas com bolas realizadas no espaço anglo-normando medieval, como na *soule*. Essa prática tinha um caráter mais ritualístico: assemelhava-se mais a uma festa popular do que a um jogo propriamente dito. Era disputada por grupos muito grandes e descrita por Wisnik (2008, p. 77) como uma “espécie de vale-tudo pela pelota”, em que se usavam as mãos, todo e qualquer tipo de choque e até mesmo golpes mais agressivos. A multidão de jogadores percorria campos, bosques e arredores de povoados na disputa pela bola. Ferimentos e fraturas faziam parte da prática e não raras eram as mortes. Os adversários tinham mais um caráter totêmico de clãs – comunidades vizinhas, casados vs. solteiros, cidade vs. campo – do que de equipes esportivas (WISNIK, 2008, p. 77). O objetivo final era conduzir a bola ao território adversário ou subtraí-la do domínio do outro grupo e levá-la até seu próprio território.

Na Inglaterra, existem registros de diferentes jogos com bola que datam do ano de 1174. O mais popular desses jogos, que ficou conhecido como *folk football*, era praticado durante a festa popular *Schrovetide*, que coincide com a terça-feira gorda do calendário cristão. Segundo Franco Júnior (2007, p. 18), os ingleses comemoravam a expulsão dos dinamarqueses praticando uma modalidade em que a bola simbolizava a cabeça do chefe invasor. Não se sabe ao certo como a bola era conduzida, mas alguns registros indicam que se utilizavam os pés. Alguns autores, como Green (1953) e Marples (1954), afirmam que essas práticas eram bastante violentas e as regras eram poucas, se não inexistentes.

Como podemos observar, o homem pratica jogos com bola desde os tempos mais remotos e, como conclui Franco Júnior (2007, p. 19), é impossível traçar uma linha de continuidade entre as práticas antigas de jogos com bola e o futebol moderno. No entanto, chamamos atenção para o fato de que cada uma das práticas expostas acima estava presente em diferentes facetas da vida social: diversão, ritual, esporte,

Capítulo 1

condicionamento físico, guerra e política, assim como ocorre com o futebol moderno. Além disso, esses jogos com bola surgiram de condições culturais específicas de determinado povo em determinada época, da mesma forma que o futebol contemporâneo é descrito, jogado e vivido de diversas maneiras em diferentes culturas. Por esse motivo, assim como Dunning (1992), acreditamos que o esporte é uma prática social e, como tal, deve ser contextualizado nas diferentes sociedades nas quais se desenvolveu.

1.2 Futebol moderno na Inglaterra

De acordo com Elias e Dunning (1992), o futebol originou-se na Inglaterra e estava vinculado às necessidades e características da sociedade inglesa dos séculos XVIII e XIX, no período de transição entre o regime político monárquico e a constituição do parlamento inglês.

Embora tenha sido praticado nas primeiras décadas do século XIX já com um formato bastante similar ao atual, o esporte só surgiu oficialmente em 1848, durante a Revolução Industrial. Segundo Franco Júnior (2007, p. 25), é praticamente impossível não associar a propagação do futebol à ascensão da Inglaterra durante o Império Britânico, já que os dois se baseiam, sobretudo, em competição, produtividade, quantificação de resultados e fixação de regras.

Após a derrota do imperialismo napoleônico na batalha de Waterloo, a Inglaterra passou por uma época de prosperidade política, econômica e social, em que o futebol foi utilizado como um dos instrumentos para moldar o caráter da elite inglesa e preparar futuros governantes por meio do chamado “cristianismo atlético”, descrito por Franco Júnior (2007, p. 25) como “concepção pedagógica que pretendia desenvolver a fibra moral da elite britânica destinada a governar regiões longínquas e inóspitas, plenas de súditos hostis e pouco civilizados”. Com esse intuito, o *football*, até então um jogo de bola sem regras, foi sendo, aos poucos, introduzido nas escolas particulares e nas universidades. No entanto, para que tal política funcionasse, fazia-se necessário um conjunto de regras capaz de organizar o esporte e, conseqüentemente, a sociedade. Por esse motivo, em 1848 a Trinity College de Cambridge fixou o primeiro código de regras do esporte. A norma resultante, que

Capítulo 1

contava com quatorze regras consideradas “justas” e “coerentes”, não teve caráter definitivo, mas foi revisada e alterada inúmeras vezes, por diversos motivos. Anos depois, já em 1863, representantes de *colleges* de Londres se organizaram e fundaram a *Football Association*, juntamente com um comitê responsável pela revisão das regras (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 28).

Todas as regras e as mudanças que as sucederam se configuraram como resultado de decisões expressas por grande parte da população. Por esse motivo, o *football* era considerado, pelos ingleses, um jogo de caráter extremamente britânico. Presentes em diversos lugares do mundo devido ao imperialismo britânico, os ingleses sempre procuravam jogar *football* entre si, deixando de fora os habitantes locais. Para Elias e Dunning (1992, p. 25), a esportização dos jogos por meio da uniformização das regras pode ser considerada “sintoma de uma transformação mais profunda das sociedades europeias, o que exigia de seus membros individuais uma maior regularidade e diferenciação de comportamento”.

Até o fim do século XIX, o futebol era um esporte praticado quase que exclusivamente pela burguesia inglesa entre times locais no esquema 1-10 (um beque e 10 atacantes). Outra característica predominante era o *dribbling game*, em que o desempenho individual do jogador era mais importante do que o da equipe, prática que mudou por volta de 1876, quando o *passing game*, forma de jogar que priorizava a importância coletiva do esporte, passou a predominar nas partidas.

As duas últimas décadas do século XIX foram marcadas por diversos acontecimentos no mundo do futebol. Como já dissemos, surge, em 1863, a Federação Inglesa (*Football Association*), que inspirou associações similares como a irlandesa (1882), a escocesa (1873) e a galesa (1876), contribuindo significativamente para a divulgação do esporte por meio da organização de campeonatos. O público das partidas aumentou consideravelmente e, como consequência dessa difusão, o esporte foi, aos poucos, deixando de ser exclusividade da burguesia e passou a atrair as classes menos abastadas. Em 1870, surgiram clubes de empresas siderúrgicas e, no início da década seguinte, o futebol passou a ser praticado nas escolas públicas. Trabalhadores passaram a administrar os clubes e os melhores jogadores eram convidados a trocar seu time por outro em troca de um emprego mais vantajoso (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 35).

Capítulo 1

Parte dessa profissionalização do futebol inglês é frequentemente atribuída à participação de ociosos que dedicavam tempo integral a essa prática, tornando-se mais habilidosos do que os jogadores da nobreza, que frequentemente se negavam a participar de confrontos, receosos de perderem para jogadores pertencentes à classe subalterna. Dessa forma, a nobreza tentava combater esse “profissionalismo” a fim de que o futebol permanecesse como um lazer elitista. No entanto, mesmo com todos os esforços dessa elite, em 1885 a *Football Association* reconheceu o futebol como atividade profissional.

Todas essas mudanças dentro da esfera futebolística, juntamente com a busca da identidade do esporte, que desde os primórdios passou por diversas mudanças, clamaram por uma revisão no conjunto de regras estabelecido em 1863. Contudo, dessa vez a revisão não aconteceu por meio de uma reunião em que membros da *Football Association* sugeriam e discutiam alterações. Ao contrário, foi um processo bastante demorado, que se estendeu até as primeiras décadas do século XX. A revisão das regras existentes e a implementação das novas deram-se por meio da aceitação das práticas futebolísticas consagradas nos anos anteriores, refletindo, dessa forma, o conjunto legal inglês, a *common law*, que é resultante de reiteradas práticas sociais.

A identidade que o jogo acabara de adquirir – mediante a revisão das regras –, sua popularização, a criação de federações e a situação econômica durante a Revolução Industrial, que, dentre inúmeros feitos, ampliou significativamente a rede de ferrovias e impulsionou a melhora nos outros meios de transporte, ligando várias regiões do país, foram essenciais para a difusão do esporte na própria Inglaterra, em especial por meio da ampliação de disputas entre regiões.

A propagação do esporte pela Europa e América foi, acima de tudo, fruto do imperialismo inglês, que exportava não só produtos industrializados como também práticas culturais (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 40). Em grande parte dos casos, o contato dos países com a bola dava-se de dois modos: por meio dos ingleses que residiam no exterior e de estrangeiros que, após estudarem na Inglaterra, voltavam para seus países de origem e introduziam o esporte em diferentes estruturas políticas e sociais (ELIAS & DUNNING, 1992). Após um período de aceitação e propagação, os países europeus criaram suas próprias federações de futebol, marco importante para a disseminação do futebol moderno.

Capítulo 1

Como podemos observar, o futebol, de origem inglesa, disseminou-se em todo o mundo, tornando-se um esporte multicultural devido às características distintas que assumiu nas diferentes culturas em que se implantou.

1.3 Futebol no Brasil

Oficialmente, o futebol chegou ao Brasil em 1894 quando Charles Miller, filho de pai escocês que veio ao Brasil para trabalhar na *São Paulo Railway Company* e de mãe brasileira de ascendência inglesa, trouxe da Inglaterra duas bolas de futebol. Então funcionário da *São Paulo Railway Company* e sócio do *São Paulo Athletic Club*, Miller foi responsável pela primeira partida oficial no Brasil, realizada em 14 de abril de 1895 pelas duas entidades⁸.

No entanto, existem registros que comprovam que um esporte muito parecido com o futebol já era praticado no Brasil entre 1880 e 1890, quando jesuítas introduziram no colégio São Luís, em Itu, o “bate bolão”. Também era praticado por jovens da elite em outros colégios confessionais e laicos de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul e por marinheiros ingleses no litoral brasileiro (CASTELLANI FILHO, 1982). Existe até mesmo registro de uma partida realizada em 1878 em frente à residência da princesa Isabel, no Rio de Janeiro (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 62). Portanto, para Franco Júnior (2007), atribuir paternidade quase heroica a Charles Miller limita a relação entre o futebol e a sociedade brasileira, uma vez que as significações mais profundas estão no processo de apropriação do esporte pelas diversas camadas sociais que transformaram o futebol em um fenômeno popular.

A história do futebol no Brasil é frequentemente contada a partir de campeonatos e da história dos grandes clubes e até mesmo pela história da torcida brasileira, como constatamos em Holanda *et al.* (2012).

Como este não é um trabalho de história nem de antropologia, selecionamos alguns marcos históricos do futebol no Brasil, com a intenção de mostrar a ligação entre a linguagem do futebol em português e sua implementação e popularização no país.

⁸ Franco Júnior (2007, p. 60).

Capítulo 1

Nos primeiros anos, o esporte era símbolo da modernidade europeia e, portanto, não poderia estar ausente na elite brasileira. Começaram a surgir, então, ligas que representavam o verdadeiro futebol⁹, sempre formadas por jovens brancos e ricos da elite.

Assim como na Inglaterra, no Brasil o esporte também foi sendo, aos poucos, apropriado pelas camadas sociais menos privilegiadas, que o transformaram em um “fenômeno de massas”, quebrando as barreiras sociais, dentro e fora do campo, com a criação de times nos subúrbios.

A partir desse momento, evidencia-se uma dupla concepção do futebol dentro da sociedade brasileira. De um lado, o futebol lógico dos *sportsmen*¹⁰, reflexo da perspectiva educacional inglesa implantada por meio do cristianismo pedagógico que para preparava os futuros líderes do país. De outro, o futebol dos “canelas negras”, praticado pela grande massa detentora da ginga, das improvisações e das influências das danças populares que encantavam o público. Cardoso (1998, p. 54) relata que o futebol é uma brincadeira feita sob medida para o pobre, já que pode ser jogado sem nenhum equipamento especial, bastando um objeto que possa ser chutado como bola. Toledo (2000, p. 7) faz referência a um cronista paulistano que, analisando jocosamente a carta de Pero Vaz de Caminha, diz: “A terra é plana e chã. Excelente, portanto para a prática do futebol.” A carta, considerada certidão de batismo do Brasil, é utilizada pelo cronista para reforçar seu ufanismo, compartilhado por muitos, de que o Brasil é o país do futebol e possui todas as condições necessárias para a prática do esporte.

Nas primeiras duas décadas do século XX, inicia-se o fenômeno de incorporação das grandes massas à elite na sociedade brasileira e, conseqüentemente, no futebol. A adesão, em 1912, do *Corinthians*, o mais popular dos times de várzea, à *Associação Paulista de Sports Athléticos* (APSA)¹¹, foi um dos principais frutos dessa incorporação. Outro fator de suma importância para o afrouxamento das barreiras sociais dentro do esporte foi a decisão de cobrar ingressos para os jogos, atitude

⁹ Durante muito tempo houve uma divisão entre o futebol da elite e o futebol praticado pelas camadas mais pobres da população, pois a elite era a única classe com acesso aos meios necessários para praticar o esporte: uniformes, bola e conjunto de regras.

¹⁰ Termo utilizado para designar os praticantes de futebol da elite inglesa.

¹¹ Associação elitista fundada pelo Paulistano, pela A.A. Palmeiras e pelo Mackenzie.

Capítulo 1

tomada pela APSA em 1913, que aumentou a competitividade entre os times, incentivando a contratação de jogadores que, frequentemente, eram negros ou estrangeiros.

Mesmo já consagrado como esporte nacional e das massas, o futebol ainda enfrentava grande resistência por parte de alguns intelectuais. Em diferentes épocas, Rui Barbosa, Graciliano Ramos e Lima Barreto deixavam clara a antipatia pelo esporte. Vejamos a declaração de Graciliano Ramos:

Não seria, porventura, melhor exercitar-se a mocidade em jogos nacionais, sem mescla de estrangeirismo, o murro, o cacete, a faca de ponta, por exemplo? [...] Temos esportes em quantidade. Para que metermos o bedelho em coisas estrangeiras? [...] Desenvolvam os músculos, rapazes, ganhem força, desempenem a coluna vertebral. Mas não é necessário ir longe, em procura de esquisitices que têm nomes que vocês nem sabem pronunciar. (RAMOS, 1990, p. 26-29).

Também avesso à introdução do futebol, Lima Barreto atribuía ao *football* a crescente rivalidade entre Rio e São Paulo, a violência e os atos de preconceito contra os negros (RAMOS, 1990, p. 7-17). Mattos (1997, p. 30) relata que Lima Barreto via no futebol um “jogo bárbaro, degradante e corruptor dos princípios de civilidade”, chegando a fundar uma liga contra a prática desse esporte. Rui Barbosa deixa clara sua antipatia pelo esporte, um “elemento estranho incorporado à cultura brasileira”, e também pelos seus praticantes, a quem se referia como “corja de malandros e vagabundos” (*apud* FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 69).

Apesar dessa resistência em certos meios intelectuais, o futebol tornou-se o esporte mais praticado no país, tanto pela elite quanto pela massa, atingindo, dessa forma, todos os níveis sociais e refletindo, de forma direta, questões da sociedade brasileira.

As duas primeiras décadas do século XX foram marcadas pelo surgimento de ligas representantes do futebol brasileiro: a Federação Brasileira *de Sports* (1914) e a Federação Brasileira de *Football* (1915), unificadas em 1916, dando origem à Confederação Brasileira de Desportos (CBD) (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 73). As mesmas décadas também foram marcadas pelo profissionalismo dissimulado, mais vulgarmente conhecido como amadorismo marrom, prática por meio da qual os

Capítulo 1

dirigentes dos clubes recompensavam financeiramente os craques que não tinham contrato ou que recebiam “abaixo do merecido”.

Nos anos que se seguem ocorreram as primeiras partidas com times estrangeiros, como o *Exeter City*, da Inglaterra, e a primeira Copa Roca, na Argentina. Esses jogos despertaram nos brasileiros um sentimento de patriotismo e de unidade, pois pessoas de diferentes camadas sociais se reuniam em torno de um mesmo evento. Essa paixão pelo esporte colaborou significativamente para a construção de uma identidade nacional em torno do esporte (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 80).

Outro fator que impulsionou a popularização do futebol foi o preço cobrado pelas arquibancadas mais baratas dos estádios, as gerais. No início da década de XX o preço cobrado para as gerais dos campeonatos paulista e carioca da primeira divisão era \$500 (quinhentos réis), metade do preço de uma entrada para o cinema, teatro popular ou circo (HOLLANDA *et al.*, 2012).

Durante a década de 1930, com o reflexo da queda da bolsa de Nova York em 1929 e o tumulto na economia e na política do país, os jogadores brasileiros começaram a migrar para times europeus, fugindo do amadorismo em busca de melhores condições. Com essa migração e com o sonho de modernização do país, em 1931, durante o governo Vargas, ironicamente o futebol foi incluído entre as profissões que seriam regulamentadas pela legislação brasileira, refletindo um passo em direção a sua organização. Segundo Toledo (2002, p. 17), foi também na década de 1930 que aconteceu o primeiro *boom* na publicação de manuais técnicos, movimento favorável à profissionalização, que coincidiu com o surgimento, no Rio de Janeiro, da *Sport Ilustrado*, primeira revista brasileira dedicada ao futebol.

Para Rosenfeld (1993), a profissionalização do futebol no Brasil foi uma forma de evitar a emigração de jogadores brasileiros para clubes europeus. Essa profissionalização, acompanhada da crescente admiração pelo esporte, impulsionou a construção do estádio Pacaembu, em São Paulo, e do Maracanã, no Rio de Janeiro.

A Copa de 1938 na França marcou uma nova fase do esporte. Além de a seleção ter sido símbolo de uma unidade nacional, iniciou-se um fenômeno descrito por Franco Júnior (2007) como a “carnavalização do futebol”. Surgem bandeiras, hinos, símbolos, mascotes e outras bugigangas para representar o fanatismo do torcedor. Apesar do terceiro lugar, os jogadores foram reconhecidos como heróis do

Capítulo 1

país, dentro e fora do jogo: dentro porque, apesar de um esquema tático precário, conquistou o terceiro lugar, e fora porque a seleção era composta também por negros e membros da classe mais baixa da população, fato que em si sugeria um discurso em torno de uma real possibilidade de ascensão e conquista de um lugar na sociedade pelos menos abastados (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 81).

É nessa época que as torcidas ganham mais força nos estádios brasileiros. No fim da década de 1930, o verbete ‘torcida’ foi incluído no *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*¹² (HOLLANDA *et al.*, 2012). Em 1942 é criada a primeira torcida organizada do Brasil: a charanga rubro-negra¹³. Nos anos seguintes, o profissionalismo avançou e os jogadores passaram, cada vez mais, a trocar de clubes por ofertas melhores.

Para Franco Júnior (2007, p. 83), a política desportiva de Vargas não se consolidou devido à eclosão da Segunda Guerra Mundial, e a consagração da identidade nacional por meio do esporte direcionou-se para as disputas sul-americanas durante os anos sem Copa.

Segundo o autor, durante a guerra o futebol foi utilizado como um instrumento de contestação tanto à política interna quanto à internacional por meio de manifestações, como aquela ocorrida durante a inauguração do Pacaembu em 1940. Na ocasião, a delegação do São Paulo foi ovacionada por todo o estádio que, voltado para a tribuna do ditador, gritava o nome do clube de forma provocativa, identificando-o com o estado em protesto ao sufocamento da Revolução Constitucionalista de 1932, representando, de forma simbólica, o inconformismo de São Paulo em relação à ditadura Vargas (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 84). Ou ainda, com a hostilização a clubes vinculados à colônia italiana, como o Palestra Itália de São Paulo, após a entrada do Brasil na guerra.

Mesmo não tendo sido consolidada, a política esportiva de Vargas contribuiu para que o futebol evocasse um sentimento de identidade nacional. Quando Getúlio Vargas perde a direção do processo de democratização do país e Eurico Gaspar Dutra é escolhido como presidente, um novo jogo político se forma, mas o futebol, assim como nos anos anteriores, continua a ser elemento importante. Com os negros

¹² FREIRE, Laudelino. *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*. 5 v. Rio de Janeiro: A Noite, 1939-1944, p. 4.964 e 4.965.

¹³ Torcida do Flamengo.

Capítulo 1

participando do esporte como legítimos representantes da nação, os estádios tornaram-se espaço frequentado também pelas camadas menos abastadas (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 86).

Na copa de 1950, a primeira realizada após a guerra, a seleção venceu o México por 4 a 0, empatou com a Suíça em 2 a 2, ganhou de 2 a 0 da Iugoslávia, goleou a Suécia por 7 a 1 e a Espanha por 6 a 1, perdendo na final por 2 a 1 para o Uruguai, na partida que ficou conhecida como Maracanazo.

A derrota de 1950 não se resumiu ao campo, mas se estendeu a outros dois setores. Primeiramente, no que se refere à igualdade racial, pois a derrota despertou um debate racista que questionava a habilidade dos atletas de origem negra. Sobre Barbosa, o goleiro da seleção, recaiu grande parte da culpa da derrota (TOLEDO, 2000, p. 72). Além disso, 1950 era ano de eleições e os candidatos estavam utilizando o futebol como um dos principais instrumentos para aumentar sua popularidade ao lado das massas.

O mundial de 1954, realizado na Suíça, também não traz boas recordações aos brasileiros. Com um time desorganizado e perdido em campo, que refletia o governo de Vargas (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 93), a seleção perdeu para a Hungria por 4 a 2 e se envolveu em uma das maiores briga em campo na história das copas.

Finalmente, após golear a Suécia por 5 a 2 na final da Copa de 1958, os jogadores da seleção ficaram conhecidos como os heróis da pátria (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 135). Em 1962, a vitória se repete, dessa vez na final por 3 a 1 contra a então Tchecoslováquia. Era época de prosperidade; os times nacionais faziam campanha pela Europa, auferindo lucros aos seus clubes e dirigentes. Dessa leva, o Botafogo era, sem dúvida, o melhor representante.

Durante o regime militar (1964-1985), o futebol continuou a prosperar. Usado para desviar a atenção do povo das tensões políticas, simbolizar a identidade da nação e promover o amor à pátria, ficou conhecido como “ópio do povo”. Já em 1970, a seleção conquista o tricampeonato no México, no primeiro mundial transmitido pela televisão.

As décadas de 80 e 90 seguem marcadas por uma série de mudanças na organização do futebol brasileiro. Dentre as muitas modificações, destacam-se a criação do clube dos treze em 1987, entidade organizada para defender os interesses

Capítulo 1

políticos e comerciais dos grandes clubes; o desaparecimento das competições locais e menores, cedendo lugar às competições nacionais e internacionais; e a ampliação do processo de profissionalização tanto entre os jogadores, tendo como principal marco a regulamentação da Lei Pelé¹⁴, que estabelece o fim da “lei do passe”¹⁵, quanto na forma de administração dos clubes, federações e confederações com participação cada vez maior de empresas privadas (TOLEDO, 2000, p. 10).

Em 1989, após 40 anos sem vencer a Copa América, o Brasil conquista a taça na primeira competição oficial em solo brasileiro desde a Copa do Mundo de 1950. Em 1994 a seleção conquistou o tetracampeonato mundial ao vencer a Itália em uma sofrida decisão por pênaltis. Apesar da vitória, o treinador, Carlos Alberto Parreira, e toda a equipe foram alvos de crítica da população e da imprensa esportiva, pois os brasileiros não conseguiam se reconhecer no estilo de jogo apresentado (HELAL & MURAD, 1995).

Segundo Daolio (2005), o Brasil tinha a chance de conquistar o pentacampeonato e se reafirmar como potência do futebol-arte no mundial da França de 1998, já que a seleção contava com a melhor safra de jogadores dos últimos tempos. Entretanto, apesar de tudo conspirar a favor, a seleção empolgou a torcida em poucos jogos e foi eliminada pela França em uma final lamentável.

Não há dúvidas de que o século XX foi para o Brasil o século do futebol, desde sua instituição até a consagração como paixão nacional. Contudo, próximo do final desse século, mais precisamente a partir do fim da década de 1970, começa-se a

¹⁴Lei que entrou em vigor no dia 24 de março de 1998, substituía e tentava aperfeiçoar a Lei Zico. Determinou o fim da lei do passe. Em dois anos, os jogadores deixam de ser propriedade dos clubes. A lei também estimula a transformação dos clubes em empresas, incentiva a criação de associações para árbitros e determina que os tribunais de justiça esportiva tenham representantes indicados pela sociedade civil. A lei determina ainda a fiscalização das atividades de clubes e federações pelo Ministério Público. O dinheiro do esporte não pode mais ser usado sem que sejam dadas explicações. Disponível em: <<http://www.nominuto.com/esporte/esporte/vinte-perguntas-lei-pele/16997/>>. Acesso em: 6 fev. 2015.

¹⁵Lei nº 6.354, de 2 de setembro de 1976, que dispõe sobre as relações de trabalho do jogador de futebol. A lei trata da forma, do conteúdo e dos requisitos do contrato de trabalho do atleta, bem como de suas obrigações para com o clube empregador (arts. 1º a 10º); reserva quatro anos à preparação técnica e atlética do jogador (art. 5º); regula a cessão temporária e definitiva do atleta por um clube a outro (arts. 11º a 14º); dispõe sobre as penas que podem ser aplicadas ao atleta pelas entidades (art. 15º) e pela Justiça Desportiva (art. 19º); cuida dos direitos dos trabalhadores da bola, tais como garantia de salário, férias, duração do trabalho, condições de trabalho (arts. 16º, 17º, 18º e 20º a 27º); fixa penas para as entidades desportivas que desconsiderarem os direitos de seus atletas (arts. 30º e 32º), define a competência e abrangência da Justiça Desportiva em matéria de litígios trabalhistas. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/estnottec/tema11/pdf/200500.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2015.

Capítulo 1

falar de uma “crise” no futebol brasileiro. Crise, essa, que se manifesta de diferentes formas: queda do número de espectadores nos estádios, aumento da violência, emigração de jogadores para o exterior em busca de salários milionários, endividamento financeiro dos clubes, escândalos envolvendo altos dirigentes e acusações de corrupção (HELAL & GORDON, 2002). Esse cenário caótico causa, de certa forma, um descrédito em relação ao nosso futebol e faz com que, não raramente, os torcedores se distanciem do futebol (HELAL & GORDON, 2002, p. 38). Para alguns pesquisadores, essa crise no futebol brasileiro parece ter ligação direta com as mudanças ocorridas na sociedade local e com as transformações culturais resultantes do processo de globalização. Soma-se a essa crise a aceleração do impacto televisivo, a revolução digital, o sistema *pay-per-view* e o crescente número de jornais *on-line* que colaboraram para que as dimensões de espaço e tempo diminuíssem, de forma a quase deixarem de existir. À medida que várias partidas são transmitidas simultaneamente em países de línguas diferentes, surge uma crescente necessidade de tradução, reescritura, adaptação e transmissão de um fenômeno mundial que é, ao mesmo tempo, muito particular a cada cultura.

Diante desses diferentes, ou cada vez mais parecidos, “jeitos de jogar”, encontramos-nos frente ao desafio de descrever, para uma cultura, uma partida ou campeonato que aconteceu em outra cultura, que possui história e visão próprias sobre o esporte e um estilo completamente diferente. É dentro dessa perspectiva terminológica cultural que nosso trabalho pretende se inserir.

1.4 Forma-representação

Em *Lógicas no futebol*, Toledo (2002) aborda o futebol como fenômeno cultural de um ponto de vista bastante amplo e extremamente interessante para os propósitos de nossa pesquisa. Nessa abordagem, são analisados diversos atores, tais como profissionais, especialistas e torcedores, entre os quais se estabelece um sistema de relações. O esporte não deixa de ser tratado como uma questão nacional; no entanto, o autor toma os devidos cuidados para não vinculá-lo única e exclusivamente a um suposto *ethos* brasileiro.

Toledo parte de três realidades no campo:

Capítulo 1

- profissionais: jogadores, técnicos, dirigentes, juízes, preparadores, médicos etc.;
- especialistas: a crônica esportiva, que é composta por comentaristas, locutores e repórteres;
- torcedores.

Segundo o autor (TOLEDO, 2002, p. 27), cada um dos grupos sociais ensaja uma partida de maneira distinta. Os profissionais são os responsáveis por viabilizar a partida; os especialistas, por decodificar e ordenar a circularidade e a emoção em uma narrativa linear, estabelecendo uma relação entre profissionais e torcedores; e os torcedores, por articular a magia e a emoção que são transmitidas tanto de forma direta, pelos profissionais, quanto de forma indireta, pelos especialistas.

Em uma pesquisa em que o objeto de estudo é o léxico especializado, é de se esperar que o recorte realizado envolva apenas o segundo grupo de atores sociais – os especialistas –, uma vez que são eles os responsáveis pela criação das notícias. Entretanto, tal recorte não será feito, pois, seguindo a lógica de Toledo, acreditamos que os três grupos desempenham, cada um de uma forma, papel importante para a produção do jornalismo esportivo.

Sendo assim, embora não sejam tratados de forma direta, o primeiro e o terceiro grupo permeiam toda a análise. O primeiro porque sem seus membros – jogadores, técnicos, dirigentes etc. – nosso objeto de estudo não existiria, sem contar o fato de que o jornalismo emprega expressões e chavões cunhados por atores desse grupo. Ao grupo dos torcedores, que, a princípio, teria participação menos representativa na produção das notícias, atribuímos dois papéis relevantes para a pesquisa. De acordo com a abordagem da Terminologia com a qual trabalhamos, o fazer terminológico está intrinsecamente ligado ao contexto sociocultural em que é produzido e, por isso, o público-alvo, em nosso caso os torcedores que leem os periódicos, desempenha papel ativo na reprodução do discurso. De forma menos significativa, observamos a participação efetiva dos torcedores nas transmissões sociais, por meio de comentários e interação com os narradores. Atribuímos essa grande importância ao terceiro grupo, pois, no futebol, diferentemente da maioria das áreas especializadas, uma pessoa que acompanha jogos e mesas redondas e conversa

Capítulo 1

sobre o resultado de uma partida até mesmo na mesa de um bar é, muitas vezes, considerada especialista no assunto; afinal, “entende” de futebol. Além disso, as expressões criadas pelos atores do primeiro e do segundo grupos tornam-se consagradas na língua quando aceitas e reproduzidas pelo terceiro grupo.

Nesta pesquisa, o conceito forma-representação de Toledo (2002), explicado nos parágrafos que seguem, revelou-se um importante aporte teórico para explicar a diferença no comportamento de alguns termos em português e seus equivalentes em inglês.

Seria impossível falar de um jeito brasileiro ou inglês de jogar futebol sem fazer alusão às regras do jogo, que desempenham papel importante na difusão desse esporte. No Brasil, desde sua introdução há registros de empreendimentos editoriais que tinham como objetivo divulgar e universalizar as regras e maneiras de jogar (TOLEDO, 2002, p. 31). Em 1912 já circulavam obras com esse intuito, como a série “Guia de *Football*”. Segundo Toledo (2002, p. 31), essas obras eram limitadas do ponto de vista social, mas preencheram uma lacuna esportiva na vida das cidades, já que os jornais da época pouca atenção davam aos jogos ocorridos.

Como aponta Hollanda *et al.* (2012, p. 53):

No início do século XX, o futebol era *football*. O jogador era *player*, ou *sportsman*. Nas posições em campo havia o *goalkeeper*, o *right defender*, o *left defender*, o *center-half*, havia ainda o *right wing* e o *left wing*, além do *striker*. O árbitro era o *referee*, e os bandeirinhas, os *linesmen*. Todos se apresentavam no *field*, no *stadium*, em jogos cheios de *goals*, *hands*, *off-sides* e *fouls*.

Esses termos foram utilizados durante quase toda a Primeira República¹⁶ e geraram inúmeros debates. No início de 1919, a Biblioteca Nacional sediou a conferência “Football, Peblóla, Pébol ou Balípedo?”, que tinha como objetivo discutir o melhor nome para o esporte.

A década de 1920 foi marcada pela produção de manuais para o público mais elitista, ao passo que a década de 1930, devido ao caminho à profissionalização, à difusão do rádio, à imprensa esportiva e à prática do futebol de várzea, foi marcada pelo consumo de manuais por parte de um público que estava comprometido

¹⁶ Período que se estendeu de 1889 (Proclamação da República) até a Revolução de 1930.

Capítulo 1

diretamente com o esporte. Esses manuais surgiram, sobretudo, com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre a prática do futebol, de universalizar e de profissionalizar o esporte:

A manipulação da produção desses manuais técnicos, em diversas camadas da sociedade, gerou diferentes processos de internalização das regras. Essas passaram por interpretações e aclimações distintas nos lugares em que o futebol se projetou como esporte popular, provocando, conseqüentemente, uma fragmentação no estilo de jogar. (TOLEDO, 2002, p. 50)

Para Toledo (2002), essa fragmentação está condicionada às variabilidades locais impostas pelos interesses, percepções, leituras e entendimentos das mesmas regras, alterando as padronizações e conferindo plasticidades e emoções variadas à sua função, dentro e fora do jogo.

Cada interpretação que favorece uma forma de jogar resulta de “manejos culturais”¹⁷ das regras e favorece o surgimento de estilos próprios.

Nesse sentido, segundo a proposta de Toledo (2002, p. 61), o conjunto de regras que define a atividade como esporte não delimita as maneiras de jogar. Na verdade, a apropriação e a interpretação cultural que cada região faz das regras é que determinam as “formas de jogo”. Justapostas, as regras e as “formas de jogo” dão origem às “representações”, que podem ser entendidas como o ajustamento da observação empírica das “formas de jogo” em um plano simbólico, que, por sua vez, consolida as conhecidas “escolas”, “jeitos” e “estilos” de jogar.

O conceito aqui apresentado tem o propósito de dar aporte teórico a nossa premissa: o “jogar à brasileira” e o “futebol inglês” permeiam toda a produção jornalística nas duas culturas.

1.4.1 Futebol arte x Futebol força

Eu aprendi a jogar na rua, no quintal, que é como se aprende a jogar.
(Pelé)

¹⁷ Termo cunhado por Toledo (2005, p. 55).

Capítulo 1

Dentro dessa perspectiva cultural do futebol, o ensaísta-cineasta Pier Paolo Pasolini descreve o esporte como “linguagem”, fazendo uma analogia entre discurso e estilo de jogo ao comparar o futebol prosa europeu ao futebol poesia do Brasil (WISNIK, 2008). O primeiro é linear, esquematizado e centrado em um fim: vencer a partida. O segundo é caracterizado pela não linearidade e improviso, visando um espetáculo. A concepção de que o “Brasil reinventou o futebol”¹⁸ não é estranha aos apaixonados e envolvidos pelo esporte, assim como os jargões “futebol arte” e “*Brazilian football*”, que são usados e discutidos mundialmente, como no artigo *The riddle of Brazilian Soccer: Reflection on the Emancipatory Dimension of Culture* (WISNIK, 2006).

Pasolini não é o único a atribuir ao futebol brasileiro uma aura quase mágica que o diferencia dos outros futebolis. Essa é a forma-representação inscrita no plano simbólico de muitos brasileiros e estrangeiros apaixonados pelo esporte. Na verdade, essa forma-representação parece também estar inserida no plano simbólico de historiadores, antropólogos, jornalistas, cronistas e estudiosos do futebol de forma geral. Ao ler artigos como o de Pasolini e ao analisar o discurso de comentaristas esportivos e de amantes do futebol conversando sobre o estado do futebol brasileiro, perguntamo-nos: De onde surgiu essa dicotomia “futebol brasileiro” e “futebol europeu”?

Da mesma forma que cada país tem seus hábitos e costumes, cada país tem seu estilo próprio de jogar futebol. A identidade do futebol brasileiro foi construída a partir de uma série de oposições, tendo como pano de fundo o futebol europeu. Após realizar várias leituras sobre o assunto, compilamos um quadro com os principais elementos do futebol-arte e do futebol-força baseado na caracterização do futebol brasileiro proposta por Damo (1999):

Futebol-arte	Futebol-força
individual	coletivo
artístico	competitivo
habilidade	força
jogo	esporte

¹⁸ Tema de uma entrevista realizada com o poeta e antropólogo Antonio Risério pela *Terra Magazine* em novembro de 2007. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI2056760-EI6608,00-Uma+entrevista+parte+II.html>>. Acesso em: 15 abr. 2011.

Capítulo 1

rua/clube/escola	clube/escola
cultura	aprendizado

Quadro 1: Futebol brasileiro x futebol europeu.

A comparação poderia ser mais extensa, uma vez que o futebol está vinculado a questões estéticas e a ideias de valor. Ressaltamos, ainda, que não devemos tomar os elementos da tabela como antagônicos, mas reconhecemos que a classificação, embora estereotipada, nos auxilia a entender o cerne da questão.

No Brasil, o futebol de rua e de várzea desempenhou papel extremamente importante na construção do estereótipo “futebol-arte”, que sempre foi marcado pela agilidade e pelo improviso, desde o espaço físico, o material utilizado, até mesmo a composição das equipes. Por conta desse improviso, o jogador brasileiro sempre teve a reputação de “intuitivo” e “individualista”, e, como o educador físico e estudioso do futebol Jocimar Daolio diria, “de não pensar para jogar”.

No Brasil, o futebol faz parte do universo de brincadeiras infantis e a rua foi, por muito tempo, o seu palco. No entanto, devido à urbanização dos grandes centros, a rua e os campos de várzea foram deixando de ser utilizados como espaço comum para a prática do futebol. Tal fato fez com que o futebol passasse a ser praticado em escolinhas.

Segundo Daolio (2005), é a partir desse momento que o futebol brasileiro, até então conhecido como “futebol-arte”, passa por uma série de mudanças, incorporando algumas características mais comuns ao futebol europeu. Isso aconteceu naturalmente, pois esses novos espaços que surgiam tinham – e ainda têm – como objetivo principal formar jogadores profissionais, valorizando o preparo físico das crianças.

Nessa busca constante por um excelente preparo físico, os treinadores muitas vezes acabam desconsiderando a importância do futebol como brincadeira, um futebol que dá mais liberdade às crianças, permitindo que explorem suas habilidades individuais e improvisem o tempo todo, já que uma “pelada” não possui posições fixas. Nela, os jogadores exercem diferentes funções em campo, de forma que um mesmo jogador pode jogar uma partida como atacante e outra como zagueiro. Essa falta de sistematização colaborou para o desenvolvimento da “arte do improviso”, que foi, por muitos anos, característica do jogador brasileiro.

Diferentemente do futebol brasileiro, como vimos no item 1.2 o futebol inglês

Capítulo 1

foi, desde os primórdios, praticado e organizado por um conjunto de regras com o intuito de moldar o caráter da elite inglesa e preparar futuros governantes para governar regiões longínquas e inóspitas. Ou seja, o estilo ofensivo e o lema de vencer o adversário, em detrimento, muitas vezes, do jogar bonito, são as principais características atribuídas ao futebol inglês.

Nos dias de hoje, jogar o “futebol-arte” ou o “futebol-força” talvez seja mais uma decisão da comissão técnica de cada time do que característica inerente ao futebol brasileiro ou ao futebol inglês, ou seja, é muito mais uma questão de qual estilo deve ser adotado. As opiniões do público se dividem. Para alguns, deve-se jogar bonito, fazer firulas, valorizar os dribles e floreios, utilizar a ginga e a malandragem. Para outros, deve-se adotar um estilo mais ofensivo, fazer gols, vencer o adversário e, se possível, somente se possível, jogar bonito.

Diante desses diferentes “jeitos de jogar”, encontramos-nos frente ao desafio de descrever, para determinada cultura, uma partida ou um campeonato que aconteceu em cultura distinta, que possui sua própria história, sua visão do esporte e um estilo completamente diferente.

Capítulo 2 – Pressupostos Teóricos

Este capítulo faz, inicialmente, uma introdução à Linguística de *Corpus* (LC); em seguida, apresenta um breve panorama da Terminologia e expõe a vertente aqui adotada, bem como o conceito de texto especializado e a definição de combinatórias léxicas especializadas. Ao fim, discorre sobre alguns conceitos da tradução técnica.

2.1 Linguística de *Corpus*

São inúmeras as definições para Linguística de *Corpus* (doravante LC) e não nos cabe aqui apresentar um panorama com todas as definições, que diferem consideravelmente umas das outras. Os teóricos da LC frequentemente discordam quanto a sua caracterização. Berber Sardinha (2000), por exemplo, considera a LC uma abordagem, já McEnery e Hardie (2012) a entendem como metodologia. Existem, ainda, os estudiosos que preferem ser mais neutros em suas definições e não tomam nenhum partido, como, por exemplo, Aijmer e Altenberg (1991, p. 2), que definem a LC como o estudo da língua por meio de *corpora*. Há, ainda, os que juntam as duas definições, como Bowker e Pearson (2002, p. 20), que afirmam ser a LC “uma abordagem ou metodologia para o estudo da língua em uso¹⁹”.

Segundo Berber Sardinha (2004), a LC não constitui somente uma metodologia, um instrumental do qual outras áreas podem se valer para o estudo da linguagem. Para o autor, a LC apresenta também uma nova perspectiva de se chegar à linguagem, possibilitando aos seus seguidores produzir conhecimento novo, que muitas vezes questiona teorias linguísticas tradicionais.

Neste trabalho, adotamos duas definições de LC, que, até o presente momento, nos pareceram as mais abrangentes. Primeiramente, assim como Berber Sardinha (2004, p. 32), acreditamos que a LC constitui uma abordagem empirista que entende a linguagem como sistema probabilístico, refletindo uma nova maneira de enxergar essa linguagem, que, conseqüentemente, poderá originar uma nova teoria linguística.

¹⁹ “[...] an approach or a methodology for studying language use”.

Capítulo 2

Adotamos, também, a visão de McEnery e Hardie (2012, p. 1), que definem LC como “[...] área que foca em um conjunto de procedimentos, ou métodos, para o estudo da língua [...]”²⁰.

As duas definições supracitadas se enquadrariam perfeitamente nos propósitos de nossa pesquisa se utilizássemos a LC unicamente para explorar um fenômeno linguístico. No entanto, o escopo de nossa pesquisa vai além da esfera linguística; estabelecemos, sempre que possível, um paralelo entre língua, cultura e história. Ademais, acreditamos que a LC pode e deve ser utilizada como metodologia, e, sim, unicamente como metodologia em alguns tipos de pesquisas.

A visão de McEnery e Hardie (2012) parte dos estudos da linguagem para estabelecer relações com outras áreas, do mesmo modo que fazemos em nossa pesquisa. No entanto, ressaltamos que existe uma tendência mais atual de utilizar a LC em áreas afins; exemplos dessa tendência foram os três cursos de verão oferecidos pela Lancaster University nos três últimos anos (2013-2015): *UCREL Summer School in Corpus Linguistics*, *ESRC Summer School in GIS in Corpus Approaches for Social Sciences* e *ERC Summer School in GIS for the Digital Humanities*. Como podemos observar pelos títulos, somente um dos cursos – *Summer School in Corpus Linguistics* – foi direcionado a linguistas.

Enfim, não nos cabe aqui criar uma nova definição de LC, apenas atentamos para o fato de que, embora utilizemos essas duas definições, acreditamos que a LC pode ser aplicada para outros fins, que não se restringem a pesquisas linguísticas.

Outro ponto a ser discutido em qualquer pesquisa que trabalhe com LC é a definição de *corpus*. Novamente, adotamos a definição de Berber Sardinha (2004 p. 18):

Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise.

²⁰ “[...] area which focuses upon a set of procedures, or methods, for studying language [...]”.

Capítulo 2

Um dos pontos da definição de *corpus* proposta por Berber Sardinha (2004) é que todo *corpus* é compilado com o objetivo de ser representativo da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos. Tendo esse princípio em mente, encontramos uma das principais vantagens dos *corpora*: a observação da língua natural, ou seja, da língua em uso. Em nossa pesquisa, observamos os usos do futebolês no Brasil e na Inglaterra em contextos reais, prática que possibilita distanciarmo-nos de teorias da Terminologia que tratam o léxico especializado como um construto teórico idealizado, livre de contaminações contextuais.

As noções de análise quantitativa e qualitativa são de extrema importância no que se refere à caracterização da LC. O fato de trabalhar com a manipulação de grande quantidade de textos por meio de *software* evidencia sua natureza quantitativa. No entanto, a LC é muitas vezes caracterizada erroneamente como abordagem não qualitativa (LEECH, 1991, p. 110) dada a importância que atribui à frequência e à probabilidade.

É fato que os estudos baseados em *corpus* partem de uma análise quantitativa, que constitui o primeiro de vários passos a caminho de uma descrição mais detalhada. Contudo, a tendência de associar o quantitativo como oposto de qualitativo acaba muitas vezes ofuscando outras características da LC.

Um *corpus* pode ser utilizado de diferentes maneiras: para validar, exemplificar, contestar ou formular teorias linguísticas. Tognini-Bonelli (2001) distingue duas abordagens principais de pesquisas realizadas com *corpora*: abordagem baseada em *corpus* (*corpus-based*) e abordagem direcionada pelo *corpus* (*corpus-driven*).

Na abordagem baseada em *corpus*, o linguista utiliza o *corpus* para explicitar, testar e exemplificar teorias e hipóteses pré-existentes, e, principalmente, para extrair exemplos. A vantagem dessa abordagem é que a extração de exemplos autênticos, seja para fins lexicográficos ou para a validação de hipóteses, confere mais autoridade à pesquisa. Por outro lado, utilizar o *corpus* somente para verificar dados limita a visão do linguista, que acaba por ignorar novos fenômenos, deixando de fazer novas descobertas e de desafiar teorias já existentes.

Na abordagem direcionada pelo *corpus*, o linguista analisa o *corpus* sem hipóteses pré-concebidas. O *corpus* mostra-lhe o caminho a ser percorrido. As

Capítulo 2

descrições são feitas sempre com base nas evidências do *corpus*, possibilitando, assim, novas descobertas. Por isso, dizemos que nessa abordagem o linguista não busca evidências para classificá-las dentro de categorias pré-definidas. Ao contrário, se no decorrer da pesquisa não forem encontrados padrões linguísticos ou se os padrões encontrados não se encaixarem em alguma categoria, os achados constituirão argumentos de extrema relevância para a descrição da linguagem ou para a descoberta de novos fenômenos. Nessa abordagem, o caminho metodológico percorrido pelo linguista é claro: a observação dos dados conduz à formulação de hipóteses, que, conseqüentemente, leva à generalização dos resultados, possibilitando, assim, a formulação de novas teorias (TOGNINI-BONELLI, 2001, p. 85).

Apesar de as duas abordagens apresentarem características bem distintas, acreditamos que podem ser utilizadas em conjunto. Neste trabalho, utilizamos a abordagem direcionada pelo *corpus* para extrair os termos a serem estudados a partir das palavras-chave e de seus agrupamentos (*clusters*). Por outro lado, lançamos mão da abordagem baseada em *corpus* quando partimos de uma tradução *prima facie* para a busca dos equivalentes nas linhas de concordância.

2.1.1 Linguística de *Corpus* e Terminologia

É fato que a Linguística de *Corpus* vem dialogando com a Terminologia já há algum tempo, sobretudo fora do Brasil. Segundo Finatto (2007, p. 450), isso ocorre porque a Terminologia se aproxima cada vez mais de uma das vocações da LC: análise de grandes *corpora* com o intuito de identificar usos “reais” da língua.

Uma das principais características da LC é a ênfase na frequência, seja de itens lexicais ou de combinatórias, fato que dá mais confiabilidade à extração terminológica, uma vez que a frequência atesta seu uso mais comum. Como explicado no item anterior, a LC parte da premissa de que, por meio da observação de usos extensivos da língua, podemos identificar traços de sistematicidade como colocações, combinatórias léxicas, explicações sobre fenômenos gramaticais etc.

Visto que um dos principais produtos do estudo terminológico é a produção de dicionários especializados, partimos da análise feita por Bowker (2002) sobre alguns problemas relacionados à produção desse tipo de obra e verificamos em Hunston

Capítulo 2

(2002) como a LC pode contribuir para a solução desses problemas.

Cinco principais problemas são identificados por Bowker (2002, p. 15)²¹ no trabalho de compilação de dicionários, tanto de língua geral quanto especializados:

- a) incompletude: uma vez que a língua é dinâmica e os significados dos termos não são estáticos, as definições apresentadas por dicionários tendem a ter “data de validade”;
- b) tamanho: se, ao compilar um dicionário especializado, o pesquisador inserir todo o tipo de informação que considerar relevante, o produto final será muito extenso;
- c) ausência de contexto e informação sobre o uso dos termos: tão importante quanto entender o significado ou saber o equivalente de um termo na língua de chegada é saber como usar o termo. Dicionários mais tradicionais não costumam disponibilizar esse tipo de informação, seja de forma explícita, com comentários sobre o uso, ou de forma implícita, incluindo exemplos que privilegiem os usos mais comuns;
- d) ausência de informação sobre a frequência dos termos: esse tipo de informação tende a ser ignorada em dicionários mais tradicionais;
- e) ausência de uma diagramação que facilite a busca de informações: muitas vezes um dicionário disponibiliza informações relevantes a respeito de um termo; no entanto, a apresentação dessas informações não é bem organizada.

Em contrapartida, Hunston (2002, p. 96)²² lista cinco aspectos que a LC vem introduzindo na compilação de dicionários de língua geral e especializados:

- a) ênfase na frequência: a LC introduziu a inclusão de informações sobre a frequência dos verbetes que compõem um dicionário. Essa frequência pode ser apresentada de forma explícita, com a introdução do grau de frequência da palavra ou do termo, ou de forma implícita, por meio da decisão, por exemplo,

²¹ A autora descreve os cinco tópicos detalhadamente. Aqui, apresentamos somente o problema colocado pela autora com uma breve explicação.

²² Assim como Bowker (2002), Hunston (2002) descreve os cinco tópicos detalhadamente. Novamente, apresentamos somente o problema colocado pela autora com uma breve explicação.

Capítulo 2

de qual acepção da palavra ou do termo deve ser apresentada primeiro;

- b) ênfase em colocações e fraseologias: a apresentação de colocados e fraseologias é uma tendência de dicionários modernos e, assim como a ênfase na frequência, pode ser realizada direta ou indiretamente. Diretamente, quando o verbete lista os colocados e fraseologias mais ocorrentes, e indiretamente, quando seleciona exemplos que contenham esses colocados e fraseologias;
- c) ênfase na variação: a compilação de um dicionário por meio da LC permite que o pesquisador tenha acesso, por exemplo, aos tipos e gêneros textuais em que um termo ocorre com maior frequência, a fim de informar o consulente sobre essas peculiaridades;
- d) ênfase no aspecto léxico-gramatical: alguns dicionários baseados em LC incluem, por exemplo, listas de verbos seguidos por preposições específicas, como o *COBUILD Project: the Grammar Patterns series*, que foca a apresentação de padrões gramaticais;
- e) ênfase na autenticidade: talvez a maior contribuição da LC para a produção de dicionários, pois os exemplos ilustram o uso “real”, disponibilizando, assim, a situação de comunicação em que a palavra ou termo ocorre.

Se observarmos os problemas comuns à construção de dicionários, apresentados por Bowker (2002), e as vantagens que a LC traz à Terminologia, listadas por Hunston (2002), veremos que o uso da LC em pesquisas terminológicas é mais do que justificável.

2.1.2 Linguística de *Corpus* e Tradução

O uso de tecnologia na tradução cresce a cada dia. Baker (1993, 1995, 1996), Tognini-Bonelli (1996, 1991), Bowker (1999), Hunston (2002), Laviosa (2002), Kübler e Aston (2010), Zanettin (2012) e Viana e Tagnin (2015) descrevem pesquisas que exploram a contribuição da Linguística de *Corpus* para os estudos da Tradução.

Ainda em 1972, Holmes já advogava que a teoria da tradução deveria lançar mão de novos desenvolvimentos em outras disciplinas para sua evolução e que a teoria não deveria ser estudada separadamente da prática. Se tomarmos a divisão dos

Capítulo 2

elementos presentes no estudo da tradução proposta por Holmes (1988, p. 71-77), teremos:

- a) estudos puros da tradução: são divididos em estudos descritivos e estudos teóricos. Os estudos descritivos têm como objetivo descrever o fenômeno da tradução e os estudos teóricos almejam estabelecer princípios gerais, por meio dos quais o fenômeno da tradução pode ser descrito e explicado;
- b) estudos aplicados da tradução: referem-se ao ensino da tradução. Abrangem tanto o estudo de língua estrangeira quanto a educação do tradutor.

Ao considerar a proposta de Holmes, observamos duas vertentes principais de estudos da tradução: a pura e a aplicada; e, segundo alguns estudiosos, como Baker (1992) e Ulrych (1997), a Linguística de *Corpus* pode ser a chave para unir essas duas vertentes.

Primeiramente, a LC contribui para os estudos descritivos da tradução uma vez que, por meio da análise de *corpora* paralelos²³, torna-se possível a observação dos processos de tradução. As ferramentas de análise de *corpora* e os alinhadores de texto facilitam a manipulação dos *corpora*, de forma que pesquisadores possam analisar uma grande quantidade de contextos de tradução a fim de estabelecer princípios gerais por meio dos quais o fenômeno da tradução pode ser descrito e explicado, contribuindo, também, para os estudos teóricos. A análise de grande quantidade de traduções é imprescindível para que generalizações acerca do processo sejam feitas e, conseqüentemente, teorias sejam elaboradas.

A contribuição da LC para os estudos aplicados da tradução nos parece um desdobramento de sua contribuição para os estudos puros, uma vez que, ao introduzir a LC no ensino de tradução, os alunos passarão a observar as normas de tradução colocadas em prática por tradutores profissionais e a seguir ou questionar as teorias existentes com maior embasamento. Além disso, há uma grande tendência no uso de *corpora* paralelos e comparáveis na educação de tradutores (VIANA & TAGNIN, 2015). Os *corpora* paralelos auxiliam aprendizes a encontrar equivalentes de forma

²³ *Corpora* compostos por textos na língua de partida e suas traduções na(s) língua(s) de chegada.

Capítulo 2

bastante simples, já que são, na grande maioria, alinhados. Dessa forma, basta o pesquisador buscar uma palavra na língua de partida que terá acesso a sua tradução na língua de chegada.

Tal técnica possui vantagens e desvantagens, pois, apesar de a busca ser simples, os equivalentes apresentados são traduções. Sendo assim, não existe garantia da qualidade da tradução, já que os equivalentes encontrados são fruto de decisões tomadas pelo tradutor, tendo em vista seus respectivos contextos na língua de partida e na língua de chegada, seu treinamento e seu conhecimento linguístico e cultural das línguas com as quais trabalha. Essas decisões podem ou não refletir o uso convencional de uma palavra, termo ou expressão. Construídos somente com textos originais, os *corpora* comparáveis²⁴ fornecem a palavra, termo ou expressão efetivamente utilizados em determinada situação de comunicação. Segundo Tagnin (2007), o *corpus* apresentará o termo mais provável de ocorrer no contexto que o tradutor estiver pesquisando. Em suma, o conhecimento adquirido durante a pesquisa mostra-se enriquecedor e fundamental para a formação do tradutor.

2.1.3 Linguística de *Corpus* e convencionalidade

Convencionalidade é definida por Tagnin (2005, p. 14) como a “forma peculiar de expressão numa dada língua ou comunidade lingüística.” “Como dizer” exemplifica a questão da convencionalidade de forma muito clara. Professores e estudantes de línguas estrangeiras, assim como tradutores, frequentemente se veem diante de uma situação em que sabem o que tem de ser dito, mas não estão certos se o que têm em mente reflete a forma mais natural de dizê-lo.

A convencionalidade caminha lado a lado com a LC, pois ambas partilham uma mesma visão de língua: embora muitas combinações e arranjos sejam gramaticalmente possíveis, podem ter baixa probabilidade de ocorrência.

Presente em diversos níveis da língua, nesta seção a convencionalidade será apresentada nos níveis sintático e semântico. “O nível sintático compreende a combinabilidade dos elementos, sua ordem e sua gramaticalidade” (TAGNIN, 2013,

²⁴ Compostos por textos originalmente escritos em duas ou mais línguas e compilados de acordo com os mesmos critérios.

Capítulo 2

p. 25). A combinabilidade refere-se à propriedade que os elementos linguísticos têm de se combinar entre si, ou seja, algumas palavras atraem a companhia de outras. Por exemplo, em português dizemos ‘gol de honra’, ao passo que em inglês não se diz *honour goal*, mas sim *consolation goal*.

Sabe-se que tanto na língua geral quanto em línguas de especialidade existem construções e expressões que desafiam a gramática normativa, “mas cujo uso é consagrado” (TAGNIN, 2013, p. 126). Em nosso caso, um exemplo a ser elucidado é quando jogadores ingleses conversam entre si ou dão entrevistas a emissoras de TV falando em futebolês. Leith (1998, p. 18) afirma que os jogadores amam o participípio passado, mas nunca o usam na passiva e nem no *present perfect*. É quase praxe ouvir frases como *The boy done good*, em vez de *The boy did well*. Embora a primeira frase esteja gramaticalmente incorreta, é de uso comum entre os jogadores.

É no nível semântico que observamos a relação não motivada de uma expressão e seu significado. Como explicaríamos, por exemplo, a origem da expressão “cavalo paraguaio”?²⁵

Tanto os exemplos do nível sintático quanto o exemplo do nível semântico reforçam a ideia de Sinclair (1984, p. 203) de que existe um grande número de frases gramaticalmente corretas que não soam naturais ao falante nativo. Em geral essas frases ocorrem em textos produzidos em situações comunicativas específicas, como, por exemplo, na produção oral e escrita de falantes não nativos.

Por fim, uma vez que a Linguística de *Corpus* se ocupa do reconhecimento de usos concretos da linguagem em amostras extensivas, configura-se como uma abordagem que permite ao linguista descrever os fenômenos linguísticos de forma bem detalhada, mostrando-se essencial para o estudo da convencionalidade, tanto em textos originais quanto em textos traduzidos.

Por fim, encerramos este item com uma citação de Hanks (1996, p. 85), que mostra, de forma bastante clara, a importância do reconhecimento da convencionalidade na língua e como a LC contribui para seu estudo:

O potencial criativo da língua é inegável, mas a análise das linhas de concordância de um *corpus* nos mostra que somos criaturas de

²⁵ Expressão antiga utilizada para clubes, geralmente sem tradição, que disparam na tabela no início da competição e depois não conseguem manter o ritmo e acabam na classificação intermediária.

Capítulo 2

hábito, bastante previsíveis, que tendem a repetir os mesmos chavões e clichés nos enunciados. Se assim não fosse, as línguas não funcionariam. Os seres humanos não suportam muita criatividade.²⁶

2.2 Terminologia

Em nossa pesquisa de mestrado (MATUDA, 2011) realizamos um estudo bastante detalhado sobre as vertentes terminológicas desde a origem da Terminologia, que data do século XVI com estudos na área da química, botânica e zoologia (ALMEIDA, 2003, p. 211), passando pela Teoria Geral da Terminologia (TGT) de Eugen Wüster, até abordagens mais recentes como a Socioterminologia (GAUDIN, 1993), a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) (CABRÉ, [1999] 2005), a Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TEMMERMAN, 2000) e a Terminologia Textual (KRIEGER & FINATTO, 2004).

Após analisar os pressupostos de cada abordagem, optamos por adotar a Terminologia Textual (TT) como aporte teórico para nossa pesquisa. Quatro anos se passaram desde então. Desenvolvemos um projeto de doutorado baseado em algumas hipóteses levantadas ainda em nossa pesquisa de mestrado, assistimos a disciplinas da pós-graduação, participamos de diversos congressos, apresentamos os resultados parciais da análise de dados em eventos de Tradução, Linguística de *Corpus* e Terminologia e participamos de cursos e *workshops*. No entanto, apesar da constante busca por informações e teorias mais atuais sobre Terminologia, cremos que Terminologia Textual continua sendo adequada ao objetivo de nossa pesquisa.

Nos itens que seguem apresentamos a vertente terminológica que orientou nossa análise. Primeiramente, introduzimos o principal objeto de estudo da Terminologia Textual, qual seja o texto especializado; em seguida, explicamos as principais características da TT; ao fim, discutimos o conceito de combinatórias léxicas especializadas (CLEs).

²⁶ “*The creative potential of language is undeniable, but the concordances to a corpus remind us forcibly that in most of our utterances we are creatures of habit, immensely predictable, rehearsing the same old platitudes and the same old clichés in almost everything we say. If it were not so, language would become unworkable. Humankind cannot bear very much creativity*”.

Capítulo 2

2.2.1 O texto especializado

Seria inviável falar de Terminologia Textual sem discutir seu objeto de estudo: o texto especializado. Antes de adentrar as características desse tipo de texto, ressaltamos que a importância do texto para a Terminologia não é exclusividade da Terminologia Textual. Já na década de 1980 a linguística do texto (HALLIDAY, 1978; BEAUGRANDE & DRESSLER, 1981) chamava atenção para o papel do texto na investigação terminológica. Ademais, para teorias mais atuais de terminologia, como a Socioterminologia e a Teoria Comunicativa da Terminologia²⁷, existe uma forte relação entre a importância do texto e a característica comunicativa que postulam. No entanto, foi somente com a Terminologia Textual que o texto deixou de ser um aspecto apenas relevante para assumir o papel central na investigação terminológica. Mas, afinal, o que seria o texto especializado?

De acordo com Finatto e Krieger (2004), desde o final do século XX estudiosos têm-se dedicado a pesquisar critérios identificadores de textos especializados motivados pelo princípio de que a caracterização desse tipo de texto não pode ser realizada somente pelo componente temático. Dentre esses pesquisadores, Hoffmann (1998 *apud* Finatto & Krieger, 2004, p. 113) empresta a definição de texto técnico utilizada nesta pesquisa:

O texto especializado é o instrumento ou resultado de uma atividade comunicativa socioprodutiva especializada. Compõe uma unidade estrutural e funcional (um todo) e está formado por um conjunto ordenado e finito de orações coerentes pragmática, sintática e semanticamente ou de unidades com valor de oração, que, como signos linguísticos complexos de enunciados complexos do conhecimento humano e das circunstâncias complexas, correspondem à realidade objetiva.

Com base na definição de Hoffmann, podemos observar que o texto especializado, diferentemente do que ocorre nas vertentes mais tradicionais da terminologia, não se limita à presença de termos técnicos, mas é formado pelo conjunto dos vários recursos linguísticos utilizados em determinado âmbito de comunicação.

²⁷ A respeito dessas duas teorias, consultar Matuda, 2011.

Capítulo 2

Ainda segundo Hoffmann (1998 *apud* FINATTO & KRIEGER, 2004, p. 113), o texto técnico possui dois eixos básicos: um horizontal, relacionado ao critério temático, englobando diferentes disciplinas e suas eventuais subdivisões; e um vertical, relacionado ao grau de especialização do texto, ou seja, à densidade terminológica. A classificação de Hoffmann ressalta o fator pragmático no âmbito das comunicações especializadas e enfatiza o papel que as unidades lexicais assumem em diferentes contextos especializados de comunicação especializada.

Alguns tipos de texto possuem maior densidade terminológica do que outros: em nosso caso, as notícias de resultados de partidas possuem densidade terminológica menor do que os relatos de partida minuto a minuto. Um texto sobre resultado de partida publicado por um tabloide inglês pode apresentar uma terminologia bem distinta daquela expressa em um texto do mesmo gênero publicado por um jornal mais tradicional. Essa variação terminológica não se refere apenas à densidade terminológica de um texto, mas também às diferentes terminologias encontradas em periódicos distintos. Por esse motivo, mais do que o tema, o grau de densidade informativa, a forma de se comunicar, a situação em que se comunica e para quem se comunica constituem fatores determinantes do grau de especialização de um texto.

Finatto e Krieger (2004, p. 116) propõem que a variação tipológica no âmbito da comunicação especializada reflete, por exemplo, na distinção entre uma tese, um artigo de periódico altamente especializado em determinada área do conhecimento e um texto de jornal ou de revista informativa redigido com a finalidade de divulgar ao grande público um acontecimento científico. No nosso caso, essa distinção não pode ser aplicada por vários motivos. Primeiramente, devido à grande repercussão que o futebol tem na sociedade moderna, a delimitação de “grande público” e de especialistas se torna um pouco controversa. Em um primeiro momento, poderíamos caracterizar os jornalistas esportivos, jogadores, técnicos e membros da comissão técnica como especialistas e os leitores e fãs de futebol em geral como “grande público”. No entanto, acontece que, em se tratando de futebol, todo torcedor pode ser considerado um especialista na área.

Devido a essa grande dificuldade de delimitação de ‘grande público’ e de especialistas, adotamos, aqui, a classificação de atores sociais do futebol, proposta por Toledo (2002, p. 15):

Capítulo 2

Parto de três [atores sociais] dentro do campo esportivo: os profissionais (jogadores, técnicos, dirigentes, juizes, preparadores, médicos, etc.), os especialistas (a crônica esportiva) e o conjunto genérico de torcedores, “comuns” ou nomeados e reunidos em certas coletividades específicas.

Essa classificação é utilizada por Toledo para uma análise das lógicas do futebol, com o propósito de caracterizar os grupos sociais que se expressam por meio do futebolês. Dentro dessa ordem, os profissionais são todos aqueles que interferem diretamente no jogo, quer seja dentro do campo, como os jogadores, ou fora do campo, como os dirigentes e instituições, como as federações. Os especialistas são representados pela crônica esportiva e pelo jornalismo esportivo²⁸ e, segundo Toledo, ocupam um lugar simbólico equidistante entre os profissionais e os torcedores, pois não participam efetivamente da partida, mas também não se comprometem em um nível de emoção partidária, pelo menos em teoria. Por fim, o “grande público” é caracterizado pelos torcedores.

É a classe dos especialistas que mais nos interessa neste trabalho, pois é através do produto do fazer jornalístico que observamos o futebol fora de seu *locus* de ritualização máxima, que é a partida. Ademais, é também por meio dos textos jornalísticos que o futebol alcança o “grande público”. Contudo, não podemos deixar de enfatizar a importância que o terceiro grupo, o conjunto genérico de torcedores, desempenha em nossa pesquisa, pois frequentemente recorremos a torcedores e amantes do esporte para melhor entender uma jogada ou drible.

Deve-se somar, ainda, à classificação de Toledo o grau de densidade informativa da notícia, a forma de se comunicar, os traços de impessoalidade do jornalista, o contexto em que a notícia foi produzida²⁹ e o propósito da comunicação –

²⁸ Embora a crônica esportiva faça parte do grupo de especialistas dentro da classificação com a qual optamos por trabalhar, é importante ressaltar que não coletamos textos do gênero para a compilação do *corpus* de estudo. Além disso, há no fazer jornalístico um reivindicado distanciamento entre o jornalista e o fato, que se opõe à condição dos cronistas, que narram e descrevem uma partida expressando opinião pessoal e de forma mais literária, fugindo à linguagem meramente descritiva que é o objeto de estudo desta pesquisa.

²⁹ Uma notícia sobre o resultado de partida de um jogo do campeonato brasileiro provavelmente é produzida em um contexto mais específico e, portanto, voltada para um público mais específico do que uma notícia, por exemplo, sobre uma partida de Copa do Mundo, pois durante esse acontecimento mais pessoas torcem, inclusive torcedores não habituais.

Capítulo 2

que pode ser mais informativo, mais descritivo ou mais técnico – para que, assim, seja possível caracterizar o texto técnico propriamente.

Uma vez caracterizado seu principal objeto de estudo, passemos, agora, a uma breve discussão sobre as características da Terminologia Textual.

2.2.2 Terminologia Textual

Para Finatto e Krieger (2004, p. 119), essa Terminologia tem como principal característica o fato de considerar o texto como o “habitat natural” das terminologias. Dessa forma, o objeto ‘termo’ dá lugar ao objeto ‘texto’.

A TT possui duas características principais. A primeira refere-se ao reconhecimento do papel do cenário comunicativo e, conseqüentemente, do texto especializado para a descrição de uma terminologia. A segunda está relacionada ao estudo e à caracterização do texto especializado.

Ao reconhecer o papel do cenário comunicativo, a Terminologia Textual parte do pressuposto de que os termos são utilizados em situação de comunicação e que, portanto, não devem, ou melhor, não podem ser estudados à parte do contexto sociocultural em que ocorrem.

Os termos passaram a ser analisados em funcionamento, ou seja, em textos especializados, permitindo, assim, a verificação de fenômenos até então ignorados ou deixados em segundo plano pelos terminólogos. O contexto discursivo, antes considerado insignificante, passa a representar uma das principais características da Terminologia, contribuindo para um novo tratamento das unidades terminológicas, abandonando o pressuposto de que os termos constituem construtos teóricos idealizados em um sistema linguístico independente.

Enfim, de acordo com essa perspectiva o texto passa a ser o principal objeto de estudo da Terminologia e é justamente esse fato que permite a inclusão de outros objetos, como variações, neologismos, sintagmas terminológicos, colocações, coligações e combinatórias léxicas de um dado cenário de comunicação, levando em conta não somente os aspectos linguísticos, mas também os comunicativos, cognitivos e pragmáticos.

Com base nesses princípios, acreditamos que o estudo terminológico aqui

Capítulo 2

proposto vai além da investigação do termo técnico na língua de partida e seu equivalente na língua de chegada. Partindo dos pressupostos teóricos da TT, propomos estudar mais do que o termo; comprometemo-nos com a investigação do texto em que os termos ocorrem e, conseqüentemente, com um melhor entendimento das diferenças culturais do futebol brasileiro e do futebol inglês.

2.2.3 Termos e Combinatórias Léxicas Especializadas

Conforme exposto no item anterior, a vertente de Terminologia adotada confere à Terminologia diferentes objetos de estudo, como termos, variações, neologismos, sintagmas terminológicos, colocações, coligações e combinatórias léxicas especializadas de uma dada língua de especialidade. Com base nos objetivos de nossa pesquisa, optamos por investigar os termos e combinatórias léxicas especializadas (CLEs) do futebol. Temos ciência da importância de neologismos, colocações, coligações e dos outros objetos de estudo presentes no texto especializado. Contudo, trabalhar com todos esses elementos extrapolaria o escopo desta tese.

Em nossa pesquisa, adotamos uma visão de termo proposta por Finatto (2007, p. 223): “[...] condição especial da palavra, um signo linguístico dotado de significado e significante, e atrelado a uma determinada unidade e corpo de conhecimentos historicamente estabelecidos.”

De acordo com essa definição, não existem critérios específicos que definam um termo. Uma unidade lexical pode assumir *status* de termo dependendo do contexto em que ocorre. Por exemplo, a unidade lexical ‘cartão’ assume *status* de termo no futebolês, pois possui um significado e um significante que adquirem um estatuto peculiar nesse âmbito de comunicação. Portanto, a situação de uso é fundamental para determinar o significado de um termo.

Embora não seja o objeto de estudo central da Terminologia Textual, o termo é de suma importância no âmbito das línguas de especialidade. Como ter uma conversa sobre futebol sem utilizar os termos ‘gol’, ‘falta’ ou ‘técnico’? Entretanto, acreditamos que conhecer o significado de um termo e identificar seu equivalente em língua estrangeira é apenas um dos desafios encontrados por redatores técnicos e

Capítulo 2

tradutores. Uma lista de termos juntamente com seus significados e equivalentes na língua de chegada é primordial para uma redação técnica bem escrita. No entanto, saber como utilizar esses termos é tão importante quanto conhecer seus significados.

Em nossa pesquisa de mestrado (MATUDA, 2011), partimos do princípio de que um termo raramente ocorre sozinho, ou seja, é muito provável que venha acompanhado de um colocado, formando, assim, uma colocação e, muitas vezes, seja até parte de uma unidade de sentido maior. Portanto, trabalhamos com unidades fraseológicas especializadas (UFEs) do futebol em inglês e português extraídas do *corpus* de estudo, deixando de lado termos individuais. Dessa forma, na análise abordamos, por exemplo, a UFE ‘fazer um gol’, mas não abordamos o termo ‘gol’ individualmente.

Continuemos com o exemplo de ‘gol’ a fim de exemplificar a mudança em nossa concepção dos objetos de estudo da Terminologia. Em uma conversa, ou na produção de um texto sobre futebol, o interlocutor que deseja utilizar o termo ‘gol’ em inglês deve estar ciente de que, para se referir ao espaço retangular limitado por uma baliza horizontal e duas balizas verticais, às quais se prende uma rede, e demarcado por uma linha paralela à baliza horizontal, o termo correto é *goal*. Da mesma forma, para se referir ao ponto que um time faz quando a bola ultrapassa por completo a linha do gol, também deve selecionar o termo *goal*. No entanto, esse interlocutor deve ser informado sobre os possíveis equivalentes e colocados quando precisar utilizar o termo em expressões, como, por exemplo, ‘fazer um gol’ em inglês. Nesse caso, o conhecimento dos colocados do termo e das expressões em que ele ocorre é fundamental, uma vez que a escolha por opções equivocadas pode demonstrar desconhecimento das convenções da área e gerar interpretações inadequadas, comprometendo, assim, a qualidade da comunicação.

Reconhecida a importância do estudo do termo e apresentada a definição de ‘termo’ adotada em nossa pesquisa, demonstramos, no exemplo acima, a relevância do estudo das expressões em que o termo ocorre. Expressões para as quais, em nossa pesquisa de mestrado, utilizamos o conceito de unidades fraseológicas especializadas. A combinação recorrente de itens lexicais tem sido objeto de vários estudos e, dependendo de sua formação, recebem diferentes nomeações, tais como:

Capítulo 2

- *colocação* (HEID, 1992, 1994, 1998; MARTIN, 1992; SCHAETZEN, 1993; DESMET, 1996);
- *coocorrência* (LAINÉ, PAVEL & BOILEAU, 1992; PESANT & THIBAUT, 1993);
- *frasema* (GRÉCIANO, 1993);
- *fraseologismo* (BLAIS, 1993; PAVEL, 1993);
- *entidade fraseológica* (GOUADEC, 1994);
- *unidade fraseológica* (GOUADEC, 1994; BEVILACQUA, 1996);
- *unidade fraseológica especializada* (CABRÉ, LORENTE & ESTOPÀ, 1996).
- *colocação de linguagens de especialidade* (L'HOMME, 1998);
- *combinatória léxica especializada* (L'HOMME & BERTRAND, 2000; BEVILACQUA *et al.*, 2012);
- *item lexical multi-palavra* (PALUMBO, 2003);
- *fraseologia* (KRIEGER & FINATTO, 2004);
- *unidade de tradução especializada* (TEIXEIRA, 2008).

Essa variedade terminológica não corresponde, necessariamente, a uma mesma variedade conceitual. Ou seja, podem ou não se referir ao mesmo objeto. Discutir todas as definições e seus critérios de delimitações foge do escopo de nossa pesquisa. Por esse motivo, nos parágrafos que seguem apresentaremos o termo, a definição e os critérios de identificação aqui adotados. Ressaltamos que a escolha foi realizada considerando dois fatores principais: 1) o objetivo de nossa pesquisa; e 2) a relação direta que nosso trabalho mantém com a tradução.

No que se refere ao primeiro fator, o objetivo de nossa pesquisa, eliminamos, em um primeiro momento, as abordagens que partem de padrões morfossintáticos pré-estabelecidos para a identificação dessas expressões. A análise de padrões morfossintáticos não se mostra relevante ao dar prioridade a termos e combinações culturalmente marcadas, uma vez que a extração de tais padrões, como, por exemplo, substantivo + substantivo ou substantivo + verbo, não garante a identificação dos objetos de nosso interesse.

O segundo fator, a relação com a tradução, desempenhou papel fundamental na escolha da vertente teórica utilizada para descrever combinações recorrentes de

Capítulo 2

itens lexicais, da definição e dos critérios de identificação, já que em todo momento discorreremos sobre a problemática do estabelecimento de equivalentes tradutórios e também chamamos atenção, ainda que de forma menos incisiva, para a importância de preparar os futuros tradutores para a produção de textos que estejam em conformidade com as convenções da língua de especialidade com a qual trabalham.

Enfim, no âmbito desta pesquisa, adotamos o conceito de ‘combinatória léxica especializada’ (CLE) para designar as expressões em que os termos ocorrem. Bevilacqua *et al.* (2012, p. 242) apresentam a seguinte definição de CLE:

Entendemos as CLEs como unidades sintagmáticas recorrentes nas situações de comunicação de áreas temáticas que revelam preferência marcante por especificidades e por convenções próprias do idioma, da área e/ou do gênero textual em que ocorrem. São colocações e fraseologismos que não podem ser explicados unicamente por exigências gramaticais, estilísticas e afinidades semânticas, pois resultam de uma seleção restritiva condicionada ao modo de dizer característico de cada âmbito do conhecimento. Seu uso é justificado somente pela repetição frequente e pelo consenso da comunidade de falantes que compartilha a mesma especialidade.

O primeiro ponto interessante dessa definição é que se baseia na frequência das unidades sintagmáticas em situações de comunicação em áreas técnicas. Situações, essas, que mostram preferências por convenções próprias do idioma, da área e do gênero textual em que ocorrem, ponto que dialoga com a Linguística de *Corpus*, ao considerar a frequência, e com a Terminologia Textual, ao observar a situação de comunicação.

O fato de que as CLEs são colocações ou fraseologismos que resultam de uma seleção restritiva condicionada ao modo de dizer característico de cada âmbito do conhecimento nos deu a liberdade de trabalhar com combinatórias de duas palavras, como *cricket score*, e com combinatórias maiores, como *stab the ball home*. Por fim, seu uso em situação autêntica de comunicação, caracterizado pela repetição frequente e pelo consenso da comunidade de falantes que compartilha a mesma especialidade, justifica os critérios adotados para a validação das CLEs encontradas no *corpus*³⁰.

No que se refere à delimitação de unidades fraseológicas, Tognini-Bonelli (2001, p. 104) resume de forma muito clara essa problemática: “Onde está a fronteira

³⁰ Os critérios de validação das CLEs são apresentados no item 3.5.1.

Capítulo 2

entre um item relativamente independente, como uma palavra ou um termo técnico, e um item onde o contexto se torna parte de uma expressão, que, conforme defende Sinclair, é, na realidade, um item lexical multipalavra?”³¹.

Diante da problemática de delimitação das CLEs, optamos por considerar as características presentes na definição de Bevilacqua *et al.* (2012) e seguir os procedimentos da Linguística de *Corpus*. Em suma, as CLEs identificadas nesta pesquisa são compostas por um termo e um ou mais itens lexicais. A quantidade de itens lexicais foi delimitada pela análise das linhas de concordância e dos colocados dos termos, procedimentos detalhados no item 3.5.1.

2.3 Tradução técnica e cultura

Neste item, apresentamos o modo como entendemos a tradução técnica. Primeiramente, introduzimos o conceito de cultura para, ao final, discutir a relevância de aspectos culturais no âmbito da tradução técnica.

2.3.1 Mas, afinal, o que é cultura?

Os primeiros estudos científicos sobre cultura datam de quase cem anos. No entanto, ainda hoje o fenômeno é muito mais incompreendido do que compreendido (HALL, 1990, p. 183). O décimo volume da Enciclopédia de Línguas e Linguística (*Encyclopedia of Language and Linguistics*) confirmou, em 1994, que, mesmo após um século de esforços para definir cultura de forma apropriada, ainda não existia um consenso sobre o significado e a origem do termo (KATAN, 2004, p. 24). Os interculturalistas Trompenaars e Hampden-Turner (1997, p. 21) relatam que em seus mais de vinte anos de estudos culturais nunca encontraram duas visões similares sobre o conceito de cultura.

³¹“Where is the boundary between a relatively independent item, such as the word as a technical term, and one where the environment becomes part of a phrase, which, Sinclair argues, is effectively a multi-word lexical item?”

Capítulo 2

Dada a complexidade do conceito, perguntamo-nos: Existe, realmente, a necessidade de se definir cultura em nosso trabalho ou estaríamos apenas preenchendo uma formalidade teórica em nossa pesquisa?

Após refletir sobre o assunto e a necessidade de definição de ‘cultura’, que, vale ressaltar, está presente em todos os capítulos de nossa tese, decidimos por defini-la, ou melhor, explicar ao leitor como a compreendemos. Dessa forma, deixamos claro que não definimos cultura como parte do exercício acadêmico de escrita de uma tese, mas sim porque acreditamos que sua definição delimita o modo como uma cultura é percebida, vivida, passada de geração para geração e, em nosso, caso, de uma língua para outra.

Para grande parte dos antropólogos que abordam o tema, como, por exemplo, Alfred Luis Kroeber e Clyde Kluckhohn, cultura pode ser descrita como o modo de vida de um povo, a somatória dos seus padrões de comportamento adquiridos informalmente e suas atitudes (KROEBER & KLUCKHOHN, 1952, *apud* HALL, 1990, p. 20).

Para o linguista Edward Sapir (1994), cultura é um complexo que inclui elementos distintos, como conhecimento, crenças, arte, moral, leis, hábitos e qualquer comportamento adquirido inconscientemente por um homem como membro de dada sociedade.

As definições apresentadas têm em comum o fato de que cultura é assimilada informalmente, ou seja, seguimos suas regras inconscientemente.

Outra abordagem bastante interessante é a do linguista americano George L. Trager, que trata cultura como uma forma de comunicação em que a língua, um dos sistemas mais complexos de mensagens, é utilizada como modelo para análise do ‘outro’ (HALL, 1990, p. 28). A abordagem de Trager nos parece bastante interessante, uma vez que a grande dificuldade dos seres humanos em lidar com os outros envolve, de uma forma ou de outra, distorções de comunicação.

Como podemos observar, são inúmeras as definições de cultura. Contudo, analisar todas essas definições foge do escopo de nossa pesquisa. Por esse motivo, nos parágrafos que seguiremos apresentaremos brevemente algumas definições que antecederam o conceito de cultura aqui adotado e que, conseqüentemente, serviram de suporte a ele.

Capítulo 2

Durante as leituras sobre o tema, observamos duas grandes tendências: 1) psicanalistas costumam utilizar a antropologia para entender melhor os seres humanos; e 2) antropólogos fazem uso de conceitos psicanalíticos para criar teorias e definições sobre cultura. Um exemplo da segunda tendência, pertinente à pesquisa, é a teoria proposta por Kroeber e Kluckhohn (1952). Em sua definição, os estudiosos dividem o fenômeno ‘cultura’ em dois tipos: cultura “explícita” e cultura “implícita”. “Cultura explícita” englobaria elementos como leis e assuntos discutidos pelos participantes de uma cultura, já “cultura implícita” refere-se ao que é pressuposto, ou seja, ao que assumimos que o outro já sabe (HALL, 1990, p. 61). Aproximando a teoria de Kluckhohn ao nosso campo de pesquisa, poderíamos dizer que o ato de um árbitro conversar com os assistentes sobre a paralisação de um jogo devido à chuva muito forte seria um exemplo de cultura explícita, já que tal fato está previsto nas regras do jogo. Já a decisão do árbitro de interromper o jogo no Brasil mediante qualquer contato físico, mas de deixar a bola seguir caso o mesmo ocorra na Inglaterra, é um exemplo de cultura implícita, pois tais comportamentos consolidaram-se em suas respectivas culturas de forma natural. De acordo com os especialistas, essas são, de fato, práticas recorrentes nos dois países.

Para Hall (1990), apesar de abrir horizontes para os estudos culturais, a teoria de Kluckhohn apresenta certas limitações, pois trabalha com categorias bipolares que refletem a maneira norte-americana de ver e analisar fenômenos culturais, utilizando-se de dicotomias, tais como preto e branco, certo e errado etc.

Ressaltamos que, embora não tenhamos adotado a teoria de Kluckhohn por completo, reconhecemos que a bipolarização de fenômenos acerca do futebol pode ser observada em toda a análise, especialmente quando nós, ou os especialistas consultados, tratamos de “futebol-arte” x “futebol-força”, “futebol bonito” x “futebol de resultados”, “ginga” x “técnica” etc. Contudo, parece importante salientar que, de acordo com Hall, essa bipolarização limita a análise e o entendimento sobre cultura, e, portanto, propõe um modelo tripartido de cultura, composto pelos seguintes níveis: formal, informal e técnico. Assim, Hall afirma que possuímos não duas, mas sim três formas distintas de comportamento.

A fim de exemplificar as três formas de comportamento utilizadas para definir o conceito de cultura, recorreremos aos exemplos que o próprio Hall (1990, p. 64)

Capítulo 2

utiliza em *The Silent Language* e, em seguida, mostramos como o conceito pode ser aplicado para desmistificar a bipolaridade das culturas futebolísticas do Brasil e da Inglaterra criada ao longo dos anos, baseada em nossa forma-representação dos respectivos futebóis.

O antropólogo utiliza o processo de aquisição e aprendizagem da prática do esqui em três situações distintas. Primeiramente, menciona a cidade de Grand Lake, localizada no Colorado, em uma região onde costuma nevar com frequência. Nessa cidade, existe uma tradição de utilizar o esqui para locomoção durante o período de inverno. Professores, trabalhadores, alunos e todos os habitantes da cidade esquiavam para chegar aos seus destinos. As crianças aprendiam as habilidades básicas de esquiar logo após aprenderem a andar. Cada habitante acabava, eventualmente, desenvolvendo seu estilo de esquiar, assim como temos um estilo próprio de andar. Todos esquiavam, ninguém questionava a necessidade de se utilizar os esquis; apenas esquiavam. Esquiar era parte da rotina dessas pessoas; assumia-se que todos sabiam esquiar. Nesse caso, esquiar constituía uma tradição **formal**.

Enquanto todos os habitantes de Grand Lake esquiavam diariamente, em Denver um grupo de habitantes esquiava no tempo livre, por prazer. Esquiar era um *hobby* para esse grupo. Alguns eram habilidosos, outros nem tanto. O que importava era a diversão envolvida. Essas pessoas não tinham consciência de como esquiavam e da técnica que utilizavam. Também não sabiam como ensinar, formalmente, outras pessoas a esquiar e, nessa tarefa, utilizavam instruções como: “me observe”, “faça assim”, “não faça isso” ou “flexione os joelhos e tome impulso”. Essa concepção de esquiar é classificada por Hall como **informal** e pode ser mais bem descrita pela frase “você vai pegar o jeito”.

Em outra região, fotógrafos tiravam fotos e faziam filmes de esquiadores profissionais descendo montanhas e fazendo as mais variadas manobras. Os filmes foram analisados, quebrados em partes e os componentes de cada manobra foram isolados com o objetivo de desvendar as técnicas por trás do esporte. Após as análises, constatou-se que esquiar não é um dom e que qualquer pessoa com paciência e vontade de aprender pode esquiar por meio do aprendizado de técnicas. Essa forma de esquiar foi caracterizada por Hall como **técnica**.

Capítulo 2

No que diz respeito às “culturas futebolísticas” do Brasil e da Inglaterra, cremos que o modo como o futebol é aprendido e jogado no Brasil é bastante semelhante ao modo como os habitantes de Denver aprendiam a esqui em suas viagens às montanhas nos fins de semana. O aprendizado ocorre de maneira informal, na maioria das vezes pela persistência na prática e pela relação erro e acerto. Tanto o esqui quanto o futebol podem ser caracterizados como atividades de lazer. Assim como não existe uma tradição formal de esqui em Denver, não existe uma tradição formal de se jogar futebol no Brasil. Existe, sim, como observamos no capítulo 1, a prática do futebol por lazer, passada de pai para filho e de geração para geração em várias camadas da sociedade. Se cairmos na tentação de essencializar e romantizar o futebol brasileiro, diremos que toda criança no Brasil, principalmente do sexo masculino, já “nasce com a bola nos pés”. No entanto, tomamos cuidado para não tecer certas generalizações.

Enquanto associamos a cultura futebolística do Brasil ao aspecto informal, enxergamos uma forte ligação entre a cultura futebolística inglesa e o aspecto técnico. A própria forma como o futebol moderno foi difundido na Inglaterra apoia a hipótese de que o futebol inglês é mais técnico do que o brasileiro, já que foi, desde o início, ensinado em escolas e universidades por meio do “cristianismo atlético” (item 1.2). Ademais, como veremos nos estudos de caso (capítulo 4), a tecnicidade do futebol inglês se manifesta de várias formas, como, por exemplo, na explicação da execução de dribles e jogadas e nos termos existentes em inglês que não possuem equivalentes em português.

Como podemos observar, apenas dois elementos da tríade de Hall mostram-se presentes nas culturas futebolísticas do Brasil e da Inglaterra. No entanto, chamamos atenção para o fato de que, embora um dos elementos predomine – o informal no Brasil e o técnico na Inglaterra –, os dois, ou até mesmo os três elementos podem estar presentes em dada situação. Além disso, acrescentamos, ainda, que devido às mudanças que o futebol vem sofrendo nos últimos anos, é cada vez mais complicado elucidar os elementos que diferenciam uma cultura da outra³².

³² Apresentamos uma discussão detalhada sobre a forma-representação do futebol brasileiro no item 1.4.

Capítulo 2

Enfim, acreditamos que a definição de cultura proposta por Hall pode nos auxiliar na interpretação dos dados do *corpus* a fim de elucidar as diferenças culturais que refletem na linguagem do futebol em português e inglês. Assim como Hall, não queremos estereotipar a concepção de cultura, pois acreditamos na sua imensa dimensão e no papel que desempenha em nosso dia a dia. Dessa forma, acreditamos que uma cultura e seus três aspectos sejam um molde em que todos, de certa forma, se enquadram. Ela controla nossas vidas de formas diferentes. É parte do comportamento humano que não percebemos, que é óbvio, a parte que não pensamos, já que, muitas vezes, assumimos, erroneamente, como universal. Acrescentamos, ao conceito de Hall, a importância da língua, já que a língua é o meio convencional de comunicação e de pensamento de uma cultura.

Enfim, após um melhor entendimento do termo e de alguns questionamentos que não serão respondidos nesta tese, temos uma certeza: nossos padrões culturais são únicos e, portanto, não são universais (HALL, 1990, p. VIII).

2.3.2 Tradução técnica como condicionante cultural

O termo ‘tradução’ possui três referentes principais: a disciplina Estudos da Tradução, o produto final (texto traduzido) e o processo tradutório (MUNDAY, 2001, p. 4). Em nossa pesquisa, tecemos alguns comentários e levantamos algumas questões acerca da disciplina Estudos da Tradução. No entanto, são o segundo e o terceiro significados que nos interessam: o texto traduzido – em nosso caso, termos e CLEs do domínio do futebol em português e seus equivalentes em inglês –, e o processo tradutório pelo qual esses equivalentes foram encontrados.

Ao falar em processo tradutório, não nos referimos aos processos cognitivos envolvidos no ato tradutório e nem às técnicas de tradução, mas sim às escolhas que um tradutor ou terminólogo faz durante a busca por um equivalente na língua de chegada. Mais especificamente, preocupamo-nos com o produto final e o processo tradutório da tradução técnica. Mas, afinal, o que seria a tradução técnica?

Na literatura, existem diversas definições para tradução técnica, que, vale ressaltar, é frequentemente utilizada como sinônimo de tradução especializada. Para alguns teóricos, como Wright e Wright (1993), a tradução técnica ou especializada se

Capítulo 2

ocupa da tradução de textos de línguas de especialidade, que abrangem não só disciplinas como engenharia e tecnologia, mas também outras disciplinas como psicologia, direito, economia e etc. (WRIGHT & WRIGHT JR., 1993, p. 1). Para Byrne (2006), contudo, existe uma grande diferença entre tradução técnica e tradução especializada, pois, de acordo com o autor, um texto só é considerado técnico quando pertence ao domínio da tecnologia (BYRNE, 2006, p. 2). Outros textos que apresentem uma terminologia específica, mas que não fazem parte do domínio da tecnologia, seriam considerados textos especializados.

Para os propósitos de nossa pesquisa, definimos tradução técnica, considerada aqui sinônimo de tradução especializada, como ramo da tradução que se ocupa da tradução de textos de línguas de especialidade. Entendemos língua de especialidade, ou língua especializada, como uma língua que possui um vocabulário específico e que obedece a normas próprias de sua área, caracterizando, dessa forma, uma terminologia e uma padronização.

Zavaglia et al. (2011) atentam para a problemática da definição de uma tradução técnica em si, pois enfatizam que os textos não devem ser caracterizados com base na dicotomia “texto técnico” (ou especializado ou pragmático ou utilitário) x “texto literário”. Isso porque essas classificações foram estabelecidas no início dos estudos terminológicos quando Eugen Wüster elaborou a Teoria Geral da Terminologia e propôs que os termos eram, por natureza, monossêmicos. De acordo com Asencio (2007, p. 51), não existe um grupo de elementos específicos que separam a linguagem geral da linguagem especializada. Para o autor, a linguagem geral pode conter elementos mais característicos de linguagens especializadas e vice-versa; o que as difere é o grau de especialização. Por esse motivo, a linha que distingue um texto especializado de um texto de linguagem geral pode ser muito tênue. No caso do futebol, observamos que a descrição de uma partida apresenta densidade terminológica maior do que a notícia do resultado da mesma partida. Isso ocorre porque a descrição é muito mais minuciosa, relatando detalhadamente os lances do jogo, com seus dribles e jogadas, ao passo que a notícia reflete uma visão mais geral da partida, utilizando, dessa forma, menos termos e CLEs

Independentemente do grau de especialidade, a importância da tradução técnica no mercado de tradução é inquestionável. No início do milênio, a tradução

Capítulo 2

técnica representava 90% do mercado de tradução (KINGSCOTT, 2002, p. 247) e, uma vez que a tradução técnica se realiza a partir de um texto especializado – *habitat* natural das terminologias –, o interesse dos tradutores por um bom manejo terminológico a fim de estabelecer equivalentes adequados entre duas línguas de especialidade parece óbvio.

Apesar das inúmeras pesquisas no campo da tradução de textos especializados, ainda existem algumas falácias associadas a essa prática. Byrne (2006, p. 3) aponta que muito comum é a ideia de que a tradução técnica, diferente da literária, constitui um universo à parte, pois sua terminologia não se deixaria contaminar por relações contextuais e pragmáticas, possuindo certa estabilidade que favoreceria e facilitaria o processo tradutório. Nesse caso, bastaria ao tradutor conhecer o termo na língua de partida e procurar por seu equivalente na língua de chegada, partindo do princípio de que a tradução técnica é uma operação de transcodificação em que os conceitos “constituem uma [sic] amálgama indissolúvel e imune aos efeitos do tempo e do espaço, a fim de poderem resistir a uma série de condicionantes a que estão expostos.” (AZENHA, 1999, p. 10).

Ligada a essa ideia, acredita-se, ainda, que a tradução técnica não é criativa (BYRNE, 2006, p. 5). Embora seja, em alguns momentos, menos metafórica do que a literatura, as línguas de especialidade também são marcadas por expressões idiomáticas e metáforas. Rebechi (2015) mostra a problemática da tradução de termos e CLEs da culinária brasileira para o inglês. Esses termos, em grande parte culturalmente marcados, muitas vezes apresentam alto grau de idiomatidade.

Outra crença sobre tradução técnica apontada por Byrne (2006) é de que o único objetivo de uma tradução técnica é transmitir informação especializada utilizando a terminologia correta. Segundo Byrne (2006, p. 6), embora esse seja talvez o principal objetivo da tradução técnica, o tradutor também deve garantir que a informação seja transmitida de forma correta, seguindo os padrões estilísticos e levando em consideração as características culturais da língua de chegada.

Enfim, talvez a crença mais popular no que se refere à tradução técnica seja a ideia de que o tradutor de textos de especialidade deve ser especialista na área em que traduz. No entanto, sabe-se que, além de conhecimento na área de especialidade, o tradutor deve possuir outras habilidades, como, por exemplo, boa escrita, habilidade

Capítulo 2

de realizar pesquisas em livros, em dicionários e na *internet*, conhecimento de gêneros e tipos textuais e da cultura de chegada, dentre outras (BYRNE, 2006, p. 6). Para Azenha (1999, p. 40), a tarefa de administrar todas essas habilidades exige que o tradutor controle um número elevadíssimo de variáveis, que devem ser administradas com base em suas competências e limitações sobre o objeto de trabalho.

Em um artigo intitulado *Terminology and Translation – bringing research and professional training together through technology*, Maia (2005) enfatiza a necessidade de o tradutor ser preparado para entender as línguas e as culturas com as quais trabalha e utilizar ferramentas computacionais, como *software* de tradução e ferramentas de *corpora*, para melhor explorar as diferenças linguísticas e culturais. Acreditamos que, em um cenário ideal, o tradutor de textos especializados seria um especialista com formação em tradução e amplo conhecimento das culturas com as quais trabalha. Entretanto, sabe-se que a realidade é bastante diferente: poucos especialistas estão dispostos a traduzir e a formação em tradução é tradicionalmente para linguistas (MAIA, 2005, p. 1).

Após definir os conceitos ‘tradução técnica’ e ‘línguas de especialidade’, debater algumas crenças sobre tradução técnica e expor o que se espera do tradutor desses textos, apresentamos, nos parágrafos seguintes, nossa visão de tradução técnica.

Nesta pesquisa, adotamos a proposta de tradução técnica de Azenha (1999, p. 60), qual seja uma tradução que vai além dos limites do texto e que define o ato tradutório tendo como ponto de partida o ato de comunicação. Em virtude disso, o texto especializado, assim como qualquer outra forma de comunicação, está atrelado a uma realidade sócio-histórico-cultural. Para o autor, não podemos deixar de lado as relações que o texto especializado trava com o contexto em que é produzido durante a tradução.

Considerando os pressupostos sobre tradução técnica mencionados, podemos afirmar que os termos, as CLEs, as definições, os equivalentes e as expressões devem ser empregados de maneira convencional no texto de chegada, respeitando as variáveis ligadas ao emissor, ao receptor, à situação e ao objetivo de comunicação.

Em nossa pesquisa, levamos em consideração o gênero textual, o periódico ou o *site* em que a notícia foi publicada, o jogo e o campeonato reportado na notícia, o

Capítulo 2

autor da notícia e toda e qualquer variável que influencie a escolha terminológica. Também não podemos deixar de considerar, mesmo sem entrar em detalhes, as formas-representações que caracterizam o futebol inglês e o futebol brasileiro. Os jeitos de jogar são diferentes e, conseqüentemente, as jogadas têm reflexo direto na terminologia usada nas duas línguas. Esses diferentes jeitos de jogar podem causar dificuldade ao tradutor durante a busca de equivalentes, pois, muitas vezes, um termo comumente utilizado em uma língua simplesmente não ocorre na outra, pois caracteriza uma prática não comum na cultura de chegada.

Nessa vertente de tradução técnica, o ponto de partida para uma tradução é a relação entre linguagem e cultura e a tarefa de traduzir um texto especializado vai muito além da transferência de códigos linguísticos, pois envolve a transposição de barreiras culturais, por esse motivo o problema tradutório na está, na maioria das vezes, restrito ao termo, mas sim ao que está ao seu redor.

Explicada nossa visão de tradução técnica e delimitado o ponto de partida de uma tradução, achamos por bem expor nossa concepção de unidade de tradução (UT). Inúmeras são as discussões a respeito da delimitação das UTs. No entanto, para os objetivos de nosso trabalho, não adentraremos nenhuma das definições já propostas e consideraremos como UTs, em nosso caso UTEs (Unidades de Tradução Especializadas), os termos e as CLEs presentes no *corpus*.

Outro ponto a ser ponderado é a definição de equivalente tradutório. Neste estudo, consideramos “equivalente” uma unidade fraseológica que funcione no texto de chegada como funciona no texto de partida (TAGNIN, 2007, p. 1). O conceito, bastante amplo, permite identificar equivalentes não só no nível da palavra, do texto ou da frase, mas também equivalentes pragmáticos, ou seja, equivalentes que, embora não reflitam uma tradução para a língua de chegada, são utilizados no mesmo contexto e com o mesmo objetivo comunicativo.

Estabelecidas as conexões entre tradução, texto especializado e cultura, discutimos, nos parágrafos a seguir, a relação entre Linguística de *Corpus* e tradução.

É fato que a LC muito tem a contribuir para os estudos da tradução e para a formação de tradutores. Segundo Tagnin (2011), o estudo da tradução por meio da LC tem-se tornado, nos últimos anos, uma das linhas de pesquisa mais privilegiadas da Linguística de *Corpus*.

Capítulo 2

Estudos de tradução e *corpora* tendem a se dividir em duas áreas: teórica e prática (HUNSTON, 2002, p. 123). As teorias da tradução podem se beneficiar de *corpora* paralelos para investigar o processo, as metodologias, as abordagens, as preferências e as normas de tradução. Já em termos práticos, o tradutor pode se beneficiar dos *softwares* que podem ser aplicados aos *corpora*, dos *corpora* monolíngues disponíveis *on-line* para a busca e verificação de padrões linguísticos e expressões convencionais em determinada língua, dos *corpora* paralelos para a busca de equivalentes tradutórios, dos *corpora* comparáveis, principalmente os da língua de especialidade, para busca e confirmação de equivalentes tradutórios. Enfim, a contribuição da LC para a tradução pode ser bastante relevante e variada.

Laviosa (2002, p. 18) cita a contribuição do uso de *corpora* na tradução para a substituição da noção estática de equivalência, por muito tempo entendida como correspondência formal de estruturas semânticas e sintáticas, pelo conceito dinâmico de equivalência funcional entre o texto de partida e o de chegada.

A identificação de equivalentes tradutórios em *corpora* pode ser realizada por meio de *corpora* paralelos e comparáveis, ambos com suas vantagens e desvantagens. Os *corpora* paralelos fornecem, de forma rápida e prática, equivalentes utilizados por tradutores. No entanto, como nem sempre se pode atestar a qualidade da tradução, alguns desses ‘equivalentes’ até podem ser gramaticalmente possíveis, porém nem sempre são os mais prováveis, ou seja, os mais consagrados pelo uso naquela área específica. Além disso, a escassez de *corpora* paralelos em áreas técnicas contribui para que tradutores optem por outras alternativas, como os *corpora* comparáveis e a própria *web*. *Corpora* comparáveis constituem fontes riquíssimas para a busca de equivalentes tradutórios, uma vez que podem fornecer o equivalente mais provável em contexto real de uso, pois são formados somente por textos originais. Deve-se considerar, contudo, que a identificação do equivalente pode ser um pouco mais demorada, já que nem sempre é possível estabelecer uma tradução *prima facie* entre os termos³³.

Por fim, ao considerarmos que os termos são empregados em dado cenário histórico-cultural e, portanto, condicionados por normas sociais e linguísticas sempre

³³ No item 3.5.3, explicamos a metodologia adotada na identificação dos equivalentes das unidades fraseológicas para as quais não conseguimos estabelecer uma tradução *prima facie*.

Capítulo 2

sujeitas a alterações (AZENHA, 1999, p. 22), não vemos outra possibilidade senão o uso de *corpora* comparáveis para a identificação dos equivalentes das combinatórias léxicas especializadas³⁴.

Neste capítulo, apresentamos a fundamentação teórica do trabalho. Primeiro, introduzimos a Linguística de *Corpus*, bem como a definição e as tipologias de *corpus* presentes na literatura; em seguida, discutimos a abordagem baseada em *corpus* e a abordagem direcionada pelo *corpus*. Na segunda seção, introduzimos a questão do texto especializado; em seguida, discorremos sobre a Terminologia Textual e, ao final, apresentamos o conceito de CLEs. Por fim, na terceira seção, apresentamos nossa visão de tradução técnica. No próximo capítulo, será exposta a metodologia utilizada na pesquisa.

³⁴ Vide capítulo 4 para o detalhamento.

Capítulo 3 – Materiais e Métodos

Neste capítulo apresentamos, inicialmente, o *corpus* de estudo. Em seguida, tratamos dos etiquetadores utilizados e do processo de etiquetagem. Após, discutimos sobre as ferramentas computacionais utilizadas para a análise. Ao final, expomos a metodologia subjacente à pesquisa e descrevemos os passos seguidos para a análise dos dados.

3.1 O *corpus* de estudo

Neste item, apresentamos o caminho percorrido para a construção do *corpus* de estudo, que se divide em dois *subcorpora*: um em português e outro em inglês. Primeiramente, descrevemos os critérios iniciais utilizados para a compilação do *corpus*; em seguida, discutimos as modificações realizadas ao longo da pesquisa. Depois, explicamos como os textos foram armazenados para, então, descrever a composição final dos dois *subcorpora*, o de português e o de inglês. Ao final, apresentamos o cabeçalho criado para a organização dos textos.

3.1.1 Critérios iniciais

Dados os objetivos desta pesquisa, expostos na introdução, compilaríamos, a princípio, dois outros *subcorpora*: um contemporâneo, formado por textos coletados no período de 2006 a 2010, construído durante nossa pesquisa de mestrado, e que foi ampliado com textos da Copa das confederações (2013) e da Copa do Mundo (2014); e outro, histórico, composto por textos sobre resultados de partidas das fases finais das copas de 1930 a 2014. No quadro 1 descrevemos esses dois *corpora*:

	contemporâneo	histórico
conteúdo	especializado	especializado
assunto	futebol	futebol
autoria	de língua nativa	de língua nativa
língua	português (BR) e inglês (ING); comparável	português (BR) e inglês (ING); comparável
finalidade	de estudo	de estudo
meio	eletrônico	eletrônico

Capítulo 3

modo	escrito e falado (porções de falas transcritas)	escrito
tipo de texto	resultados de partidas, regras do jogo, narrações minuto a minuto e transmissão social	resultados de partidas; se possível, regras do jogo
período	últimos quatro anos (2010-2014)	1930 a 2014
seleção	de amostragem ³⁵ ; balanceado	de amostragem; balanceado
tamanho	aproximadamente um milhão de palavras em cada língua	a definir
fontes	jornais, tabloides, periódicos esportivos, periódicos especializados em futebol, uma revista e uma agência de notícias ³⁶ .	português: Jornal do Brasil inglês: The Daily Telegraph

Quadro 2: Composição inicial do *corpus* de estudo.

No entanto, ao longo da pesquisa, fizeram-se necessárias alterações, que são discutidas e justificadas no próximo item.

3.1.2 Critérios redefinidos

A ideia inicial era ampliar o *corpus* de estudo já existente, compilado durante nossa pesquisa de mestrado, que conta com aproximadamente um milhão de palavras em cada língua, e, a partir desse *corpus* ampliado, realizar a extração dos candidatos a termo. No entanto, no decorrer da pesquisa notamos que seriam necessárias algumas alterações na composição do *corpus* para que pudéssemos atingir os resultados esperados.

Primeiramente, decidimos compilar um novo *corpus*. O *corpus* compilado para a nossa pesquisa de mestrado tinha como objetivo servir de base para o levantamento de termos e unidades fraseológicas especializadas (UFEs) do futebol e, uma vez que um *corpus* deve ser representativo de uma totalidade linguística, coletamos textos de resultados de partidas do campeonato inglês, do campeonato espanhol, do campeonato italiano, da liga dos campeões, do campeonato brasileiro e da Libertadores da América. O *corpus* foi bastante útil para a pesquisa; no entanto, nossa pesquisa de doutorado almeja verificar como os diferentes jeitos de jogar na Inglaterra e no Brasil, como a história do futebol em cada uma dessas culturas e como a apropriação cultural das regras reflete na terminologia utilizada para falar sobre

³⁵ *Corpus* composto por porções de textos ou de variedades textuais, planejado para ser uma amostra finita da linguagem como um todo (BERBER SARDINHA, 2004, p. 20).

³⁶ Uma vez que agências de notícias não publicam periodicamente sobre resultados de partidas, coletamos textos de uma agência de notícias somente em inglês.

Capítulo 3

futebol em português brasileiro e em inglês britânico.

Assim, os textos de outros campeonatos, que não os de campeonatos Brasileiros e campeonatos Ingleses, não contribuiriam para a identificação das particularidades das duas culturas em estudo. No entanto, não descartamos o *corpus* existente, pois o utilizamos para validar termos, colocações e CLEs que não apresentam uma ocorrência relativamente alta³⁷ no *corpus* de estudo e, muitas vezes, para extrair exemplos que porventura possam ser mais explicativos do que os presentes no novo *corpus*.

Ressaltamos, também, que os textos sobre resultados de partidas da Copa das Confederações e da Copa do Mundo das seleções do Brasil e da Inglaterra fazem parte da composição do *corpus* de estudo e os textos referentes às partidas de outras seleções foram utilizados da mesma forma que o *corpus* compilado durante o nosso mestrado. Sendo assim, por questão de organização, nomeamos o *corpus* compilado durante o mestrado e o *corpus* composto por textos sobre campeonatos europeus “*corpus* de validação”. Composto por textos coletados entre o período de 2006 e 2010, e acrescido de textos coletados da Copa das Confederações de 2013, da Copa do Mundo de 2014, do Campeonato Espanhol, do Campeonato Alemão, do Campeonato Italiano e do Campeonato Francês, esse *corpus*, que contabiliza aproximadamente um milhão e duzentas mil palavras em cada língua, foi utilizado única e exclusivamente para validação dos termos e busca de exemplos e equivalentes.

O *corpus* de estudo utilizado na pesquisa é composto por textos de periódicos ingleses sobre partidas da *Barclay's Premier League* (primeira divisão), do *Coca-Cola Championship* (segunda divisão), da *Coca-Cola League One* (terceira divisão), e da *Coca-Cola League Two* (quarta divisão) da temporada de 2013/2014 e por textos de periódicos brasileiros sobre partidas da primeira e da segunda divisões do campeonato brasileiro, do Campeonato Paulista, do Campeonato Carioca, do Campeonato Mineiro, do Campeonato Gaúcho e do Campeonato Baiano de 2013.

No que se refere à compilação de um *minicorpus* histórico, tivemos que rever sua validade para a pesquisa. Iniciamos a compilação do *corpus* com a coleta de

³⁷ Em nossa pesquisa, trabalhamos com termos que ocorrem, até mesmo, uma única vez no *corpus*. No entanto, sempre que a frequência de um termo ou CLE foi inferior a três, utilizamos outras fontes para validar o termo ou CLE.

Capítulo 3

textos do *Jornal do Brasil*; no entanto, esse processo mostrou-se muito laborioso. Primeiramente, mesmo tendo livre acesso ao arquivo histórico do *Jornal do Brasil*, não encontramos textos sobre o resultado de diversas partidas de futebol ocorridas no período proposto. Decidimos, então, fazer um recorte e selecionar oito textos por Copa, sem fazer discriminação de fases (fases de grupos, oitavas-de-final, quartas-de-final, semifinal, final), com o intuito de facilitar a compilação. Contudo, mesmo com o recorte realizado, não encontramos oito textos sobre partidas jogadas pelas seleções do Brasil e da Inglaterra em todas as copas, mesmo porque a Inglaterra não se classificou para as copas de 1934, 1938, 1974, 1978 e 1994. Além disso, o arquivo do *Jornal do Brasil* disponibiliza todos os textos em formato PDF, fator que dificulta bastante a compilação do *corpus*, uma vez que o *software* utilizado só trabalha com arquivos de texto (.txt).

Ainda no início do projeto, adquirimos o *software OmniPage*³⁸, um dos mais eficientes conversores de PDF disponíveis no mercado, e tentamos converter os textos para o formato TXT, revisar os arquivos convertidos e adicioná-los ao *corpus*. Todavia, a tentativa não foi bem sucedida, pois o conversor não reconhecia a maior parte dos caracteres dos textos. Em vez de revisar, teríamos de digitar os textos novamente, uma vez que o número de erros e caracteres desconhecidos que o programa retornava era superior ao número de frases inteiras ou mesmo de palavras sem nenhum erro de digitação.

Acreditamos que a inaplicabilidade do conversor para nossa pesquisa deu-se pelo fato de o banco de dados do *Jornal do Brasil* ser composto por textos escaneados de textos originais que, muitas vezes, não são 100% legíveis. Tivemos o mesmo problema com o jornal britânico *The Daily Telegraph*: os textos estavam em formato PDF e o reconhecimento dos caracteres pelo *software* mostrou-se bastante falho. Ademais, em inglês ainda deparamos com o problema do acesso aos textos. O jornal disponibiliza textos antigos em um banco de dados *on-line*. Contudo, a disponibilização dos textos não era feita de forma periódica. Dessa forma, não seria possível realizar a busca por meio de jogos da Copa do Mundo, uma vez que não encontramos textos de algumas Copas no banco de dados.

³⁸ Disponível em: < http://www.software.com.br/p/omnipage-professional?gclid=Cj0KEQjwhuqrBRCFuPz4ipOx5JIBeiQAZJ7F-nvbCJ-b_xKdewW3KwY4-a62aB4v-TUh8jI_GuEc3nkaAuRq8P8HAQ. Acesso em: 13 abr. 2014.

Capítulo 3

Ante as dificuldades expostas, decidimos não seguir adiante com a compilação do *minicorpus* histórico, que enriqueceria os achados da pesquisa, mas que não faz parte, e nem é imprescindível, para a concretização de nosso objetivo principal. Dessa forma, para garantir a dimensão cultural e histórica do projeto, contamos com a contribuição de pesquisadores do LUDENS, mestrandos e doutorandos em história ou em antropologia, que estão realizando suas pesquisas sobre futebol. Esses pesquisadores atuaram como consultores, ou seja, sempre que uma dúvida em relação à utilização ou ao surgimento de um termo ocorria, discutíamos com eles seu uso e sua relação com o futebol brasileiro ou inglês. Além disso, a interação com esse grupo de pesquisadores possibilitou um contato muito produtivo com obras sobre a história do futebol. Enfim, as leituras realizadas sobre o surgimento do futebol como esporte, a história do futebol no Brasil e na Inglaterra, a dimensão do futebol na sociedade contemporânea, as formas-representações dos futebolis e a relação entre futebol, cultura e identidade nacional foram bastante proveitosas para o entendimento das particularidades do léxico do futebol em português brasileiro e inglês britânico.

Apresentamos, no quadro abaixo, a configuração final do *corpus* de estudo:

Conteúdo	especializado	
Assunto	futebol	
Autoria	de língua nativa	
Línguas	português (BR) e inglês (ING); comparável	
Finalidade	de estudo	
Meio	eletrônico	
Modo	escrito e falado (porções de falas transcritas)	
Tipos de texto	resultados de partidas (RP), descrições de partidas (DP), relatos de partidas com comentários de internautas (RPCI), notícias sobre compra e venda de jogadores e técnicos (CV) e notícias sobre a situação dos times nos campeonatos (ST).	
Período	2013 - 2014	
Seleção	de amostragem; balanceado ³⁹	
Tamanho	aproximadamente 500 mil palavras em cada língua	
	Inglês	Português

³⁹ Utilizamos as caracterizações de *corpora* propostas por Berber Sardinha (2004), segunda as quais um *corpus* de amostragem representa uma amostra finita da linguagem - é composto por porções de textos ou variedades textuais e um *corpus* balanceado contém número similar de palavras em todas as categorias (registros, tipos, gêneros textuais etc.) que abrange, fato que nem sempre é possível devido às próprias características intrínsecas a cada gênero, como em nossa pesquisa.

Capítulo 3

	No. palavras	No. textos	No. palavras	No. textos
	600.079	612	469.765	864

Quadro 3: Configuração final do *corpus*.

3.1.3 Composição do *corpus*

Redefinidos os critérios de compilação, construímos um *corpus* com as seguintes características:

	total		RP		DP		RPCI		CV		ST	
	nº de palavras	nº de textos	nº de palavras	nº de textos	nº de palavras	nº de textos	nº de palavras	nº de textos	nº de palavras	nº de textos	nº de palavras	nº de textos
ING	600.079	612	420.055	428	68.008	55	72.328	73	20.004	32	18.684	24
PT	469.765	864	328.835	605	56.370	103	42.278	74	23.488	51	18.794	31

Tabela 1: Características do *corpus* de estudo.

O número de palavras difere consideravelmente entre os dois *subcorpora*: 600.079 em inglês e 469.765 em português. Contudo, vale enfatizar que tentamos, na medida do possível, fazer o balanceamento pelo número de palavras em cada categoria e não pelo número de textos. Por meio da tabela 1, observamos que em todas as categorias o *subcorpus* em português possui número maior de textos; já em relação ao número de palavras desses textos, o *subcorpus* em inglês supera o *subcorpus* em português apenas nas categorias CV e ST. Ressaltamos que encerramos a coleta do *subcorpus* em português em dezembro de 2013 e a coleta do *subcorpus* de inglês em julho de 2014 devido à diferença nas datas de início e término dos campeonatos no Brasil e na Inglaterra.

A categoria que apresenta maior diferença no número de palavras em inglês e em português – 42% – é o de relatos de partidas com comentários de internautas (RPCI). Tal diferença pode ser justificada por dois motivos principais. Primeiramente, é característica intrínseca aos textos em inglês apresentarem mais informações e serem mais detalhados, conforme explicaremos abaixo. Além disso, fazer comentários em um *site* sobre os lances do jogo parece ser prática comum ao torcedor inglês, que interage durante toda a partida com os comentaristas, opinando sobre os lances, jogadas e atitudes dos jogadores e do juiz, ao passo que o torcedor brasileiro parece

Capítulo 3

não ter tal interesse, e, quando participa das narrações, muitas vezes aborda outros tópicos que não a partida em si⁴⁰.

Outro fator que contribuiu para delimitar o encerramento da coleta do *corpus* foi a relação *type/token ratio*⁴¹ das cinco categorias. Em inglês o *type/token ratio* continuava a subir à medida que inseríamos mais textos, indicando a incidência de palavras novas (*types*); já em português essa relação não apresentou alteração, ou seja, o número de formas novas não aumentava significativamente conforme inseríamos mais textos no *corpus*. Dessa forma, se continuássemos a coletar textos, o *subcorpus* em inglês teria uma riqueza lexical maior do que o *subcorpus* em português. Ressaltamos que, se o objetivo dessa pesquisa fosse realizar um levantamento completo dos termos do futebol nas duas línguas, teríamos que continuar a coletar textos em inglês e o balanceamento seria justificado pela *type/token ratio* nos dois *subcorpora*, e não pelo número de palavras. No entanto, como pretendemos verificar como os jeitos de jogar influenciam o léxico, acreditamos que, embora as palavras-chave levantadas não representem a totalidade da linguagem futebolística em inglês, são suficientes para o estabelecimento de uma ligação entre cultura futebolística e léxico.

Para explicar a diferença no número de palavras dos dois *subcorpora*, utilizamos o conceito de *high and low context cultures* do antropólogo Edward Hall (1976). Hall parte do pressuposto de que a quantidade de informação linguística e contextual necessária para transmitir uma mensagem varia de acordo com a cultura e, para descrever as culturas, o autor cria dois grupos: *high-context culture* e *low-context culture*.

O primeiro grupo, *high-context*, é formado por países como Brasil, Itália, Grécia e países da África, Ásia e América Latina. Essas culturas são caracterizadas por utilizarem grande quantidade de elementos contextuais, os quais auxiliam seus integrantes a entenderem as regras, ou seja, o modo como a cultura funciona. Por esse motivo, parte da informação fica implícita, é o dito pelo não dito; informações que

⁴⁰ Não eliminamos nenhum dos comentários realizados pelos internautas, nem mesmo os que fogem à partida.

⁴¹ Relação entre o número de palavras corridas e palavras distintas. Na frase “O jogador cobrou o pênalti”, há cinco *types* (palavras corridas) e quatro *tokens* (palavras distintas), pois o artigo “o” ocorre duas vezes.

Capítulo 3

estão subentendidas na fala, ou, em nosso caso, em um texto, podem contribuir muito mais para a transmissão do significado do que aparentam. Essas culturas possuem um forte senso de comunidade, fator que implica em diferentes estilos comportamentais (MANCA, 2010, p. 373), que são dados como subentendidos e, raramente, aparecem de forma explícita.

O segundo grupo, *low-context*, é formado por países como Estados Unidos, Alemanha, Suíça e outros países da Europa Ocidental e do Reino Unido. As culturas que se enquadram nesse grupo são caracterizadas por explicitar os elementos contextuais. Quase nada é subentendido, os assuntos são debatidos exaustivamente de modo que não restem dúvidas ou margem para uma interpretação equivocada. A comunicação é feita da forma mais explícita possível e é realizada por meio da transmissão de fatos, sem a expressão de sentimentos.

A teoria de Hall é bastante complexa e detalhada⁴². Contudo, para nossa pesquisa, selecionamos apenas três elementos que acreditamos desempenharem papel fundamental na produção dos textos sobre futebol: clareza das mensagens, uso da comunicação não verbal e flexibilidade de tempo. O quadro a seguir mostra como esses três elementos se realizam nos dois tipos de cultura:

	<i>high-context cultures</i>	<i>low-context cultures</i>
Clareza das mensagens	informação implícita; o significado contido nas entrelinhas é tão importante quanto o que está explícito.	informação explícita; transmitida de forma clara e simples de modo a não deixar nada subentendido.
Uso da comunicação não verbal	muita informação não verbal.	ausência de informação não verbal; todo o significado deve estar explícito em forma de texto.
Flexibilidade de tempo	tempo policromático; a noção de tempo é aberta e flexível; pouca importância é atribuída a horários marcados; agendar uma atividade é tarefa quase impossível, a menos que o indivíduo tenha aprendido a se organizar de acordo com o tempo monocromático (HALL, 1976, p. 22) ⁴³ .	tempo monocromático; horários marcados, segmentação das atividades e prontidão funcionam como pilares na organização da noção de tempo.

Quadro 4: Contraste de algumas características entre *high-context cultures* e *low-context cultures*.

⁴² Quadro completo disponível em: http://www.changingminds.org/explanations/culture/hall_culture.htm. Acesso em: 5 maio 2011.

⁴³ Para Hall, embora a noção de tempo seja cultural, é possível para uma pessoa de *high-context culture* aprender a lidar com o tempo monocromático.

Capítulo 3

O quadro, a partir da visão de Hall, mostra alguns pontos em que a cultura brasileira (*high-context culture*) e a cultura inglesa (*low-context culture*) diferem no que se refere à produção de textos. Nos textos de nosso *corpus*, a clareza das mensagens fica evidente nos textos jornalísticos sobre o resultado de uma partida em inglês. As informações são apresentadas de forma linear e simples. A própria divisão das páginas das notícias reflete essa organização. Tomemos, por exemplo, a estrutura da notícia de dois jornais brasileiros e de dois jornais ingleses transmitindo o resultado de uma partida:

The image shows a screenshot of a Guardian article titled "Manchester United's Juan Mata sinks Liverpool after Steven Gerrard red card". The article is dated 11 March 2015. Red arrows point from Portuguese labels to specific parts of the page: "relatório" points to the main text, "estatísticas" points to the "Premier League" table, and "comentários dos internautas" points to the "comments" section.

relatório

estatísticas

comentários dos internautas

Figura 1: Página do jornal *The Guardian* sobre o resultado da partida entre o *Manchester United* e o *Liverpool* pela *Premier League* de 2015.⁴⁴

⁴⁴ A página da notícia foi editada para melhor visualização. Retiramos todas as propagandas presentes entre os parágrafos, mas preservamos todos os elementos que compõem a notícia. Notícia integral

Capítulo 3

esporte

paulista libertadores seleção brasileira rio

Paulista 2015

FINAIS PRIMEIRA FASE CLASSIFICAÇÃO REGULAMENTO

Rogério Ceni perde pênalti polêmico, e Corinthians vence São Paulo outra vez

São Paulo x Corinthians 10 de 22

Ricardo Negrete/Folha

fotos

GUILHERME YOSHIDA COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

08/03/2015 19h06

Com um pênalti polêmico desperdiçado pelo goleiro Rogério Ceni já no segundo tempo, o Corinthians venceu o clássico contra o São Paulo por 1 a 0, neste domingo (8), no Morumbi, pela oitava rodada do Campeonato Paulista.

No lance polêmico, Michel Bastos chutou forte e a bola bateu no braço do zagueiro Gil dentro da grande área. O árbitro Leandro Bizzio Marinho entendeu que o zagueiro colocou o braço de propósito, marcou o pênalti e ainda expulsou o camisa 4 corinthiano.

Mas, o goleiro Cássio, com as pernas, conseguiu fazer a defesa na cobrança do capitão são-paulino e assegurou a vitória corintiana, obtida com um gol de Danilo ainda na etapa inicial.

Com isso, o Corinthians aumentou para 13 jogos o período sem perder para o rival no Morumbi. A última derrota aconteceu em fevereiro de 2007, quando Rogério Ceni, Lenilson e Leandro marcaram na vitória são-paulina por 3 a 1, pelo Campeonato Paulista.

De quebra, os visitantes conseguiram manter a invencibilidade na temporada. Em 2015, a equipe de Tite fez 11 partidas oficiais. Ganhou nove vezes e empatou duas, sendo dois triunfos justamente contra o São Paulo.

comentários

Comentar esta reportagem

rogemon (2452) 08/03/2015 00h12

Rogério, vc está perdendo oportunidades de deixar o futebol por cima. Não deixe para parar como responsável pelos resultados ruins do sp em 2015. Aproveite o carinho da torcida para isso.

O comentário não representa a opinião do jornal; a responsabilidade é do autor da mensagem

Responder

souza (6) 08/03/2015 20h35

O São Paulo perdeu uma ótima oportunidade de quebrar o tabu neste jogo, agora levará para o dia 22/04 um peso enorme, o de não vencer seu principal rival em sua própria casa há quase uma década.

O comentário não representa a opinião do jornal; a responsabilidade é do autor da mensagem

Responder

HuqqrT (4428) 08/03/2015 20h40

Ei, você aí. Freguês em Itaquera. Freguês no Morumbi.

O comentário não representa a opinião do jornal; a responsabilidade é do autor da mensagem

Responder

tvfolha

São Paulo 0 x 1 Corinthians

vídeo

O resultado levou o Corinthians aos 19 pontos, na liderança isolada do Grupo B do Estadual, enquanto o São Paulo permaneceu com 17, também na ponta da Chave A. Agora, os dois times voltam a se enfrentar pela Libertadores no próximo dia 22 de abril.

Assim como aconteceu no clássico válido pela Libertadores no Itaquera, o São Paulo teve mais posse de bola e presença ofensiva por boa parte do jogo. Responsáveis pela armação no time do Morumbi, Michel Bastos e Ganso tiveram atuações muito discretas, principalmente, no primeiro tempo. Em contrapartida, Centurión foi o principal destaque na equipe da casa e atacou bastante pelo lado esquerdo do ataque são-paulino, dando muito trabalho para o lateral Fagner na marcação.

estatísticas

Escalção	Estadísticas gerais
São Paulo	Corinthians
1º Tempo	1º Tempo
2º Tempo	2º Tempo
3º Tempo	3º Tempo
4º Tempo	4º Tempo
5º Tempo	5º Tempo
6º Tempo	6º Tempo
7º Tempo	7º Tempo
8º Tempo	8º Tempo
9º Tempo	9º Tempo
10º Tempo	10º Tempo
11º Tempo	11º Tempo
12º Tempo	12º Tempo
13º Tempo	13º Tempo
14º Tempo	14º Tempo
15º Tempo	15º Tempo
16º Tempo	16º Tempo
17º Tempo	17º Tempo
18º Tempo	18º Tempo
19º Tempo	19º Tempo
20º Tempo	20º Tempo
21º Tempo	21º Tempo
22º Tempo	22º Tempo
23º Tempo	23º Tempo
24º Tempo	24º Tempo
25º Tempo	25º Tempo
26º Tempo	26º Tempo
27º Tempo	27º Tempo
28º Tempo	28º Tempo
29º Tempo	29º Tempo
30º Tempo	30º Tempo
31º Tempo	31º Tempo
32º Tempo	32º Tempo
33º Tempo	33º Tempo
34º Tempo	34º Tempo
35º Tempo	35º Tempo
36º Tempo	36º Tempo
37º Tempo	37º Tempo
38º Tempo	38º Tempo
39º Tempo	39º Tempo
40º Tempo	40º Tempo
41º Tempo	41º Tempo
42º Tempo	42º Tempo
43º Tempo	43º Tempo
44º Tempo	44º Tempo
45º Tempo	45º Tempo
46º Tempo	46º Tempo
47º Tempo	47º Tempo
48º Tempo	48º Tempo
49º Tempo	49º Tempo
50º Tempo	50º Tempo
51º Tempo	51º Tempo
52º Tempo	52º Tempo
53º Tempo	53º Tempo
54º Tempo	54º Tempo
55º Tempo	55º Tempo
56º Tempo	56º Tempo
57º Tempo	57º Tempo
58º Tempo	58º Tempo
59º Tempo	59º Tempo
60º Tempo	60º Tempo
61º Tempo	61º Tempo
62º Tempo	62º Tempo
63º Tempo	63º Tempo
64º Tempo	64º Tempo
65º Tempo	65º Tempo
66º Tempo	66º Tempo
67º Tempo	67º Tempo
68º Tempo	68º Tempo
69º Tempo	69º Tempo
70º Tempo	70º Tempo
71º Tempo	71º Tempo
72º Tempo	72º Tempo
73º Tempo	73º Tempo
74º Tempo	74º Tempo
75º Tempo	75º Tempo
76º Tempo	76º Tempo
77º Tempo	77º Tempo
78º Tempo	78º Tempo
79º Tempo	79º Tempo
80º Tempo	80º Tempo
81º Tempo	81º Tempo
82º Tempo	82º Tempo
83º Tempo	83º Tempo
84º Tempo	84º Tempo
85º Tempo	85º Tempo
86º Tempo	86º Tempo
87º Tempo	87º Tempo
88º Tempo	88º Tempo
89º Tempo	89º Tempo
90º Tempo	90º Tempo
91º Tempo	91º Tempo
92º Tempo	92º Tempo
93º Tempo	93º Tempo
94º Tempo	94º Tempo
95º Tempo	95º Tempo
96º Tempo	96º Tempo
97º Tempo	97º Tempo
98º Tempo	98º Tempo
99º Tempo	99º Tempo
100º Tempo	100º Tempo

Figura 2: Página do jornal *Folha de São Paulo* sobre o resultado da partida entre o *Corinthians* e o *São Paulo* pelo campeonato Paulista de 2015.⁴⁵

disponível em: < <http://www.theguardian.com/football/2015/mar/22/liverpool-manchester-united-premier-league-match-report> >. Acesso em: 29 abr. 2015.

⁴⁵ A página da notícia foi editada para melhor visualização. Retiramos todas as propagandas presentes entre os parágrafos, mas preservamos todos os elementos que compõem a notícia. Notícia integral disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2015/03/1599967-rogerio-ceni-perde-penalti-polemico-e-corinthians-vence-sao-paulo-outra-vez.shtml>>. Acesso: 29 abr. 2015.

Capítulo 3

Como podemos notar, a página do jornal brasileiro apresenta uma notícia principal sobre a partida, um quadro com estatísticas, fotos e um vídeo. Por outro lado, ao observarmos a página do *The Guardian*, notamos uma quantidade considerável de *links* na página da notícia principal. Observamos que o *site* apresenta o relatório da partida, a transmissão minuto a minuto, uma notícia que foi publicada antes do início da partida discutindo as expectativas para a partida, bem como a escalação dos times, os números da partida (faltas cometidas, posse de bola de cada time, impedimentos etc.) e ainda comentários feitos pelos internautas sobre a partida, publicados em ordem cronológica. Além dessa diferença na estrutura, o texto é rico em detalhes e os relatos são feitos de forma precisa, evitando, dessa forma, uma interpretação equivocada dos lances da partida. Por outro lado, nos textos em português as informações nem sempre são apresentadas de forma linear e há muita informação implícita, como, por exemplo, a omissão das jogadas que resultaram em um gol, fator que em hipótese alguma compromete o significado do texto para um leitor inserido em nossa cultura.

Outro fato interessante no que se refere às diferenças das notícias em inglês e português é o número de tipos de comentários de internautas nos dois *sites*: a página do jornal brasileiro apresenta somente quatro comentários, todos eles expressando descontentamento dos torcedores do *São Paulo F.C.* com o time; já a página do jornal inglês apresenta mais de 2.000 comentários, de razões diferentes, como, por exemplo, comentários sobre os lances da partida, elogios, descontentamentos, expectativas, discussões sobre esquema tático adotado etc. No que se refere ao uso da informação não verbal, constatamos que as notícias em português utilizam mais recursos visuais (fotos e vídeos) do que as notícias em inglês.

Quanto à flexibilidade de tempo, observamos que, durante as descrições de partidas com comentários de internautas, o público inglês tende a comentar lance por lance, ao passo que o público brasileiro, ao opinar, geralmente tece um comentário geral sobre um período da partida, sobre um lance polêmico ou sobre o resultado final.

Enfim, cremos que a teoria de Hall contribui de forma significativa para o nosso entendimento do funcionamento dos textos no Brasil e na Inglaterra, além de

Capítulo 3

fornecer subsídios necessários para as decisões sobre os critérios de compilação do *corpus*.

Nos subitens que seguem, justificamos o recorte de campeonatos nas duas línguas e apresentamos, de forma mais detalhada, as fontes dos textos que compõem os *subcorpora* de estudo. A caracterização está dividida por língua e é feita em forma de gráficos para melhor visualização e apresentada na seguinte ordem: resultados de partidas (RP), descrição de partidas (DP), relatos de partidas com comentários de internautas (RPCI), notícias sobre compra e venda de jogadores e técnicos (CV) e notícias sobre a situação dos times nos campeonatos (ST).

3.1.3.1 *Subcorpus* em português

O *subcorpus* em português é composto por textos de periódicos brasileiros sobre partidas da primeira e da segunda divisões do Campeonato Brasileiro, do Campeonato Paulista, do Campeonato Carioca, do Campeonato Mineiro, do Campeonato Gaúcho e do Campeonato Baiano de 2013. Justificamos o recorte realizado devido à dimensão dos campeonatos selecionados e à disponibilidade de textos sobre as partidas.

Selecionamos a série A do Campeonato Brasileiro, conhecido como “Brasileirão”, uma vez que esse é o maior torneio entre clubes do país. A temporada tem início em maio e término em dezembro, totalizando 38 rodadas com dez partidas cada. No final do campeonato, os quatro últimos colocados caem para a série B e os quatro primeiros colocados da série B sobem para a série A.

Decidimos coletar também textos da série B, pois, uma vez que todo ano quatro times da série A caem para a série B, o campeonato conta com a participação de times de tradição no futebol brasileiro. Além disso, é transmitido nas redes aberta e fechada de TV, sendo que grande parte dos *sites* acessados publica notícias sobre os resultados das partidas do campeonato de forma regular.

Os campeonatos Paulista, Carioca, Mineiro, Gaúcho e Baiano também foram selecionados devido à disponibilidade de notícias sobre suas partidas com regularidade. A princípio estávamos receosos sobre a seleção de campeonatos estaduais, já que nossa pesquisa analisa a linguagem do futebol do Brasil como um

Capítulo 3

todo e não tem como objetivo trabalhar com regionalismos. Contudo, o cabeçalho criado para o armazenamento dos textos nos permite verificar se um termo ocorre somente em um campeonato ou em um jornal específico⁴⁶.

Partindo do pressuposto de que os resultados de uma pesquisa com *corpus* dependem da composição do *corpus* de estudo, tentamos compilar um *corpus* que abrangesse os principais veículos de informação sobre futebol. Dessa forma, utilizamos jornais e tabloides, portais de notícias, *sites* esportivos, *sites* de clubes, agências de notícias, emissoras, revistas e *sites* de apostas para compilar o *corpus*.

O quadro 5 contém as fontes que configuram a categoria resultados de partidas (RP) em português, composto por textos das séries A e B do Campeonato Brasileiro, do Campeonato Paulista, do Campeonato Carioca, do Campeonato Mineiro, do Campeonato Gaúcho e do Campeonato Baiano de 2013:

fonte	site	sigla
Portais de notícias		
1. BOL notícias	http://noticias.bol.uol.com.br	BOL
2. IG esportes	http://esporte.ig.com.br	IG
3. Terra esportes	http://esportes.terra.com.br	TER
4. UOL esportes	http://esporte.uol.com.br	UOL
Jornais e Tabloides		
1. Agora	http://www.agora.uol.com.br	AGO
2. Correio 24 horas	http://www.correio24horas.com.br	COR
3. Diário de São Paulo	http://www.diariosp.com.br	DSP
4. Estado de Minas	http://www.em.com.br	EMI
5. Estado de São Paulo	http://www.estadao.com.br	EST
6. Folha de S. Paulo	http://www.folha.uol.com.br	FOL
7. Gazeta do Povo	http://www.gazetadopovo.com.br	GP
8. Jornal do Brasil	http://jblog.jb.com.br	JB
9. Jornal Extra	http://extra.globo.com	EXT
10. Metrô News	http://www.metronews.com.br	MET
11. O Dia	http://odia.ig.com.br	DIA
12. O Globo	http://oglobo.globo.com	GLB
13. Zero Hora	http://zh.clicrbs.com.br/rs/	ZER
Sites esportivos		
1. Acervo Santista	http://www.acervosantista.com.br	ASAN
2. Arena FC	http://www.arenafootballclub.com.br	ARE
3. Canelada	http://canelada.com.br	CAN
4. CBF News	http://www.cbf.com.br/noticias	CBF
5. ESPN	http://espn.uol.com.br	ESPN
6. Estádio VIP	http://estadiovip.com.br	EVIP
7. Futebol Interior	http://www.futebolinterior.com.br	FINT
8. Futebol na Rede	http://futebolnarede.com	FRED
9. Gazeta Esportiva	http://www.gazetaesportiva.net	GAE

⁴⁶ O cabeçalho criado será apresentado no item 3.1.5.

Capítulo 3

10. Globo Esporte	http://globoesporte.globo.com	GLE
11. Impedimento	http://impedimento.org	IMP
12. Lance!Net	http://www.lancenet.com.br	LAN
13. Olé do Brasil	http://oledobrasil.com.br	OLE
14. Plantão do Futebol	http://www.plantaodofutebol.com.br	PFU
15. SportTV	http://sportv.globo.com/site/	STV
16. Tempo Real	http://globotv.globo.com/busca/?q=tempo+real	TR
17. Torcedores	http://torcedores.com	TOR
18. Trivela	http://trivela.uol.com.br	TRI
Blogs de futebol		
1. Blog Marcondes Brito	http://blogs.band.com.br/marcondesbrito/	BMB
2. Blog Fernando Sampaio	http://blog.jovempan.uol.com.br/fernandosampaio/	BFS
3. Blog do Milton Neves	http://blogmiltonneves.bol.uol.com.br	BMN
4. Blog do Neto	http://blogdoneto.blogosfera.uol.com.br	BN
Sites de clubes		
1. Corinthians	http://www.corinthians.com.br/site/home/	CFC
2. São Paulo Futebol Clube	http://www.saopaulofc.net	SPFC
3. Santos Futebol Clube	http://santosfc.com.br	SFC
Revistas		
1. Area H	http://www.areah.com.br	AREH

Quadro 5: Fontes utilizadas para a compilação da categoria RP do subcorpus em português.

Utilizamos, portanto, 47 fontes distintas, com o intuito de abranger os principais veículos de informação da imprensa futebolística brasileira. Quatro dessas fontes são portais de notícias: *BOL notícias*, *IG sports*, *Terra sports* e *UOL esportes*. A seleção foi feita tendo em mente a disponibilidade de notícias, a regularidade com que são publicadas e a organização do *site*, já que, devido à própria natureza desse tipo de publicação – que visa transmitir informações de forma rápida, muitas vezes quase instantânea –, a organização em relação ao modo como as notícias são publicadas pode deixar a desejar. Não raro deparamos com portais de notícias que transmitem notícias de jogos de partidas, mas que não possuem uma página de “esportes” ou “futebol”. Sendo assim, a notícia fica na página inicial quando é publicada, mas depois sai dessa página e fica arquivada em alguma parte do *site* que não possui uma temática clara, dificultando bastante o trabalho de coleta do *corpus*.

No que se refere aos jornais e tabloides, utilizamos dois critérios para a seleção. Primeiramente, selecionamos veículos que publicam notícias sobre resultados de partidas das séries A e B do Campeonato Brasileiro regularmente: *Estado de São Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*. O segundo critério foi selecionar jornais dos estados onde acontecem os cinco campeonatos com os quais trabalhamos. Assim, a categoria RP conta com cinco jornais de São Paulo (*Agora*, *Diário de São Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *Estado de São Paulo* e *Metrô news*), quatro

Capítulo 3

jornais do Rio de Janeiro (*Jornal do Brasil*, *Jornal Extra*, *O Dia* e *O Globo*), dois jornais do Rio Grande de Sul (*Gazeta do Povo* e *Zero Hora*), um jornal de Minas (*Estado de Minas*) e um jornal da Bahia (*Correio 24 horas*).

Estamos cientes da maior presença de jornais paulistas e cariocas na composição dessa categoria. No entanto, acreditamos que, uma vez que nossa pesquisa tem como objetivo estudar a linguagem do futebol no português brasileiro em geral – utilizamos etiquetas que auxiliam na identificação de possíveis regionalismos –, tal fato não prejudique os resultados da pesquisa. Ademais, as páginas dos jornais de São Paulo e do Rio são, de forma geral, mais organizadas do que as páginas dos jornais dos demais estados.

A seleção dos *sites* esportivos, que abrange tanto *sites* esportivos em geral quanto *sites* exclusivos sobre futebol, foi baseada no critério da confiabilidade. Para tanto, consultamos um grupo de especialistas que, como explicado anteriormente, é constituído por estudiosos do futebol, jornalistas esportivos e torcedores em geral. Após a listagem dos *sites* mencionados, verificamos a viabilidade da coleta. Afinal, alguns *sites* publicam notícias de forma mais esporádica, sem apresentar certa regularidade, o que não nos interessava muito devido ao tempo que dispenderíamos para verificar se a notícia sobre determinado jogo havia de fato sido publicada em determinado periódico durante todo o processo de coleta do *corpus*.

Durante as conversas com os especialistas sobre *sites* esportivos, foram mencionados quatro *blogs*: *Blog Marcondes Brito*, *Blog Fernando Sampaio*, *Blog do Milton Neves* e *Blog do Neto*. Dada a popularidade dos *blogs* entre os especialistas, optamos por incluí-los em nosso *corpus*. Vale ressaltar que não incluímos essa categoria de *site* no *subcorpus* em inglês, pois *blogs* sobre futebol não parecem ser tão comuns na Inglaterra quanto no Brasil e, além disso, os *blogs* que encontramos são, em sua maioria, compostos por crônicas esportivas e raramente publicam *posts* sobre resultados de partidas.

Selecionamos os *sites* dos clubes *Corinthians*, *São Paulo Futebol Clube* e *Santos Futebol Clube* devido à regularidade com que os três publicam notícias sobre as partidas de seus times e à organização, fator de extrema importância para encontrar uma notícia de um jogo que ocorreu, por exemplo, três dias antes da coleta do texto.

Por fim, decidimos coletar textos da revista *area H*, revista voltada ao público

Capítulo 3

masculino e que aborda diversos temas, como, por exemplo, consumo, relacionamento, carreira e futebol. O nome da revista surgiu em uma conversa informal com três fãs de futebol sobre os melhores *sites* esportivos. Um deles mencionou a revista, o segundo disse que nunca ouvira falar dela e o terceiro afirmou que jamais leria sobre futebol nesse tipo de publicação. Optamos por inserir a revista como fonte para a compilação do *corpus* uma vez que acreditamos que um *corpus* deve ser abrangente de uma língua ou variedade linguística.

O gráfico 1 mostra a porcentagem de cada tipo de veículo informativo na composição da categoria RP:

Gráfico 1: Tipos de fontes utilizadas na composição da categoria RP do *subcorpus* em português.

O segundo *subcorpus* é o de descrição de partidas (DP), que se diferencia do primeiro por tratar-se de textos que se assemelham muito a narrações, descrevem as partidas por meio de lances e são sempre divididos pelos minutos. A figura 3 mostra os dois gêneros textuais – RP e DP – no periódico *Lance!Net*:

The screenshot shows the LANCE!Net website interface. At the top, there's a navigation bar with categories like Futebol, FUT! Inter, Lutas, Vôlei, + Esportes, TV, + L!, Tabelas, Blogs, and De Prima. Below this is a search bar and a login section with fields for email and password, and buttons for ENTRAR and CADASTRE-SE. The main content area features a large headline: "Supremacia! Corinthians perdeu apenas um dos últimos 14 Dérbis" with a red "RP" label. Below the headline is a sub-headline: "Foram sete vitórias alvinegras e seis placares de igualdade nos últimos 14 confrontos. Única vitória do Palmeiras desde novembro de 2009 ocorreu no 1º turno do BR-11". There are social media sharing buttons for Twitter, Facebook, and Google+. A link is provided: <http://nolance.net/1r>. The article text starts with "LANCEPRESS! - 28/07/2014 - 11:57 São Paulo (SP)" and describes the match between Corinthians and Palmeiras. It mentions that Corinthians won the first derby at their new arena. A photo shows players on the field. The text continues: "A vitória sobre o Palmeiras neste domingo, pela 12ª rodada do Campeonato Brasileiro foi histórica para o Corinthians diante do fato de ser o primeiro Déربي da Arena em Itaquera. De quebra, confirmou a atual supremacia alvinegra sobre o maior rival." and "Se levar em consideração o histórico recente entre os maiores rivais da cidade de São Paulo, o déربي está mais alvinegro do que nunca. Nos últimos 14 confrontos entre Corinthians e Palmeiras, a equipe de Parque São Jorge perdeu apenas uma." and "O único revés desde novembro de 2009 ocorreu no primeiro turno do Brasileirão de 2011, em Presidente Prudente. Na ocasião, a equipe de Tite saiu na frente, com Emerson, mas levou a virada, com gols de Luan e Fernandão. E só." and "Nos outros 13 confrontos, deu Corinthians ou, no máximo, empate. Foram sete vitórias alvinegras e seis placares de igualdade, que marcam uma supremacia sobre o rival nesse exato momento de uma história quase centenária de rivalidade. Uma supremacia que ajudou o Timão a encostar na disputa geral dos rivais, agora com 121 x 119." A photo of a crowd is shown at the bottom. To the right, there's a sidebar with a "MINUTO!" section. It lists several items: "13:24 - Tardelli diz que ida para Copa América é 'realização de um sonho'", "13:22 - Jefferson comemora ida à Copa América: 'É sempre uma honra servir à Seleção'", "13:22 - Ausência de Réver no Inter surpreende funcionários do Atlético-MG", "13:17 - Guardiola, sobre Messi: 'Não se para nem em sonho. É impossível'", "13:08 - Lulinha faz o primeiro treino com o elenco do Botafogo", "13:07 - Anderson Silva treina boxe com o filho nos EUA. Veja o vídeo!", "13:05 - VÍDEO Spider treina boxe com seu filho", "13:04 - Dunga torce por final entre Barcelona e Real Madrid na Liga dos Campeões", and "13:01 - Blog do Carone: 'Vasco encorpa com'". There's also a "dreamstime" advertisement for 1 million new images every month.

Figura 3: Página do periódico on-line *Lance!Net* com resultado de partida (à esquerda) e a descrição da partida (à direita) que ocorreu entre Palmeiras e Corinthians pela 12ª rodada do Campeonato Brasileiro de 2014.⁴⁷

O quadro 6 mostra as fontes que configuram o *corpus* de descrições de partidas (DP) composto por textos da série A do Brasileirão:

fonte	site	sigla
portal de notícias		
1. Terra Esporte	http://esportes.terra.com.br	TER
jornais		
1. Estado de São Paulo	http://www.estadao.com.br	ESP

⁴⁷ Como explicado no início deste capítulo, coletamos textos do Campeonato Brasileiro do ano de 2013 para compilar o *corpus*. Durante a coleta, atentamos somente para o texto e não salvamos figuras e vídeos que, porventura, acompanhassem a notícia. Além disso, vale ressaltar que, embora tenhamos tido o cuidado de salvar o *link* de todas as notícias, muitas vezes os comentários minuto a minuto são excluídos da página após algum tempo. Por esse motivo, em nossa tese mostramos quase sempre notícias de jogos mais atuais, ainda disponíveis na página do veículo de informação em questão, acompanhadas de figuras e, vídeos e, possivelmente, da descrição da partida.

Capítulo 3

2. Folha de S. Paulo	http://www.folha.uol.com.br	FSP
sites esportivos		
1. Lance!Net	http://www.lancenet.com.br	LAN
2. Globo Esporte	http://globoesporte.globo.com	GLE

Quadro 6: Fontes utilizadas para a compilação da categoria DP do *subcorpus* em português.

Utilizamos apenas cinco *sites* para a coleta desse *subcorpus*, pois a grande maioria dos *sites* brasileiros ainda não disponibiliza descrições de partidas com regularidade. Alguns jornais e *sites* esportivos disponibilizam essas descrições esporadicamente, sem explicar aos leitores os critérios utilizados para privilegiar a descrição de algumas partidas em detrimento de outras. Nesses casos, optamos por não trabalhar com tais periódicos porque teríamos de acessar o *site* para verificar se havia a descrição. Em caso afirmativo, poderíamos coletar o texto, caso contrário, teríamos de procurar outro periódico, fato que tornaria a tarefa ainda mais laboriosa.

O gráfico a seguir mostra a porcentagem de cada tipo de veículo informativo na composição do *corpus*:

Gráfico 2: Tipos de fontes utilizadas na composição da categoria DR do *subcorpus* em português.

A maior parte dos textos coletados pertence aos dois jornais supracitados. Tal fato deu-se de forma natural, uma vez que tanto o *site* do *Estado de São Paulo* quanto o da *Folha de S. Paulo* publicam descrições de todos os jogos da série A do

Capítulo 3

Brasileirão e nenhum dos *sites* apresenta problemas, como, por exemplo, congelamento da página durante a transmissão. Além disso, os dois *sites* mantêm essas descrições disponíveis por vários dias após o término do jogo, fator que facilita o processo de coleta dos textos. 35% dessa categoria é composto por textos do portal de notícias *Terra*, que se mostrou bastante eficaz para esse tipo de transmissão. Por fim, 17% do é composto por DP dos *sites* esportivos *Lance!Net* e *Globo Esporte* que, embora publiquem DP da maioria das partidas do Campeonato Brasileiro, às vezes apresentam problemas de funcionamento.

A terceira categoria que compõe nosso *subcorpus* de estudo em português é composta por relatos de partidas com comentários de internautas (RPCI) da série A do Campeonato Brasileiro de 2013. Os RPCI diferenciam-se das DP, pois, nos primeiros, os internautas podem comentar juntamente com os narradores. A compilação de textos para essa categoria demandou bastante trabalho. Primeiramente, tivemos muita dificuldade para encontrar *sites* que disponibilizassem esse tipo de notícia com regularidade. Após observar as transmissões em várias rodadas do Campeonato, selecionamos os dois *sites* que transmitem as notícias com regularidade: o do jornal *Folha de S. Paulo* e o *site* do *Globo Esporte*. O primeiro transmite os comentários dos jogadores em uma caixa de texto separada dos comentários dos narradores; já o segundo transmite os comentários dos torcedores, que frequentemente estão no estádio assistindo ao jogo, ao lado dos comentários dos narradores. Observemos a figura abaixo:

Capítulo 3

Figura 4: Página de RPCIs do jornal *Folha de S. Paulo* (à direita) e do site do *Globo Esporte* (à esquerda).

Como mencionado anteriormente, utilizamos apenas dois veículos de informação para a coleta da categoria RPCI, que possui 74 textos, sendo que 50 foram coletados da *Folha de S. Paulo* e os outros 24, do *Globo Esporte*.

Para compor a categoria sobre compra e venda de jogadores e técnicos no Brasil no ano de 2013, utilizamos as seguintes fontes:

fonte	site	sigla
Jornais		
1. Estado de Minas	http://www.em.com.br	EMI
2. Estado de São Paulo	http://www.estadao.com.br	EST
3. Folha de S. Paulo	http://www.folha.uol.com.br	FOL
3. Jornal do Brasil	http://jblog.jb.com.br	JB
5. O Globo	http://oglobo.globo.com	GLB
6. Zero Hora	http://zh.clicrbs.com.br/rs/	ZER
Sites esportivos		
1. Canelada	http://canelada.com.br	CAN
1. CBF News	http://www.cbf.com.br/noticias	CBF
3. ESPN	http://espn.uol.com.br	ESPN
4. Estádio VIP	http://estadiovip.com.br	EVIP
5. Gazeta Esportiva	http://www.gazetaesportiva.net	GAE
6. Globo Esporte	http://globoesporte.globo.com	GLE
7. Impedimento	http://impedimento.org	IMP
8. Lance!Net	http://www.lancenet.com.br	LAN
9. Olé do Brasil	http://oledobrasil.com.br	OLE
10. Plantão do Futebol	http://www.plantaodofutebol.com.br	PFU

Capítulo 3

11. SportTV	http://sportv.globo.com/site/	STV
12. Tempo Real	http://globo.com/busca/?q=tempo+real	TR
13. Torcedores	http://torcedores.com	TOR
Blogs de futebol		
1. Blog do Milton Neves	http://blogmiltonneves.bol.uol.com.br	BMN
2. Blog do Neto	http://blogdoneto.blogosfera.uol.com.br	BN

Quadro 7: Fontes utilizadas para a compilação da categoria CV em português

Para compilar a categoria CV do *subcorpus* de estudo em português, utilizamos 21 fontes distintas. Os *sites* que mais publicam notícias sobre compra e venda de jogadores são os *sites* esportivos. Acreditamos que tal fato justifique-se por ser o leitor desses *sites* geralmente “mais especializado”, desejoso de obter outros tipos de informação sobre seu time além dos resultados das partidas. Os *blogs* de futebol também publicam esse tipo de notícia com certa regularidade, seguidos dos jornais. O gráfico 3 mostra a divisão das fontes utilizadas:

Gráfico 3: Tipos de fontes utilizadas na composição do *corpus* CV em português.

Para compor a categoria de notícias sobre a situação dos times nos campeonatos (ST), selecionamos textos das seguintes fontes:

fonte	site	sigla
Portais de notícias		
1. Terra esportes	http://esportes.terra.com.br	TER

Capítulo 3

2. UOL esportes	http://esporte.uol.com.br	UOL
Jornais e Tabloides		
1. Correio 24 horas	http://www.correio24horas.com.br	COR
2. Diário de São Paulo	http://www.diariosp.com.br	DSP
3. Estado de Minas	http://www.em.com.br	EMI
4. Estado de São Paulo	http://www.estadao.com.br	EST
5. Folha de S. Paulo	http://www.folha.uol.com.br	FOL
6. Jornal do Brasil	http://jblog.jb.com.br	JB
7. O Dia	http://odia.ig.com.br	DIA
8. O Globo	http://oglobo.globo.com	GLB
9. Zero Hora	http://zh.clicrbs.com.br/rs/	ZER
Sites esportivos		
1. Acervo Santista	http://www.acervosantista.com.br	ASAN
2. Arena FC	http://www.arenafutebolclub.com.br	ARE
3. Canelada	http://canelada.com.br	CAN
4. CBF News	http://www.cbf.com.br/noticias	CBF
5. ESPN	http://espn.uol.com.br	ESPN
6. Estádio VIP	http://estadiovip.com.br	EVIP
7. Futebol Interior	http://www.futebolinterior.com.br	FINT
8. Futebol na Rede	http://futebolnarede.com	FRED
9. Gazeta Esportiva	http://www.gazetaesportiva.net	GAE
10. Globo Esporte	http://globoesporte.globo.com	GLE
11. Impedimento	http://impedimento.org	IMP
12. Lance!Net	http://www.lancenet.com.br	LAN
13. Olé do Brasil	http://oledobrasil.com.br	OLE
14. Plantão do Futebol	http://www.plantaodofutebol.com.br	PFU
15. SportTV	http://sportv.globo.com/site/	STV
16. Tempo Real	http://globo.com/busca/?q=tempo+real	TR
17. Torcedores	http://torcedores.com	TOR

Quadro 8: Fontes utilizadas para a compilação da categoria ST do *subcorpus* em português.

A coleta dos textos da categoria ST em português foi bastante simples: coletamos um texto de cada um dos periódicos selecionados, com exceção dos *sites* *Globo Esporte*, *Impedimento* e *Lance!Net*, dos quais coletamos dois textos cada. Desse modo, a divisão dos tipos de fonte foi a seguinte:

Capítulo 3

Gráfico 4: Tipos de fontes utilizadas na composição da categoria ST do *subcorpus* em português.

3.1.3.2 *Subcorpus* em inglês

Como mencionado no item 3.2, o *subcorpus* em inglês é composto por textos da *Barclay's Premier League*, do *Coca-Cola Championship*, da *Coca-Cola League One*, e da *Coca-Cola League Two* da temporada de 2013/2014. Diferentemente do recorte realizado em português, o recorte em inglês não se deu por campeonatos estaduais, mas sim por divisões. Tal escolha pode ser justificada pela própria organização dos campeonatos no Reino Unido.

A primeira divisão do futebol inglês é a *Premier League*, conhecida atualmente como *Barclay's Premier League* por questões de patrocínio. É uma liga de uma única divisão e conta com vinte clubes. Abaixo da *Premier League*, encontramos a *Football League*, que é dividida em três divisões de 24 clubes, todos profissionais: *Coca-Cola Championship* (segunda divisão), *Coca-Cola League One* (terceira divisão), e *Coca-Cola League Two* (quarta divisão). Os 92 clubes que compõem as quatro primeiras divisões são chamados de *league clubs* e representam a elite do futebol inglês.

Embora a *Premier League* não seja associada à *Football League* desde 1992, o sistema de rebaixamento e promoção entre as duas ligas permanece: todo ano caem

Capítulo 3

três clubes da *Premier League* para o *Coca-Cola Championship*; três clubes do *Coca-Cola Championship* sobem para a *Premier League* e três clubes caem para a *Coca-Cola League one*; três clubes da *Coca-Cola League One* sobem para o *Coca-Cola Championship*, ao passo que outros três caem para a *Coca-Cola League Two*; três clubes da *Coca-Cola League Two* sobem para a *Coca-Cola League One* e três caem para a *Blue Square Premier* (quinta e última divisão nacional), que não faz parte dos “*League Clubs*”. A maioria dos jogadores dessa liga exerce a atividade profissionalmente, mas alguns também desempenham outras atividades remuneradas.

Abaixo da quinta divisão começam a aparecer divisões mais regionais. A sexta divisão é subdividida em *Blue Square North* e *Blue Square South*, ou seja, norte e sul. Após o término dos respectivos campeonatos, os melhores times de cada subdivisão disputam uma partida decisiva para estabelecer os clubes que sobem para a *Blue Square Premier* e os que caem para a sétima divisão, que, por sua vez, é subdividida em *Unibond Premier*, *BGB South Premier* e *Ryman Premier*, sendo que cada uma delas subdivide-se em duas. Esse tipo de subdivisão geográfica ocorre até a 16ª divisão.

Enfim, explicar detalhadamente as divisões e os campeonatos do futebol inglês foge ao escopo deste trabalho. Contudo, acreditamos que o breve panorama apresentado é essencial para justificar a escolha de se trabalhar com campeonatos nacionais, e não regionais, como fizemos em português. Isso se deve ao fato de que, como explicado, as divisões regionais só acontecem a partir da sexta divisão, que conta também com jogadores não profissionais, fator que, acreditamos, influencia a dinâmica de uma partida em relação ao saldo de gols, aos tipos de dribles e ao número de faltas. Ademais, o espaço que esses campeonatos ocupam na mídia é significativamente inferior ao das quatro primeiras divisões, razão pela qual não encontramos regularidade na publicação de notícias, dificultando bastante uma coleta sistemática de textos para o *corpus*.

Assim como na compilação do *subcorpus* em português, utilizamos jornais e tabloides, portais de notícias, *sites* esportivos, *sites* de clubes, agências de notícias, emissoras, revistas e *sites* de apostas para compilar o *subcorpus* em inglês.

O quadro 9 contém as fontes que configuram a categoria de resultados de partidas (RP), composto por textos da *Barclay's Premier League*, do *Coca-Cola*

Capítulo 3

Championship, da *Coca-Cola League One*, e da *Coca-Cola League Two* da temporada de 2013/2014:

fonte	site	sigla
Portais de notícias		
1. The Huffington Post	http://www.huffingtonpost.com	HUF
2. International Business Time	http://www.ibtimes.co.uk	IBT
3. Sports Yahoo	http://sports.yahoo.com	YAH
Jornais e Tablóides		
1. Daily Express	http://www.express.co.uk	DAIE
2. Daily Post	http://www.dailypost.co.uk	DAIP
3. Mail Online	http://www.dailymail.co.uk/home/index.html	MAI
4. Metro	http://metro.co.uk	MET
5. Mirror Online	http://www.mirror.co.uk	MIR
6. The Guardian	http://www.theguardian.com/uk	GUA
7. The Independent	http://www.independent.co.uk	IND
8. The Journal	http://www.thejournal.co.uk	JOU
9. The Sun	http://www.thesun.co.uk/sol/homepage/	SUN
10. The Telegraph	http://www.telegraph.co.uk	TEL
11. The Times	http://www.thetimes.co.uk/tto/news/	TIM
12. Western Gazette	http://www.westerngazette.co.uk	WGAZ
sites esportivos		
1. Bleacher Report	http://bleacherreport.com	BLE
2. Click Liverpool	http://www.clickliverpool.com	CLI
3. Dirty tackle	http://www.dirtytackle.net	DTA
4. Eye football	http://www.eyefootball.com	EFOO
5. FIFA News	http://www.fifa.com/newscentre/news/	FFN
6. Football 565	http://www.football365.com	F565
7. Four Four Two	http://www.fourfourtwo.com	FFT
8. FOX Sports	http://www.foxsports.com.br	FOX
9. Goal Stage	http://goalstage.com	GS
10. Manchester United Mad	http://www.manchesterunited-mad.co.uk	MUM
11. Midfield Dynamo	http://www.midfielddynamo.com	MDY
12. Premier League	http://www.premierleague.com/en-gb.html	PL
13. SKY Sports	http://www.skysports.com	SSP
14. Sons of Sam horn	http://sonsofsamhorn.net	SSH
15. Sporting Life	http://www.sportinglife.com/football	SP
16. Sport Net	http://www.sport.net	SNET
17. Talk Sports	http://talksport.com	TSP
18. Team Talk	http://www.teamtalk.com	TT
19. The FA	http://www.thefa.com	TFA
20. The Offside	http://www.theoffside.com	TOF
21. The Spoiler	http://www.thespoiler.co.uk	TSP
22. Weloba	http://www.weloba.com	WLB
23. World soccer	http://www.worldsoccer.com	WS
24. 101 Great Goals	http://www.101greatgoals.com	GRE
25. 90 min	http://www.90min.com/leagues/premier-league	90M
Agência de notícias		
1. Reuters	http://thomsonreuters.com/en.html	THO
Sites americanos		
1. News Day	http://www.newsday.com	ND
2. Sports Illustrated	http://www.si.com	SI
Sites de clubes		

Capítulo 3

1. Manchester United	http://www.manutd.com/Splash-Page.aspx	MAN
2. Tottenham Spur	http://www.tottenhamhotspur.com	TTS
Emissora		
1. BBC	http://www.bbc.co.uk	BBC
Revista		
1. RWD	http://rwdmag.com	RWD
Sites de apostas		
1. Bet shoot	http://www.betsshoot.com	BET

Quadro 9: Fontes utilizadas para a compilação do corpus RP em inglês.

Para compor a categoria RP, utilizamos 48 fontes distintas, sempre tentando abranger os principais veículos de informação da imprensa futebolística Inglesa. Três correspondem a portais de notícias: *The Huffington Post*, *International Business Time* e *Sports Yahoo*. Optamos por coletar textos do *The Huffington Post*, pois o portal tornou-se um dos mais populares na *web* nos últimos anos; selecionamos o *International Business Time* devido à natureza do portal: um portal sobre negócios, mas que diariamente publica textos sobre futebol; e decidimos trabalhar com o *Yahoo Sports*, pois o portal, além de bastante popular, publica semanalmente notícias sobre resultados de todos os jogos das quatro primeiras divisões do futebol inglês.

No que se refere aos jornais e tabloides, selecionamos os veículos que publicam notícias sobre resultados de partidas das quatro primeiras divisões. Além disso, todos os periódicos selecionados publicam notícias antes, durante e depois da partida, fator que nos ajudou de forma significativa na compilação da categoria, uma vez que ao coletarmos textos para a RP, selecionávamos, também, os textos para compor as categorias DP e RPCI.

A seleção dos *sites* esportivos, que, assim como em português, abrangem tanto *sites* esportivos em geral quanto *sites* sobre futebol, foi feita com base em pesquisas na *internet*. Antes de iniciar a coleta desses textos pesquisamos quais eram os melhores *sites* esportivos em geral e os melhores *sites* sobre futebol. A pesquisa realizada no *Google* retornou páginas que listavam os melhores *sites*. Fizemos uma listagem de todos os *sites* mencionados, visitamos seus domínios a fim de analisar o tipo de notícia publicada e verificamos a viabilidade de coleta.

Optamos por incluir textos da *Reuters* porque, durante a pesquisa realizada para verificar onde o público inglês lê sobre futebol, a agência foi mencionada em diversos *sites*.

Embora nosso *subcorpus* seja representativo do inglês britânico, selecionamos

Capítulo 3

dois periódicos americanos para ajudar em sua compilação: a revista *Sports Illustrated* que, embora americana, publica notícias sobre todos os jogos dos campeonatos ingleses até a quarta divisão; e o jornal *Newsday* que, apesar de não ser um dos jornais mais conhecidos fora dos Estados Unidos, ocupa a 11ª posição no *ranking* de distribuição dos jornais nesse país. Mas o principal fator para a inclusão desse jornal no *corpus*, em detrimento de outro com mais prestígio internacional, é que, durante pesquisa realizada no *Google*, o *Newsday* foi apontado quatro vezes como melhor jornal *on-line* para se informar sobre o campeonato inglês nos Estados Unidos.

Selecionamos os *sites* dos clubes *Manchester United* e *Tottenham HotSpur* para compor a categoria de *sites* esportivos devido a sua organização, o que facilita a busca por determinadas notícias. É importante ressaltar que os *sites* *Manchester United Mag* e *We Love Barça* não fazem parte dessa categoria, pois não são vinculados aos times que dão nome aos *sites*, *Manchester United* e *Barcelona*, respectivamente. Ressaltamos, ainda, que o *site* *We Love Barça*, embora carregue o nome de um time espanhol, escreve sobre futebol inglês, e seus colaboradores são, em grande maioria, britânicos.

A emissora *BBC* foi incluída nas fontes do *corpus* devido a sua popularidade na Inglaterra e ao grande espaço que dedica ao futebol no *site* *BBC Sports*.

Durante a pesquisa no *Google*, constatamos que a revista *RWD* foi apontada como um dos melhores periódicos para se inteirar sobre futebol de forma clara e objetiva, pois, embora publique notícias sobre todos os jogos dos campeonatos, essas são sempre curtas e mencionam somente os pontos principais das partidas.

Por fim, decidimos coletar notícias publicadas no *site* de apostas *betshoot*, devido à cultura de apostas esportivas no Reino Unido. Bastante presente na década de 1920 em São Paulo e no Rio de Janeiro, tal prática desapareceu no Brasil nas décadas seguintes (HOLLANDA *et al.*, 2012).

O gráfico 5 mostra a porcentagem de cada tipo de veículo informativo na composição da categoria RP do *subcorpus* em inglês:

Capítulo 3

Gráfico 5: Tipos de fontes utilizadas na composição da categoria RP em inglês.

A segunda categoria que compõe o *subcorpus* em inglês é o de descrição de partidas (DP) e a figura 5 mostra os dois gêneros textuais compreendidos: uma notícia sobre o resultado de uma partida entre *Derby* e *Nottingham Forest* (à direita) e a descrição da mesma partida (à esquerda), ambas coletadas do mesmo jornal:

Stuart Pearce celebrated like it was Euro 96 all over again after Ben Osborn scored the stoppage-time winner that enshrined the former captain's status as a Nottingham Forest legend. Victory in the east Midlands derby, denying Derby County the opportunity to claim top spot in the Championship, offered Pearce the kind of result to shove Danny Mills's criticism down the pundit's throat and, more important, to provide Forest with the emotional filip to reboot their season.

Mills had said his former Manchester City manager is "not a great coach, not a great tactician and not a great motivator" and that "after 10 games people work him out". But Pearce, despite coming on to the pitch to celebrate manically after Osborn's dramatic intervention, had retained his cool by the time he came to speak publicly about a game that could prove a key moment in his coaching career. "I'm entrenched in Nottingham and this is slightly more than a job for me," he said. "I enjoy football at the all-or-nothing end. Yes, I enjoyed today but I probably enjoyed it more for the fans who have been so loyal to me. I respect loyalty.

"I can't legislate for someone else's opinion. My real respect for people in professional football is when I look alongside me and see the Steve McClarens, the Tony Pulises, the Harry Redknapps who have been there in the technical area when the pressure's on and delivered time and time and time again. They're the people I look up to and emulate and listen to.

2.11pm
14:11

They fell behind, they were losing at half-time, they were playing badly but Forest and Pearce managed to turn it around and they managed to take the three points. That could, nae should, be a season-changing win for them. One more thing before I head. At the end, what looked like a Derby fan ran on the pitch throwing punches at the Forest players. He was taken down by the Forest players as well as the stewards. That's all from me. Talk soon folks.

[f](#) [t](#) [s](#)

Updated at 2.13pm GMT

2.08pm
14:08

Full-time: Derby 1-2 Nottingham Forest

My, oh my. What a turnaround from Forest.

[f](#) [t](#) [s](#)

2.07pm
14:07

Derby give the ball away cheaply in midfield. Osborn capitalises on that and runs at goal. The Derby defence back off and give him far too much time and space. Once inside the box, he blasts one at goal and despite it being on Grant's near post, it finds its way into the back of the net. Cue absolute pandemonium on the Forest bench.

Figura 5: Notícia sobre o resultado de uma partida entre *Derby* e *Nottingham Forest* (direita) e a descrição da mesma partida (esquerda); ambas retiradas do site do Jornal *The Guardian*.

O quadro 10 mostra as fontes que configuram o *corpus* de descrições de partidas (DP), composto por textos da *Barclay's Premier League*, do *Coca-Cola Championship*, da *Coca-Cola League One*, e da *Coca-Cola League Two* da temporada de 2013/2014:

fonte	site	sigla
Jornais e Tablóides		
1. Mail Online	http://www.dailymail.co.uk/home/index.html	MAI

Capítulo 3

2. Mirror Online	http://www.mirror.co.uk	MIR
3. The Guardian	http://www.theguardian.com/uk	GUA
4. The Independent	http://www.independent.co.uk	IND
5. The Journal	http://www.thejournal.co.uk	JOU
6. The Telegraph	http://www.telegraph.co.uk	TEL
7. The Times	http://www.thetimes.co.uk/tto/news/	TIM
sites esportivos		
1. Bleacher Report	http://bleacherreport.com	BLE
2. Eye football	http://www.eyefootball.com	EFOO
3. FOX Sports	http://www.foxsports.com.br	FOX
4. SKY Sports	http://www.skysports.com	SSP
5. Talk Sports	http://talksport.com	TSP
6. The Offside	http://www.theoffside.com	TOF
7. The Spoiler	http://www.thespoiler.co.uk	TSP
8. 90 min	http://www.90min.com/leagues/premier-league	90M
Emissora		
1. BBC	http://www.bbc.co.uk	BBC

Quadro 10: Fontes utilizadas para a compilação da categoria DP do *subcorpus* em inglês.

O gráfico a seguir mostra a porcentagem de cada tipo de veículo informativo na composição da categoria DP:

Gráfico 6: Tipos de fontes utilizadas na composição da categoria DP do *subcorpus* em inglês.

A limitação dos tipos de fontes utilizadas e a redução do número de periódicos em cada categoria devem-se à menor oferta do gênero textual em questão. A princípio acreditávamos que os *sites* esportivos apresentariam maior oferta de descrições de

Capítulo 3

partidas; no entanto, os jornais e tabloides publicam essas descrições com maior regularidade, além de possuir estrutura mais organizada, o que contribui de forma significativa para o trabalho de compilação do *corpus*.

A terceira categoria é composta por relatos de partidas com comentários de internautas (RPCI) da *Barclay's Premier League*, do *Coca-Cola Championship*, da *Coca-Cola League One*, e da *Coca-Cola League Two* da temporada de 2013/2014. Em alguns *sites* os comentários ocorrem no corpo do texto, simultaneamente com a descrição da partida pelo periódico em questão, mas na grande maioria esses comentários ocorrem em uma seção separada, abaixo do texto dos narradores. Não raras vezes um periódico apresenta somente RPCI, deixando de lado as DPs. Em nossa pesquisa, entendemos que os RPCIs complementam as DPs. Contudo, optamos por armazenar esses textos separadamente por questão de organização. A figura 6 mostra dois RPCIs: à esquerda temos um RPCI retirado do jornal *The Telegraph*, onde o internauta faz comentários no meio do texto do narrador; o RPCI à direita, retirado do *Mail Online*, mostra os comentários dos internautas em um bloco de texto separado da descrição da partida feita pelo narrador:

Figura 6: RPCI retirado do jornal *The Telegraph* (direita) e RPCI retirado do *Mail Online* (esquerda).

É interessante observar que, além de o jornal *Mail Online* apresentar os comentários em aba diferente no *site*, permite, ainda, que esses comentários sejam

Capítulo 3

classificados pelas seguintes categorias: mais recentes, mais antigos, melhores comentários e piores comentários.

Esse *subcorpus* dispensa a listagem de fontes utilizadas uma vez que o recorte realizado foi o mesmo que utilizamos para a coleta das DPs. Ressaltamos, no entanto, que, por vezes, os RPCIs correspondem às DPs acrescidas de comentários. Nesses casos, selecionamos um único *subcorpus* para armazenar o texto de uma partida. No exemplo da figura 6, o texto foi armazenado somente no *subcorpus* RPCI. O gráfico abaixo mostra a porcentagem de cada tipo de veículo informativo na composição da categoria:

Gráfico 7: Tipos de fontes utilizadas na composição do *corpus* CV em inglês.

Para compor o *subcorpus* sobre compra e venda de jogadores e técnicos na Inglaterra e na Europa nos anos de 2013 e 2014, utilizamos as seguintes fontes:

fonte	site	sigla
Jornais e Tabloides		
1. Daily Express	http://www.express.co.uk	DAIE
2. Daily Post	http://www.dailypost.co.uk	DAIP
3. Mail Online	http://www.dailymail.co.uk/home/index.html	MAI
4. Metro	http://metro.co.uk	MET
5. Mirror Online	http://www.mirror.co.uk	MIR
6. The Guardian	http://www.theguardian.com/uk	GUA

Capítulo 3

7. The Independent	http://www.independent.co.uk	IND
8. The Journal	http://www.thejournal.co.uk	JOU
9. The Sun	http://www.thesun.co.uk/sol/homepage/	SUN
10. The Telegraph	http://www.telegraph.co.uk	TEL
11. The Times	http://www.thetimes.co.uk/tto/news/	TIM
12. Western Gazette	http://www.westerngazette.co.uk	WGAZ
sites esportivos		
1. Bleacher Report	http://bleacherreport.com	BLE
2. Click Liverpool	http://www.clickliverpool.com	CLI
3. Dirty tackle	http://www.dirtytackle.net	DTA
4. Eye football	http://www.eyefootball.com	EFOO
5. FIFA News	http://www.fifa.com/newscentre/news/	FFN
6. Football 565	http://www.football365.com	F565
7. Four Four Two	http://www.fourfourtwo.com	FFT
8. FOX Sports	http://www.foxsports.com.br	FOX
9. Goal Stage	http://goalstage.com	GS
10. Manchester United Mad	http://www.manchesterunited-mad.co.uk	MUM
11. Midfield Dynamo	http://www.midfielddynamo.com	MDY
12. Premier League	http://www.premierleague.com/en-gb.html	PL
13. SKY Sports	http://www.skysports.com	SSP
14. Sons of Sam horn	http://sonsofsamhorn.net	SSH
15. Sporting Life	http://www.sportinglife.com/football	SP
16. Sport Net	http://www.sport.net	SNET

Quadro 11: Fontes utilizadas para a compilação da categoria CV em inglês.

Por representar uma parte menor do *subcorpus*, apenas 32 textos, foi possível realizar um balanceamento mais preciso entre os tipos de fontes, de modo que 50% do *categoria* é composto por textos extraídos de jornais e tabloides, e os outros 50%, por textos de *sites* esportivos.

Por fim, para compor a menor categoria, a de notícias sobre a situação dos times nos campeonatos (ST), selecionamos textos das seguintes fontes:

fonte	site	sigla
Jornais e Tabloides		
1. Daily Express	http://www.express.co.uk	DAIE
2. Daily Post	http://www.dailypost.co.uk	DAIP
3. Mail Online	http://www.dailymail.co.uk/home/index.html	MAI
4. Metro	http://metro.co.uk	MET
5. Mirror Online	http://www.mirror.co.uk	MIR
6. The Guardian	http://www.theguardian.com/uk	GUA
7. The Independent	http://www.independent.co.uk	IND
8. The Journal	http://www.thejournal.co.uk	JOU
9. The Sun	http://www.thesun.co.uk/sol/homepage/	SUN
10. The Telegraph	http://www.telegraph.co.uk	TEL
11. The Times	http://www.thetimes.co.uk/tto/news/	TIM
12. Western Gazette	http://www.westerngazette.co.uk	WGAZ
sites esportivos		
1. Bleacher Report	http://bleacherreport.com	BLE
2. Click Liverpool	http://www.clickliverpool.com	CLI

Capítulo 3

3. Dirty tackle	http://www.dirtytackle.net	DTA
4. Eye football	http://www.eyefootball.com	EFOO
5. FIFA News	http://www.fifa.com/newscentre/news/	FFN
6. Football 565	http://www.football365.com	F565
7. Four Four Two	http://www.fourfourtwo.com	FFT
8. FOX Sports	http://www.foxsports.com.br	FOX
9. Goal Stage	http://goalstage.com	GS
10. Midfield Dynamo	http://www.midfielddynamo.com	MDY
11. Sky Sports	http://www.skysports.com	SSP
12. Sporting Life	http://www.sportinglife.com/football	SP

Quadro 12: Fontes utilizadas para a compilação da categoria ST do *subcorpus* em inglês.

Por representar a menor parte do *subcorpus*, com apenas 24 textos, o balanceamento foi bastante simples, pois coletamos um texto de cada um dos periódicos utilizados.

3.1.4 Armazenamento dos textos

Os textos foram gravados em extensão “.txt”, editor disponível no pacote de programas *Microsoft Office*, e armazenados em subpastas, a fim de ser manipulado com auxílio do *software Wordsmith Tools*, utilizado no processamento do *corpus*. Para facilitar essa manipulação, nomeamos os textos de acordo com o padrão utilizado no Cortec (*Corpus Técnico-Científico*), disponível no Projeto *Comet*⁴⁸, como, por exemplo, JO-IF-TEL_001, em que JO= texto jornalístico, IF=informativo, TEL= The Telegraph, e 001= número do arquivo.

3.1.5 Cabeçalho

Cabeçalhos são metadados, ou seja, informações sobre o texto, como, por exemplo, sua origem, a data de coleta, o número de palavras e o autor. São utilizados para auxiliar a extração de informações relevantes para a pesquisa.

Para que o computador processe essas informações, elas devem ser codificadas. O método mais comum de codificação é o SGML, um código escrito no formato <etiqueta de abertura> informação </etiqueta de fechamento> (BERBER SARDINHA, 2004, p. 74). Um exemplo da utilização de etiquetas SGML seria: <titleOfText> Sunderland beat Chelsea 2-1 at Stamford Bridge</titleOfText>.

⁴⁸ Disponível em: <http://comet.fflch.usp.br>. Acesso em: 4 ago. 2015

Capítulo 3

De acordo com McEnery *et al* (2006, p. 23), existem três razões principais para a inserção de cabeçalho em um *corpus*. Primeiramente, uma vez que *corpora* consistem, basicamente, de trechos da língua em uso que foram retirados do contexto em que ocorrem, resultando em perda de informação contextual, o cabeçalho ajuda o pesquisador a recuperar esse tipo de informação. Em segundo lugar, por mais que seja possível agrupar os textos de um *corpus* de acordo com suas características principais, como, por exemplo, criando *subcorpora*, grande parte das informações extratextuais é perdida e, muitas vezes, esse tipo de informação pode influenciar a análise do *corpus*.

Em nosso caso, utilizamos o cabeçalho para verificar se os termos selecionados ocorrem em mais de uma categoria, já que não queremos trabalhar com jargões de determinado veículo de informação ou jornalista. Por fim, o pré-processamento de textos é parte inerente ao processo de compilação de um *corpus*. Em nossa pesquisa, todas as notícias que coletamos possuem informações sobre a data e o local de publicação, o nome do jornalista, o campeonato em que o jogo ocorreu etc. Mesmo que não criássemos um cabeçalho teríamos que editar o texto de modo que esse tipo de informação não aparecesse em nossa lista de palavras. Nesse momento, perguntamo-nos: Já que o pré-processamento vai ser realizado, por que não arquivar essas informações de maneira que possamos recuperá-las quando necessário?

O cabeçalho foi compilado com o objetivo de organizar informações que julgamos importantes para a análise terminológica, como, por exemplo, a data de publicação, a fonte e o local em que a notícia foi produzida ou, ainda, o campeonato referente à notícia da partida. Mediante nossos propósitos, criamos o cabeçalho apresentado na figura 7:

```
<header>
  <title>
    <fileName> JO-IF-BBC_0QQ </fileName>
    <corpus> futebol </corpus>
    <subcorpus> RP </subcorpus>
    <nPages> </nPages>
    <nWords> </nWords>
    <sample> Íntegra </sample>
  </title>
  <sourceText>
    <titleOfText> Chelsea 1 1 Sunderland </titleOfText>
    <championship> Premier League </championship>
    <language> IB </language>
    <source> BBC </source>
```

Capítulo 3

```

        <pubPlace> http://www.bbc.com/sport/0/football/26999147</pubPlace>
        <date> 19.04.14 </date>
        <status> Original </status>
    </sourceText>
    <author>
        <textAuthor>
            <name> Sam Sheringham </name>
            <gender> masculino </gender>
            <type> individual </type>
            <country> Inglaterra </country>
            <city> Londres </city>
        </textAuthor>
    </author>
    <textClassification>
        <textGenre>
            <genre> Informativo </genre>
        </textGenre>
        <textType> Editorial </textType>
        <domain>
            <generalDomain> Generalidades </generalDomain>
            <specificDomain> Esporte </specificDomain>
        </domain>
        <distribution> Internet </distribution>
    </textClassification>
</header>

```

Figura 7: Exemplo de cabeçalho da categoria RP.

O quadro abaixo explica as etiquetas criadas:

title título	fileName		nomenclatura do arquivo	
	corpus		nome do <i>corpus</i>	
	subcorpus		nome do <i>subcorpus</i>	
	nPages		número de páginas	
	nWords		número de palavras	
sourceText informações sobre o texto	sample		íntegra ou parte do texto	
	titleOfText		título do texto	
	championship		campeonato	
	language		língua	
	source		nome do <i>site</i>	
	pubPlace		endereço do <i>site</i>	
textAuthor informações sobre o autor	date		data de coleta	
	status		original ou tradução	
	name		nome	
	gender		sexo	
	type		individual/ parceria/ grupo	
textClassification classificação do texto	country		país	
	city		cidade	
	textGenre	gênero textual	Genre	gênero textual
	textType		tipo textual	
	textDomain	domínio	generalDomain	domínio geral
			specificDomain	domínio específico
Distribution		meio de distribuição		

Quadro 13: Legenda das etiquetas do cabeçalho.

Capítulo 3

Como podemos observar na figura 7, as etiquetas são hierárquicas, ou seja, estão subordinadas umas às outras. A etiqueta <header> abre o cabeçalho e a </header> o fecha, da mesma forma que a etiqueta <title> abre as informações sobre o título do texto e a etiqueta </title> as fecha.

Embora o procedimento de etiquetagem seja bastante laborioso e demande tempo da pesquisa, é fundamental para arquivar informações relevantes para a análise. Em nosso caso, por exemplo, a etiqueta <source> foi utilizada durante a análise do *corpus* para verificar o periódico em que a notícia foi publicada, pois estabelecemos que não trabalharíamos com termos que ocorressem em um único periódico. Por esse motivo, ressaltamos que todo cabeçalho deve ser preparado tendo em vista as necessidades da pesquisa a ser realizada.

3.2 Etiquetagem

Etiquetar um *corpus* consiste em adicionar informações que facilitem a análise linguística (HUNSTON, 2002, p. 79). Existem diversas formas de anotação. Leech (2004) cita as principais:

- - *fonética*: consiste em adicionar informações sobre a pronúncia das palavras em um *corpus* oral;
- - *semântica*: insere informações sobre a categoria semântica das palavras;
- - *pragmática*: inclui informações sobre os tipos de atos discursivos que ocorrem em um diálogo oral;
- - *discursiva*: adiciona informações sobre marcadores anafóricos e sobre a organização do texto;
- - *estilística*: insere informações sobre o discurso (discurso direto x discurso indireto); - *lexical*: inclui o lema de cada palavra em sua ocorrência no *corpus* (o verbo ‘jogando’ estaria sob o lema ‘jogar’);
- - *morfossintática*: insere etiquetas gramaticais.

Em nosso estudo, utilizamos a discursiva e a morfossintática.

Capítulo 3

De acordo com Leech (1997, p. 2), o processo de etiquetagem de um *corpus* reflete de forma direta nos resultados da pesquisa, pois o *corpus*, após ser etiquetado, torna-se um instrumento de pesquisa linguística ainda mais rico. No nosso caso específico, a etiquetagem discursiva nos permitiu omitir informações presentes nos textos que não seriam relevantes para a análise, como, por exemplo, os minutos nas descrições de partidas, e a etiquetagem morfossintática possibilitou a extração de informações culturais importantíssimas por meio da análise de categorias gramaticais.

3.2.1 Etiquetagem discursiva

A etiquetagem discursiva consiste em marcar características como referentes anafóricos, tópicos ou marcadores discursivos em um *corpus* (BERBER SARDINHA, 2004). Para nossa pesquisa, criamos três modelos de anotação discursiva: um para os resultados de partidas, as notícias sobre compra e venda de jogadores e técnicos e as notícias sobre a situação dos times nos campeonatos (Fig. 8); outro para as descrições de partidas (Fig. 9) e um último para os relatos de partidas com comentários de internautas (Fig. 10), cada um de acordo com as partes que os compõem:

```
<body>
<omit desc="head">
Man Utd 0 3 Liverpool
</omit>
<standfirst> Steven Gerrard scored two penalties and missed a third as Liverpool emphasised their
title credentials with a resounding win over reigning Premier League champions Manchester United at
Old Trafford.</standfirst>
In what was seen as the biggest test of their ability to claim their first crown since 1990, Liverpool
passed the examination in emphatic fashion against an abject United to move to within four points of
leaders Chelsea, with a game in hand.
Liverpool captain Gerrard demonstrated their superiority with penalties either side of the interval as
Brendan Rodgers's side exerted almost complete domination over a home team looking in need of a
drastic overhaul.
Gerrard missed another spot-kick after Daniel Sturridge went to ground under a Nemanja Vidic
challenge - the United captain picking up his fourth red card against Liverpool in the process - but there
was no stopping Luis Suarez as he added a third.
At this stage last season there was a 29-point gap between these sides in United's favour as they beat
Rodgers's team 2-1 at home.
But Liverpool's dominance here underscored the scale of the turnaround, their improvement and the
collapse in fortunes at Old Trafford since manager ...
</body>
```

Figura 8: Etiquetas discursivas criadas para os resultados de partidas, as notícias sobre compra e venda de jogadores e técnicos e as notícias sobre a situação dos times nos campeonatos.

Capítulo 3

As etiquetas `<omit desc="head">` `</omit>` marcam o título do texto, as `<standfirst>` e `</standfirst>` delimitam a linha fina, também conhecida como olho ou subtítulo da notícia, e as `<body>` e `</body>` identificam o corpo do texto. O mesmo modelo de etiquetas foi utilizado nas três categorias uma vez que a estrutura das notícias é a mesma: título, linha fina e texto. Ressaltamos que, às vezes, a notícia não possui linha fina; nesses casos o campo é deixado em branco.

Nas descrições de partidas, as etiquetas que marcam o título e o corpo do texto são as mesmas apresentadas acima. Além dessas, criamos uma etiqueta para marcar o minuto da narração: `<minute>` `</minute>`. Entretanto, para que a lista de palavras gerada pelo *WordSmith Tools* não incluísse esses números, o programa foi ajustado para ignorar essa última etiqueta:

```
<body>

<omit desc="head">
Liverpool 2 1 Man Utd
</omit>

<minute> 2:29 </minute> Clearance made by Martin Skrtel.
<minute> 2:24 </minute> Clearance made by Kolo Toure.
<minute> 1:46 </minute> Clearance made by Mamadou Sakho.
<minute> 0:53 </minute> Rafael Da Silva delivers the ball.
<minute> 0:49 </minute> Steven Gerrard manages to make a clearance.
<minute> 0:47 </minute> Luis Nani takes the chance to get an effort at goal and missed to the left of
the net.
<minute> 0:44 J</minute> avier Hernandez takes the chance to get an effort at goal. Mamadou
Sakho gets a block in.
<minute> 0:44 </minute> Mamadou Sakho makes a clearance.
<minute> 0:00 </minute> The referee gets the game underway

</body>
```

Figura 9: Etiquetas discursivas utilizadas nas descrições de partidas.

Para os relatos de partidas com comentários de internautas utilizamos as mesmas etiquetas das descrições de partidas e criamos duas novas: `<commentary>` `</commentary>` e `<commentator>` `</commentator>`; a primeira é utilizada para marcar o comentário e a segunda, para marcar o autor do comentário:

```
<body>

<omit desc="head">
Liverpool 2 1 Man Utd
</omit>

<minute>32:50</minute>

<commentary> <commentator> Laffalot </commentator>
"I share your pain about the lack of leadership in the Liverpool side. In this regard, I was hoping
Rooney would develop, but he is gone in the big matches and his decision to take the penalty kick
(when he could have been gracious and given it to Mata or shown support and leadership by giving it
to Falcao) showed again that he is too feeble minded to rise above the sub-ordinary person that he is.
</commentary>
```

Figura 10: Etiquetas discursivas utilizadas nos relatos de partidas com comentários de internautas.

3.2.2 Etiketagem morfossintática

A etiquetagem morfossintática, ou *part of speech tagging* (POS), consiste em atribuir a cada palavra do *corpus* uma etiqueta que represente sua categoria gramatical (HUNSTON, 2002). Dessa forma, a palavra *foul*⁴⁹ pode ser etiquetada como substantivo ou como verbo, dependendo da sua função no *corpus*.

De acordo com McEnery *et al.* (2006), a POS é o tipo de etiquetagem mais comum em análises linguísticas baseadas em *corpus*, pois constitui a base para outros tipos de etiquetagem, como, por exemplo, a etiquetagem semântica, e também porque pode ser realizada automaticamente com textos em várias línguas com aproximadamente 97% de acerto.

É sempre importante lembrar que, como qualquer *software*, os etiquetadores podem apresentar falhas e etiquetar palavras de forma incorreta. Por esse motivo, o pesquisador pode, muitas vezes, julgar incorretas as etiquetas atribuídas pelo programa.

Não raro, devido à margem de falta de precisão dos etiquetadores (3%), alguns *corpora* são manualmente revisados após a etiquetagem automática. Como em nossa pesquisa não trabalhamos diretamente com análise de categorias gramaticais e utilizamos as etiquetas unicamente para facilitar o processo de estabelecimento de equivalentes entre os termos em inglês e português, não revisamos a etiquetagem.

⁴⁹ A palavra *foul* tem como equivalentes “falta” ou “fazer uma falta” em português. No primeiro caso, a palavra é utilizada como substantivo para designar uma infração às regras do jogo, e no segundo, como verbo, descreve o ato da infração.

Capítulo 3

Além disso, o processo de revisão das etiquetas é bastante laborioso e ofusca as vantagens da etiquetagem automática (KENNEDY, 1998).

Embora o processo de etiquetagem não seja condição *sine qua non* para pesquisas com *corpus*, pesquisadores como Kennedy (2008), Hunston (2002) e McEnery *et al.* (2006) enfatizam as vantagens de se etiquetar um *corpus* morfossintaticamente, uma vez que essa etiquetagem possibilita buscas mais complexas. Só um *corpus* etiquetado permitirá ao pesquisador realizar levantamentos de colocações verbais, por exemplo. Além disso, as possibilidades de investigação aumentam, visto que o pesquisador pode fazer generalizações sobre, por exemplo, uma classe gramatical, e não somente sobre uma palavra de busca. Em sua dissertação de mestrado, Carvalho (2007) menciona a importância da etiquetagem morfossintática para pesquisas em tradução e relata que só por meio de buscas de etiquetas gramaticais pôde encontrar alguns equivalentes tradutórios.

Ressaltamos que etiquetar um *corpus* não implica trabalhar somente com essa versão. Em nossa pesquisa, utilizamos tanto a versão do *corpus* etiquetado, quanto a versão crua, sem etiquetas.

A versão crua foi utilizada para gerar as listas de palavras e as palavras-chave, assim como para identificar colocações. Poderíamos ter usado o *corpus* etiquetado para essas etapas, mas não o utilizamos porque a visualização do *corpus* sem etiquetas é mais clara. O *corpus* etiquetado possui muita informação, deixando a visualização mais poluída. Além disso, teríamos que ajustar as configurações do *software* que utilizamos na análise para que ignorasse todas as etiquetas.

A versão etiquetada foi utilizada para aprimorar o processo de identificação dos equivalentes tradutórios. Durante nossa pesquisa de mestrado, em que trabalhamos com unidades fraseológicas (UFs) do futebol quando o *corpus* ainda não estava etiquetado, partíamos de uma tradução *prima facie* ou de possíveis colocados para encontrar equivalentes para as UFs em português no *subcorpus* em inglês. Após a etiquetagem do *corpus*, já no final da pesquisa, passamos a realizar buscas por classes gramaticais, fato que enriqueceu os achados e ampliou a possibilidade de equivalentes e, muito frequentemente, de equivalentes mais apropriados.

Capítulo 3

3.2.2.1 Etiquetador

Utilizamos o *software Tree-Tagger* para etiquetar o *corpus*. O *Tree-Tagger* é um etiquetador automático que apresenta a anotação morfossintática e o lema de cada ocorrência no *corpus*. Foi desenvolvido por Helmut Schmid no projeto TC (*Textual Corpora and tools for their exploration*) no Instituto de Linguística Computacional da Universidade de Stuttgart e pode ser utilizado para etiquetar textos em alemão, inglês, francês, italiano, holandês, espanhol, búlgaro, russo, grego, português, chinês, suaíli, latim, estoniano e francês antigo.

O *Tree Tagger* é um etiquetador bastante popular; algumas universidades, como, por exemplo, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), disponibilizam o etiquetador em suas páginas. No entanto, a manutenção da página do *site* que disponibiliza a ferramenta parece não ser feita regularmente e o etiquetador está frequentemente fora do ar. Enfrentamos esse problema durante nossa pesquisa de mestrado. Na época, baixamos o programa diretamente para nosso computador⁵⁰, tarefa que, vale ressaltar, foi uma das mais laboriosas da pesquisa, visto que baixamos os arquivos necessários para a instalação, sem, no entanto, possuir um manual do usuário com os passos a serem seguidos. Após auxílio via email do professor Tony Berber Sardinha, conseguimos, finalmente, instalar o *Tree-Tagger*. Realizamos um teste com o etiquetador para as duas línguas e o *Tree-Tagger* funcionou perfeitamente para a etiquetagem dos textos em inglês. Porém, quando tentávamos etiquetar qualquer texto em português, recebíamos a mensagem de que essa não era uma língua disponível. Entramos novamente em contato com o professor Berber Sardinha e um de seus orientandos nos passou um novo *link*⁵¹, dessa vez com a opção de etiquetagem em português.

O programa foi baixado no computador pessoal que utilizamos durante a pesquisa de mestrado e que esteve em nossas mãos até agosto de 2014. No entanto, a máquina, já bastante antiga, parou de funcionar em 2014. Tentamos baixar o programa novamente por meio dos mesmos *links* e de outros *links* encontrados *on-line*, mas não tivemos sucesso. Tentamos até mesmo o *link* da página do professor

⁵⁰ O programa está disponível para ser baixado no *site*: <<http://corpuslg.org/courses/tree-tagger-windows.zip>>. Acesso em: 4 ago. 2015.

⁵¹ Disponível em: <<http://corpuslg.org/users/crismayer>>. Acesso em: 4 ago. 2015.

Capítulo 3

Helmut Schmid⁵². No entanto, nosso esforço não foi bem sucedido, pois, embora a página apresente uma série de *links* para instalação do *software*, não disponibiliza um manual para o usuário e o *link* para contato com os desenvolvedores do programa ou com o responsável do *site* não funciona.

Nossa alternativa para etiquetar os textos do *corpus* que ainda não estavam etiquetados, uma vez que a etiquetagem foi feita em etapas, foi procurar na *internet* outra página que disponibilizasse o programa. Poderíamos utilizar outro etiquetador, mas como o conjunto de etiquetas é único para cada programa, insistimos no *Tree Tagger*, pois se utilizássemos outro etiquetador teríamos que etiquetar todos os textos novamente.

Ao pesquisar no *Google* sobre páginas que disponibilizavam o etiquetador, encontramos a página *web4you*⁵³. O *site* disponibiliza o *Tree Tagger on-line*. Basta colar o texto na caixa de texto e clicar em *submit* que o texto é etiquetado. O procedimento funciona para todas as línguas com as quais o etiquetador trabalha; o único problema desse *site* é que ele está em japonês e não possui tradução para o português ou para o inglês.

Sem meios de quebrar a barreira linguística para ler o *site* e as instruções a fim de verificar atualizações e obter informações mais detalhadas, decidimos verificar o bom funcionamento do etiquetador etiquetando textos previamente etiquetados pela versão do *software* que tínhamos em nosso computador e comparando as duas versões. Realizamos o procedimento com 50 textos e as etiquetas atribuídas a cada item do *corpus* foram exatamente as mesmas. Após validar a eficácia do etiquetador *on-line*, etiquetamos os textos que não haviam sido etiquetados.

A figura 11 mostra a interface do etiquetador no *site web4you* e o exemplo de um texto etiquetado:

⁵² Disponível em: < <http://www.cis.uni-muenchen.de/~schmid/tools/TreeTagger/> >. Acesso em: 4 ago. 2015.

⁵³ Disponível em: < <http://web4u.setsunan.ac.jp/Website/TreeOnline.htm> >. Acesso em: 4 ago. 2015.

Capítulo 3

Figura 11: Interface do etiquetador no *site web4you* (à esquerda) e exemplo de um texto etiquetado (à direita).

A figura 12 mostra a interface do etiquetador que foi baixado em nosso computador e utilizado para etiquetar os textos até agosto de 2014:

Figura 12: Interface do *Tree-Tagger*.

O processo de etiquetagem, embora simples, é bastante trabalhoso, pois o programa etiqueta somente um texto de cada vez. O primeiro passo é selecionar a língua do texto a ser etiquetado. Na figura acima, selecionamos a opção em branco e

Capítulo 3

digitamos “Portuguese”. Após essa seleção, clicamos em “Input File” para selecionar o arquivo a ser etiquetado. Selecionado o arquivo, clicamos em “Output file” e o programa abre uma caixa de diálogo *save as* (salvar como), onde escolhemos a pasta de destino em que o arquivo seria armazenado. Por fim, nomeamos o arquivo, sempre acrescentando a terminação “.tag” para que o *Tree-Tagger* funcionasse corretamente.

3.2.2.2 Etiquetas

O *Tree-Tagger* utiliza um conjunto de etiquetas diferentes para cada língua. Para o inglês, são 36 etiquetas (SANTORINI, 1991, p. 6-7):

Etiqueta	Descrição
CC	Coordinating Conjunction
CD	Cardinal Number
DT	Determiner
EX	Existential <i>there</i>
FW	Foreign Word
IN	Preposition or subordinating conjunction
JJ	Adjective
JJR	Adjective, comparative
JJS	Adjective, superlative
LS	List item marker
MD	Modal
NN	Noun, singular or mass
NNS	Noun, plural
NP	Proper noun, singular
NPS	Proper noun, plural
PDT	Predeterminer
POS	Possessive ending
PP	Personal pronoun
PP\$	Possessive pronoun
RB	Adverb
RBR	Adverb, comparative
RBS	Adverb, superlative
RP	Particle
SYM	Symbol
TO	<i>To</i>
UH	Interjection
VB	Verb, base form
VBD/VVD ⁵⁴	Verb, past tense
VBG/VVG	Verb, gerund or present participle
VCN/VVN	Verb, past participle
VBP/VVP	Verb, non-3rd person singular present
VBZ/VVZ	Verb, 3rd person singular present

⁵⁴ A única diferença entre as etiquetas é que o *software* baixado em nosso computador utiliza a etiqueta VB para os verbos e o etiquetador disponível no *site* utiliza a etiqueta VV para os verbos. No caso de busca por etiquetas de verbos, sempre realizávamos duas buscas, uma para cada etiqueta.

Capítulo 3

WDT	Wh-determiner
WP	Wh-pronoun
WPS	Possessive pronoun
WRB	Wh-adverb

Quadro 14: Etiquetas do *Tree-Tagger* (inglês).

O conjunto de etiquetas para o português é menos detalhado: são apenas onze as etiquetas disponíveis. Observemos o quadro abaixo:

Etiqueta	Descrição
ADJ	Adjetivo
ADV	Advérbio
DET	Determinante
CARD	Número Cardinal / Ordinal
NON	Nome Comum / Próprio
P	Pronome
PREP	Preposição
V	Verbo
I	Interjeição
VIRG	Separadores dentro da oração
SENT	Separadores de orações

Quadro 15: Etiquetas do *Tree-Tagger* (português).

Embora o conjunto de etiquetas para o português seja menos detalhado que para o inglês, as buscas por etiquetas se mostraram bastante úteis nas duas línguas.

3.2.2.3 Expressões de busca

Cada busca realizada no *corpus* etiquetado será detalhada no “Capítulo 4 - Análise e Discussão dos Dados”. Nesta seção, apresentamos, brevemente, como conduzimos as buscas pelas etiquetas.

Se observarmos a figura 11, veremos que o texto etiquetado é apresentado em um arquivo “.txt”, dividido em três colunas. A exemplo da primeira linha da figura, na primeira coluna visualizamos a ocorrência do *corpus*, o substantivo *Sunderland*; na segunda, observamos a etiqueta gramatical MD, que indica um verbo modal; na terceira, visualizamos a forma lematizada da palavra, que nesse caso não muda. Mais abaixo, encontramos a ocorrência do item *warned*, seguida da etiqueta VVN, que indica verbo no particípio passado, e de sua forma lematizada, *warn*.

Dada a forma como o *Tree-Tagger* apresenta o texto etiquetado, é preciso digitar a expressão de busca tal qual aparece no arquivo. Por exemplo, se quiséssemos

Capítulo 3

ter acesso às concordâncias do verbo *were* seguido de *made*, teríamos que digitar a expressão de busca “*were VBD be made*”. Observemos a figura a seguir:

N	Concordance	Set	Tag	Word #	t. #	os. #	t. #	os. #	File	%
1	... misses VVZ miss they PP they were VBD be made VVN make to TO to			940	20	1%	0	2%	jo-if-uef_004.tag	92%
2	. Six CD Six changes NNS change were VBD be made VVN make from IN			357	12	1%	0	4%	jo-if-tel_040.tag	24%
3	. SENT . Tottenham NP Tottenham were VBD be made VVN make to TO to			1.089	24	8%	0	9%	jo-if-foo_037.tag	69%
4	... as IN as the DT the Reds NNS red were VBD be made VVN make to TO to			1.309	26	4%	0	8%	jo-if-foo_028.tag	98%
5	... as IN as the DT the Reds NNS red were VBD be made VVN make to TO to			1.309	26	4%	0	8%	jo-if-foo_001.tag	98%
6	safety . SENT . Liverpool NP Liverpool were VBD be made VVN make to TO to			682	14	5%	0	1%	o-if-eye_007.tag	52%
7	and 12 CD @card@ arrests NNS arrest were VBD be made VVN make . SENT .			1.491	60	4%	0	9%	o-if-day_005.tag	78%
8	NP Brad Friedel NP Friedel and CC and were VBD be made VVN make to TO to			245	4	0%	0	1%	o-if-365_064.tag	12%
9	. And CC and Coventry NP Coventry were VBD be made VVN make to TO to			947	23	9%	0	0%	o-if-365_056.tag	71%
10	into IN into goals NNS goal and CC and were VBD be made VVN make to TO to			851	16	4%	0	5%	o-if-365_042.tag	66%
11	CC but the DT the visitors NNS visitor were VBD be made VVN make to TO to			100	2	4%	0	4%	o-if-365_032.tag	5%
12	yard . SENT . Blackburn NP Blackburn were VBD be made VVN make to TO to			1.486	26	7%	0	1%	o-if-365_025.tag	71%
13	VVG run but CC but they PP they were VBD be made VVN make to TO to			357	12	2%	0	4%	nar-sky_002.tag	4%
14	again . SENT . Slovakia NP Slovakia were VBD be made VVN make to TO to			1.184	28	5%	0	2%	jo-if-tfa_006.tag	92%
15	. SENT . And CC and they PP they were VBD be made VVN make to TO to			1.002	24	9%	0	7%	jo-if-tfa_003.tag	77%
16	Uruguayan JJ Uruguayan fans NNS fan were VBD be made VVN make nervous			905	16	0%	0	5%	o-if-sky_007.tag	25%
17	DPR NP but CC but they PP they were VBD be made VVN make to TO to			48	0	9%	0	2%	jo-if-foo_010.tag	2%
18	DPR NP but CC but they PP they were VBD be made VVN make to TO to			42	0	6%	0	2%	jo-if-foo_009.tag	2%
19	NN occasion ... England NP England were VBD be made VVN make to TO to			2.073	43	7%	0	9%	o-if-day_002.tag	49%
20	JJ offensive remarks NNS remark were VBD be made VVN make . SENT .			2.151	60	3%	0	4%	jo-if-wp_066.tag	75%
21	NNS check on IN on tickets NNS ticket were VBD be made VVN make at IN at			450	12	9%	0	6%	jo-if-wp_059.tag	45%
22	other U.S. NP U.S. players NNS player were VBD be made VVN make available			747	28	3%	0	4%	jo-if-wp_034.tag	25%

Figura 13: Linhas de concordância da expressão de busca “*were VBD be made*”.

Se digitássemos apenas “*were warned*” o programa identificaria a presença da etiqueta e da forma lematizada entre *were* e *warned* e não retornaria nenhum resultado.

3.3 Os *corpora* de referência

Um *corpus* de referência é utilizado para contraste com o *corpus* de estudo a fim de evidenciar neste as formas mais frequentes, filtrando os elementos mais genéricos, recorrentes (também) naquele. Por esse motivo, a escolha do *corpus* de referência é extremamente importante para a análise em qualquer pesquisa com *corpus*. Ademais, uma vez que a noção de palavras-chave parte do princípio da relevância estatística da comparação entre o *corpus* de estudo e o *corpus* de referência, os critérios de compilação de um *corpus* de estudo e a escolha do *corpus* de referência influenciam de forma direta o resultado da pesquisa.

Berber Sardinha (2004, p. 102) recomenda que o *corpus* de referência seja entre três e cinco vezes maior que o *corpus* de estudo. Entretanto, ainda segundo o autor, compilar um *corpus* muito maior do que o recomendado não retornará,

Capítulo 3

necessariamente, maior número de palavras-chave. Não existem, porém, restrições que limitem o tamanho do *corpus* de referência. Hunston (2002, p. 68), por exemplo, recomenda que o *corpus* de referência seja maior e mais genérico que o *corpus* de estudo; no entanto, não acredita que exista um modelo definitivo para a escolha de um *corpus* de referência.

Em geral, devem-se incluir nesse material vários gêneros textuais, de modo que o *corpus* proporcione uma escolha não marcada das palavras-chave, pois suas características influenciam os tipos de palavra que podem ser classificadas como chave (BERBER SARDINHA, 2004, p. 100). Assim como Hunston (2002), Scott e Tribble (2006, p. 65) acreditam que não existe uma regra para a seleção de um *corpus* de referência e que sua escolha deve ser realizada considerando a tipologia do *corpus* de estudo e os resultados esperados.

Em nossa pesquisa, utilizamos dois *corpora* de referência: o BNC (*British National Corpus*)⁵⁵ e o Lácio-Ref⁵⁶. Ambos são muito maiores que o de estudo. Contudo, foram os que nos retornaram melhores resultados.

O BNC, *corpus* fechado (1990-1994), possui 100 milhões de palavras e foi desenvolvido com o objetivo de ser representativo das variantes escrita e falada do inglês britânico. O Lácio-Ref é o *corpus* de referência do português brasileiro que conta com 4.278 arquivos, totalizando 8.291.818 palavras. É um *corpus* não anotado, com informações morfossintáticas, sintáticas ou de nível mais elevado, mas possui anotações da existência de elementos gráficos e de cabeçalho. A grande maioria dos textos está disponibilizada na íntegra.

3.4 Ferramentas Computacionais

Pesquisas que utilizam a Linguística de *Corpus*, seja como metodologia ou como abordagem linguística, demandam o uso de ferramentas computacionais para o processamento do *corpus*. Essas ferramentas fazem o trabalho “braçal” da pesquisa, como contar palavras, classificar a ordem dos itens listados, gerar linhas de concordância e alinhar traduções, de forma automática e eficaz. A partir desses dados,

⁵⁵ Disponível em: <<http://www.natcorp.ox.ac.uk/>>. Acesso em: 14 abr. 2010.

⁵⁶ Disponível em: <<http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/projects/lacio-web.htm>>. Acesso em: 15 maio 2015.

Capítulo 3

o pesquisador procede com a análise qualitativa, manual. Nesta seção, apresentamos duas das três ferramentas computacionais utilizadas na pesquisa: o *WordSmith Tools 6.0* e o *TshwaneLex*. A ferramenta *Tree tagger* foi apresentada no item 3.2.2, uma vez que a utilizamos na fase de pré-processamento do *corpus*, e não durante a análise.

3.4.1 WordSmith Tools

Utilizamos o *software WordSmith Tools* para processar o *corpus*. O programa, de autoria de Mike Scott, da Universidade de Liverpool, é publicado pela *Oxford University Press* e pela *Lexical Analysis Software Ltda.*⁵⁷ Trabalhamos com a versão mais atual do *software*, a 6.0, que está disponível para *Windows XP* e versões mais atuais do *Windows*.

O *software* é um conjunto integrado de recursos para análise lexical e possui três ferramentas principais – *Wordlist*, *Keywords* e *Concord* – e uma série de utilitários:

Figura 14: Interface do *software WordSmith Tools* versão 6.0.

Nos itens que seguiremos mostraremos as ferramentas e os ajustes utilizados em nossa pesquisa. Os exemplos selecionados foram extraídos do *corpus* de estudo e dos

⁵⁷ Disponível em: < <http://www.lexically.net/wordsmith/> >. Acesso em: 15 jan. 2015.

Capítulo 3

corpora de referência, ora em português, ora em inglês, sempre com o objetivo de ilustrar os passos seguidos para a análise.

3.4.1.1 *Wordlist*

A ferramenta *Wordlist* permite a criação de listas de palavras⁵⁸. O programa produz, a cada vez, duas listas de palavras, uma em ordem alfabética e outra em ordem de frequência. As listas aparecem em duas abas distintas e, juntamente com as listas, o programa disponibiliza uma terceira aba com informações estatísticas.

Independentemente da área da pesquisa com *corpus*, seja ela lexicografia, terminologia, tradução, literatura, análise do discurso etc., ou tipo de pesquisa, isto é, baseada em *corpus* ou direcionada pelo *corpus*, a lista de palavras funciona como ponto de partida para etapas futuras na análise, como, por exemplo, palavras-chave e linhas de concordância (KENNEDY, 1998, p. 245).

O primeiro passo para a criação de uma lista de palavras é selecionar, em *language and settings*, a língua da lista a ser criada. Essa etapa é fundamental, pois o programa só compara listas de palavras da mesma língua. A figura a seguir mostra a tela dos ajustes realizados para gerar a lista de palavras do nosso *subcorpus* em inglês:

⁵⁸ Utilizamos a acepção de palavra de Barnbrook *et al.* (2013), qual seja uma sequência de letras separada por espaço em branco que, dependendo do interesse do pesquisador, pode ou não conter sinais como apóstrofo e hífen.

Capítulo 3

Figura 15: Tela de ajuste das funções consideradas para a criação da lista de palavras do *subcorpus* de inglês.

Ajustamos a língua para inglês britânico e também deixamos a opção de *hyphens separate words* em branco, pois a experiência de trabalhar com a linguagem do futebol adquirida durante nossa pesquisa de mestrado nos mostrou alto índice de palavras compostas separadas por hífen. Nesse caso, devido ao ajuste realizado, o programa considera, por exemplo, o termo *hat-trick*⁵⁹ como uma única palavra.

Quando se trabalha com cabeçalho, o pesquisador deve realizar ajustes específicos na opção *Tags & Markups* das configurações avançadas para que o programa não considere as etiquetas na elaboração da lista de palavras. Como mencionado no item 3.1.5, a informação inserida no cabeçalho contribui para melhor interpretação dos dados. No entanto, essas informações são extralinguísticas e não devem ser contabilizadas como ocorrências do *corpus*. A figura 16 mostra os ajustes realizados para nossa pesquisa:

⁵⁹ Termo utilizado quando um jogador faz três gols em uma partida.

Capítulo 3

Figura 16: Ajustes realizados na opção *Tags & Markup* das configurações avançadas.

Uma vez que nosso cabeçalho segue o modelo SGML, em que todas as etiquetas seguem o formato <etiqueta de abertura> informação </etiqueta de fechamento>, ajustamos o programa para ignorar essa marcação em *mark-up to ignore* e indicamos a etiqueta que representa o término do cabeçalho na caixa *document header ends*.

Realizados os ajustes, selecionamos o *corpus* de estudo e a ferramenta gerou a lista de palavras do *corpus* selecionado. A tabela abaixo apresenta as vinte palavras mais frequentes do *subcorpus* de estudo em inglês:

N	Word	Freq.	%	Texts	%
1	THE	63555	5,94	612	100,00
2	A	27939	2,61	609	99,64
3	TO	25220	2,36	605	98,91
4	AND	21342	1,99	606	99,09
5	OF	18517	1,73	603	98,64
6	IN	18407	1,72	608	99,46
7	FOR	10579	0,99	599	97,91
8	ON	9770	0,91	598	97,82
9	FROM	8800	0,82	579	94,65
10	BUT	8442	0,79	570	93,93
11	WITH	8268	0,77	594	97,10
12	IT	8155	0,76	551	90,12
13	HIS	7797	0,73	568	92,84

Capítulo 3

14	IS	7771	0,73	415	67,82
15	WAS	7733	0,72	558	91,30
16	THAT	7003	0,65	512	83,68
17	AS	6150	0,57	552	90,30
18	HE	6141	0,57	523	85,58
19	AT	6009	0,56	578	94,56
20	BY	5640	0,53	503	89,21

Tabela 2: Vinte palavras mais frequentes, em ordem decrescente, do *subcorpus* de estudo em inglês.

A lista de palavras gerada apresenta cada palavra (*word*) do *corpus* seguida da respectiva frequência (*Freq.*), da porcentagem de ocorrência da palavra no *corpus* (%), do número de textos em que ocorre (*Texts*) e da porcentagem de textos em que ocorre (%). Por exemplo, *the* é a palavra mais frequente do *subcorpus* em inglês. Ocorre 63.555 vezes, soma 5,94% das ocorrências desse *subcorpus*, está presente em 612 textos e aparece em 100% dos textos selecionados.

Ao analisar as vinte palavras mais frequentes do *subcorpus*, percebemos que a lista é composta somente por palavras gramaticais, como artigos, preposições e pronomes. Segundo Baayen (1998), essa é uma tendência nas listas de palavras, já que elas mostram apenas a frequência dos itens de um *corpus*. No entanto, para uma pesquisa terminológica, as palavras de conteúdo mostram-se mais interessantes, pois refletem o que é relevante em uma área de especialidade (BAKER, 2006, p. 123). Em nosso *subcorpus* em inglês, a primeira palavra de conteúdo que aparece é *ball*, vigésimo segundo item da lista de palavras, com 4.576 ocorrências.

O *WordSmith Tools* também disponibiliza uma lista de palavras em ordem alfabética que pode ser útil para a visualização das diferentes formas de uma palavra, uma vez que nosso *corpus* não foi lematizado⁶⁰. A tabela 3 mostra uma parte da lista de palavras em ordem alfabética do *subcorpus* em português:

N	Word	Freq.	%	Texts	%
3988	COBRADA	53		51	3,11
3989	COBRADAS	4		4	0,24
3990	COBRADO	45		44	2,68
3991	COBRADOR	6		4	0,24
3992	COBRADORES	1		1	0,06
3993	COBRADOS	1		1	0,06
3994	COBRAM	3		3	0,18

⁶⁰ Não agrupamos as palavras em sua forma canônica. Se agrupássemos as palavras do *corpus* de estudo, teríamos que realizar o mesmo procedimento com o *corpus* de referência, o que demandaria muito tempo e não se mostrou necessário ao longo da pesquisa.

Capítulo 3

3995	COBRAMOS	1		1	0,06
3996	COBRANÇA	3168	0,32	572	34,86
3997	COBRANÇAS	45		40	2,44
3998	COBRANDO	21		19	1,16
3999	COBRAR	42		39	2,38
4000	COBRARAM	2		1	0,06
4001	COBRARE	1		1	0,06
4002	COBRAVAM	1		1	0,06

Tabela 3: Amostragem da lista de palavras do *subcorpus* de português ordenada alfabeticamente.

Ao observar a lista, constatamos que ‘cobrança’ é a forma mais comum do lema ‘cobrar’, por exemplo. Em nossa pesquisa, essa lista foi utilizada para verificar o número total de ocorrências das diferentes formas de uma palavra. Por exemplo, o verbo ‘marcar’ e suas formas flexionadas: ‘marca’, ‘marcou’ etc. Além da lista de frequência e da lista em ordem alfabética, o *WordSmith Tools* exibe uma lista com informações estatísticas. Observemos a tabela 4:

N	text file	file size	tokens 1	tokens 2	sum of entries	types	(TTR)
1	Overall	4102752	600079	575066		11914	2,13
2	JO-IF-AGO_001.txt	3402	385	374		195	52,14
3	JO-IF-AGO_002.txt	2266	201	193		121	62,69
4	JO-IF-AGO_003.txt	2319	200	194		129	66,49
5	JO-IF-AGO_004.txt	2015	167	151		93	61,59
6	JO-IF-AGO_005.txt	2095	161	152		92	60,53
7	JO-IF-AGO_006.txt	2324	205	192		121	63,02
8	JO-IF-ASAN_001.txt	5055	662	649		310	47,77
9	JO-IF-ASAN_002.txt	2782	276	267		147	55,06
10	JO-IF-ASAN_003.txt	2496	226	218		121	55,50
11	JO-IF-ASAN_004.txt	2631	255	244		142	58,20
12	JO-IF-ARE_001.txt	2943	325	309		153	49,51

Tabela 4: Visualização parcial dos dados estatísticos do *subcorpus* de estudo em inglês.

A lista mostra os arquivos utilizados no levantamento (*text file*), o tamanho do arquivo (*file size*), o total de itens lexicais corridos em cada arquivo (*tokens 1*), o total de itens lexicais utilizados no levantamento da lista de palavras após eliminação de números e caracteres especiais (*tokens 2*), a soma de entradas (*sum of entries*) – que só é preenchida quando a opção *Compute | Tokens* é ativada –, as formas distintas no *corpus* (*types*) e a razão forma/item (*TTR – type token ratio*).

Observemos a frase abaixo para melhor entender a relação forma/item:

Capítulo 3

“Falei para ele, Luis Fabiano, chutar para fora, chutar para cima, porque a vida do São Paulo já está definida”.⁶¹

A frase possui vinte *tokens*, ou seja, vinte itens lexicais. No entanto, apresenta apenas dezoito *types*, ou dezoito formas diferentes, já que as palavras ‘chutar’ e ‘para’ foram utilizadas duas vezes.

A relação forma/item é obtida dividindo-se o total de formas pelo total de itens. No exemplo acima, dividimos dezoito por vinte e obtivemos a relação forma/item de 0,9. Contudo, o programa apresenta essa relação em forma de porcentagem. Dessa forma, teríamos que dividir o número de formas (dezoito) pelo número de itens (vinte) dividido por cem, ou seja, $18 \div (20 \div 100)$, para obter a relação forma item de 90%. Esse indicador é de extrema importância para pesquisas terminológicas, pois indica a densidade lexical do texto ou do *corpus*. Quanto maior a relação forma/item, maior a riqueza lexical, ou seja, maior a ocorrência de formas distintas. Em nossa pesquisa, observar a relação forma/item nos ajudou a definir o momento de fechar o *corpus*, pois uma vez que a relação não aumenta, indicando a ausência de formas novas, a inserção de novos textos no *corpus* deixa de ser vantajosa.

3.4.1.2 Keywords

A ferramenta *Keywords* permite a criação de uma lista de palavras-chave do *corpus* ao comparar nosso *corpus* de estudo com o *corpus* de referência selecionado, de modo a verificar as palavras estatisticamente mais frequentes no *corpus* de estudo. Essas palavras são consideradas palavras-chave, pois possuem, em termos estatísticos, uma frequência relativa de maior importância no *corpus* de estudo do que no *corpus* de referência, podendo, assim, ser utilizadas para indicar a temática do *corpus*.

Enquanto a lista de palavras é o primeiro passo para a maior parte das pesquisas em *corpus*, a lista de palavras-chave é um procedimento rápido e um instrumento valioso para direcionar o linguista em sua pesquisa (BAKER, 2004). A

⁶¹ Disponível em: < <http://esporte.ig.com.br/futebol/2012-10-21/vagner-love-revela-ter-pedido-para-luis-fabiano-chutar-penalti-para-fora.html> > Acesso em: 19 maio 2015.

Capítulo 3

importância das palavras-chave em pesquisas com *corpus* é ressaltada por vários acadêmicos. Tribble (2000) compara um *corpus* de ficção romântica com um *corpus* geral e, por meio do estudo de palavras-chave, identifica características da ficção romântica que são mais frequentes na linguagem falada do que na escrita; Gledhill (1995) identifica itens com frequência relativa maior em diferentes seções de um artigo científico; Teixeira (2008) elabora um modelo de dicionário de culinária voltado para a produção textual partindo da lista de palavras-chave. Enfim, há um número significativo de estudos que demonstram a importância das palavras-chave em uma pesquisa com *corpus*.

Scott (2004) cita três tipos de palavras-chave que resultam da comparação do *corpus* de estudo com um *corpus* de referência: 1) nomes próprios; em nosso caso, encontramos nomes de alguns jogadores, times, campeonatos e estádios; 2) palavras que humanos reconheceriam como palavras-chave, já que indicam a temática do *corpus*; e 3) palavras gramaticais, que normalmente possuem frequência relativa parecida com o *corpus* de referência, mas que indicam o estilo, a característica ou, até mesmo, as colocações do *corpus* como, por exemplo, a palavra ‘para’ em português. No nosso *subcorpus* em português, a preposição é colocada frequente dos verbos ‘chutar’ e ‘tocar’.

Dada a importância das palavras-chave para os resultados da pesquisa, realizamos alguns ajustes na ferramenta antes de gerar a lista. Primeiramente, escolhemos o teste estatístico a ser utilizado. O programa *WST* oferece dois testes estatísticos: o *log likelihood* e o *chi-square*. Segundo Gerber (2007), a medida estatística *log-likelihood* é indicada quando o pesquisador tem a intenção de comparar listas de grandes dimensões, enquanto a *chi-square* tem maior eficácia quando usada para comparar uma amostra da população. Em nosso caso, a segunda medida seria adotada se quiséssemos comparar os diferentes gêneros textuais que compõem o *corpus*. Apesar da distinção bastante clara entre as duas medidas, nenhum autor lido define ‘listas de grandes dimensões’. Apesar de acreditarmos desde o início que a *log-likelihood* seria indicada para nossa pesquisa, geramos listas de palavras com as duas medidas e analisamos os resultados, que comprovaram nossa hipótese inicial.

Outro ajuste realizado foi no valor de *p*, ou *p-value* em inglês, que é o resultado de um teste de significância aplicado para verificar a hipótese nula, ou seja,

Capítulo 3

de que não existe diferença significativa entre dois grupos de dados e as diferenças entre eles ocorrem puramente por acaso (DAYRELL, 2011, p. 147). Em outras palavras, a probabilidade de um evento ocorrer varia entre 0 e 1. O primeiro número indica que as chances de um evento ocorrer são nulas, ou seja, 0. O segundo, por outro lado, indica a certeza da ocorrência do evento (OAKES, 1998). Contudo, entre 0 e 1 existem diferentes graus de probabilidade para que um evento ocorra e, em nosso caso, ao determinar o valor de p para elaborar uma lista de palavras-chave, estabelecemos a probabilidade de as palavras serem chave ou não. Dessa forma, quanto maior o valor de p estipulado, mais palavras-chave serão encontradas, e quanto menor o valor estipulado, menos palavras são encontradas, conferindo, assim, maior certeza de um resultado significativo.

Uma vez que sabíamos de antemão que não analisaríamos todas as palavras-chave do *corpus*, ajustamos o valor de p em 0,000001 a fim de obter um número reduzido de palavras-chave. De acordo com esse ajuste, a chance de uma palavra ser considerada chave ao acaso é de um em um milhão. Contudo, para restringir ainda mais o número de *keywords*, optamos por ter acesso a somente 300 palavras. A frequência mínima selecionada para a palavra ser considerada chave foi 1, uma vez que os *hapax legomena*, palavras que ocorrem uma única vez no *corpus*, podem constituir valioso objeto de análise (BERBER SARDINHA, 2004, p. 24). A figura 17 mostra a tela da ferramenta com os ajustes realizados:

Capítulo 3

Figura 17: Ajustes realizados para o levantamento das palavras-chave.

Realizados os devidos ajustes, selecionamos os *corpora* a serem comparados (figura 18) e o programa gerou a lista de palavras chave (tabela 5):

Figura 18: Tela de seleção dos *corpora*.

Capítulo 3

N	Key word	Freq.	%	RC. Freq.	RC. %	Keyness	P
1	BOLA	6857	0,64	184		26757,29	0,00
2	GOL	6171	0,58	236		23608,26	0,00
3	FALTA	6901	0,65	1747	0,02	20360,84	0,00
4	DIREITA	4844	0,45	416		17266,00	0,00
5	BATIDO	3968	0,37	10		16295,12	0,00
6	MINUTOS	4102	0,38	511		13913,16	0,00
7	COBRANÇA	3168	0,30	129		12062,80	0,00
8	JOGO	3942	0,37	951	0,01	11760,91	0,00
9	ÁREA	5920	0,56	4436	0,06	11574,28	0,00
10	CHUTE	2560	0,24	23		10341,64	0,00
11	ESQUERDA	3123	0,29	564		9927,80	0,00
12	GOLEIRO	2370	0,22	85		9095,58	0,00
13	TIME	2884	0,27	583		8956,83	0,00
14	FUTEBOL	2597	0,24	382		8572,63	0,00
15	PARTIDA	2467	0,23	471		7753,59	0,00
16	COMETIDA	1845	0,17	16		7457,47	0,00
17	TIRO	1930	0,18	73		7382,04	0,00
18	ESCANTEIO	1677	0,16	6		6863,57	0,00
19	META	2017	0,19	384		6342,25	0,00
20	ÁRBITRO	1573	0,15	35		6183,24	0,00

Tabela 5: Vinte primeiras palavras-chave, em ordem decrescente de chavicidade, do *subcorpus* em português.

Ao observar a lista de palavras-chave do *subcorpus* de português, constatamos que todos os itens, sem exceção, fazem parte do léxico do futebol. No que se refere aos tipos de palavras-chave identificados por Scott (2004), os vinte primeiros itens pertencem ao grupo de palavras que identificam a temática do *corpus*.

3.4.1.3 Concord

A ferramenta *Concord* lista as ocorrências de um item específico, chamado de palavra de busca ou nóculo. Esse item pode ser formado por uma ou mais palavras e é apresentado em linhas de concordância com o cotexto ao seu redor. As concordâncias podem ser geradas de duas maneiras principais: 1) por meio de um *batch*, em que o programa gera linhas de concordância para cada ocorrência de um *corpus*; e 2) por meio da seleção de um item do *corpus*. No primeiro caso, o programa procura a ocorrência de cada item de um *corpus* e cria um arquivo com todas as ocorrências acompanhadas de uma quantidade previamente selecionada de cotexto. No segundo caso, o pesquisador insere na caixa de busca a palavra para a qual deseja gerar concordâncias e o programa gera linhas de concordância com essa palavra. O primeiro tipo de lista, embora bastante útil em alguns casos, não se mostra

Capítulo 3

interessante em nossa pesquisa, uma vez que não analisamos todas as palavras do *corpus*. Utilizamos, aqui, o segundo tipo, em que geramos linhas de concordância para os termos selecionados para a análise.

As concordâncias podem ser produzidas em diversos formatos, sendo o mais comum o formato KWIC (*key word in context*) ou, em português, palavra-chave⁶² em contexto; nesse, a palavra de busca aparece centralizada, acompanhada de uma quantidade determinada de cotexto à direita e à esquerda. A figura 19 apresenta a palavra de busca *goal* centralizada e em azul, e resalta as três palavras imediatamente a sua esquerda:

N	Concordance	Set	Word #	Sent	Sent	Para	Para	He
1.435	his free kick was deflected in for an own-goal by Portugal's Armando Petit.		120	4	81%	33	12%	
1.436	Internet Double Dutch delight An own goal by Daniel Agger - thanks to		20	1	30%	33	1%	
1.437	by Agbonlahor, conceded an own goal when he headed into his own net		304	9	54%	33	65%	
1.438	Shawcross header followed by an own goal, as Stephen Jordan turned a Rory		54	1	30%	33	6%	
1.439	today (uninspired, leading by an own goal)," taunts Thomas Nisenhaus.		3.747	17%	88%	33	92%	
1.440	of his team in the 1998 Cup by an own goal, was assassinated when he		467	21	78%	33	24%	
1.441	Shawcross header followed by an own goal, as Stephen Jordan turned a Rory		51	2	29%	33	5%	
1.442	replied with a tap-in but an own goal from Owain Tudur-Jones made it 4		107	4	44%	33	36%	
1.443	in their Group E clash but an own goal from Cristian Zaccardo put the		113	2	58%	33	13%	
1.444	may be considered as an own goal, but in the instance of the		99	2	60%	33	55%	
1.445	officially chalked up as an own goal by Kamil Zayatte, the ball having		363	11	59%	33	52%	
1.446	16:55: And Chelsea have another! An own-goal in the final minute has spared		451	22	27%	33	33%	
1.447	after 37 and 43 minutes and an own goal from Andrea Dossena just before		60	2	34%	33	10%	
1.448	the giant Ryan Shawcross and an own goal by Stephen Jordan gave his team		69	1	71%	33	13%	
1.449	for Italy was canceled out by a an own goal from Cristian Zaccardo, but the		82	1	35%	33	9%	
1.450	return to beautiful football." 16:59 Own goal + red card = possibly the most		336	21	19%	33	6%	
1.451	Ashley Young on Skrtel 34MINS Own goal by Lucas Leiva hands Villa an		1.009	17	90%	33	62%	
1.452	Denmark conceded the 30th own goal in World Cup finals history.		809	32	67%	33	99%	

Figura 19: Seleção das linhas de concordância de *goal* ordenadas pelas três primeiras palavras à esquerda⁶³.

⁶² Kennedy (1998, p. 251) chama atenção para os diversos termos adotados pela literatura para se referir ao nódulo da linha de concordância. Dentre eles, encontramos “*target item*”, “*keyword*”, “*node word*” e “*serch item*”. Em nossa pesquisa utilizamos os termos ‘nódulo’ e ‘palavra de busca’ indistintamente.

⁶³ O programa permite salvar as listas de palavras, as listas de palavras-chave e as linhas de concordância em arquivo *Excel*. Todas as listas e tabelas aqui apresentadas são seleções das listas completas importadas para o *Excel*. Raras vezes mostramos a tela do *WST*, pois o programa só funciona em ambiente *Windows* e a pesquisadora trabalha com o sistema operacional padrão do *MacBook*. Dessa forma, a análise foi realizada na sede do projeto *Comet*, no prédio de Letras, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. As listas foram salvas em formato *.xls* e a pesquisadora redigiu a tese em seu computador pessoal consultando as listas previamente salvas. Já no caso das linhas de concordância e dos *clusters*, optamos por mostrá-los na tela do *software*, pois quando são salvos em *.xls*, perde-se a formatação.

Capítulo 3

A observação das linhas facilita a identificação de padrões linguísticos, como colocações e unidades de sentido mais extensas. No entanto, quando o número de linhas disponibilizadas pela ferramenta é muito alto, como no caso de *goal*, torna-se difícil, para não dizer impossível, estabelecer algum padrão somente observando as concordâncias. Para a identificação de padrões em casos como esse, é possível reordenar as linhas de diversas maneiras. Em pesquisas terminográficas ou lexicográficas, o mais comum é ordenar o resultado pelos colocados à direita ou à esquerda do nódulo.

Na figura acima, observamos a ocorrência da colocação *own goal*, que tem ‘gol contra’ como equivalente em português. O *WST* permite que o pesquisador clique na linha de concordância para ter acesso ao texto integral, fator que facilita bastante a análise de um item, principalmente durante a busca de equivalentes tradutórios, pois, embora o programa exiba o cotexto, este, muitas vezes, não é suficiente para entender o uso de um termo, colocação ou uma expressão.

A ferramenta *Concord* conta com o dispositivo *Clusters*, que permite a identificação de agrupamentos, também conhecidos como n-gramas, que podem ser descritos como associações de palavras que coocorrem com determinada frequência dentro de uma janela de determinado número de palavras à esquerda e à direita de uma palavra de busca.

Os *clusters* são computados automaticamente e não refletem, necessariamente, colocações ou CLEs. Para obter uma lista de *clusters*, clicamos na aba *clusters* que aparece na parte inferior da tela da ferramenta *Concord*. A figura 20 mostra uma seleção de *clusters* de ‘gol’ de três palavras, com frequência mínima de 3:

N	Cluster	Freq.	Set	Length	Related
58	THE GOAL AT	20		3	
59	CORNER OF THE	20		3	
60	GOAL IN A	20		3	
61	A GOAL IS	20		3	
62	A GOAL DOWN	20		3	
63	OWN GOAL BY	19		3	
64	A SHOT ON	19		3	
65	ON GOAL BY	19		3	
66	TO THE LEFT	18		3	
67	AT HIS MERCY	18		3	
68	GOAL BUT HIS	18		3	
69	TO SCORE A	18		3	
70	ON GOAL DIFFERENCE	18		3	
71	TO THE GOAL	18		3	
72	GOAL IT WAS	18		3	
73	THE LEFT OF	17		3	
74	TO THE RIGHT	17		3	
75	SECOND GOAL OF	17		3	

concordance collocates plot patterns **clusters** timeline filenames source text notes

544 entries Row 74 TO THE RIGHT

Figura 20: Seleção de *clusters* de três palavras de *goal*.

Utilizamos os *clusters* em alguns momentos de nossa pesquisa unicamente para visualizar, de forma mais sistemática, os colocados de alguns termos. Poderíamos ter utilizado o dispositivo *collocates*, mas demos preferência ao *clusters* devido ao modo como essas associações de palavras são disponibilizadas. Ou seja, o dispositivo foi utilizado somente quando procurávamos por uma associação de duas ou mais palavras e havia um grande número de linhas de concordâncias que, embora ordenadas, dificultavam a análise.

3.4.2 TshwaneLex (TLex)

O *software TshwaneLex*, ou *TLex*, é um *software* de compilação de dicionários e listas terminológicas que conta com uma série de aplicativos que auxiliam o lexicógrafo ou terminógrafo no processo de compilação. Além disso, pode ser utilizado para todas as línguas e para a criação de diferentes tipos de obras de referência, uma vez que permite a customização dos verbetes.

O *software* inclui quatro aplicativos:

Capítulo 3

- 1) *TLex Dictionary Compilation Software*: utilizado para a construção de dicionários e bancos de dados terminológicos;
- 2) *tlTerm Professional Termbase Software*: compila listas terminológicas;
- 3) *tlCorpus Concordance Software*: compila *corpus* de forma semiautomática e realiza o levantamento de listas de palavras;
- 4) *tlReader*: possibilita a visualização de obras lexicográficas e terminológicas criadas pelo *TLex*.

Nesta pesquisa utilizamos somente o *TLex Dictionary Compilation Software*, pois a compilação do *corpus* foi feita de forma manual e a análise do *corpus* foi feita com o auxílio do *software WST*. A figura abaixo mostra a tela inicial do *software*:

Figura 21: Tela inicial do *TshwaneLex*.

Ao abrir o aplicativo temos a opção de criar um novo projeto, abrir um arquivo salvo no *TLex* – quer seja um dicionário, um *corpus* ou uma lista terminológica – e abrir um banco de dados.

Ao clicar em *Start a new dictionary project* (iniciar novo projeto de dicionário, no alto, à esquerda), o programa abre uma janela em que o pesquisador deve nomear o dicionário, em nosso caso *Football Dictionary*, e selecionar a opção *monolingual* (monolíngue) ou *bilingual* (bilíngue), onde selecionamos a opção

Capítulo 3

‘bilíngue’. As outras caixas de informação que o *software* disponibiliza não são de preenchimento obrigatório. Seleccionamos a opção ‘bilíngue’ uma vez que nosso modelo de dicionário foi elaborado nas duas línguas. Ao seleccionar essa opção, é possível criar, de forma automática, verbetes na língua dois (inglês), desde que o campo TE (*translation equivalent*) esteja preenchido na língua um (português).

Para criar entradas na língua dois de forma automática, clicamos no botão ‘reverse’ e o programa abre uma janela com o termo em português e o equivalente em inglês, que constituirá o verbete na outra parte do dicionário (figura 22). Essa opção funciona perfeitamente para verbetes que possuem um único equivalente, como, por exemplo, o termo ‘bichado’⁶⁴ em português, que tem como equivalente *crock* em inglês. No entanto, é muito comum um termo em português possuir mais de um equivalente em inglês, como é o caso de ‘lambreta’, que apresenta sete equivalentes nesse idioma. Nesse caso, o procedimento realizado é o mesmo, mas, ao criar a entrada para os equivalentes em inglês, o programa cria uma única entrada com todos os termos. Observemos a figura abaixo:

Figura 22: Tela da reversão automática de termos do *TLex*.

Dada a impossibilidade de o programa criar entradas separadas para os equivalentes em inglês, optamos por inserir os termos manualmente na parte em

⁶⁴ Jogador que apresenta algum problema físico, geralmente crônico.

Capítulo 3

inglês. Sendo assim, selecionamos a versão bilíngue de dicionário, mas não utilizamos o que seria a característica mais promissora da ferramenta: versão automática dos verbetes da língua um para a língua dois.

Ao observar a figura 23, vemos que o programa disponibiliza uma série de elementos, como referência (*reference*), definição (*definition*) e equivalente tradutório (*TE*) para a construção dos verbetes:

Figura 23: Tela da escolha dos elementos que constituirão os verbetes.

Embora o programa apresente uma lista bastante extensa de elementos, não contempla alguns que fazem parte de nosso verbete, como, por exemplo, os elementos ‘ilustração’ e ‘vídeo’. Dessa forma, tivemos que criar novos elementos. Para tanto, selecionamos a função *Customize DTD* em *Dictionary*:

Capítulo 3

Figura 24: Tela de customização do TLex.

Acrescentamos à lista de elementos disponibilizada pelo TLex os campos *comment*, onde disponibilizamos informações históricas e culturais sobre alguns termos, *image*, para inserir uma figura que ajude o consulente a melhor compreender o significado da entrada, e *video*, para inserir vídeos que contribuam para o entendimento da definição:

Figura 25: Tela de inclusão de elementos no dicionário.

A partir da inclusão dos elementos supracitados, elaboramos um modelo de verbete com as informações que julgamos importantes para o consulente de nossa obra. Uma característica bastante interessante da ferramenta é a possibilidade de alterar a ordem em que os elementos são apresentados no verbete. Para tanto, basta o

Capítulo 3

pesquisador selecionar o elemento desejado e alterar a ordem de exibição utilizando os botões “*move up*” e “*move down*” (figura 25). Em nosso dicionário, a ordem escolhida foi: 1) classificação gramatical; 2) equivalente tradutório (TE); 3) definição (Definition); 4) exemplo (Example); 5) comentários (comment); 6) subentrada (subentry); 7) referências (references); 8) imagem (image); e 9) vídeo (video).

Nenhum dos campos é de preenchimento obrigatório. Dessa forma, inserimos figuras ou vídeos somente naqueles verbetes em que o recurso visual auxilia na compreensão do significado do termo. O campo *comment*, por exemplo, também só é preenchido quando diferenças culturais ou fatores históricos acrescentam ao significado apresentado no campo *definition*.

No que se refere ao campo *references*, utilizamos dois tipos de referências: 1) *same as*, para verbetes considerados sinônimos; nesse caso utilizamos o sistema de remissivas, ou seja, preenchemos as informações na entrada do item mais frequente e o *software* criou um *link* entre as entradas; 2) *SEE*, para direcionar o consulente a outro verbete, a fim de contrastar dois significados de um mesmo termo ou de ter acesso a outra expressão em que o termo é utilizado. A figura 26 mostra um verbete que possui a referência cruzada *same as* e a figura 27 mostra um verbete que possui a referência cruzada *SEE*:

Figura 26: Exemplo de verbete que apresenta a referência cruzada *same as*.

Capítulo 3

Figura 27: Exemplo de verbete que apresenta a referência cruzada SEE.

A figura 26 mostra o verbete ‘carretilha’, que tem como sinônimo o termo ‘lambreta’. ‘Carretilha’ compõe a entrada principal porque apresenta frequência maior que ‘lambreta’ no *corpus*. A figura 27 mostra o verbete ‘falta’, que apresenta referência cruzada para o verbete ‘falta, [FAZER|COMETER], uma’. Em ambos os casos o *software* indica que o verbete possui referência cruzada por meio da informação *article has cross-references to*, no caso da entrada principal (mais frequente), ou *article is cross-referenced from*, no caso da segunda entrada.

O *software* também permite que o pesquisador altere estilos e fontes de cada elemento, visando uma melhor visualização do produto final. Por exemplo, o elemento⁶⁵ *example*, que é formado por dois atributos – o exemplo em si (*Example*) e a fonte de onde o exemplo foi retirado (*source*) –, aparece em itálico, em verde oliva, precedido de ‘//EX.:’ e seguido de ‘//’. Para realizar esses ajustes, clicamos, na aba *Dictionary*, em *Customize DTD* e em *Stlyes/formatting*. As figuras abaixo exibem os ajustes:

⁶⁵ Todo campo (elemento) criado no *TLex* é formado por, no mínimo, um atributo, que pode ser entendido como informação que estará presente no campo. Por exemplo, o campo *TE* (equivalente tradutório) é formado por um único atributo – o equivalente tradutório –, pois nesse campo o equivalente na língua dois é a única informação a ser inserida. No entanto, alguns campos apresentam mais de um atributo, como é o caso do campo *example*, em que exibimos o exemplo em si (atributo *Example*) e a fonte de onde o exemplo foi coletado (atributo *Source*).

Capítulo 3

Figura 28: Tela de formatação dos estilos do elemento *example*.

Figura 29: Tela de formatação do atributo *example* do elemento *Example*.

Figura 30: Tela de formatação do atributo *Source* do elemento *Example*.

A figura 28 mostra os ajustes realizados para o elemento *Example*: fonte *Times New Roman* número 11 e cor verde oliva. A figura 29 exhibe os ajustes para o atributo *Example*: fonte itálico e texto precedido de ‘//EX.:’. A figura 30 mostra os ajustes para o atributo *Source*: fonte ‘itálico’ e texto precedido de ‘//’.

Após inserir novos elementos e formatá-los, passamos ao preenchimento dos campos. Os verbetes são montados a partir de uma estrutura hierárquica (*Tree View*), previamente selecionada (figura 31, que fica à esquerda da tela, e sua visualização aparece à direita (*Preview*). O *Tree View* apresenta uma janela na parte inferior, onde inserimos as informações que farão parte do verbete:

Capítulo 3

Figura 31: Tela de visualização hierárquica (*Tree View*) e janela de preenchimento das informações do verbete ‘drible da vaca’.

Como podemos observar, na parte superior selecionamos os elementos que fazem parte do verbete; no caso de ‘drible da vaca’, observamos a classe gramatical, o equivalente tradutório, a definição, o exemplo e um vídeo, pois acreditamos que o recurso audiovisual complementa a definição. Na parte inferior, preenchemos os campos selecionados com as informações específicas do verbete.

Preenchidos os campos, o programa gera o verbete na janela *Preview* (figura 32). Ressaltamos que a ordem dos elementos e as fontes selecionadas podem ser alteradas a qualquer momento, e, uma vez alteradas, as modificações são replicadas para todos os verbetes.

Por fim, a janela *Preview* mostra a interface do verbete:

Capítulo 3

Figura 32: Tela de visualização do verbete 'drible da vaca'.

O *software* TLex foi de extrema importância para a organização das informações coletadas e para garantir a uniformidade dos verbetes do dicionário. Estamos cientes de que o *software* possui recursos que não foram explorados em nossa pesquisa por questão de tempo. Vale ressaltar, ainda, que por falta de assistência no manuseio da ferramenta⁶⁶, os caminhos percorridos nem sempre foram os mais simples. Entretanto, salientamos sua praticidade e versatilidade para a compilação de dicionários, quer sejam bilíngues ou monolíngues, de língua geral ou especializados.

3.5 Metodologia

Nesta seção, descrevemos a metodologia utilizada em nossa pesquisa. Primeiramente, detalhamos os procedimentos adotados para a escolha dos estudos de caso; após, explicamos os passos seguidos para melhor compreender o significado dos termos selecionados em português; e, ao final, descrevemos os passos seguidos para o estabelecimento dos equivalentes tradutórios.

⁶⁶ O *software* disponibiliza um canal de contato, mas não responde muitas das solicitações ou demora demais para esclarecer as dúvidas dos usuários.

Capítulo 3

3.5.1 Seleção dos estudos de caso

A partir do levantamento semiautomático das palavras-chave, demos continuidade à pesquisa realizando a análise qualitativa da lista a fim de selecionar os estudos de caso, que foram escolhidos segundo o objetivo deste trabalho: verificar como os diferentes jeitos de jogar, a história do futebol em cada cultura, a apropriação cultural das regras na Inglaterra e no Brasil e outros fatores de ordem histórico-social contribuíram para a criação do léxico do futebol em português e inglês e criar um modelo de dicionário de futebol composto por verbetes que sejam marcados por diferenças culturais entre Brasil e Inglaterra.

Mostramos, abaixo, as 300 primeiras palavras-chave do *corpus* de português, em ordem decrescente de chavicidade (*keyness*):

N	Key word	Freq.	%	RC. Freq.	RC. %	Keyness	P
1	BOLA	6857,00	0,64	184,00		26757,29	0,00
2	GOL	6171,00	0,58	236,00		23608,26	0,00
3	FALTA	6901,00	0,65	1747,00	0,02	20360,84	0,00
4	DIREITA	4844,00	0,45	416,00		17266,00	0,00
5	BATIDO	3968,00	0,37	10,00		16295,12	0,00
6	MINUTOS	4102,00	0,38	511,00		13913,16	0,00
7	COBRANÇA	3168,00	0,30	129,00		12062,80	0,00
8	JOGO	3942,00	0,37	951,00	0,01	11760,91	0,00
9	ÁREA	5920,00	0,56	4436,00	0,06	11574,28	0,00
10	CHUTE	2560,00	0,24	23,00		10341,64	0,00
11	ESQUERDA	3123,00	0,29	564,00		9927,80	0,00
12	GOLEIRO	2370,00	0,22	85,00		9095,58	0,00
13	TIME	2884,00	0,27	583,00		8956,83	0,00
14	FUTEBOL	2597,00	0,24	382,00		8572,63	0,00
15	PARTIDA	2467,00	0,23	471,00		7753,59	0,00
16	COMETIDA	1845,00	0,17	16,00		7457,47	0,00
17	TIRO	1930,00	0,18	73,00		7382,04	0,00
18	ESCANTEIO	1677,00	0,16	6,00		6863,57	0,00
19	META	2017,00	0,19	384,00		6342,25	0,00
20	ÁRBITRO	1573,00	0,15	35,00		6183,24	0,00
21	FORA	2659,00	0,25	1419,00	0,02	6120,64	0,00
22	VITÓRIA	2051,00	0,19	496,00		6112,56	0,00
23	AOS	5134,00	0,48	7711,00	0,10	6053,42	0,00
24	ATAQUE	1854,00	0,17	345,00		5856,69	0,00
25	TEMPO	4691,00	0,44	6732,00	0,09	5771,42	0,00
26	ATACANTE	1578,00	0,15	107,00		5763,52	0,00
27	CRUZA	1395,00	0,13	26,00		5521,41	0,00
28	CAMPO	2595,00	0,24	1801,00	0,02	5278,79	0,00
29	JOGADA	1354,00	0,13	41,00		5245,28	0,00
30	DEFESA	2142,00	0,20	994,00	0,01	5217,88	0,00
31	SAI	1653,00	0,16	311,00		5209,83	0,00
32	O	40835,00	3,83	188570,00	2,56	5170,45	0,00

Capítulo 3

33	ATLÉTICO	1333,00	0,13	47,00		5119,89	0,00
34	CHUTA	1236,00	0,12	14,00		4965,86	0,00
35	PLACAR	1234,00	0,12	14,00		4957,63	0,00
36	GOLS	1337,00	0,13	81,00		4934,68	0,00
37	RECEBE	1708,00	0,16	500,00		4842,43	0,00
38	BATE	1322,00	0,12	88,00		4836,86	0,00
39	AMARELO	1389,00	0,13	157,00		4775,82	0,00
40	CARTÃO	1346,00	0,13	151,00		4632,84	0,00
41	CIMA	1537,00	0,14	376,00		4567,21	0,00
42	MEIA	1455,00	0,14	284,00		4550,86	0,00
43	NA	14476,00	1,36	51402,00	0,70	4444,08	0,00
44	PASSE	1202,00	0,11	94,00		4326,03	0,00
45	ENTRA	1438,00	0,13	372,00		4213,50	0,00
46	TENTA	1311,00	0,12	248,00		4127,00	0,00
47	EMPATE	1084,00	0,10	62,00		4020,90	0,00
48	GRÊMIO	975,00	0,09	37,00		3727,74	0,00
49	RODADA	1003,00	0,09	60,00		3705,84	0,00
50	CORINTHIANS	1001,00	0,09	69,00		3649,73	0,00
51	ZAGA	897,00	0,08	9,00		3613,86	0,00
52	ORIGINAL	1637,00	0,15	961,00	0,01	3611,48	0,00
53	MAS	5989,00	0,56	15472,00	0,21	3559,41	0,00
54	MINUTOS	986,00	0,09	84,00		3514,72	0,00
55	TRAVE	841,00	0,08	13,00		3349,45	0,00
56	VENCE	867,00	0,08	46,00		3236,05	0,00
57	BATEU	893,00	0,08	67,00		3227,93	0,00
58	ZAGUEIRO	867,00	0,08	49,00		3219,11	0,00
59	CHUTOU	805,00	0,08	11,00		3217,92	0,00
60	IMPEDIMENTO	835,00	0,08	43,00		3124,05	0,00
61	LATERAL	990,00	0,09	213,00		3031,44	0,00
62	DIEGO	828,00	0,08	55,00		3029,73	0,00
63	FLAMENGO	778,00	0,07	32,00		2958,90	0,00
64	POR	11609,00	1,09	44250,00	0,60	2915,36	0,00
65	CAMPEONATO	899,00	0,08	150,00		2900,18	0,00
66	LANCE	805,00	0,08	67,00		2877,05	0,00
67	PALMEIRAS	963,00	0,09	234,00		2865,87	0,00
68	BOTAFOGO	771,00	0,07	58,00		2786,09	0,00
69	CHANCE	981,00	0,09	287,00		2781,22	0,00
70	PERIGO	996,00	0,09	313,00		2766,58	0,00
71	ENTRADA	1522,00	0,14	1292,00	0,02	2766,08	0,00
72	CRUZAMENTO	810,00	0,08	100,00		2748,99	0,00
73	PÊNALT	666,00	0,06	17,00		2601,65	0,00
74	JOGADOR	918,00	0,09	302,00		2515,32	0,00
75	ÉDERSON	945,00	0,09	350,00		2494,17	0,00
76	NO	13795,00	1,29	58109,00	0,79	2492,87	0,00
77	FLUMINENSE	719,00	0,07	89,00		2439,13	0,00
78	ESTÁDIO	732,00	0,07	103,00		2433,35	0,00
79	PONTOS	1455,00	0,14	1432,00	0,02	2406,63	0,00
80	CRUZEIRO	729,00	0,07	119,00		2361,25	0,00
81	SANTOS	1215,00	0,11	963,00	0,01	2298,46	0,00
82	RECEBEU	1000,00	0,09	545,00		2279,97	0,00
83	FELIPE	629,00	0,06	46,00		2279,57	0,00
84	PASSES	606,00	0,06	35,00		2245,73	0,00
85	CABEÇA	1133,00	0,11	833,00	0,01	2234,56	0,00
86	CONTRA	2008,00	0,19	3223,00	0,04	2214,42	0,00
87	FEZ	1339,00	0,13	1328,00	0,02	2203,19	0,00

Capítulo 3

88	ESPORTES	692,00	0,06	124,00		2201,90	0,00
89	MARCOU	667,00	0,06	98,00		2201,16	0,00
90	EQUIPE	1666,00	0,16	2214,00	0,03	2192,02	0,00
91	GOIÁS	674,00	0,06	112,00		2175,87	0,00
92	DOMINGO	803,00	0,08	283,00		2153,63	0,00
93	PORTUGUESA	518,00	0,05	0,00		2143,65	0,00
94	ADVERSÁRIO	660,00	0,06	108,00		2136,76	0,00
94	TRICOLOR	526,00	0,05	7,00		2104,09	0,00
96	TRAVESSÃO	535,00	0,05	15,00		2080,42	0,00
97	PRIMEIRO	2325,00	0,22	4547,00	0,06	2055,87	0,00
98	PELA	4763,00	0,45	14602,00	0,20	2052,68	0,00
99	TORCIDA	605,00	0,06	76,00		2047,75	0,00
100	CRUZOU	528,00	0,05	24,00		1994,08	0,00
101	JOGADORES	798,00	0,07	349,00		1987,23	0,00
102	COBRA	587,00	0,06	86,00		1938,06	0,00
103	ESQUERDO	591,00	0,06	94,00		1923,30	0,00
104	VASCO	516,00	0,05	32,00		1900,13	0,00
105	LONGE	824,00	0,08	454,00		1869,70	0,00
106	GALO	467,00	0,04	9,00		1845,75	0,00
107	CORITIBA	446,00	0,04	0,00		1845,67	0,00
108	CAMISA	541,00	0,05	68,00		1830,94	0,00
109	APÓS	1619,00	0,15	2565,00	0,03	1808,79	0,00
110	AFASTA	509,00	0,05	45,00		1806,37	0,00
111	DRIBLE	525,00	0,05	68,00		1768,56	0,00
112	CHANCES	632,00	0,06	204,00		1741,47	0,00
113	MANDA	502,00	0,05	54,00		1737,60	0,00
114	CABECEIA	428,00	0,04	3,00		1736,20	0,00
115	MARCAÇÃO	749,00	0,07	393,00		1735,52	0,00
116	COM	13200,00	1,24	60335,00	0,82	1714,44	0,00
117	DEFENDIDO	472,00	0,04	35,00		1708,07	0,00
118	DOMINA	553,00	0,05	121,00		1686,71	0,00
119	PERDE	637,00	0,06	250,00		1648,68	0,00
120	FORTE	975,00	0,09	943,00	0,01	1631,34	0,00
121	CANTO	601,00	0,06	204,00		1630,89	0,00
122	INDIVIDUAL	700,00	0,07	367,00		1622,50	0,00
123	REBOTE	406,00	0,04	6,00		1619,08	0,00
124	ETAPA	1000,00	0,09	1021,00	0,01	1612,77	0,00
125	ERRA	410,00	0,04	11,00		1597,75	0,00
126	ARRISCA	428,00	0,04	29,00		1562,95	0,00
127	DESVIA	404,00	0,04	13,00		1559,59	0,00
128	GRAMADO	405,00	0,04	17,00		1538,07	0,00
129	FEIRA	994,00	0,09	1085,00	0,01	1528,56	0,00
130	CRUZADO	456,00	0,04	61,00		1528,29	0,00
131	RASTEIRO	380,00	0,04	5,00		1520,50	0,00
132	TOCOU	420,00	0,04	33,00		1510,56	0,00
133	COBROU	388,00	0,04	15,00		1481,52	0,00
134	BOA	1101,00	0,10	1438,00	0,02	1469,92	0,00
135	TOCA	454,00	0,04	77,00		1459,95	0,00
136	CONSEGUIU	749,00	0,07	569,00		1450,85	0,00
137	LUGAR	1435,00	0,13	2522,00	0,03	1436,88	0,00
138	CASA	1254,00	0,12	1937,00	0,03	1436,51	0,00
139	SUL	1138,00	0,11	1595,00	0,02	1428,42	0,00
140	JOGADAS	404,00	0,04	37,00		1427,65	0,00
141	FAZ	1516,00	0,14	2826,00	0,04	1419,48	0,00
142	FUNDO	851,00	0,08	830,00	0,01	1415,86	0,00

Capítulo 3

143	CORTA	391,00	0,04	30,00		1409,85	0,00
144	FAZER	527,00	0,05	189,00		1405,42	0,00
145	TÉCNICO	896,00	0,08	953,00	0,01	1403,92	0,00
146	LINHA	985,00	0,09	1193,00	0,02	1399,12	0,00
147	VAGA	568,00	0,05	257,00		1396,46	0,00
148	VENCEU	451,00	0,04	102,00		1365,15	0,00
149	PEGA	455,00	0,04	109,00		1358,59	0,00
150	ACERTA	351,00	0,03	13,00		1343,85	0,00
151	DERROTA	518,00	0,05	209,00		1327,85	0,00
152	VOLANTE	391,00	0,04	54,00		1303,68	0,00
152	SAIU	567,00	0,05	304,00		1301,72	0,00
154	FABIANO	326,00	0,03	5,00		1298,54	0,00
155	THIAGO	401,00	0,04	66,00		1296,77	0,00
156	FINALIZA	343,00	0,03	16,00		1292,90	0,00
157	CABEÇADA	328,00	0,03	7,00		1291,20	0,00
158	ESTREIA	308,00	0,03	0,00		1274,55	0,00
159	SPORT	366,00	0,03	40,00		1264,06	0,00
160	SÁBADO	489,00	0,05	194,00		1260,87	0,00
161	QUARTA	579,00	0,05	350,00		1259,77	0,00
162	VOLTOU	501,00	0,05	222,00		1241,45	0,00
163	MARCAR	450,00	0,04	145,00		1240,56	0,00
164	RIVAL	343,00	0,03	26,00		1238,35	0,00
165	ANDAMENTO	545,00	0,05	300,00		1237,03	0,00
166	ADRIANO	345,00	0,03	34,00		1208,04	0,00
167	CHEGOU	718,00	0,07	691,00		1205,18	0,00
168	FRENTE	883,00	0,08	1144,00	0,02	1186,84	0,00
169	INTERNACIONAL	291,00	0,03	2,00		1180,80	0,00
170	ACRÉSCIMO	407,00	0,04	111,00		1175,95	0,00
171	PRIMEIRA	1544,00	0,14	3415,00	0,05	1161,21	0,00
172	DOMINOU	877,00	0,08	1168,00	0,02	1151,38	0,00
173	AVANÇA	346,00	0,03	53,00		1133,52	0,00
174	JOGOS	585,00	0,05	446,00		1130,88	0,00
175	SOBRA	344,00	0,03	52,00		1129,59	0,00
176	LUIS	415,00	0,04	143,00		1120,84	0,00
177	ACERTO	335,00	0,03	46,00		1118,00	0,00
178	DINEI	283,00	0,03	6,00		1114,34	0,00
179	MARCA	656,00	0,06	621,00		1113,11	0,00
180	COMPETIÇÃO	546,00	0,05	377,00		1112,88	0,00
181	FINAL	1364,00	0,13	2847,00	0,04	1109,71	0,00
182	MARCADOR	380,00	0,04	101,00		1105,39	0,00
183	SAÍDA	697,00	0,07	735,00		1098,75	0,00
184	CABECEOU	277,00	0,03	7,00		1082,48	0,00
185	HERNANE	316,00	0,03	37,00		1080,76	0,00
186	EQUIPES	537,00	0,05	381,00		1079,16	0,00
187	EXPULSO	313,00	0,03	35,00		1077,56	0,00
188	MANDOU	334,00	0,03	59,00		1065,66	0,00
189	LEVANTA	324,00	0,03	49,00		1063,82	0,00
190	EMPATOU	285,00	0,03	17,00		1053,11	0,00
191	TENTOU	376,00	0,04	115,00		1052,49	0,00
192	REBAIXAMENTO	309,00	0,03	38,00		1049,18	0,00
193	INTERMEDIÁRIA	370,00	0,03	110,00		1044,10	0,00
194	CRUZEIRO	339,00	0,03	73,00		1037,67	0,00
195	APROVEITOU	317,00	0,03	51,00		1029,41	0,00
196	JOGA	343,00	0,03	82,00		1024,65	0,00
197	CLÁSSICO	266,00	0,02	9,00		1023,92	0,00

Capítulo 3

198	RESULTADO	1123,00	0,11	2145,00	0,03	1021,35	0,00
199	LÉO	259,00	0,02	7,00		1008,92	0,00
200	ENTROU	439,00	0,04	242,00		995,78	0,00
201	DERRUBADO	260,00	0,02	10,00		993,07	0,00
202	FEITO	1060,00	0,10	1977,00	0,03	991,69	0,00
203	MAICON	237,00	0,02	0,00		980,73	0,00
204	BRASILEIRÃO	236,00	0,02	0,00		976,59	0,00
205	VIRADA	329,00	0,03	82,00		972,82	0,00
206	PERDEU	458,00	0,04	295,00		966,66	0,00
207	RUBRO	241,00	0,02	3,00		965,74	0,00
208	VOLTA	709,00	0,07	909,00	0,01	961,31	0,00
209	SANTO	442,00	0,04	269,00		958,60	0,00
210	SEGURA	340,00	0,03	103,00		954,33	0,00
211	MEIO	1666,00	0,16	4441,00	0,06	936,31	0,00
212	SEGUNDA	996,00	0,09	1863,00	0,03	928,63	0,00
213	POSSE	469,00	0,04	346,00		923,07	0,00
214	OITAVAS	264,00	0,02	27,00		919,96	0,00
215	DAGOBERTO	240,00	0,02	9,00		918,14	0,00
216	LOGO	713,00	0,07	972,00	0,01	917,17	0,00
217	JOGANDO	306,00	0,03	74,00		911,56	0,00
218	DESVIOU	235,00	0,02	7,00		910,94	0,00
219	MARCELINHO	253,00	0,02	20,00		909,29	0,00
220	DEU	684,00	0,06	903,00	0,01	904,73	0,00
221	LIDERANÇA	434,00	0,04	287,00		904,15	0,00
222	COXA	249,00	0,02	18,00		903,40	0,00
223	DEIXA	546,00	0,05	538,00		902,09	0,00
224	LIBERTADORES	259,00	0,02	27,00		900,25	0,00
225	ARRISCOU	238,00	0,02	12,00		891,82	0,00
226	COLOCAÇÃO	380,00	0,04	195,00		888,64	0,00
227	TEVE	856,00	0,08	1458,00	0,02	886,70	0,00
228	VANTAGEM	486,00	0,05	414,00		881,08	0,00
229	CONSEGUE	546,00	0,05	561,00		876,56	0,00
230	EMPATA	218,00	0,02	3,00		871,16	0,00
231	ARENA	272,00	0,03	48,00		868,00	0,00
232	ABRIU	394,00	0,04	232,00		867,68	0,00
233	DESARMADO	212,00	0,02	1,00		864,82	0,00
234	ADVERSÁRIA	231,00	0,02	12,00		863,55	0,00
235	PONTA	432,00	0,04	310,00		862,94	0,00
236	DUELO	237,00	0,02	17,00		860,54	0,00
237	QUARTAS	278,00	0,03	57,00		860,19	0,00
238	CHEGA	539,00	0,05	562,00		856,46	0,00
239	VENCER	358,00	0,03	177,00		850,06	0,00
240	COMETE	244,00	0,02	27,00		841,23	0,00
241	DEPOIS	1494,00	0,14	3983,00	0,05	839,38	0,00
242	PASSOU	715,00	0,07	1078,00	0,01	838,38	0,00
243	TRAVADO	209,00	0,02	3,00		834,16	0,00
244	ZÉ	273,00	0,03	64,00		819,36	0,00
245	MASCULINO	360,00	0,03	197,00		819,18	0,00
246	MARCADO	363,00	0,03	207,00		811,11	0,00
247	MG	374,00	0,04	231,00		805,47	0,00
248	CARIOCA	303,00	0,03	113,00		797,75	0,00
249	INTER	367,00	0,03	234,00		778,41	0,00
250	ESTICA	199,00	0,02	5,00		777,86	0,00
251	BICHADO	194,00	0,02	3,00		772,53	0,00
252	ESPALMA	185,00	0,02	0,00		765,54	0,00

Capítulo 3

253	GOLEADA	203,00	0,02	11,00		756,28	0,00
254	ALEX	208,00	0,02	16,00		749,76	0,00
255	ALVINEGRO	186,00	0,02	3,00		739,68	0,00
256	CÍCERO	448,00	0,04	445,00		736,14	0,00
257	LANÇAMENTO	434,00	0,04	418,00		728,03	0,00
258	MARACANÃ	196,00	0,02	13,00		717,18	0,00
259	AJEITA	190,00	0,02	10,00		709,53	0,00
260	TORCEDORES	223,00	0,02	40,00		709,35	0,00
261	CENI	170,00	0,02	0,00		703,47	0,00
262	WILLIAM	397,00	0,04	352,00		702,28	0,00
263	WALTER	232,00	0,02	53,00		700,57	0,00
264	TIMÃO	174,00	0,02	2,00		698,67	0,00
265	FICA	710,00	0,07	1268,00	0,02	698,08	0,00
266	EMPATAR	184,00	0,02	8,00		697,05	0,00
267	TREINADOR	239,00	0,02	63,00		696,70	0,00
268	MÁRCIO	277,00	0,03	119,00		694,25	0,00
269	MINEIRÃO	178,00	0,02	5,00		692,06	0,00
270	ALÇA	178,00	0,02	6,00		685,31	0,00
271	ARTILHEIRO	189,00	0,02	14,00		683,99	0,00
272	ACIONADO	211,00	0,02	35,00		681,32	0,00
273	PAULO	364,00	0,03	295,00		679,62	0,00
274	LADO	1048,00	0,10	2562,00	0,03	679,34	0,00
275	RETRANCA	120,00	0,02	90,00		676,42	0,00
276	DEU	279,00	0,03	132,00		674,17	0,00
277	CHUTAR	168,00	0,02	2,00		673,98	0,00
278	BRASILEIRO	924,00	0,09	2094,00	0,03	671,13	0,00
279	SUBSTITUIÇÃO	444,00	0,04	500,00		667,04	0,00
280	PERTO	409,00	0,04	411,00		666,75	0,00
281	CHOCOLATE	161,00	0,02	0,00		666,22	0,00
282	GOLEIA	193,00	0,02	22,00		662,62	0,00
283	FERNANDO	515,00	0,05	711,00		655,06	0,00
284	PARA	14614,00	1,37	79934,00	1,08	652,22	0,00
285	TORNEIO	217,00	0,02	52,00		647,85	0,00
286	CARREGADOR	175,00	0,02	11,00		643,58	0,00
287	LANTERNA	206,00	0,02	41,00		641,47	0,00
288	LIVRE	504,00	0,05	698,00		639,27	0,00
289	FIM	919,00	0,09	2149,00	0,03	637,55	0,00
290	DEIXOU	408,00	0,04	440,00		632,83	0,00
291	MAL	519,00	0,05	751,00	0,01	632,56	0,00
292	LINDA	182,00	0,02	20,00		628,07	0,00
293	EDUARDO	402,00	0,04	432,00		625,11	0,00
294	ROLINHO	157,00	0,01	3,00		620,68	0,00
295	ZAGUEIRO	310,00	0,03	222,00		619,89	0,00
296	SEGUE	402,00	0,04	439,00		617,85	0,00
297	CORTE	154,00	0,01	2,00		616,40	0,00
298	COMEÇA	508,00	0,05	740,00	0,01	615,33	0,00
299	FRACO	215,00	0,02	61,00		614,60	0,00
300	ACABOU	403,00	0,04	446,00		613,34	0,00

Tabela 6: Palavras-chave do *subcorpus* de português.

O primeiro passo nessa etapa da pesquisa foi classificar as palavras-chave em grupos. O quadro 16 mostra a classificação realizada e as cores escolhidas para realce:

Capítulo 3

	times
	jogadores
	campeonatos
	palavras gramaticais
	numerais
	advérbios
	substantivos
	verbos
	adjetivos
	termos selecionados

Quadro 16: Legenda com a classificação das palavras-chave e suas respectivas cores.

Primeiramente, eliminamos os nomes de times e de jogadores, assim como as palavras que fazem referência a campeonatos (ex.: torneio, brasileiro, brasileirão), pois refletem a realidade futebolística brasileira e não possuem equivalentes em inglês. Também excluímos palavras gramaticais, numerais e advérbios, pois, embora possam servir a pesquisas linguísticas, não revelam termos e fraseologias culturalmente marcados, objetos de estudo desta pesquisa.

Após a exclusão das palavras que não se mostraram relevantes para nossa pesquisa, analisamos todos os substantivos, verbos e adjetivos da lista. Essa análise constituiu a parte mais laboriosa da pesquisa, uma vez que não procurávamos somente por termos ou CLEs de dada terminologia, mas sim por termos ou CLEs culturalmente marcados, que representassem um desafio ao tradutor, já que só compreendemos seus significados quando consideramos o contexto histórico, social e cultural em que ocorrem ou em que foram criados. Assim, para chegar a esses termos, geramos linhas de concordâncias para cada uma das palavras. Reordenamos as linhas diversas vezes, pelas palavras à direita, pelas palavras à esquerda e pelo centro, sempre procurando palavras culturalmente marcadas⁶⁷.

Os dois primeiros termos selecionados foram ‘gol’ e ‘falta’. Uma breve análise das linhas de concordância dos dois termos mostrou características que consideramos representar um desafio no ato tradutório. Ademais, a complexidade do termo ‘gol’, mais precisamente da CLE ‘fazer um gol’, foi descoberta ainda em nossa

⁶⁷ O caminho percorrido para chegar aos termos selecionados é apresentado com detalhes no capítulo “Estudos de caso”.

Capítulo 3

pesquisa de mestrado (MATUDA, 2011), e nos instigou a realizar um estudo terminológico de termos culturalmente marcados.

Outro termo selecionado foi ‘drible’, que ocupa a posição de número 111 na lista de palavras-chave, com 525 ocorrências. Além de as linhas de concordância mostrarem CLEs bastante interessantes para nossa análise, não poderíamos deixar esse termo de fora, uma vez que ‘drible’ faz parte da forma-representação que temos do nosso futebol. Para esta pesquisa, optamos por trabalhar com o termo ‘drible da vaca’, um dos mais conhecidos do jogo e que foi criado por um jogador brasileiro.

Ao analisar as linhas de concordância do verbo ‘fazer’ em busca de uma CLE que não fosse ‘fazer um gol’ ou ‘fazer uma falta’, identificamos a CLE ‘fazer cera’, que, por se tratar de uma expressão idiomática, ou seja, que não tem seu significado alcançado pela soma do significado dos itens que a compõem, confere certa dificuldade ao tradutor.

O próximo termo selecionado foi ‘técnico’, palavra-chave número 145, e seu sinônimo, ‘treinador’, palavra-chave número 267. Embora, em um primeiro momento, não sejam caracterizados como termos culturalmente marcados, já tínhamos nos questionado sobre seus equivalentes em inglês ainda no processo de compilação do *corpus*, pois estávamos cientes das diferenças na estrutura dos times no Brasil e na Inglaterra.

O próprio significado do termo ‘clássico’ em português (nº 197) justifica sua seleção para compor os estudos de caso. O termo, que é utilizado para designar um confronto de grande rivalidade, frequentemente confronto estadual, é o ápice da rivalidade e da emoção no futebol. Por trás dos clássicos existem diversas histórias, mitos e especulações que refletem, em sua maioria, narrativas locais, ocorridas em dado contexto histórico e cultural.

‘Bichado’ (nº 251) e ‘retranca’ (nº 275) foram selecionados devido à dificuldade que impõem à tradução e aos contextos específicos em que são utilizados em português.

Por meio da análise das linhas de concordância de ‘deu’ (nº 276), chegamos ao termo ‘elástico’, um dos dribles mais fascinantes do futebol, que foi incluído em nossa análise por ser um drible popular, de difícil execução e, frequentemente, associado a Rivelino, ex-futebolista brasileiro.

Capítulo 3

O termo ‘chocolate’ (nº 281) nos intrigou ainda em nossa pesquisa de mestrado e, por esse motivo, decidimos dar continuidade à análise realizada, que, na época, restringiu-se à busca de um equivalente para o termo em inglês.

A palavra-chave número 286, ‘carregador’, chamou a atenção, pois, inicialmente, não a associamos a nenhum termo do domínio do futebol. No entanto, a análise de suas linhas de concordância levou ao termo ‘carregador de piano’. Dada a sua idiomaticidade, o contexto particular em que ocorre e a prosódia semântica que adquire na língua portuguesa, elegemos esse termo a constar da nossa lista.

As linhas de concordância de ‘linda’ revelaram os termos ‘lambreta’ e ‘carretilha’ e, assim como outros dribles, têm sua origem vinculada a um contexto específico.

‘Rolinho’, ocorrência de número 294, também foi selecionado, pois, desde o início da pesquisa, observamos que o significado e a origem dos dribles estão, quase sempre, ligados a determinado contexto histórico-social.

Ao analisar ‘corte’, ocorrência de número 297, encontramos o termo ‘corte seco’, que, assim como os outros dribles encontrados, foi acrescentado aos estudos de caso.

Além dos termos selecionados durante a análise das palavras-chave, incluímos, ainda, outros três para nossa análise: ‘cai-cai’, ‘chinelinho’ e ‘*the Matthews move*’. Deparamos com ‘cai-cai’, utilizado para descrever um jogador que simula faltas, durante a investigação do termo ‘falta’. A princípio, não incluiríamos o termo em nossa análise. Entretanto, durante uma discussão com alguns membros do LUDENS sobre a problemática da tradução da CLE ‘fazer uma falta’, um pesquisador nos perguntou se conhecíamos o equivalente de ‘cai-cai’ em inglês. Como nosso modelo de dicionário tem como objetivo as necessidades de consulentes que precisam redigir textos sobre futebol em inglês, achamos por bem inserir o termo em nossa análise.

Durante a análise das linhas de concordância de ‘bichado’ encontramos o termo ‘chinelinho’, utilizado para descrever um jogador que faz corpo mole, que simula contusões e que passa mais tempo no banco, calçando um chinelo, do que em jogo. Assim como outros termos que possuem significado abstrato, ‘chinelinho’ foi incluído nos estudos de caso.

Capítulo 3

Por fim, selecionamos o termo “*the Matthews move*” para fechar os estudos de caso. Como explicado anteriormente, nossa pesquisa parte do português para o inglês, mas estamos cientes de que para compilar um dicionário completo sobre futebol teríamos de incluir a análise na direção inglês-português. Ante o exposto, acreditamos ser relevante informar que, embora a análise não tenha sido realizada nas duas direções, utilizamos a lista de palavras-chave do *subcorpus* de inglês a todo momento. Durante a pesquisa sobre um candidato a equivalente no *subcorpus* de inglês, analisamos as linhas de concordância de *move* e chegamos ao termo *the Matthews move*. Após ler os textos em que o termo ocorre, constatamos que o nome próprio *Matthew* não fazia referência a um jogador em campo, mas sim a um movimento específico. Dada essa especificidade, que, muito provavelmente, constituiria um desafio à tradução, resolvemos buscar um equivalente em português.

Dessa forma, encerramos a seleção dos dezessete estudos de caso que serão apresentados detalhadamente no capítulo 4. Contudo, achamos importante enfatizar que a análise qualitativa das palavras-chave e a seleção dos estudos de caso foram realizadas com base nos objetivos da pesquisa e na definição de cultura por nós adotada. Ressaltamos, ainda, nossa ciência de que alguns termos marcados culturalmente tiveram de ser deixados de fora da pesquisa, uma vez que nosso objetivo não é compilar uma obra completa sobre o vocabulário do futebol, mas sim mostrar a importância de fatores sociais, históricos e culturais na construção de uma terminologia, e registrar esses fatores em um modelo de dicionário.

3.5.2 Compreensão dos significados dos termos

Selecionados os dezessete estudos de caso, o passo seguinte de nossa pesquisa foi entender o significado e a origem dos termos em português para, posteriormente, buscar seus equivalentes tradutórios em inglês.

Após os três anos de nossa pesquisa de mestrado e os quase três anos de doutorado, período durante o qual debruçamo-nos sobre a temática do futebol, nossa familiaridade com o assunto aumentou substancialmente. O significado da maior parte dos termos já era conhecido. Entretanto, a história por trás de cada termo, seus usos, sinônimos e outras peculiaridades ainda eram desconhecidos. Assim, pesquisamos

Capítulo 3

sobre os termos e CLEs em quatro fontes distintas: *internet*, especialistas, redes sociais e um *Thesaurus*. Destacamos que sempre cruzamos os dados obtidos nas pesquisas com o aporte teórico apresentado no capítulo dois e com o conceito forma-representação.

A pesquisa *on-line* no *Google* foi, quase sempre, o primeiro passo realizado. Por exemplo, para compreender melhor o significado de ‘drible da vaca’, buscamos esse termo no *Google*⁶⁸. A pesquisa retornou aproximadamente 50.000 ocorrências, sendo as primeiras figuras e vídeos do *YouTube* em que o drible ocorria. Após essas ocorrências, encontramos alguns *blogs* que discutiam o drible e que narravam sua história. Nesse caso, lemos os textos de todos os *blogs* a fim de construir nossa própria interpretação. Sabemos da complexidade de traçar a história do surgimento de um drible e, por esse motivo, utilizamos as informações encontradas, mas sempre cientes de que as histórias ali presentes eram apenas narrativas e que sua veracidade dificilmente pode ser comprovada.

Muitas vezes, mesmo após ler toda a informação obtida *on-line*, ainda tínhamos dúvidas sobre um termo. Nesse caso, recorríamos aos especialistas que, como mencionado anteriormente, são acadêmicos do futebol, jornalistas, educadores físicos e aficionados pelo esporte. O fruto do diálogo com esses grupos rendeu descobertas inéditas tanto para o entendimento do termo em questão, quanto para outros termos e futuros estudos de caso.

O fazer acadêmico sempre foi conhecido por um fazer solitário; não o foi em nosso caso. Muitas vezes, quando surgia alguma dúvida a respeito de um termo e não encontrávamos respostas *on-line*, ou não estávamos na presença de nossos especialistas, e tínhamos que dar continuidade à pesquisa, utilizamos o *facebook* para esclarecer nossas dúvidas. Contamos inúmeras vezes com a gentileza da amiga jornalista e acadêmica do futebol Vanessa Gonçalves para esclarecer o significado de um termo. Por exemplo, em determinado momento da pesquisa tivemos que estabelecer a diferença entre ‘drible’ e ‘jogada’. Na ocasião, Vanessa nos deu sua opinião e colocou a pergunta em seu *status* do *facebook*, marcando seus amigos futeboleiros. Observemos a figura abaixo:

⁶⁸ Pesquisa realizada em 15 jan. de 2015.

Figura 33: Pesquisa no facebook sobre a diferença entre ‘drible’ e ‘jogada’.

A pergunta rendeu 42 comentários com diferentes opiniões e duas mensagens *inbox* de dois jornalistas esportivos com explicações bastante detalhadas sobre a distinção. Consideramos todas as informações e opiniões e elaboramos nossa própria definição de ‘drible’ e de ‘jogada’⁶⁹.

Por fim, para compreender a complexidade dos equivalentes da CLE ‘fazer um gol’ em inglês, utilizamos um *Thesaurus* e classificamos todas as CLEs por campo semântico. Esse procedimento teve início em nosso trabalho de mestrado e foi expandido durante a presente pesquisa.

3.5.3 Estabelecimento de equivalentes

Diferentemente da seleção dos estudos de caso, em que estabelecemos os passos a serem seguidos para, posteriormente, iniciar a análise, não estipulamos um procedimento padrão para a busca de equivalentes. A decisão deu-se pelo fato de que

⁶⁹ Os termos ‘drible’ e ‘jogada’ não fazem parte de nossos estudos de caso. Contudo, são utilizados nas definições de alguns verbetes e, para que os termos não sejam utilizados indiscriminadamente, criamos nossa definição, que é apresentada no item 4.3.

Capítulo 3

cada termo representou um desafio diferente para a tradução. Em suma, utilizamos sete procedimentos, que foram adotados durante a análise, conforme os desafios encontrados, a saber:

a) **análise das linhas de concordância da tradução *prima facie* ou de um possível colocado em inglês:** utilizada para o estabelecimento dos equivalentes tradutórios de ‘fazer cera’, ‘bichado’, ‘chinelinho’ e ‘retranca’;

b) **análise das linhas de concordância de um sinônimo do termo em português:** utilizada para encontrar o equivalente tradutório de ‘clássico’;

c) **análise de etiquetas gramaticais:** utilizada para o estabelecimento dos equivalentes tradutórios de ‘fazer um gol’ e ‘falta’;

d) **pesquisa no *Google*:** utilizada para o estabelecimento dos equivalentes tradutórios de ‘drible da vaca’, ‘elástico’, ‘chocolate’, ‘rolinho’, ‘carregador de piano’ e ‘cai-cai’;

e) **análise da lista de palavras-chave do *subcorpus* em inglês:** utilizada para o estabelecimento dos equivalentes tradutórios de ‘carretilha’ e ‘lambreta’;

d) **análise das linhas de concordância para validar uma hipótese de equivalente:** utilizada para o estabelecimento dos equivalentes de ‘técnico’ e ‘treinador’;

g) **conversa com especialista:** utilizada para o estabelecimento do equivalente de ‘corte seco’.

Os procedimentos acima são apresentados, discutidos e detalhados no capítulo 4 – Estudos de caso”.

Nesta seção descrevemos a metodologia utilizada em nossa pesquisa. Inicialmente, apresentamos o *corpus* de estudo. Em seguida, mostramos os

Capítulo 3

etiquetadores utilizados e o processo de etiquetagem. Após, apresentamos as ferramentas computacionais utilizadas para a análise. Ao final, expomos a metodologia utilizada na pesquisa e descrevemos os passos seguidos para a análise dos dados. No próximo capítulo apresentaremos a análise e a discussão dos estudos de caso.

Capítulo 4 – Estudos de Caso

O objetivo do presente capítulo é apresentar a análise dos estudos de caso selecionados. Cada estudo de caso será apresentado individualmente, em ordem decrescente de frequência no *corpus*.

4.1 gol

Ao analisar as linhas de concordância de ‘gol’ em nosso *subcorpus* em português, encontramos, no total, 870 ocorrências de **FAZER|MARCAR [o|um] gol / MARCAR o tento / FINALIZAR / EMPATAR**, termos e CLEs utilizadas para descrever um gol.

Ao buscar possíveis equivalentes em inglês, gerando linhas de concordância de *goal*, encontramos 213 ocorrências de:

- SCORE [{a | the} goal]
- SNATCH [a goal]
- DELIVER a goal
- ADD {a|the} ORDINAL (goal)
- BLAST in ([a goal])

A primeira pergunta que nos ocorreu foi: por que há mais ocorrências de ‘gol’ em português do que de *goal* em inglês, já que o número de gols da Série A do Campeonato Brasileiro é bastante próximo daquele da *Premier League*? A figura 34 mostra o número total de gols do Campeonato Brasileiro de 2006 a 2013 e a figura 35 mostra o número de gols das temporadas 2011/2012, 2012/2013 e 2013/2014 da *Premier League*:

Capítulo 4

Confira a média e o total de gols do Brasileirão de 2006 para cá:

2006 (2,71)
1.030 gols

2007 (2,76)
1.047 gols

2008 (2,72)
1.035 gols

2009 (2,88)
1.094 gols

2010 (2,57)
978 gols

2011 (2,68)
1.017gols

2012 (2,47)
940 gols

2013 (2,46)
936 gols

Figura 34: Número de gols do Campeonato Brasileiro de 2006 a 2013⁷⁰.

58	1948/1949	1303
59	2011/2012	1066
60	1899/1900	856
61	2010/2011	1063
62	2012/2013	1063
63	1900/1901	855
64	1999/2000	1060
65	1984/1985	1288
66	1985/1986	1288
67	1911/1912	1057
68	2009/2010	1053
69	2013/2014	1052
70	1920/1921	1276

Figura 35: Número de gols da *Premier League* nas temporadas de 2011/2012, 2012/2013 e 2013/2014⁷¹.

Como podemos observar, o Campeonato Brasileiro de 2013 teve 936 gols e a *Premier League* de 2013/2014, 1052 gols. Portanto, o saldo de gols foi bastante semelhante nos dois campeonatos.

Nosso segundo questionamento foi: se *goal* não descreve os gols marcados, como esses gols estão sendo narrados? Nesse momento, percebemos que o verbo *score*, presente na CLE *SCORE* [*a | the* goal], muitas vezes ocorria sozinho.

⁷⁰ Os números entre parênteses indicam a média do número de gols por partida. Disponível em: <<http://www.srgool.com.br/Noticia/Brasileirao-2013-teve-o-menor-numero-de-gols-e-a-pior-media-de-tentos-dos-pontos-corridos>> Acesso em: 16 jun. 2014.

⁷¹ Disponível em: <http://www.worldfootball.net/stats/eng-premier-league/1/>. Acesso em: 16 jun. 2014.

Capítulo 4

Observemos os exemplos:

*Another corner resulted and, from it, Liverpool scored.*⁷²

*The deputy manager, David Kelly, lauded the new signing Rafik Djebbour after the Algerian striker scored on his debut in the 3-1 win over Yeovil.*⁷³

Mais adiante, ao ler os textos que coletávamos para compilar o *corpus*, percebemos que a língua inglesa utiliza outros verbos que, muito frequentemente, não coocorrem com o termo ‘gol’, como sinônimos de *SCORE* [*a | the*] *goal*. Sendo assim, geramos linhas de concordância para as etiquetas de verbo do *subcorpus* em inglês e analisamos todas as ocorrências à procura de verbos que descrevessem um gol. A tabela 7 mostra o número de linhas de concordância para cada etiqueta do *subcorpus*:

etiqueta	número de ocorrências
VB/VV - Verb, base form	26.032
VBD/VVD - Verb, past tense	28.993
VBG/VVG - Verb, gerund or present participle	18.076
VCN/VVN - verb, past participle	21.118
VBZ/VVZ - Verb, 3rd person singular present	12.994

Tabela 7: Número de linhas de concordância para cada etiqueta gramatical de verbo.

Aplicamos o dispositivo *Re-sort*, que permite ordenar as linhas de concordância pelo nóculo de busca, e ajustamos as configurações para que as linhas fossem ordenadas pela etiqueta gramatical e pela primeira palavra à direita e à esquerda. Desse modo, a visualização das etiquetas e dos verbos ficou mais clara:

⁷² Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/sport/football/article-2603602/Liverpool-3-2-Manchester-City-match-report-Philippe-Coutinho-scores-winner-Premier-League-showdown.html#ixzz3bdSbAJjW>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

⁷³ Disponível em: <<http://www.theguardian.com/football/2014/feb/02/nottingham-forest-yeovil-championship-match-report>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

Capítulo 4

The screenshot shows the VVG.cnc application window. The main area displays a concordance table for the verb 'zip'. The table has columns for 'N' (line number), 'Concordance' (text snippet), 'Set', 'Tag', 'Word', 't' (count), '# os.' (percentage), and 'File'. The text snippets show various contexts where 'zip' is used, such as 'zip the DT the ball NN ball around' and 'zip forward RB forward with IN with'. The percentages indicate the frequency of each context.

N	Concordance	Set	Tag	Word	t	# os.	%	File
1	with IN with Mexico NP Mexico zipping VVG zip the DT the ball NN ball around	8.349	340	8%	0	1%	0	1% nar-gua_001.tag
2	with IN with Klose NP Klose zipping VVG zip a DT a shot NN shot just RB	8.029	376	8%	0	1%	0	1% nar-gua_038.tag
3	NP South Korea NP Korea zipping VVG zip forward RB forward with IN with	4.527	177	3%	0	5%	0	5% nar-gua_025.tag
4	with IN with Mexico NP Mexico zipping VVG zip the DT the ball NN ball around	9.717	380	8%	0	4%	0	4% nar-gua_019.tag
5	DT the ball NN ball is VBZ be zipping VVG zip around RP around at IN at a DT	1.992	64	2%	0	4%	0	4% nar-gua_032.tag
6	say that IN that that the DT the zinging VVG zing was VBD be quite RB quite	6.992	266	7%	0	0%	0	0% nar-gua_029.tag
7	NN attempt at IN at " " zinging VVG zing " " someone NN someone	5.421	202	9%	0	4%	0	4% nar-gua_029.tag
8	dribbles NNS dribble , , , zigzagging VVG zigzag through IN through the DT	4.380	187	3%	0	5%	0	5% nar-gua_027.tag
9	glisten turf NN turf and CC and yelling VVG yell his PP\$ his joy NN joy . SENT	2.951	92	1%	0	5%	0	5% jo-if-tel_009.tag
10	pointing VVG point and CC and yelling VVG yell at IN at each DT each other JJ	3.529	159	7%	0	7%	0	7% nar-gua_028.tag
11	the DT the field NN field , , , yelling VVG yell constant JJ constant	930	28	9%	0	2%	0	2% jo-if-wp_043.tag
12	" " " " We PP we were VBD be yelling VVG yell in IN in front NN front of IN of	1.939	68	4%	0	5%	0	5% -inf-mn_001.tag
13	EX there was VBD be a DT a yawning VVG yawn gulf NN gulf . SENT . Just RB	466	12	4%	0	2%	0	2% jo-if-tim_010.tag
14	VVZ say " " " Stop NP Stop yawning VVG yawn Richard NP Richard . SENT .	10.443	437	9%	0	9%	0	9% nar-gua_007.tag
15	CC and he PP he 's VBZ be yawning VVG yawn . SENT . Jon NP Jon	10.409	435	2%	0	9%	0	9% nar-gua_007.tag
16	, , , growling VVG growl , , , yapping VVG yap and CC and nipping VVG nip ,	1.680	34	6%	0	1%	0	1% nar-gua_003.tag
17	, , , growling VVG growl , , , yapping VVG yap and CC and nipping VVG nip ,	1.602	34	6%	0	1%	0	1% nar-gua_031.tag
18	, , , growling VVG growl , , , yapping VVG yap and CC and nipping VVG nip ,	1.680	34	6%	0	1%	0	1% nar-gua_008.tag
19	NN deflection , , , wrong-footing VVG wrong-foot Argentina NP Argentina	557	8	9%	0	7%	0	7% jo-if-ft_007.tag
20	wide JJ wide after IN after wrong-footing VVG wrong-foot Madjid NP Bougherra	1.790	50	3%	0	6%	0	6% jo-if-tel_018.tag
21	VVP hear people NNS people writing VVG write and CC and saying VVG say	374	9	2%	0	5%	0	5% o-if-gua_094.tag
22	but CC but I PP I 'm VBP be writing VVG write this DT this from IN from a DT	7.744	240	8%	0	1%	0	1% nar-gua_009.tag
23	than IN than I PP I am VBP be writing VVG write this DT this from IN from the	12.039	486	2%	0	7%	0	7% nar-gua_035.tag
24	PP\$ his pocket NN pocket , , , writing VVG write the DT the correct JJ correct	5.080	141	0%	0	9%	0	9% nar-gua_020.tag
25	with IN with people NNS people writing VVG write us PP us off RP off after IN	541	18	2%	0	3%	0	3% o-if-gua_084.tag
26	just as IN as I PP I was VBD be writing VVG write about IN about an DT an	8.711	385	7%	0	4%	0	4% nar-gua_047.tag
27	the DT the critics NNS critic writing VVG write them PP them off RP off .	115	0	4%	0	8%	0	8% jo-if-foo_032.tag
28	People NNS people are VBP be writing VVG write us PP us off RP off after IN	2.625	73	5%	0	8%	0	8% o-if-gua_078.tag
29	SENT . laquinta NP is VBZ be writhing VVG writhe around RP around in IN in	1.212	76	7%	0	4%	0	4% jo-if-ny_032.tag
30	IN with a DT a player NN player writhing VVG writhe on IN on the DT the ground	1.607	38	4%	0	5%	0	5% jo-if-wp_057.tag
31	Torres NP Torres was VBD be writhing VVG writhe about RB about on IN on the	3.964	139	3%	0	0%	0	0% nar-hhr_011.tag

Figura 36: Parte das linhas de concordância da etiqueta VVG⁷⁴.

Observamos todas as linhas de concordância e identificamos 39 verbos que poderiam fazer parte de CLEs utilizadas para relatar um gol. Depois, geramos concordâncias no *corpus* sem etiquetas gramaticais para esses verbos a fim de verificar como ocorrem nos textos, ou seja, os padrões em que ocorrem.

Nessa parte da análise, também eliminamos as estruturas que não funcionavam como equivalentes de ‘fazer um gol’. Observemos o exemplo, a seguir, da busca realizada para *fire**, um dos 39 verbos identificados a partir das etiquetas:

⁷⁴ A palavra à esquerda representa a ocorrência no *corpus* e a palavra à direita é a forma lematizada do verbo. Utilizamos a versão 6.0 do *WordSmith Tools* para a elaboração das listas de palavras e das palavras-chave, bem como para o restante da análise. No entanto, quando a versão 6.0 não estava disponível, uma vez que o *software* está instalado nos computadores na sede do Projeto *Comet*, utilizamos a versão 5.0 que possuímos em nosso antigo computador para consultar o *corpus* e gerar linhas de concordância. Por esse motivo, as telas das linhas de concordância podem apresentar cores diferentes.

Capítulo 4

N	Concordance	Set	Tag	Word #	t	os	d	os	d	os	t	os	d	os	t	os	File	%
150	call El Pistolero defied the elements to <u>fire his side</u> into their first quarter-final for	134	1	9%	0	9%	0	9%	0	9%	0	9%	0	9%	0	9%	jo-if-mir_009.txt	32%
151	in the fourth minute when Greg Halford <u>fired home</u> a free-kick after Kevin Doyle	118	1	6%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	jo-if-365_083.txt	74%
152	superbly on his chest, set himself and <u>fired home</u> a glorious half volley. Great	859	33	1%	0	6%	0	6%	0	6%	0	6%	0	6%	0	6%	-nar-tel_003.txt	28%
153	on their confusion as Damien Duff <u>fired home</u> a second from outside the	186	4	4%	0	4%	0	4%	0	4%	0	4%	0	4%	0	4%	jo-if-bbc_051.txt	33%
154	new-boy, Stephen Ireland popped up to <u>fire home</u> after a mazy solo burst. In	163	3	1%	0	2%	0	2%	0	2%	0	2%	0	2%	0	2%	jo-if-spl_003.txt	32%
155	new-boy, Stephen Ireland popped up to <u>fire home</u> after a mazy solo burst. In	153	2	1%	0	1%	0	1%	0	1%	0	1%	0	1%	0	1%	jo-if-365_004.txt	31%
156	the score 10 minutes later when he <u>fired home</u> an angled shot after a clever	379	13	4%	9	9%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	jo-if-sun_011.txt	65%
157	Jeremie Aliadiere with the chance to <u>fire home</u> Boro's second goal four	449	15	4%	0	4%	0	4%	0	4%	0	4%	0	4%	0	4%	jo-if-sun_049.txt	78%
158	gobble up Dele Adebola's flick-on and <u>fire home</u> . Both clubs are still waiting for	274	10	5%	0	5%	0	5%	0	5%	0	5%	0	5%	0	5%	jo-if-sun_042.txt	70%
159	passed inside for unmarked Deco to <u>fire home</u> . Deco had missed the team's	836	43	6%	19	0%	0	6%	0	6%	0	6%	0	6%	0	6%	jo-if-wp_026.txt	86%
160	to be heading for a draw, Lampard <u>fired home</u> deep into injury-time to send	781	37	2%	28	0%	0	8%	0	8%	0	8%	0	8%	0	8%	jo-if-mir_002.txt	98%
161	Gunners ahead on 19 minutes when he <u>fired home</u> from a central position on the	202	5	9%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	jo-if-foo_029.txt	49%
162	proved equally clinical as Defoe as he <u>fired home</u> from a similar angle. The only	337	10	2%	0	1%	0	1%	0	1%	0	1%	0	1%	0	1%	jo-if-365_014.txt	46%
163	proved equally clinical as Defoe as he <u>fired home</u> from a similar angle. The only	338	10	2%	0	1%	0	1%	0	1%	0	1%	0	1%	0	1%	jo-if-365_013.txt	46%
164	five minutes from the end when he <u>fired home</u> from Chris Wood's pass.	643	20	7%	0	5%	0	5%	0	5%	0	5%	0	5%	0	5%	jo-if-365_044.txt	96%
165	18 minutes from time as he turned and <u>fired home</u> from eight yards after being	454	16	6%	0	8%	0	8%	0	8%	0	8%	0	8%	0	8%	jo-if-bbc_020.txt	90%
166	through Stefan Maierhofer, who <u>fired home</u> from six yards following a	462	15	6%	0	8%	0	8%	0	8%	0	8%	0	8%	0	8%	jo-if-foo_012.txt	98%
167	who also hit the post twice for Ghana, <u>fired home</u> from the spot in 84th minute	172	5	9%	0	7%	0	7%	0	7%	0	7%	0	7%	0	7%	-if-espn_007.txt	24%
168	Madrid last night, as Steven Gerrard <u>fired home</u> from the penalty spot in injury	95	0	2%	0	2%	0	9%	0	9%	0	9%	0	9%	0	9%	jo-if-eye_007.txt	32%
169	King and Bassong, swivels and <u>fires home</u> left-footed past Cudicini, who	1.071	56	8%	0	4%	0	4%	0	4%	0	4%	0	4%	0	4%	-nar-foo_025.txt	45%
170	1 - Newcastle United 1 Damien Duff <u>fires home</u> Newcastle United's	82	0	1%	0	3%	0	3%	0	3%	0	3%	0	3%	0	3%	jo-if-gua_037.txt	27%
171	fed Zalayeta and the Uruguayan forward <u>fired home</u> on 73 minutes. <p> <p> Milan	263	5	7%	3	7%	0	2%	0	2%	0	2%	0	2%	0	2%	jo-if-gua_010.txt	58%
172	before Alan set up Luis Aguiar to <u>fire home</u> six minutes from time, putting	359	11	2%	4	7%	0	7%	0	7%	0	7%	0	7%	0	7%	jo-if-uef_002.txt	97%
173	to escape Stoke's attentions and <u>fire home</u> . The home side provided	448	9	8%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	jo-if-ind_035.txt	83%
174	the edge of the area and the full-back <u>fired home</u> through a crowd of players for	191	3	6%	0	9%	0	9%	0	9%	0	9%	0	9%	0	9%	jo-if-foo_022.txt	60%
175	with a cross that Tom Cleverley <u>fired home</u> to make it 2-1. Jay	292	13	5%	0	2%	0	2%	0	2%	0	2%	0	2%	0	2%	jo-if-sun_040.txt	93%
176	away from Demichelis and Otamendi to <u>fire home</u> . Too little, too late. In the dying	881	31	6%	0	4%	0	4%	0	4%	0	4%	0	4%	0	4%	jo-if-tel_005.txt	95%
177	Lacazette, who cut it back for Novillo to <u>fire home</u> via a deflection. The goal	621	19	8%	0	7%	0	7%	0	7%	0	7%	0	7%	0	7%	jo-if-tel_049.txt	79%

Figura 37: Parte das linhas de concordância de “fire**”.

O verbo *fire* ocorre 445 vezes no *corpus*. No entanto, em apenas 54 ocorrências ele é utilizado para narrar um gol. Ademais, muitas vezes uma estrutura que é utilizada para descrever um gol, como *fire home*, pode ser utilizada em outras situações. Na figura 37 *fire home* só é equivalente de ‘fazer um gol’ nas ocorrências sublinhadas. Em todas as outras, é utilizado para descrever uma tentativa que não resultou em gol.

O passo seguinte foi validar essas combinatórias léxicas especializadas por meio da análise das concordâncias e do contexto expandido. Ainda no caso de *fire*, ampliamos os contextos das linhas em que *fire home* era um possível equivalente de ‘fazer um gol’. Observemos, por exemplo, o contexto expandido da linha número 153:

Figura 38: Parte do contexto expandido da linha de concordância 153 de *fire**.

Após a validação das CLEs, agrupamos as 39 CLEs por categoria semântica, tendo como base o *Roget's International Thesaurus*. Optamos por esse tipo de classificação porque, durante a análise, notamos que o significado de algumas CLEs é bastante similar e que o sentido que carregam está relacionado à determinada característica que o verbo expressa.

Apresentamos, nos parágrafos seguintes, os equivalentes por categoria semântica. Embora intercambiáveis, todos apresentam características particulares que denotam categoria semântica, prosódia semântica e *lexical priming*⁷⁵ distintos, causando, dessa forma, reações diferentes no leitor.

As CLEs **SCORE** *{a|the} goal* e **NOTCH** *{his ORDINAL|CARDINAL}(goal)* compõem a categoria semântica de pontuação. Ambas são utilizadas para pontuar os gols e seus significados recaem sobre o ato de adicionar gols ao placar de uma partida.

Os exemplos abaixo ilustram o uso de *notch* e *score* seguido do número de gols, enfatizando a ideia de soma de pontos:

*Rooney **notched his fifth goal** of the season and showed that United are serious contenders to retain their Premier League crown despite the loss of Cristiano Ronaldo during the summer.*⁷⁶

⁷⁵ Teoria linguística desenvolvida por Michael Hoey que parte do princípio de que, à medida que temos contato com uma nova unidade lexical, seja verbo, substantivo, adjetivo etc., essa nova unidade é adquirida juntamente com os contextos linguísticos, sociais e culturais em que frequentemente ocorre. Dessa forma, ao reproduzir a unidade lexical tendemos a utilizá-la nos mesmos contextos em que a encontramos. Toda a informação adquirida por meio da unidade lexical em questão é considerada o *lexical priming* da palavra.

⁷⁶ Disponível em: < http://www.manchesterunited-mad.co.uk/rprt/match/tottenham_hotspur_1_manchester_united_3_462846/index.shtml >. Acesso em: 21 set. 2014.

*But Eduardo still had time **to score the sixth**, netting from close in after Andrey Arshavin's shot had come back off a post with two minutes to go.*⁷⁷

Durante o agrupamento semântico, identificamos treze CLEs que transmitem a ideia de uma ação violenta. São elas:

- a) **FIRE** {home | in (a goal) | (the ball) past [goalkeeper] | into the net}
- b) **HAMMER** {in | home}
- c) **SLAM** {(the ball) past [goalkeeper] | in | into the roof of the net}
- d) **BLAST IN** (a goal)
- e) **LASH** home {(a goal) | into an empty net}
- f) **SMASH** home
- g) **STAB** the ball {home | past [goalkeeper]}
- h) **POKE** {the ball home | home past [goalkeeper]}
- i) **KNOCK** {the ball {into the net | in | home}} / **NUMBER** goals
- j) **THUMP** {home | past [goalkeeper]}
- k) **CLIP** the ball into the net
- l) **SNATCH** [a goal]
- m) **THUNDER** a goal home

A alta ocorrência de verbos que transmitem a ideia de ação violenta em inglês nos levou à seguinte pergunta: será que o uso de verbos dessa categoria semântica também é comum em português?

Para responder a pergunta, geramos linhas de concordância para a etiqueta gramatical V⁷⁸, que indica um verbo, no *subcorpus* de português e observamos as ocorrências.

As concordâncias confirmaram nossa hipótese: em português não utilizamos verbos de ação violenta com a mesma frequência que em inglês. Encontramos 222 ocorrências do verbo “empurrar”, sendo 87 sinônimas de ‘fazer um gol’. No entanto, em grande parte das ocorrências o verbo “empurrar” estava relacionado à facilidade

⁷⁷ Disponível em: < <http://www.independent.co.uk/sport/football/premier-league/arsenal-sink-everton-with-six-of-the-best-1772766.html> >. Acesso em: 12 out. 2014.

⁷⁸ As etiquetas gramaticais em português não distinguem entre os tempos verbais.

Capítulo 4

com que o gol foi feito, e não à intensidade do chute dado. Observemos o exemplo abaixo:

*Em desvantagem o Corinthians tentou pressionar, enquanto o Santos tentava concluir os bons contra-ataques que estava conseguindo. Mas aos 34 minutos Bill aproveitou bola rebatida na trave e **empurrou** para o gol, empatando o jogo no Pacaembu.*⁷⁹

Também encontramos 6.000 ocorrências do verbo ‘bater’, das quais apenas 28 são utilizadas para descrever um gol. Ao analisar as linhas de concordância, constatamos que das 28 CLEs com o verbo ‘bater’, somente dezesseis narram um gol feito. As outras representam tentativas que não deram certo:

*Jorge Wagner domina e **bate** para o gol. Mas a bola vai fraca e sem direção. MUCHA SALVA!! Robben faz bela jogada pela esquerda e cruza rasteiro. Mathijsen **bate** para o gol e bola explode no rosto de Mucha.*⁸⁰

Após analisar cuidadosamente as linhas de concordância, expandindo o contexto e visitando o texto integral, concluímos que a diferença na frequência dos verbos de ação violenta é resultado da própria forma de jogar futebol no Brasil e na Inglaterra. Em suma, se os *corpora* são realmente representativos, eles devem refletir, por meio do léxico, a forma como o futebol é jogado em diferentes culturas.

Se perguntarmos a qualquer pessoa – que goste ou entenda ao menos um pouco de futebol – sobre as diferenças entre o futebol brasileiro e o futebol inglês, as respostas serão muito parecidas: o futebol inglês é mais rápido e mais “pegado”, mais “forte”. Observemos os depoimentos de jogadores, técnicos e jornalistas brasileiros sobre o futebol inglês:

*Ramirez, volante do Chelsea, em entrevista ao site da FIFA em outubro de 2010, sobre sua adaptação ao futebol inglês: “O futebol inglês é muito físico e rápido. Aqui você não tem muito tempo para ficar com a bola no pé e tem que definir logo a jogada. Além de procurar as jogadas quando tenho a bola, eu sempre marquei forte. Por isso, não estou encontrando muitas dificuldades. Já estou me acostumando ao ritmo das partidas aqui.”*⁸¹

⁷⁹ Disponível em: < <http://temporeal.lancenet.com.br/2014/campeonato-brasileiro/30-nov/fluminense-corinthians/> >. Acesso em: 6 jan. 2015.

⁸⁰ Disponível em: < http://oglobo.globo.com/esportes/tempoReal/2014/1024/LanceALance_7010.asp >. Acesso em: 15 jan. 2015.

⁸¹ Disponível em: <<http://www.guiame.com.br/v4/70368-1663-Destaque-no-site-da-Fifa-Ramires-diz-estar-adaptado-ao-futebol-ingl-s.html>>. Acesso em: 12 abr. 2011.

Maurício Duarte, repórter do R7⁸², em agosto de 2010, sobre possível transferência do atacante Neymar para o Chelsea: “O futebol inglês privilegia a força e há muito contato físico. Exatamente por isso, Robinho não se adaptou no Manchester City. Tanto que o atacante de mais sucesso atualmente no futebol inglês é Wayne Rooney, do Manchester United. O artilheiro pode não ter muita técnica, mas compensa de sobra na vitalidade e na força física.”⁸³

Se tomarmos os depoimentos acima, podemos caracterizar o futebol inglês como um futebol que tem a força como um de seus elementos centrais. Por esse motivo, tratamos a discrepância da frequência de verbos de ação violenta em inglês e português por meio do conceito forma-representação de Toledo (2002). Segundo Toledo (2002), o conjunto de regras não determina nem influencia as maneiras de jogar. Na verdade, a interpretação e a apropriação cultural que cada região faz das regras é que revelam as “formas de jogo”. Justapostas, as regras e as “formas de jogo” dão origem a um terceiro aspecto identificado nas representações, qual seja o ajustamento da observação empírica das “formas de jogo” em um plano simbólico, que, por sua vez, consolidam as “escolas”, “jeitos” ou “estilos” próprios que se traduzem no código linguístico.

Investigar a apropriação cultural das regras no Brasil e na Inglaterra foge ao escopo de nossa pesquisa. Contudo, reconhecer que essa interpretação influencia o “estilo” de jogo e, por conseguinte, a terminologia utilizada nas duas culturas é essencial para entendermos algumas discrepâncias linguísticas. Assim, o fato de o futebol inglês ser mais “pegado” transparece na grande quantidade de verbos de ação violenta.

Para comprovar nossa hipótese de que o futebol inglês é mais ‘pegado’ e ‘rápido’ que o futebol brasileiro, compilamos um *minicorpus* composto por quinze textos sobre o estilo do futebol brasileiro e quinze textos sobre o estilo do futebol inglês, totalizando aproximadamente 20.000 palavras. Esse *minicorpus* é monolíngue. Coletamos textos somente em inglês por dois motivos: 1) esse material foi compilado para a investigação de um estudo de caso apresentado em um congresso na Inglaterra; assim, achamos pertinente que o *corpus* estivesse em língua inglesa; 2) não

⁸² Portal de notícias e entretenimento do conglomerado Record.

⁸³ Disponível em: <<http://esportes.r7.com/futebol/times/santos/area-publica/noticias/estilo-do-futebol-ingles-desfavorece-talento-de-neymar-20100812.html>>. Acesso em: 12 abr. 2011.

Capítulo 4

encontramos textos descritivos em português que analisassem o futebol inglês, somente alguns trechos de entrevistas e citações.

A análise foi feita de forma bastante simples. Primeiramente, geramos listas de palavras dos *minicorpora*. Em seguida, comparamos essas listas com listas de palavras de *corpora* de referência a fim de obter as palavras-chave. Como referência, utilizamos um *corpus* jornalístico, com aproximadamente 100.000 palavras. Em seguida, analisamos as palavras-chave e selecionamos aquelas utilizadas para descrever as características dos dois futebolis. O quadro 17 mostra as *keywords* associadas às duas escolas:

Palavras-chave associadas ao estilo brasileiro	Palavras-chave associadas ao estilo inglês
<ul style="list-style-type: none">- <i>[good] dribblers</i>- <i>creative</i>- <i>spontaneous</i>- <i>improvisational</i>- <i>free-flowing</i>- <i>possession</i>- <i>samba [beat]</i>- <i>control [of the ball]</i>- <i>[highly] skilled</i>- <i>[flowing] passing [game]</i>- <i>beautiful</i>- <i>flair</i>- <i>invention</i>	<ul style="list-style-type: none">- <i>physical [prowess/strength]</i>- <i>fast</i>- <i>athleticism</i>- <i>rough</i>- <i>[long] shoots</i>- <i>quick</i>- <i>[direct] passes</i>- <i>[no] risk</i>- <i>courageous</i>- <i>hard</i>- <i>[break-neck] speed</i>

Quadro 17: Palavras-chave associadas ao estilo brasileiro e ao estilo inglês.

Ao fim da análise, questionamo-nos se a frequência de verbos que denotam ação violenta tende a aumentar em português, uma vez que a prática e o aprendizado do futebol mudaram bastante no Brasil. Antigamente as crianças jogavam futebol na rua, no pátio da escola e em “campinhos”. Hoje em dia, as crianças frequentam, desde muito cedo, as chamadas escolinhas de futebol, ambientes em que meninos e meninas são treinados por meio de acompanhamento tático, prática de jogadas e, muitas vezes, condicionamento físico. Levantamos a questão uma vez que é comum ouvir de comentaristas e jornalistas esportivos que o “estilo” do futebol brasileiro, sempre caracterizado por jogadas de habilidade, está passando por um processo de transformação: a troca do “futebol arte” pelo “futebol força” ou, até mesmo, a junção

desses dois futebolis. De qualquer forma, cremos que essas mudanças, futuramente, tero reflexo na constituio do léxico do futebol em português, incorporando neologismos. No entanto, embora as mudanças venham acontecendo há um tempo, seu reflexo no sistema linguístico muito provavelmente ocorrerá de forma mais lenta, e, até o momento, o “futebol força” não é a “forma de jogo” que temos em nosso plano simbólico ao pensar no futebol brasileiro, e, por esse motivo, não é traduzido em nosso código linguístico.

Outro campo semântico bastante comum em inglês, e que não foi encontrado em português, pelo menos não com frequência significativa, é o de “facilidade”. Observemos as CLEs abaixo:

- a) **SLIDE** {home his **ORDINAL** (goal) | the ball home}
- b) **SWEEP** {home | the ball into the net}
- c) **DINK** in [a goal]
- d) **TUCK** home (a goal)
- e) **STROKE** a shot past [goalkeeper]

Aqui, o sentido principal recai sobre a facilidade com que o gol foi feito. Na realidade, a facilidade não caracteriza o gol, mas sim a trajetória da bola, a posio do jogador ou o toque que o jogador d na bola.

As CLEs **TAP** {in|home} e **FIZZ** [the ball past goalkeeper|a sidefooter at goal] compõem a categoria semântica de velocidade. Ambas enfatizam a velocidade do gol; no somente a velocidade com que o jogador recebe e chuta ao gol, mas também a rapidez dos toques at o momento do gol:

*Scott Carson, oh Scott Carson. Drogba lines up the shot, **fizzes** a sidefooter at goal, but it's straight at the keeper. Who proceeds to let the ball squirm from his grasp, drop to Mikel who dinks it square for Malouda to **tap in**.*⁸⁴

*Stones were under too much self imposed pressure during a distinctly dodgy period of play but turned the game around 10 minutes later; skipper Wes Parker had seen enough and charged down the flank, crossed expertly for McGleish who was well placed to **fizz the ball***

⁸⁴ Disponível em: < <http://www.theguardian.com/football/2010/aug/14/chelsea-west-brom-live-premier-league> > Acesso em: 16 jan. 2015.

Capítulo 4

*past Borough keeper Erbil Bozkurt to break the deadlock.*⁸⁵

Novamente, se considerarmos os depoimentos dos jogadores, jornalistas e técnicos sobre o futebol inglês, veremos que a alta ocorrência desses verbos de velocidade nos periódicos ingleses reflete o “estilo” do futebol inglês. Tomemos o depoimento de Ramirez: “O futebol inglês é muito físico e rápido. Aqui você não tem muito tempo para ficar com a bola no pé e tem que definir logo a jogada...”⁸⁶.

Sabemos que o português, assim como o inglês, utiliza palavras de outras categorias gramaticais para indicar a rapidez e a velocidade de uma jogada como, por exemplo, os termos “rápido” e “de primeira”. No entanto, chamamos a atenção para o fato de que, pelo menos em nosso *corpus*, o jogo rápido se mostra tão característico no futebol inglês que existe uma necessidade de expressá-lo por meio de verbos específicos.

Algumas CLEs não descrevem nenhuma particularidade do futebol inglês, mas refletem, de certa forma, uma característica da cultura e, conseqüentemente, da língua inglesa: alto grau de detalhamento das informações. Para entender essa particularidade cultural, utilizamos os conceitos de *high-context culture* e *low-context culture* do antropólogo Edward Hall (1976), apresentado no capítulo 2. A teoria de Hall parte do pressuposto de que a quantidade de informação linguística e contextual necessária para transmitir o significado varia de acordo com a cultura. A teoria de Hall é bastante complexa e detalhada. Contudo, pode ser utilizada para entender o processo de produção de textos sobre futebol nas duas culturas.

As CLEs que apresentamos nos próximos parágrafos transmitem um detalhamento que não encontramos nos verbos e CLEs utilizados para descrever um gol em português. As CLEs do primeiro grupo expressam o movimento que a bola faz para dentro do gol:

a) SLOT {home([agoal])|(theball)into{an|the} empty net|past[goalkeeper]| in}

Robinho, who was the game's outstanding player, then provided one of the assists of the championship so far as he threaded a delightful ball to Elano in the 72nd minute before the

⁸⁵ Disponível em: < <http://wealdstone-fc.com/2013/posts/wealdstone-4-1-haringey-borough/> > Acesso em: 14 maio 2014.

⁸⁶ Disponível em: <<http://www.guiame.com.br/v4/70368-1663-Destaque-no-site-da-Fifa-Ramires-diz-estar-adaptado-ao-futebol-ingl-s.html>>. Acesso em: 16 abr. 2014.

Capítulo 4

*midfielder **slotted home** a second.*⁸⁷

b) **DRILL home**

*The defender, 25 yesterday, settled a tight game and embarked on a celebration that would have looked more at home on Strictly Come Dancing than Match of the Day. He **drilled home** Swansea's 69th-minute winner after Leon Britton had rattled the home side's bar with a stunning overhead kick.*⁸⁸

c) **BURY the ball past [goalkeeper]**

*For good measure, Fabregas popped in a peach for his second and Arsenal's fifth as he ran up field, picked his spot and **buried the ball past Howard**.*⁸⁹

Sabemos que muitas vezes o sentido de uma palavra na língua geral e em uma língua de especialidade difere. Mas, no caso desses verbos, só entendemos o funcionamento das CLEs que utilizam *drill*, *bury* e *slot* de forma figurada por meio dos seus significados na língua geral. *Drill* nos remete ao ato de perfurar, *bury*, de enterrar e *slot*, de preencher um espaço, sentidos evidenciados nos exemplos acima.

As CLEs **FINISH (off) (a goal)** e **DELIVER a goal** carregam o sentido de completar, realizar uma tarefa, assim como o verbo “finalizar” em português:

*O goleiro Felipe nem se mexeu. Novamente impaciente com o atacante Souza, a torcida do Corinthians passou a pedir a entrada de Dentinho. Só parou quando Elias, aos 42, **finalizou** de fora da área no ângulo: 2 a 1.*⁹⁰

*And 43 minutes into his full debut, Stanislas **finished off** a great end-to-end move by tapping in Luis Boa Morte's cross.*⁹¹

*It's been 25 years since a match between these two teams **delivered a goal** and it doesn't look like we're going to get one tonight.*⁹²

Também detectamos a presença de duas CLEs que descrevem o movimento da bola ou seu controle por um jogador:

⁸⁷ Disponível em: < <http://www1.skysports.com/football/live/match/211263/report> >. Acesso em: 15 maio 2014.

⁸⁸ Disponível em: < <http://www.thesun.co.uk/sol/homepage/sport/football/2602527/Coventry-0-Swansea-1.html> >. Acesso em: 15 maio 2014.

⁸⁹ Disponível em: < <http://www.clickliverpool.com/sport/everton-fc/125755-everton-destroyed-by-arsenal.html> >. Acesso em: 15 maio 2014.

⁹⁰ Disponível em: < <http://www.gazetaesportiva.net/nota/2009/02/21/563360.html> > Acesso em: 15 maio 2014.

⁹¹ Disponível em: < <https://www.thesun.co.uk/sol/homepage/sport/football/2361096/West-Ham-2-Sunderland-0.html> >. Acesso em: 15 maio 2014.

⁹² Disponível em: < <http://www.theguardian.com/football/2010/jun/11/world-cup-2010-uruguay-france-live> >. Acesso em: 15 maio 2014.

a) **HOOK in ([a goal])**

*When defender Marius Zaliukas **hooked in** the second shortly after the break, belief they were capable of a sensational result coursed through the home ranks.*

b) **STEER the ball past [goalkeeper]**

*His pass picks out the run of Osman who **steers the ball past** Schwarzer.*

Analisamos as ocorrências de *HOOK in ([a goal])* no *corpus* e chegamos a duas possibilidades do uso. Primeiramente, pensamos que a CLE poderia descrever o tipo de jogada realizada para fazer o gol, já que *hook in* descreve uma jogada feita com o pé no ar, a meia altura, conhecida como “voleio” em português, fato que foi confirmado após a observação de outras ocorrências no *Google.uk*. Nossa segunda hipótese era que a CLE seria utilizada como o termo *hook* de uso corrente no *cricket* e no golfe, cujo significado indica um modo de bater na bola que faz com que ela desenhe uma curva em vez de seguir em linha reta. Confirmar essa segunda hipótese foi um pouco mais complicado do que a primeira, pois se o verbo *hook* designa, em seu significado, o movimento da bola, o texto, muito provavelmente, não usa nenhum outro recurso linguístico que possamos analisar para validar nossa hipótese. O detalhamento das notícias em inglês foi de grande valia para confirmar essa ideia. Acessamos o *site* *Football.co.uk*, do qual um dos textos que contém a CLE foi coletado, vimos as fotos dos gols do jogo e clicamos em um *link* do *YouTube* que direcionava para um vídeo que mostrava os gols da partida: constatamos que a bola fez um movimento irregular no seu percurso para o gol.

A última CLE, *STEER the ball past [goalkeeper]*, não descreve o movimento da bola, como a anterior. Seu significado recai sobre o controle da direção que a bola toma, como no exemplo citado, em que o jogador direciona a bola e chuta para o gol.

Identificamos três CLEs utilizadas para narrar gols de cabeça:

a) **NOD {home (into an empty goal) | in | into the net};**

b) **HEAD (the ball) {home|past (goalkeeper)|into the (roof of the) net};**

c) **{HAMMER | POUND} a header into the net.**

A alta frequência dos verbos que narram gols de cabeça em inglês chamou a atenção quando comparada à frequência dos mesmos verbos em português: 1037 e

Capítulo 4

387 ocorrências em cada língua, respectivamente.

Recorremos ao conceito forma-representação de Toledo para entender essa discrepância. Tomemos os depoimentos abaixo:

Robinho, em sua apresentação ao Milan, sobre o futebol inglês:

“Não tive nenhum problema com o Roberto Mancini. O que acontece é que o futebol inglês não é muito bom para jogador brasileiro, muita bola alta e a gente gosta de jogar com ela no chão”⁹³.

Guilherme Esteves, fanático por futebol, para o site “Futebol no Cotidiano”:

“Hoje, tive a oportunidade de assistir a Chelsea x Blackburn, no estádio do Blues, o Stamford Bridge, em Londres. O jogo em si, francamente... não foi bom. Aquele típico futebol inglês tomou conta do gramado. Muitas divididas, eficiência, objetividade e, principalmente, muitas jogadas aéreas.”⁹⁴

Jogadas aéreas, principalmente de bola na área, definem um estilo bem inglês, uma vez que exigem a força, a impulsão e a altura características dos jogadores ingleses. Desse estilo, e também das condições climáticas da Inglaterra – devido à chuva constante as equipes eram forçadas a mandar a bola para o alto, já que era quase impossível fazê-la correr na grama encharcada – surgiu a expressão “chuveirinho” para designar a grande quantidade de jogadas aéreas na área, que caracterizou, por muitos anos, a escola inglesa.

O cabeceio, que definia o “estilo” inglês, era considerado como a melhor forma de atacar e de concluir uma jogada, levando a seleção da Inglaterra à conquista da Copa do Mundo de 1966.

Não cabe aqui discutir a origem e a eficácia do “estilo” inglês, mas sim reconhecer que o papel das jogadas aéreas no futebol inglês é fundamental para entender a divergência entre a frequência de CLEs que narram gols de cabeça em inglês e em português.

A estrutura de *ADD {a|the} ORDINAL (goal)* pode ser enquadrada na categoria semântica de adição, pois a referência ao número do gol que foi marcado é parte integrante da CLE.

Rumblings of discontent were just beginning to emerge as Arsenal took the lead

⁹³ Disponível em: <http://opiodopovo.wordpress.com/tab/chuveirinho/>. Acesso em: 21 maio 2011.

⁹⁴ Disponível em: <http://futebolnocotidiano.com.br/?tag=futebol-ingles> >. Acesso em: 21 maio 2011

Capítulo 4

*through Abou Diaby in the 18th minute and the midfielder **added a second** three minutes later, prompting Wenger to compare his midfielder with a Highbury great.*⁹⁵

Identificamos os verbos **EQUALISE**, **DRAW** e **TIE** como equivalentes de EMPATAR. Entretanto, cada um apresenta suas particularidades. O verbo **EQUALISE** é o mais comum para narrar um gol de empate. Os trechos que seguem exemplificam seus principais usos:

*The keeper keeps hold of the ball, then gets the trainer on to look at his trousers. Meanwhile in the other game, Nigeria have **equalised**!*⁹⁶

*Birmingham almost **equalised** three minutes later when Patrice Evra headed Franck Queudrue's header off the line, but Hart was called back into action early in the second-half when he saved well from another long-range Rooney effort.*⁹⁷

*Martinez's lads were 13 minutes from victory until Clint Dempsey **equalised** with a diving header and Zamora had the last word with his bonce on 81 minutes in this gripping fifth-round replay.*⁹⁸

*The South Americans took the lead for the first time early in the second half through the impressive Diego Forlan but Marcell Jansen **equalised** for Germany within five minutes.*

O primeiro exemplo exemplifica o uso de *equalise* em uma narração. O segundo mostra o verbo seguido de uma referência ao tempo. O terceiro explicita o tipo de gol que foi feito e o último indica o time que empatou.

Os verbos **TIE** e **DRAW**, outros possíveis equivalentes do verbo ‘empatar’ em português, também ocorrem no *corpus*. Entretanto, o primeiro ocorre majoritariamente em revistas e jornais americanos e o segundo ocorre para narrar o resultado de um jogo que terminou empatado, e não para narrar um gol de empate:

*The Cottagers beat Arsenal 1-0 in August, **drew** 2-2 with Chelsea over Christmas and stunned United 2-0 last month.*

⁹⁵ Disponível em: < <http://www.dailymail.co.uk/sport/football/article-1208528/Arsenal-4-Portsmouth-1-Wengers-masterplan-beginning-bear-fruit.html> >. Acesso em: 16 maio 2014.

⁹⁶ Disponível em: < <http://www.theguardian.com/football/2010/jun/22/world-cup-2010-greece-argentina-live> > Acesso em: 16 maio 2014.

⁹⁷ Disponível em: < <http://www.telegraph.co.uk/sport/football/teams/manchester-united/6029372/Manchester-United-v-Birmingham-City-match-report.html?mobile=basic> >. Acesso em: 16 maio 2014.

⁹⁸ Disponível em: < <http://www.premierleague.com/en-gb/news/features/man-united-2012-13-season-at-a-glance.html> >. Acesso em: 16 maio 2014.

Capítulo 4

A CLE *NESTLE* {*in* | *into*} *the (back of the) net* remete à ideia de ‘aninhar’ a bola no gol:

*Not a brilliant penalty-struck low and only a few feet to the left of the centre of the goal, but Julio Cesar went the other way and the ball **nestled in the back of the net**.*

Como podemos observar, o exemplo ilustra a posição da bola após o gol.

Identificamos três CLEs que pertencem à categoria de realização, entendida aqui como consecução, ou seja, o ato de alcançar um objetivo. Observemos os exemplos:

a) NET [a goal]

*Liverpool's season is firmly back on track after Yossi Benayoun **netted** a hat-trick in Saturday's 4-0 Premier League home win over Burnley. Substitute Stefan Maierhofer **netted** a late consolation for Wolves.*

b) BAG [a goal]

*Dave Kitson is finally beginning to find his feet at Stoke as he **bagged** the winner in a 1-0 victory over Sunderland at the Britannia Stadium. Drogba was a real menace throughout, heading just over from a Jose Bosingwa cross before **bagging** the all-important goal.*⁹⁹

c) NICK [a goal]

*Birmingham City had the early Premier League leaders begging for the final whistle before Aaron Lennon **nicked** a winner for Tottenham deep into stoppage time. Lions fans were already leaving the Den when Paul Shaw **nicked** a consolation goal on 79 minutes but the roar that went up when Tim Cahill (right) made it 3-2 within seconds brought many back.*¹⁰⁰

Independentemente do significado de seus verbos na linguagem geral, as três CLEs descrevem um ato de realização. Quando utilizadas, enfatizam a conquista de um gol que é necessário ou importante. Se tomarmos os colocados da CLE nos exemplos acima, *hat-trick* (três gols marcados por um jogador na mesma partida), *consolation* (gol de honra), *the winner* (gol da vitória) e *the-all-important goal* (gol importante, que pode ser decisivo para a vitória ou para a permanência de um time em um campeonato), veremos que além de descrever um gol feito, a CLE realça a importância do gol tanto pelos colocados quanto pelo uso em detrimento de algum

⁹⁹ Disponível em: < <http://www.teamtalk.com/match/report/978/5522798/Kitson-bags-winner-to-down-Cats> >. Acesso em: 20 maio 2014.

¹⁰⁰ Disponível em: < http://www.tottenhamhotspur-mad.co.uk/rprt/match/tottenham_hotspur_2_birmingham_city_1_460760/index.shtml >. Acesso em: 8 jan. 2015.

outro equivalente.

Ao final de nosso primeiro estudo de caso, podemos concluir que a existência de CLEs que expressam o sentido de violência, explosão, rapidez, facilidade e gols de cabeça em inglês e a ausência do mesmo tipo de CLE em português pode ser explicada pelo conceito forma-representação, do mesmo modo que a maior variação de CLEs que descrevem a trajetória da bola tanto em um gol quanto em uma tentativa pode ser explicada pelo conceito de *high* e *low-context culture*. O torcedor brasileiro (*high-context*) espera um relato mais breve da partida, com ênfase no produto final, o gol. Já o torcedor inglês (*low-context*) espera que os lances sejam narrados de forma precisa, com ênfase nos meios, ou seja, nas jogadas que levaram ao gol.

4.2 falta

Um segundo exemplo que pode ser utilizado para evidenciar como o estilo de jogo influencia o funcionamento da linguagem do futebol em português e inglês é o termo ‘falta’, que ocorre 6.901 vezes no *corpus* de português. O quadro 18 mostra as colocações verbais e adjetivas de ‘falta’ encontradas por meio das seguintes buscas no *corpus* etiquetado: “v * falta”¹⁰¹ e “falta * adj”¹⁰²:

Colocações verbais	Colocações adjetivas	
<ul style="list-style-type: none"> - COMETER * falta - FAZER * falta - GANHAR * falta - RECEBER * falta - SOFRER * falta 	<ul style="list-style-type: none"> - falta dura - falta perigosa - falta violenta - falta boba - falta forte 	<ul style="list-style-type: none"> - falta grosseira - falta infantil - falta venenosa - falta casual - falta certa

Quadro 18: Colocações verbais e adjetivas de ‘falta’.

Ao realizar uma busca para o termo *foul* no *subcorpus* em inglês, encontramos apenas 926 ocorrências. Destas, 546 são verbos e 40 substantivos. Esse número é relativamente baixo se comparado às 6.901 ocorrências de ‘falta’ em português. Nesse caso, assim como no caso de “fazer/marcar um gol”, analisamos todas as ocorrências de verbos no *corpus* em busca de outro(s) possível(is) equivalente(s) para ‘falta’ e

¹⁰¹ “v” representa a etiqueta utilizada para verbos e * indica uma possível palavra entre o verbo e o termo “falta”. Com esse tipo de busca, obtemos resultados, como, por exemplo, “cometeu (uma) falta”.

¹⁰² “adj” representa a etiqueta utilizada para adjetivos e * indica uma possível palavra entre “falta” e um adjetivo.

identificamos 272 ocorrências de *tackle* – 223 como substantivo e 49 como verbo – e 76 ocorrências de *challenge* – 60 como substantivo e 16 como verbo –, utilizadas para descrever uma falta. Analisamos as colocações adjetivas e verbais, mas, mesmo assim, a grande diferença de frequência dos termos nas duas línguas parecia não se justificar. Novamente, recorremos ao conceito forma-representação para explicar o uso de ‘falta’ em português e *foul*, *challenge* e *tackle* em inglês.

Primeiramente, o fato de o número de faltas do campeonato brasileiro ser superior ao número de faltas do campeonato europeu ajuda a entender a grande diferença no número de ocorrências. A figura 39 esclarece essa discrepância:

The image is a screenshot of a news article from the website 'Futebol' dated 28/09/2012 at 13:04. The article title is 'Brasileiro tem média de faltas maior que dos campeonatos europeus'. The text discusses the high number of fouls in the Brazilian football league compared to European leagues. It mentions that the Brazilian league is characterized by a high number of fouls and many goals, which is not the reality of the Brazilian Championship of 2012. It also notes that the Brazilian league is being filled with international stars like Diego Forlán and Clarence Seedorf, but that these players are not used to the style of play in Brazil, which is more physical. The article includes a quote from a player, Neymar, who says that he has seen a lot of fouls in European leagues and that he is used to it. It also mentions that the Brazilian league has a higher average number of fouls per game (37.2) compared to the Premier League (20.75) and the Italian league (29.55). The article is written in Portuguese and includes several hyperlinks and social media sharing options.

Brasileiro tem média de faltas maior que dos campeonatos europeus

Futebol - 28/09/2012 - 13:04

Jogo franco, baixo número de faltas e muitos gols deveriam ser características da liga de um país que se vangloria pelo futebol arte e pelos cinco títulos da **Copa** do Mundo, mas não é essa a realidade do **Campeonato Brasileiro** de 2012.

O Brasileirão deste ano pode ter sido recheado por estrelas internacionais como Diego Forlán e Clarence Seedorf. Ainda assim, o que esses jogadores encontraram nos campos verde-amarelos é bem diferente daquilo com que eles estavam acostumados na Europa.

Por enquanto o colorado Forlán e o botafoguense Seedorf não reclamaram do estilo de jogo do futebol do Brasil - pelo menos não publicamente -, mas seus companheiros de trabalho têm protestado contra um aparente vilão nacional: o excesso de faltas marcadas pela arbitragem.

Não pode encostar que é falta. Acho que eles - árbitros - têm de assistir um pouco de futebol europeu", reclamou o lateral-esquerdo flamenguista Ramon depois de jogo contra a Ponte Preta, em 5 de setembro.

City e Stoke só empatam pela quarta rodada da Premier League

Manchester City e Stoke, duelo da Premier League

O Neymar simula bastante durante o jogo. Ponto. Todo mundo tem acesso aos vídeos, é só ver. Esse é o antijogo e tem isso em todos os times. Na Europa, o público é contra isso", reclamou o zagueiro Paulo André, do Corinthians ao final do clássico de 19 de agosto, com Santos. O alvo do **corinthiano** era Neymar, jogador vaiado em jogos recentes da seleção brasileira em campos europeus pelo famoso 'cai-cai.'

A indignação com a simulação de faltas é compreensível: os europeus não estão acostumados a ver juizes parando o jogo com tanta frequência. Nenhum dos grandes campeonatos do Velho Continente tem tantas infrações quanto o Brasileiro.

Até a 23ª rodada, a média do atual Brasileirão era de 37,2 faltas por **partida**, segundo dados do Footstats. Número bem mais alto que a média de 27,48 do Espanhol ou que a de 29,55 do Italiano em suas primeiras rodadas da temporada 2012/2013. A comparação com o Campeonato Inglês é ainda mais impressionante. Na Premier League a média é de 20,75 infrações por jogo, quase a metade do Brasil.

Figura 39: Reportagem sobre o alto número de faltas no Campeonato Brasileiro¹⁰³.

Como podemos observar, além de o número de faltas ser maior no Brasileirão do que na *Premier League*, os juízes brasileiros tendem a interromper o jogo após todo e qualquer lance de encontro corporal, o que não acontece na Inglaterra.

De acordo com Leonardo Gaciba, árbitro de futebol por 21 anos e pertencente ao quadro da CBF por dezoito anos e da FIFA por cinco, existe, há alguns anos, uma

¹⁰³ Disponível em: < http://on1.com.br/site/noticia.php?id_noticias=3321 > Acesso em: 15 abr. 2014.

Capítulo 4

luta pela diminuição da média de faltas no Brasileirão; de fato, essa média diminuiu 10% em cinco anos. Observemos a figura 40:

MÉDIA DE FALTAS BRASILEIRÃO "A"			
ANO	Nº DE JOGOS	Nº DE FALTAS	MÉDIA PO JOGO
2008	380	14729	38,76
2009	380	14142	37,22
2010	380	13460	35,42
2011	380	13655	35,93
2012	380	13156	34,62
2013	89	3031	34,06

Figura 40: Redução no número de faltas da Série A do Brasileirão¹⁰⁴.

No entanto, mesmo com essa redução o número de faltas no campeonato inglês ainda é bastante inferior, conforme mostrado na figura 41:

¹⁰⁴ Disponível em: < <http://sportv.globo.com/platb/blog-do-gaciba/category/sem-categoria/estatisticas-do-apito/> >. Acesso em: 15 abr. 2014.

Capítulo 4

League: English Premier Venue: All Season: 2013/2014 19/06/2014

League Tables Fouls Corners Goals Shots Cards Dashboard

Division: English Premier
Venue: All games
Analysis Date: 19/06/2014

Pos	Team	P	Fouls [F]	Fouls [A]	Profile
15	Aston Villa	38	12.74	9.58	132.97
9	Stoke	38	12.76	10.05	126.96
10	Newcastle	38	10.84	9.63	112.57
1	Man City	38	10.37	9.24	112.25
8	Southampton	38	11.66	10.55	110.47
11	Crystal Palace	38	10.63	10.16	104.66
18	Norwich	38	11.16	10.68	104.43
13	West Ham	38	10.58	10.18	103.88
16	Hull	38	11.08	10.92	101.45
6	Tottenham	38	10.61	10.74	98.77
19	Fulham	38	10.08	10.58	95.27
14	Sunderland	38	11.68	12.29	95.07
2	Liverpool	38	10.79	11.37	94.91
12	Swansea	38	9.82	10.34	94.91
17	West Brom	38	11.21	11.95	93.83
3	Chelsea	38	11.05	12.16	90.91
20	Cardiff	38	9	10.03	89.76
7	Man United	38	10.5	12.11	86.74
4	Arsenal	38	9.16	10.76	85.09
5	Everton	38	9.61	12	80.04

Figura 41: Número de faltas de cada time por partida na *Premier League* de 2013/2014.

A tabela apresenta a média do número de faltas de cada time por partida na temporada de 2013/2014 da *Premier League*. A coluna “*Fouls [F]*” indica o número de faltas que o time fez e a coluna “*Fouls [A]*” indica o número de faltas feitas contra o time. Tomemos a primeira linha como exemplo: o *Aston Villa* cometeu 12.74 faltas e sofreu 9.58 faltas por partida.

Outra curiosidade pode ser observada no sétimo parágrafo da figura 39 (destacado na cor verde). O jogador Neymar foi vaiado pelos europeus devido a sua atitude de “cai-cai”, ou seja, de cavar, ou simular, faltas. A reputação de “cai-cai” tem sido frequentemente atribuída a jogadores brasileiros e tem tido destaque e repercussão maiores desde o primeiro jogo da seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2014 em que o jogador Fred simulou uma falta para conseguir um pênalti a favor do Brasil. As duas figuras abaixo, trechos de reportagens publicadas pela imprensa internacional naquele ano, ressaltam o hábito de cavar falta dos nossos jogadores e a reação de técnicos, jogadores e da própria imprensa internacional diante dessa prática:

France's Loïc Rémy thinks Brazil striker Fred should be punished for diving

- Striker criticises former Lyon team-mate after Croatia game
- Head of referees Massimo Busacca backs Yuichi Nishimura

Press Association
The Guardian, Friday 13 June 2014 19:19 BST

Japanese referee Yuichi Nishimura was criticised by Croatia's players after their 3-1 defeat to Brazil on Thursday. Photograph: Kieran McManus/BPI/REX

France's Loïc Rémy has no empathy with his former club-mate Fred and thinks he should be "punished" for the way he won a controversial penalty in Brazil's 3-1 win against Croatia.

Fred went down in the penalty area under light contact from defender Dejan Lovren in the 71st minute, allowing Neymar to convert a spot kick

World Cup Moments | Rivaldo's dive: An 'early' instance of simulation

By OOTS Editor on June 5, 2014 @OOTS_football

Figura 42: Reportagens na imprensa internacional sobre a prática de cavar falta dos jogadores brasileiros¹⁰⁵.

Não se trata aqui de afirmar que somente jogadores brasileiros cavam faltas. No entanto, chamamos a atenção para a reputação que esses jogadores adquirem. Reputação, essa, que é construída pela forma-representação criada em torno do nosso futebol, de que nossos jogadores, cheios de “malandragem” e “ginga”, tentam, sempre que possível, criar situações que favorecem seus times. Infelizmente, não existem estatísticas sobre o número de faltas cavadas no Brasileirão e na *Premier League*. Contudo, conseguimos encontrar estatísticas com os números de cartões amarelos e vermelhos atribuídos a jogadores que cavaram faltas na última temporada dos dois campeonatos. Observemos a figura 43:

¹⁰⁵ Reportagens disponíveis em: < <http://www.theguardian.com/football/2014/jun/13/fifa-defend-referees-brazil-croatia> > e < <http://outsideoftheboot.com/2014/06/05/world-cup-moments-rivaldos-dive-an-early-instance-of-simulation/> >. Acesso em: 19 jun. 2014.

Serie A Situational Statistics

Goal Types		Pass Types		Card Situations	
View: Overall Home Away					
R Team				Dive	
1 Figueirense				0	
2 Sport				0	
3 Internacional				1	
4 Coritiba				1	
5 Criciúma				2	
6 Atletico PR				0	
7 Botafogo RJ				0	
8 Bahia				0	
9 Palmeiras				0	
10 Atletico MG				0	
11 Flamengo				1	
12 Vitoria				0	
13 Gremio				0	
14 Sao Paulo				2	
15 Santos FC				0	
16 Goias				0	
17 Cruzeiro				0	
18 Chapecoense AF				0	
19 Corinthians				1	
20 Fluminense				0	

Premier League Situational Statistics

Goal Types		Pass Types		Card Situations	
View: Overall Home Away					
R Team				Dive	
1 Aston Villa				1	
2 West Ham				0	
3 Stoke				1	
4 Manchester United				4	
5 Manchester City				1	
6 Tottenham				2	
7 Southampton				0	
8 Sunderland				1	
9 Norwich				0	
10 Hull				2	
11 Arsenal				0	
12 West Bromwich Albion				0	
13 Crystal Palace				2	
14 Liverpool				0	
15 Fulham				1	
16 Chelsea				2	
17 Newcastle United				0	
18 Swansea				0	
19 Everton				3	
20 Cardiff				1	

Figura 43: Número de cartões aplicados devido a faltas cavadas no Campeonato Brasileiro de 2013 e na Premier League 2013/2014.

Pode-se observar que durante o Campeonato Brasileiro de 2013 foram aplicados oito cartões devido a faltas cavadas, ao passo que na *Premier League* foram 21 cartões. Em um primeiro momento, surpreendemo-nos com o baixo número de aplicações no Brasileirão, dada a fama de nossos jogadores. No entanto, após ler mais reportagens, principalmente em jornais ingleses, sobre o ato de cavar faltas, percebemos que tal atitude é vista de forma muito mais negativa na Inglaterra do que no Brasil, fato que podemos comprovar pelos adjetivos que frequentemente coocorrem com *dive* em inglês: *blatant* [espalhafatoso], *dodgy* [suspeito], *shocking* [escandaloso], *terrible* [terrível] e *clear* [claro]. Em português, não encontramos nenhum colocado significativo para o verbo ‘cavar’; identificamos, no entanto, alta ocorrência do adjetivo ‘duvidoso’, tanto com ‘falta’ quanto com ‘pênalti’. Esses achados e inúmeros ‘bate-papos’ com os membros do LUDENS nos levam a concluir que, apesar de os juízes apitarem faltas mais frequentemente no Brasil do que na Inglaterra, a tolerância de simulações em campo é maior em nosso país.

Por fim, uma última especulação para o maior número de faltas no

Capítulo 4

Campeonato Brasileiro está intrinsecamente ligada ao processo histórico do futebol no Brasil. Em nossas conversas com historiadores do grupo Ludens, foi levantada a hipótese de que a tradição autoritária da sociedade brasileira influenciou de forma direta o papel atribuído à figura da autoridade no futebol – o árbitro –, e o revestiu de mais poder do que em outros países. Além disso, a importância dada a faltas e pênaltis no futebol brasileiro parece ser maior do que no futebol inglês. Tomemos, por exemplo, o pênalti cavado pelo jogador Fred na partida Brasil 3 x 0 Croácia pela fase de grupos da Copa do Mundo de 2014. Na transmissão da rede Globo, o lance foi reprisado sete vezes até o final do jogo, ao passo que na transmissão realizada pelo *site football.uk* o lance foi reprisado somente uma vez. Ou seja, embora a atitude seja menos aceita na Inglaterra e, digamos, mais tolerada no Brasil, a TV brasileira reprisou o lance exaustivamente. O mesmo aconteceu nas transmissões minuto a minuto nos jornais brasileiros, que discutiram, durante toda a transmissão, a atitude do jogador, enquanto os jornais ingleses que mencionaram o lance teceram alguns comentários e não retomaram o assunto até o final da transmissão.

A prática de discutir exaustivamente esse tipo de lance interfere, de forma direta, na ocorrência do termo em questão nas duas línguas. Para finalizar, atentamos para o fato de que o chamado comentarista de arbitragem, que tece comentários sobre o desempenho do juiz, parece ser uma figura típica brasileira. Segundo os historiadores do LUDENS, tal constatação sustenta a ideia de que o autoritarismo, que está presente em vários capítulos da história do Brasil, também se manifesta no futebol, já que não encontramos a presença desse tipo de comentarista nas transmissões inglesas, ao menos no que tange às *on-line*.

Enfim, o estudo de caso do termo ‘falta’ em português e seus equivalentes em inglês, assim como o estudo de ‘fazer/marcas gol’, demonstrou como os jeitos de jogar são frutos de adaptações culturais que cada país faz das regras do jogo. O próximo estudo de caso mostra a problemática da tradução dos diversos tipos de passes.

4.3 drible da vaca

É fato que a arte do drible encanta os apaixonados por futebol e, como diria

Capítulo 4

Dener, ex-jogador do Vasco e da Portuguesa, falecido em 1994, “[...] o drible é mais bonito que o gol”. Também é fato que jogadores brasileiros são conhecidos pela ginga e pela excelente habilidade de driblar. Não queremos entrar, aqui, no mérito desse reconhecimento, mas acreditamos importante ressaltar essa “forma-representação” do jogador e, conseqüentemente, do futebol brasileiro no plano imaginário dos amantes do futebol.

Mas, afinal, como e onde surgiu o drible? Estaria ele presente desde os primórdios do jogo? Ou teria sido criado posteriormente?

Infelizmente, nesta pesquisa não responderemos as perguntas acima, pois foge do escopo deste trabalho. No entanto, trazemos para nossa discussão uma hipótese compartilhada por alguns estudiosos do futebol: a de que o drible, na forma como é conhecido hoje, é invenção brasileira. Para melhor compreender essa hipótese, retomamos um importante aspecto da história do futebol no Brasil: o negro no futebol.

No Brasil, os jogadores negros foram alvo de preconceito desde o início e não tiveram espaço nos times até a década de 1930 (FILHO, 1964), quando começaram a ganhar espaço no esporte. Contudo, o tratamento despendido aos “canelas negras” pelos juizes era diferente daquele empregado com os jogadores brancos. Segundo Soares (1999, p. 134-135), os negros não podiam derrubar, empurrar e nem mesmo esbarrar em jogadores brancos sem serem punidos severamente. Há registros de casos em que policiais podiam bater no infrator. Dada essa situação, uma hipótese bastante popular é a de que os jogadores negros tiveram que criar meios alternativos para se movimentar em campo sem que fossem punidos. Para tanto, passaram a fazer uso de movimentos corporais que até então não eram populares no futebol. Segundo Mário Prata¹⁰⁶, o drible é uma forma de transposição dos passes e ginga do samba para o jogo.

Discutir a validade da hipótese apresentada acima foge do escopo desta pesquisa. Contudo cremos que possa ser utilizada como uma possível justificativa para o maior número de ocorrências de dribles no *subcorpus* de português. Estamos cientes do fato de que essa é apenas uma justificativa e de que outros fatores, como a própria forma-representação que os narradores e jornalistas esportivos constroem do

¹⁰⁶ Mário Prata é escritor, dramaturgo, jornalista e cronista.

nosso futebol, podem influenciar o número de ocorrências no *corpus*, já que os textos produzidos por esses sujeitos tendem a refletir a forma-representação em seus imaginários. Na verdade, acreditamos que a hipótese de o drible ter sido inventado no Brasil só contribui para compreender o porquê do maior número de ocorrências no *subcorpus* em português, pois, ao ler sobre a história do futebol na Inglaterra, constatamos narrativas e descrições de dribles em diversas obras que retratam períodos que antecedem a década de 1930. Ou seja, a maior frequência no *subcorpus* em português pode ser justificada pela importância que nossos jornalistas esportivos dão aos dribles, sempre enfatizando as “firulas” dos jogadores com a bola.

Um ponto a ser feito em nossa pesquisa é a diferença entre ‘drible’ e ‘jogada’. Distinguir os dois termos foi mais difícil do que prevíamos. Nos dicionários existentes, a definição dos dois termos é muito parecida e os especialistas com quem conversamos não entraram em consenso sobre as características que definem uma jogada ou um drible. A maior parte dos especialistas consultados considera o “corte seco” um drible. Em nossa pesquisa, definimos jogada como um ato que tem um objetivo, geralmente o gol ou o ato de impedir o gol (por exemplo, uma bola cruzada para o atacante marcar); e drible como um ato que tem o fim em si mesmo, ou seja, seu único objetivo é driblar o adversário, ainda que possa fazer parte de uma jogada. Nesse sentido, um corte seco pode ser um drible com fim em si mesmo ou pode fazer parte de uma jogada.

Exposta a definição de ‘drible’, passemos ao estudo de caso de um drible que chamou atenção: o ‘drible da vaca’. Esse drible, em que o jogador toca ou chuta a bola para um lado do adversário e corre para buscá-la pelo outro, possui 27 ocorrências em nosso *corpus* em português. Também conhecido como ‘meia-lua’¹⁰⁷ e ‘gaúcha’¹⁰⁸, o ‘drible da vaca’ é um dos mais populares do futebol. Talvez sua ocorrência não seja muito alta devido à própria dificuldade de execução, pois exige bastante desenvoltura por parte do jogador.

Parece importante enfatizar que ‘drible da vaca’ não faz parte das palavras-chave do *corpus*. Chegamos ao termo por meio da análise das linhas de concordâncias

¹⁰⁷ Encontramos uma ocorrência de “meia-lua” em nosso *corpus*.

¹⁰⁸ “Gaúcha” não apresenta nenhuma ocorrência em nosso *corpus*. Validamos o termo como sinônimo de “drible da vaca” após ler artigos sobre a origem do nome do drible que mencionavam o termo “gaúcha” como sinônimo menos frequente.

Capítulo 4

de ‘drible’. Portanto, para encontrar o equivalente de ‘drible da vaca’, realizamos um procedimento diferente. Imaginamos que a tradução *prima facie* de ‘vaca’ não nos ajudaria, e já tínhamos analisado previamente os colocados de *dribble* sem encontrar um possível equivalente. Sabíamos também que o ‘drible da vaca’ mais famoso da história foi o que Pelé aplicou no goleiro Mazurkiewicz, do Uruguai, na Copa do Mundo de 1970. Decidimos, então, realizar uma pesquisa no *Google* com as seguintes palavras: Pelé, “*World Cup*” e Mazurkiewicz. A figura 44 mostra o resultado parcial da busca:

Figura 44: Resultado parcial da busca no *Google* por ‘Pelé’, ‘*World Cup*’ e ‘Mazurkiewicz’.

A terceira e a quarta ocorrências chamaram a atenção, pois utilizam a palavra *dummy* para descrever o drible que Pelé deu no goleiro do Uruguai. A palavra em

Capítulo 4

inglês, que pode ser utilizada para se referir a uma pessoa pouco inteligente¹⁰⁹, é utilizada, no futebol, para descrever dribles de forma geral. Entramos nos *sites* das duas ocorrências e constatamos que *dummy* foi o termo utilizado para descrever o drible requintado de Pelé. Para validar *dummy* como equivalente de ‘drible da vaca’, realizamos uma busca com ‘Pelé’ e ‘dummy’ no *YouTube*, que nos retornou o momento histórico da ‘meia-lua’ de Pelé em cima do uruguaio. Além disso, utilizamos ‘campeonato inglês’ e ‘drible da vaca’ como palavras-chave no *Google* a fim de encontrar jogos do campeonato inglês em que tivesse ocorrido um ‘drible da vaca’. Selecionados alguns jogos (6), buscamos no *site Football.com* e no jornal *The Guardian* o relatório das partidas, lemos as notícias procurando pela descrição do drible e, para nossa satisfação, o termo *dummy* foi utilizado como equivalente de ‘drible da vaca’ nos quatro relatórios em que o drible foi descrito. Sendo assim, validamos *dummy* como equivalente de ‘drible da vaca’.

*Oooh! Neymar tried the Pele no-touch **dummy** 1970 trick against Espanyol, but got cynically taken out by the keeper!*¹¹⁰

Esse é um clássico caso em que um termo ou CLE tem um significado idiomático, ou seja, um significado que não pode ser inferido a partir da língua geral, em somente uma das línguas, nesse caso, no português.

Desvendar a origem de expressões idiomáticas é sempre um desafio; no entanto, encontramos inúmeras narrativas de que nos primórdios do futebol brasileiro as partidas eram jogadas em campos improvisados, muitas vezes em pastos. Por esse motivo, os jogadores frequentemente precisavam driblar as vacas que invadiam o campo para comer.

No dia 14 de abril de 1885, *Charles Miller* reuniu um grupo de ingleses radicados em São Paulo, funcionários da São Paulo *Railway* e da Companhia de Gás, em um terreno na chamada Várzea do Carmo, para jogar a primeira partida de futebol de que se tem registro no Brasil. Segundo o historiador *John Mills*, autor da biografia

¹⁰⁹ Seleção da acepção da definição de *dummy* aqui utilizada retirada do *Collins Dictionary*: (*slang*) a stupid person; fool. Disponível em: < <http://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/dummy?showCookiePolicy=true> >. Acesso em: 4 ago. 2015.

¹¹⁰ Disponível em: < <http://www.101greatgoals.com/blog/oooh-neymar-tried-the-pele-no-touch-dummy-1970-trick-against-espanyol-but-gets-taken-out-by-keeper/> >. Acesso em: 8 jan. 2015.

Capítulo 4

de *Charles Miller*, o campo era improvisado, os jogadores delimitaram um retângulo e tiraram as vacas que pastavam no lugar. No entanto, a partida foi continuamente interrompida pelos animais à procura de grama. Dessa forma, os jogadores deviam driblar não só seus adversários, mas também as vacas que invadiam o campo.

O drible, praticado desde a introdução do futebol no Brasil, popularizou-se com o ídolo do futebol, Mané Garrincha, que dizia ter perdido a conta das vezes que teve que driblar vacas nos campos improvisados em Pau Grande, sua terra natal no estado do Rio de Janeiro.

Como mencionado anteriormente, desvendar a origem de termos e CLEs é tarefa bastante complexa. No entanto, os relatos apresentados contribuem de forma significativa para nossa premissa de que a terminologia do futebol foi influenciada por fatores históricos e culturais. O ‘drible da vaca’ é um bom exemplo. Após estudar a história do futebol na Inglaterra, acreditamos que fato semelhante – driblar vacas em um campo – não acontecia nas escolas públicas, onde o esporte era praticado. Por esse motivo, sua tradução literal não teria sentido em inglês.

4.4 fazer cera

Analisando a lista de palavras-chave do *subcorpus* de português encontramos o verbo ‘fazer’, com 527 ocorrências, e nos perguntamos se esse verbo poderia fazer parte de uma CLE que não ‘fazer um gol’. Levantamos, então, as linhas de concordância desse lema e chegamos à CLE ‘fazer cera’:

*Fluminense joga na retranca, consegue fazer um gol no contra-ataque, passa o jogo todo **fazendo cera**, mas não consegue ganhar do Botafogo.*¹¹¹

*Após achar que o goleiro estava **fazendo cera**, o atacante do Arsenal discutiu asperamente com ele.*¹¹²

*Visivelmente exaustos, os chilenos tentaram ganhar tempo, **fazendo cera** para forçar a*

¹¹¹ Disponível em: < <http://jblog.jb.com.br/botafogo/2013/01/> > Acesso em: 12 set. 2014.

¹¹² Disponível em: < http://esportes.terra.com.br/futebol/goleiro-que-classificou-a-holanda-a-semifinal-estreeou-profissionalmente-pela-selecao-contr-o-brasil_be05b5f9db807410VgnCLD200000b2bf46d0RCRD.html > Acesso em: 2 fev. 2015.

Capítulo 4

*decisão nos pênaltis. A torcida percebeu e soltou gritos de "timinho!"*¹¹³

A expressão, que significa demorar de forma proposital para fazer algo, é utilizada no futebol quando o goleiro ou um jogador retarda a reposição da bola, simula contusões ou troca passes estéreis fazendo passar o tempo.

A ideia de que a expressão tenha surgido como referência à falta de produtividade dos vereadores, que sempre tiveram uma reputação de trabalhar pouco, é compartilhada por muitos. Isso porque quando o cargo de vereador foi instituído no Brasil, os vereadores eram remunerados com cera, produto de alto valor na época. Como apresentavam baixa produtividade e frequentemente protelavam decisões, o povo dizia que os vereadores não trabalhavam, mas apenas se apresentavam ao local de trabalho para ‘fazer cera’, ou seja, ganhar o pagamento. Quando o futebol foi instituído no Brasil, a expressão passou a ser utilizada com frequência para descrever um momento da partida em que um dos times tentava praticar o antijogo, ou seja, impedir ou retardar o andamento da partida.

A hipótese acima parece bastante plausível; no entanto, assim como em relação às outras expressões, não podemos confirmar sua veracidade com base em relatos. Ainda assim, ressaltamos a importância dessas hipóteses para a construção do significado de alguns termos.

Ao ler textos na *internet* sobre o possível surgimento da expressão, descobrimos que o termo ‘cozinhar’¹¹⁴ pode ser utilizado como sinônimo de ‘fazer cera’:

Com os minutos se passando e o Corinthians "cozinhando" a partida, os nervos dos jogadores foram à flor da pele. E aí a partida ganhou verdadeiro ar de Libertadores. Neymar fez falta feia e levou amarelo. Emerson revidou na mesma moeda e foi expulso. O Corinthians aproveitou a queda de luz para segurar o jogo e contou com mais uma ótima partida de Cássio para segurar o placar e levar a vantagem para o Pacaembu.

O dicionário *Caldas Aulete on-line* apresenta sete definições para o verbo

¹¹³ Disponível em: < <http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/nas-maos-de-julio-cesar-brasil-avanca-as-quartas-em-jogo-dramatico,b6f86aa6ff3e6410VgnCLD200000b2bf46d0RCRD.html> >
Acesso em: 2 fev. 2015.

¹¹⁴ Não encontramos no *corpus* nenhuma ocorrência do termo. No entanto, decidimos incluí-lo em nosso dicionário uma vez que a pesquisa com ‘cozinhar’ ou ‘cozinhando’ e ‘futebol’ que realizamos no *Google* retornou um número relativamente alto de ocorrências em que o verbo era utilizado com o sentido de retardar o jogo.

Capítulo 4

cozinhar¹¹⁵, sendo uma delas:

. Pop. Ir levando (alguém, algo) na conversa, protelando ou evitando ação decisiva; EMBROMAR; ENROLAR [td. : *O locatário ia cozinhandando o proprietário para adiar o pagamento.*: *Cozinhavam o jogo, esperando o apito final.*] [int. : *Os jogadores cozinhavam, prendiam a bola, para garantir o placar.*]

Assim como ‘fazer cera’, ‘cozinhar’, expressão utilizada na língua geral, passou a ser utilizada no futebol e manteve o mesmo sentido que a primeira.

Cientes do contexto histórico em que ‘fazer cera’ possivelmente surgiu, inferimos, de antemão, que a tradução *prima facie* não funcionaria em inglês. Por esse motivo, geramos linhas de concordância para *time* (tempo), aplicamos o recurso *re-sort* para ordenar as ocorrências pelas três palavras à esquerda e encontramos três ocorrências de *stall for time*. Observemos os exemplos:

*17 min: The Nou Camp is a cauldron of whistles, as though this is an attempt to stall for time. As though Arsene Wenger's grand plan was "let's all pretend to be hurt until we're allowed into the next round." And here's some cheery news...*¹¹⁶

*No they didn't! Croatia can thank the ref for allowing Pletikosa to stall for time again and again and again and again and again!*¹¹⁷

*Even the fucking ball boys are helping the stall for time.*¹¹⁸

Após analisar a CLE em contexto e conduzir uma busca no Google para ‘*stall* for time*’, validamos a expressão como equivalente de ‘fazer cera’. A figura 45 mostra a definição do verbo *stall* no *freedictionary.com*:

stall 1 (stôl)
v. **stalled, stall·ing, stalls**
v.tr.
1. To put or lodge in a stall.
2. To maintain in a stall for fattening: *to stall cattle*.

¹¹⁵ Disponível em: <http://www.aulete.com.br/cozinhar> >. Acesso em: 22 jul. 2014.

¹¹⁶ Disponível em: < <http://www.telegraph.co.uk/sport/football/competitions/champions-league/8369085/Barcelona-v-Arsenal-as-it-happened.html?service=artBody> >. Acesso em: 11 jan. 2014.

¹¹⁷ Disponível em: < <http://www.fifa.com/worldcup/news/y=2012/m=9/news=belgium-croatia-share-spoils-1699888.html> >. Acesso em: 6 jan. 2015.

¹¹⁸ Disponível em: < <http://sonsofsamhorn.net/topic/84284-world-cup-quarterfinals-day-1-francegermany-brazilcolombia/page-9> >. Acesso em: 6 jan. 2015.

3. To halt the motion or progress of; bring to a standstill.
 4. To cause (a motor or motor vehicle) accidentally to stop running.
 5. To cause (an aircraft) to go into a stall.
- v.intr.*
1. To live or be lodged in a stall. Used of an animal.
 2. To stick fast in mud or snow.
 3. To come to a standstill
 4. To stop running as a result of mechanical failure: *The car stalled on the freeway.*
 5. To lose forward flying speed, causing a stall. Used of an aircraft.

Figura 45: Definição de *stall* como verbo no *freedictionary.com*¹¹⁹.

Se observarmos os significados apresentados para *stall* como verbo intransitivo, conseguimos inferir, sem grandes dificuldades, o significado de *stall for time* em uma partida de futebol. Estamos diante de mais um caso de expressão idiomática em português que apresenta um equivalente não idiomático em inglês.

Além da idiomaticidade da CLE em português e da transparência do seu significado em inglês, o número de ocorrências das CLEs difere bastante nas duas línguas: 38 em português e apenas três em inglês. Novamente, recorreremos ao conceito forma-representação para entender essa diferença. Partimos do pressuposto de que talvez os jogadores brasileiros façam mais *cera* do que os jogadores europeus, sobretudo os ingleses. Decidimos, então, fazer uma busca no *Google* para ‘fazer *cera*’ a fim de encontrar algum texto explicativo que discuta essa prática e encontramos vários *posts* de *blogs* sobre futebol. Dentre eles, destacamos um *post*¹²⁰ do *blog* “Olhar Crônico Esportivo”, do *GloboEsporte.com*, escrito por Emerson Gonçalves, cronista e amante do futebol:

Todo time faz cera, todo ou quase todo jogador faz cera, assim como todos os treinadores, ou quase todos, mandam seus atletas fazerem cera. É uma tremenda falta de fair play, que aliás é outro procedimento hoje deturpado: a gentileza humanitária é transformada em retardo do jogo e da jogada, na quase totalidade das vezes.

Há outro fator que deve ser associado a essas duas práticas: a encenação de tragédia em que é mestre o boleiro brasileiro, a simulação, a atitude deliberada de levar a arbitragem ao erro. Se um adversário encosta o braço no peito de outro, esse

¹¹⁹ Disponível em: <http://www.thefreedictionary.com/stall>. Acesso: 22 jul. 2014

¹²⁰ Texto integral disponível em: <http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2011/08/17/a-irritante-e-aetica-cera/>. Acesso em: 10 maio 2014.

Capítulo 4

imediatamente se faz de vítima, levando as mãos ao rosto e protagonizando cena digna de Hollywood naqueles filmes meio bestas de pancadaria solta.

A bola, coitada... Fica esquecida no gramado.

[...].

Tudo isso até existe na Europa, mas num grau muito menor que aqui. E sempre que há um desrespeito desse tipo, seu autor é vaiado pelo público e criticado pelos companheiros de profissão. Quem deve ser enganado num jogo é o adversário através da finta, do drible, do olhar malandro, não a arbitragem e o público.

Como podemos observar, a forma-representação influencia os termos presentes no *corpus* bem como sua frequência. Por exemplo, se partirmos do princípio de que a apropriação e a interpretação cultural que cada região faz das regras que determinam as ‘formas de jogo’, e que, quando justapostas, as regras e as ‘formas de jogo’ dão origem às “representações”, ou seja, nossa observação das formas de jogo, entenderemos o motivo pelo qual ‘fazer cera’ é muito mais frequente no *corpus* de português do que *stall for time* no *subcorpus* em inglês. O jogador brasileiro sempre foi conhecido como jogador “malandro” e “cheio de malícia” desde os primórdios do futebol no Brasil. Dessa forma, ao interpretar as regras, inseriu, no jogo, a malandragem a ser utilizada a seu favor quando necessário; nesse caso, para atrasar o jogo quando lhe convém.

Por outro lado, o jogador inglês, que aprendeu o futebol nas escolas como parte do cristianismo atlético, que, como mencionado anteriormente, tinha como objetivo principal moldar o caráter da nova elite inglesa por meio de práticas esportivas, não se mostra adepto do antijogo e valoriza mais o *fair-play* (jogo limpo).

4.5 técnico; treinador

Uma análise do léxico do futebol, que compreende termos culturais, não poderia deixar de fora dois termos bastante frequentes em nosso *corpus*: técnico (896) e treinador (239). Analisamos as ocorrências e constatamos que os dois termos são utilizados como sinônimos. Tomemos os exemplos abaixo:

Capítulo 4

Com a partida se encaminhando para seus minutos finais, o **técnico** Muricy Ramalho sacou Felipe Anderson e “Patito” Rodriguez, lesionado, para as entradas de Bernardo e João Pedro, respectivamente.¹²¹

Na volta para a etapa complementar, o **treinador** Muricy Ramalho trocou Giva por André, no Santos. No São Caetano, Martine sacou Pirão, que havia recebido cartão amarelo no primeiro tempo, para a entrada de Rogério.¹²²

Os dois exemplos foram retirados do mesmo *site*, que utiliza os dois termos para fazer referência ao profissional responsável pelo treinamento da equipe. O dicionário *on-line* *Caldas Aulete* não apresenta uma definição no domínio esportivo para ‘técnico’, termo mais frequente no *corpus*, mas apresenta uma definição para ‘treinador’ e apresenta ‘técnico’ como sinônimo:

(trei.na.dor) [ô]

a.

1. Diz-se de profissional que treina, que ensina; ADESTRADOR: profissional treinador de cavalos.

sm.

2. Esse profissional; TÉCNICO: O treinador exigiu o máximo do time.

[F.: De treinar + -dor. Sin. ger.: instrutor]¹²³

Dada a ausência de paradigma definicional para o termo nessa obra, consultamos o dicionário *on-line* *Michaelis*¹²⁴, que apresenta a seguinte definição:

técnico

téc.ni.co

adj (gr tekhnikós, de tekhné) 1 Relativo a uma arte ou ramo específico de atividade. 2 Que tem técnica. **sm** 1 Aquele que é perito ou versado numa atividade: **O parecer dos técnicos.** 2 **Esp** Treinador de um conjunto esportivo. **T. de rádio:** V radiotécnico.

Após analisar as ocorrências no *corpus* e as definições apresentadas pelos dois dicionários, validamos ‘técnico’ e ‘treinador’ como sinônimos; passamos, então, à busca de seus equivalentes em inglês. Nesse caso específico, utilizamos ‘validar’, e não ‘estabelecer’, uma vez que já tínhamos dois candidatos a equivalentes.

A tarefa de compilar um *corpus* é, em geral, bastante laboriosa e demanda um

121 Disponível em: < <http://www.acervosantista.com.br/tag/flamengo/> >. Acesso em: 21 jan. 2015.

122 Disponível em: < <http://www.acervosantista.com.br/tag/neymar/> >. Acesso em: 21 jan. 2015.

123 Disponível em: < <http://www.aulete.com.br/treinador#ixzz3PQ7hJMyw> >. Acesso em: 21 jan. 2015.

124 Disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues> >. Acesso em: 21 jan. 2015.

Capítulo 4

período significativo da pesquisa. No entanto, além de ser essencial para a extração terminológica, contribui de forma significativa para que o pesquisador aprofunde seu conhecimento no tema de pesquisa. Durante a seleção dos textos do *corpus* fizemos também a leitura das notícias. Às vezes, lemos o texto integral, outras, somente alguns trechos. Essa prática ajuda, indiretamente, na identificação de equivalentes, pois o pesquisador familiariza-se mais com a língua de especialidade com a qual trabalha à medida que coleta os textos. No caso de ‘técnico’ e ‘treinador’, utilizamos o *corpus* somente para validar a hipótese levantada durante a compilação do *corpus*. Após um ano coletando textos de resultados de partidas do Campeonato Inglês, que frequentemente discutem a importância e as atitudes dos ‘técnicos’ para o resultado de uma partida, chegamos aos termos *manager* e *coach* como possíveis equivalentes tradutórios.

No *corpus*, encontramos 96 ocorrências de *manager* e quatro de *coach*, todas fazendo referência ao treinador de uma equipe. A primeira pergunta que nos ocorreu foi: será o número de ocorrências a única diferença entre os dois termos?

Para responder à pergunta, ampliamos as linhas de concordância de modo a ter acesso ao texto integral e melhor entender o contexto em que os termos são utilizados. Abaixo apresentamos três ocorrências de *manager* e uma ocorrência de *coach* referindo-se a *David Moyes*, técnico do clube *Manchester United* na temporada de 2013-2014:

*Manchester United manager David Moyes: "To be two down and come back to win is a great result. I thought it would be a long road back but these players have done this in the past and we did well to get back in the game. For us to get in at half-time 2-2 was great but when we were at 3-2 Hull gave us a few scary moments. However, I'd take that after being 2-0 down after 10 minutes."*¹²⁵

*It was another sobering and thoroughly miserable night for United manager David Moyes as, for the second home league game in succession, the current gap in quality and strength between the reigning champions and their rivals was emphasised as City followed Liverpool by winning 3-0 and with plenty to spare.*¹²⁶

After this latest stumble at home, United manager David Moyes presented his own

¹²⁵ Disponível em: < <http://www.premierleague.com/en-gb/matchday/matches/2013-2014/epl.html/hull-vs-man-utd> >. Acesso em: 21 jan. 2015.

¹²⁶ Disponível em: < <http://www.bbc.com/sport/0/football/26624110> >. Acesso em: 21 jan. 2015.

Capítulo 4

*assessment: 'We played well,' he said.*¹²⁷

*'Dinoasaur coach' David Moyes reveals Robin van Persie is fit and ready to go - despite criticism of 'Jurassic' training methods*¹²⁸

Os três primeiros exemplos utilizam *manager* para descrever a função¹²⁹ de David Moyes no clube. O quarto exemplo utiliza o termo *coach* para avaliar uma decisão de Moyes e questionar seus métodos de treinamento e táticas. Observemos um trecho maior do texto:

'Dinoasaur coach' David Moyes reveals Robin van Persie is fit and ready to go - despite criticism of 'Jurassic' training methods

David Moyes today confirmed Robin van Persie is fit to play some part in tomorrow's friendly with Cerezo Osaka - the ideal riposte to criticism that his training methods are out of "Jurassic Park".

*Van Persie was taken off as a precaution during Tuesday's defeat in Yokohama after feeling a tightness in his thigh".*¹³⁰

Lendo o trecho acima, observamos que *coach* é utilizado para enfatizar a função do técnico de preparar e treinar os jogadores para as partidas, bem como de desenvolver a tática de jogo. Em seguida, geramos linhas de concordância para as outras três ocorrências de *coach* no *corpus*. Vejamos os contextos em que o termo ocorre:

*Coach Steve Bruce will use his strikers Jelavic and Long once again, after being out for the Cup game, while the team continues to miss goalkeeper McGregor (25/0), defender McShane (9/0) and offensive midfielder Brady (18/3).*¹³¹

*Sunderland coach Gustavo Poyet will do some soul-searching to ensure there is no repeat of Saturday's sloppy start at Old Trafford on Wednesday*¹³²

¹²⁷ Disponível em: < <http://www.dailymail.co.uk/sport/football/article-2531800/Manchester-United-1-Tottenham-2-Adebayor-Eriksen-target-halt-Moyes-revival.html> >. Acesso em: 21 jan. 2015.

¹²⁸ Disponível em: < <http://www.independent.co.uk/sport/football/premier-league/dinoasaur-coach-david-moyes-reveals-robin-van-persie-is-fit-and-ready-to-go--despite-criticism-of-jurassic-training-methods-8731465.html> >. Acesso em: 21 jan. 2015.

¹²⁹ As responsabilidades do *manager* são apresentadas na figura 46.

¹³⁰ Disponível em: < <http://www.independent.co.uk/sport/football/premier-league/dinoasaur-coach-david-moyes-reveals-robin-van-persie-is-fit-and-ready-to-go--despite-criticism-of-jurassic-training-methods-8731465.html> >. Acesso em: 21 jan. 2015.

¹³¹ Disponível em: < <http://www.betshoot.com/betting-previews/hull-vs-arsenal/> >. Acesso em: 21 jan. 2015.

¹³² Disponível em: < <http://www.thejournal.co.uk/sport/football/football-news/gus-poyet-repeat-saturday-non-starter-6528056> >. Acesso em: 21 jan. 2015.

Capítulo 4

*Similarly, the approach adopted by both Mourinho and Ancelotti could easily be seen as a derivative of the now discredited philosophy advocated by the much-maligned and despised British **coach** Charles Hughes, whose long-ball theories dominated the English game in the 1980s.*¹³³

Ao analisar os trechos acima, nossa hipótese pôde ser comprovada. Ainda assim, recorreremos ao *Google* para buscar definições de *manager* e *coach*. Analisamos as definições apresentadas por vários dicionários *on-line*, dentre eles *Collins Cobuild*¹³⁴, *Macmillan Dictionary*¹³⁵ e *The Free Dictionary*¹³⁶. Apesar de serem dicionários renomados, foi a *Wikipedia.com* que apresentou a definição mais completa:

¹³³ Disponível em: < <http://www.dailypost.co.uk/sport/sport-opinion/barry-horne-jose-mourinho-tactics-7052954> >. Acesso em: 21 jan. 2015.

¹³⁴ Disponível em: < <http://www.collinsdictionary.com/dictionary/english> >. Acesso em: 21 jan. 2015.

¹³⁵ Disponível em: < <http://www.macmillandictionary.com> >. Acesso em: 21 jan. 2015.

¹³⁶ Disponível em: < <http://www.thefreedictionary.com> >. Acesso em: 21 jan. 2015.

Capítulo 4

Manager (association football)

From Wikipedia, the free encyclopedia

This article is about real life association football managers. For the video game, see [Football Manager](#).

This article **needs additional citations for verification**. Please help improve this article by adding citations to reliable sources. Unsourced material may be challenged and removed. *(July 2013)*

In **association football**, a **manager** is responsible for running a **football club** or a **national team**. The manager may also serve as the coach of the team.

The manager of a **professional club** is responsible directly to the club chairman.

Contents [hide]

- 1 Responsibilities
- 2 European and North American managers
- 3 See also
- 4 References

Responsibilities [edit]

The manager's responsibilities in a professional football club usually include (but are not limited to) the following:

- Selecting the team of players for matches, and their **formation**.
- Planning the strategy, and instructing the same on the **pitch**.
- Motivating players before and during a match.
- Delegating duties to the first team coach and the **coaching and medical staff**.
- Scouting for young but talented players for eventual **training** in the **youth academy** or the **reserves**, and encouraging their development and improvement.
- Buying and selling players in the **transfer market**, including **loans**.
- Facing the media in pre-match and post-match interviews.

Some of the above responsibilities are shared with the **director of football** or **sporting director**, and are at times delegated to an assistant manager or club coach.

Additionally, depending on the club, some minor^[*citation needed*] responsibilities include:

- Marketing the club, most especially for ticket admission, sponsorship and merchandising.
- Growing turnover and keeping the club profitable.

These responsibilities are more common among managers of small clubs.

The wishes of a national team manager may sometimes conflict with those of a club manager over selection of club players for the national squad; the club manager may not wish the player to miss domestic fixtures. For this reason, in many cases, national football team managers are selected from current club team managers and also in many cases, they select the players of their clubs.^[*citation needed*]

European and North American managers [edit]

The title of manager is almost exclusively used in **British football**.^[1] In the majority of countries where professional football is played, the person responsible for the direction of a team is awarded the position of **coach** or "trainer". For instance, despite the general equivalence in responsibilities, **Fabio Capello** was referred to as the manager of England, while **Joachim Löw** was described as the head coach of Germany (Germany also has a team manager role that is subordinate to the head coach and that is filled by **Oliver Bierhoff**). For 1994-96 including **Euro 96**, however, **The Football Association** struggled to identify an alternative candidate to **Terry Venables**, so their discomfort with his soiled reputation for probity was articulated in their appointment of him as England 'coach' rather than under the traditional title of 'manager'.

The responsibilities of a European football manager or head coach tend to be divided up in North American professional sports, where the teams usually have a separate **general manager** and **head coach** (known as a **field manager** in baseball), although occasionally a person may fill both these roles. While the first team coach in soccer is usually an assistant to the manager who actually holds the real power, the American-style general manager and head coach have clearly distinct areas of responsibilities. For example, a typical European football manager would have the final say on in-game decisions (including player line-ups), and off-the-field and roster management decisions (including contract negotiations). In American sports, these duties would be handled separately by the head coach and general manager, respectively.

Sir Alex Ferguson CBE, winner of the most English **Manager of the Year** awards

Figura 46: Definição de *manager* apresentada pela *Wikipedia*¹³⁷.

A definição da *Wikipedia* elenca as principais responsabilidades de um *manager*, que incluem: montar o time para as partidas; planejar a estratégia e a tática de jogo; instruir os jogadores em campo; motivar os jogadores antes e durante a partida; delegar as tarefas para os outros membros da comissão técnica; selecionar novos talentos para jogar nas categorias de base do time; comprar e vender jogadores; e lidar com a mídia nas entrevistas antes e depois das partidas. Dependendo do clube, o *manager* pode assumir outras responsabilidades, como, por exemplo, fazer o *marketing* do clube, lidando com patrocínios e propagandas e, até mesmo, gerenciar as vendas e garantir a lucratividade do time.

¹³⁷ Disponível em: < [http://en.wikipedia.org/wiki/Manager_\(association_football\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Manager_(association_football)) >. Acesso em: 21 jan. 2015.

Capítulo 4

Um fato interessante da definição apresentada pela *Wikipedia* é a distinção entre *managers* europeus e norte-americanos. De acordo com o *site*, o título de *manager* é quase que exclusivo do futebol britânico, embora uma busca em nosso *corpus* de validação tenha mostrado que o termo *manager* (84) é significativamente mais frequente do que *coach* (27) em textos do Campeonato Europeu. Enfim, o ponto a ser ressaltado aqui é que na Inglaterra o *manager* é responsável tanto por treinar os jogadores quanto por funções mais burocráticas. Já no Brasil a função do *manager* é dividida entre o ‘técnico’, responsável por treinar a equipe, e o ‘presidente’ e os ‘dirigentes esportivos’, que desempenham as funções burocráticas. A figura 47 mostra o *manager* do *Manchester United*, e a figura 48 mostra os *coaches*, que corresponderiam ao que denominamos no Brasil auxiliar técnico e coordenador técnico:

The image is a screenshot of the Manchester United website's 'PLAYERS & STAFF' section. On the left is a vertical navigation menu with links like HOME, LOGIN & SIGN UP, NEWS & FEATURES, FIXTURES & RESULTS, TICKETS & HOSPITALITY, and PLAYERS & STAFF. The 'PLAYERS & STAFF' section is expanded, showing sub-links for First Team, Under-21s, The Academy, The Manager (selected), Coaching Staff, and Legends. The main content area is titled 'MANAGER PROFILE' and features a large portrait of Louis van Gaal. To the right of the portrait is a table with his details: Nationality (Dutch), Manager From (14 Jul 2014), and Years as Manager (Currently in his first year). Below the portrait, there is a short biography of Louis van Gaal, mentioning his success in the Netherlands and his role at Manchester United. At the bottom right, there is a small graphic with the text 'THE CLUB SINCE 1878' and a '+ LEARN MORE' button.

Figura 47: Perfil de Louis van Gaal no *site* do *Manchester United*¹³⁸.

¹³⁸ Disponível em: < <http://www.manutd.com/en/Players-And-Staff/Managers/Louis-van-Gaal.aspx> >. Acesso em: 22 jan. 2015.

Capítulo 4

PLAYERS & STAFF
First Team
Under-21s
The Academy
The Manager
Coaching Staff
Legends

COACH PROFILE
RYAN GIGGS

Nationality :	Welsh
Date Joined	04 Jul 2013
Years at Club	1 (as a coach), 24 (as a player)

COACH

Ryan Giggs was confirmed as assistant manager to new Manchester United boss Louis van Gaal on 19 May 2014, the day the Welshman announced that he was bringing down the curtain on his glorious playing career at Old Trafford.

COACH PROFILE
ALBERT STUIVENBERG

Nationality :	Dutch
Date Joined	01 Jul 2014
Years at Club	Currently in his first year

COACH

Albert Stuivenberg earned his role as United's assistant coach during his time in charge of Netherlands Under-21s, which impressed Louis van Gaal.

COACH PROFILE
FRANS HOEK

Nationality :	Dutch
Date Joined	01 Jul 2014
Years at Club	Currently in his first year

COACH

Widely acknowledged as one of the best goalkeeping coaches in the game, with a proven track record of developing talent, Frans Hoek has a fascinating philosophy for working with up-and-coming youngsters and established performers.

Capítulo 4

PLAYERS & STAFF

- First Team
- Under-21s
- The Academy
- The Manager
- Coaching Staff**
- Legends

COACH PROFILE

JOS VAN DIJK

Nationality :	Dutch
Date Joined	01 Jul 2014
Years at Club	Currently in his first year

COACH

Jos van Dijk has worked with Louis van Gaal since his time at AZ Alkmaar and joined United as a training physiologist in the summer of 2014.

COACH PROFILE

MARCEL BOUT

Nationality :	Dutch
Date Joined	01 Jul 2014
Years at Club	Currently in his first year

COACH

An assistant coach who specialises in opposition scouting, Marcel Bout joined Manchester United with a reputation for achieving success with various top-flight clubs around Europe.

COACH PROFILE

MAX RECKERS

Nationality :	Dutch
Date Joined	01 Jul 2014
Years at Club	Currently in his first year

COACH

Max Reckers' role as United's performance analyst – collecting and analysing player data – illustrates the technological advances that have been made in the modern game.

Figura 48: Perfil dos técnicos do *Manchester United*¹³⁹.

¹³⁹ Disponível em: < <http://www.manutd.com/en/Players-And-Staff/Coaching-Staff/Ryan-Giggs.aspx> >. Acesso em: 22 jan. 2015.

Capítulo 4

Ao analisar a divisão de membros da equipe proposta pelo *Manchester United*, constatamos que o ‘*manager*’ é, conforme definição da *Wikipedia*, responsável por funções burocráticas, e também pelo treinamento dos jogadores, e conta com *coaches*, técnicos que atuam em partes específicas do treinamento dos atletas, como, por exemplo, o técnico assistente, o treinador de goleiros, o psicólogo e o analista de *performance*.

Podemos observar as obrigações de um *manager* no discurso de Joey Barton, meia do *Queens Park Rangers*, na *Leaders in Football Conference*, ao falar sobre o jogo moderno:

*‘We rate **managers** but we don’t rate coaches in this country,’ said Barton, capped once by the senior national team in 2007.*

*‘I am not here to disrespect Fergie. He is a great **manager**, the icon, the pinnacle of British management.*

*‘But he couldn’t put on a coaching session to save his life. I’ve spoken to people about him and he can barely lay out cones. This is not a **coach**, this is a **manager**.*

*‘This is the difference – there is a big, big difference between a **coach** and a **manager**.’*

*When critiquing the current Three Lions squad, the 31-year-old said: ‘The England team are s*** at the minute.*

‘We haven’t won anything. We haven’t got great players – they are told they are great. Players are playing to get the flash car and Page 3 bird, rather than for the love of the game.’¹⁴⁰

No discurso, Barton critica Alex Ferguson, técnico do *Manchester United* entre 1986 e 2013, pela falta de habilidade em treinar os jogadores, sendo mais conhecido por sua notória capacidade de gerenciamento do clube. A crítica de Barton também foi publicada no site *FOXSPORTS*:

Barton ataca de novo! ‘Ferguson é um bom gerente, não um técnico’, diz o meia
O polêmico meia Joey Barton, do Olympique de Marselha, atacou novamente. Dessa vez os alvos das críticas do jogador foram o ex-treinador do Manchester United Alex Ferguson e a Seleção Inglesa. Barton afirmou que Alex Ferguson era um bom gerente, mas não era um treinador de futebol. O jogador ainda brincou dizendo que o lendário técnico não conseguia colocar cones no gramado durante os treinamentos.¹⁴¹

¹⁴⁰ Disponível em: < <http://metro.co.uk/2013/10/10/joey-barton-sir-alex-ferguson-couldnt-coach-to-save-his-life-4142133/> >. Acesso em: 22 jan. 2015.

¹⁴¹ Disponível em: < <http://www.foxsports.com.br/videos/53647939730-barton-ataca-de-novo-ferguson-e-um-bom-gerente-nao-um-tecnico-diz-o-meia> >. Acesso em: 22 jan. 2015.

Capítulo 4

A divisão proposta pelos times brasileiros difere bastante daquela dos times ingleses. Tomemos o caso do São Paulo Futebol Clube como exemplo:

Você está em: SPFC > Equipe > **Comissão Técnica**

♥ Elenco

Goleiros

Zagueiros

Laterais

Meio-Campistas

Atacantes

♥ Temporada

Agenda de Jogos

Campeonato Paulista 2015

Copa São Paulo 2015

Super Series

Copa Libertadores da América 2015

Campeonato Brasileiro 2015

• Comissão Técnica

Juan Carlos Osorio
Técnico

Milton Cruz
Coordenador Técnico

Luis Pompilio Paez
Auxiliar Técnico

José Mário Campeiz
Preparador Físico

Dr. Auro Rayel
Médico

Rogério Neves
Fisiologista

Ricardo Sasaki
Fisioterapeuta

Alessandro Pereira
Fisioterapeuta

Carlos Alberto Presinoti
Fisioterapeuta

Cilmara Moretti
Fisioterapeuta

Roberta Rosas
Hidro Training

Anahy Couto
Psicóloga

Capítulo 4

Figura 49: Comissão técnica do São Paulo¹⁴².

A figura mostra o técnico Muricy Ramalho e toda a equipe técnica do time. A figura 50 mostra a divisão de cargos da diretoria do clube:

¹⁴² Disponível em: < <http://www.saopaulofc.net/equipe/comissao-tecnica/> >. Acesso em: 22 jan. 2015.

Capítulo 4

- Diretoria e Conselhos

- Balanço

- Portão 7 (Social)

- Seja Sócio do Clube

Carlos Miguel Aidar
Presidente

VICE-PRESIDENTE

Júlio César Casares

VICE-PRESIDENTE DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

Osvaldo Vieira de Abreu

VICE-PRESIDENTE SOCIAL E DE ESPORTES AMADORES

Antônio Donizeti Gonçalves

VICE-PRESIDENTE DE FUTEBOL

Ataíde Gil Guerreiro

VICE-PRESIDENTE DE PATRIMÔNIO

Carlos Alberto de Mello Caboclo

VICE-PRESIDENTE DE COMUNICAÇÕES E MARKETING

Douglas Eleutério Schwartzmann

Figura 50: Membros da diretoria e dos conselhos do São Paulo F.C.

Como podemos observar, os times brasileiros fazem uma divisão entre o treinamento físico e os cargos burocráticos. Além disso, as obrigações burocráticas atribuídas ao *manager* também são divididas nos clubes brasileiros, ou seja, existe um especialista em *marketing*, um em patrimônio etc.

Após todas as diferenças constatadas, validamos *manager* como equivalente de ‘técnico’ e ‘treinador’; quando em português existe uma referência a algum membro da comissão técnica, como, por exemplo, o auxiliar técnico ou preparador físico, *coach* é a melhor opção de equivalente tradutório em inglês. Enfim, ressaltamos aqui como diferenças culturais, nesse caso a forma de administração dos clubes, influencia diretamente os termos de uma área de especialidade.

4.6 clássico

O termo ‘clássico’, utilizado para dar nome a um duelo futebolístico de grande rivalidade, apresenta 266 ocorrências no *corpus*. Observemos alguns exemplos:

Capítulo 4

*O Estádio do Morumbi, sem dúvida, é motivo de orgulho para o torcedor são-paulino. Porém, em **clássicos** contra o Corinthians, o maior estádio particular do Brasil virou uma pedra no sapato do São Paulo. Nos últimos nove jogos disputados no Morumbi, a equipe do Parque São Jorge conquistou quatro vitórias e cinco empates.*¹⁴³

*No Morumbi, a última vitória do São Paulo contra o Corinthians foi em 11 de fevereiro de 2007, pela primeira fase do Campeonato Paulista. Na ocasião, o time que era comandado por Muricy Ramalho venceu o **clássico** por 3 a 1.*¹⁴⁴

*Barcos e Damiano definem o resultado do **clássico** deste domingo, disputado em clima tenso; Jorge Henrique deixa Colorado com um a menos*¹⁴⁵

*Fla domina o **clássico**, faz gol de letra e vence o Flu no Maracanã: 3 a 2*¹⁴⁶

O termo, utilizado mais frequentemente para confrontos estaduais (254), também pode ser utilizado para designar confrontos interestaduais (12):

*Em **clássico** esvaziado, Flamengo bate Corinthians e ganha ânimo para decisão*¹⁴⁷

*Uma bomba de 113km por hora decidiu um **clássico** sempre cercado de rivalidade. Atlético-MG e Flamengo suaram a camisa, ainda que tenha faltado muita inspiração. Com tantos desfalques, os dois entraram com times praticamente mistos no estádio Independência. O elenco melhor fez o Galo cantar mais alto.*¹⁴⁸

Apenas doze das 266 ocorrências no *corpus* descrevem clássicos interestaduais. Contudo, uma pesquisa no Google confirmou que o termo também é utilizado para descrever duelos de times de cidades diferentes, como, por exemplo, *Corinthians* e *Fluminense*, mas essa probabilidade é baixa, pois ‘clássico’ ocorre frequentemente dentro de um mesmo contexto situacional: jogos de times de um mesmo estado.

Ao analisar as ocorrências do *corpus*, sempre ampliamos as linhas de concordância e, quando necessário, acessamos o texto integral. Esses dois

¹⁴³ Disponível em: < <http://esporte.ig.com.br/futebol/2013-07-02/sao-paulo-nao-vence-o-corinthians-no-morumbi-ha-nove-jogos.html> >. Acesso em: 5 jan. 2015.

¹⁴⁴ Disponível em: < <http://esporte.ig.com.br/futebol/2013-07-02/sao-paulo-nao-vence-o-corinthians-no-morumbi-ha-nove-jogos.html> >. Acesso em: 5 jan. 2015.

¹⁴⁵ Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/2013/08/barcos-e-damiao-marcam-e-primeiro-gre-nal-da-arena-termina-empatado.html> >. Acesso em: 5 jan. 2015.

¹⁴⁶ Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/2013/08/flamengo-domina-fluminense-e-vence-de-virada-no-maracana.html> >. Acesso em: 5 jan. 2015.

¹⁴⁷ Disponível em: < <http://esportes.terra.com.br/corinthians/em-classico-esvaziado-flamengo-bate-corinthians-e-ganha-animo-para-decisao,4cf8d91b4db82410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html> > Acesso em: 5 jan. 2015.

¹⁴⁸ Disponível em: < <http://www.portalodia.com/esporte/esporte/atletico-mineiro-faz-um-gol-e-vence-o-flamengo-183670.html> >. Acesso em: 5 jan. 2015.

Capítulo 4

procedimentos permitem entender melhor o contexto em que o termo ocorre e, não raras vezes, possibilitam novas descobertas. Ao acessar o texto integral de uma ocorrência de ‘clássico’, o título da notícia chamou a atenção:

***Gre-Nal** estreia na Arena com empate, três expulsos e gols dos matadores*¹⁴⁹

‘Gre-Nal’, o termo utilizado para designar o clássico disputado pelo *Grêmio* e pelo *Sport Club Internacional*, levantou uma dúvida: existiria nome para outros clássicos do futebol brasileiro? Para descobrir a resposta, acessamos os textos integrais das ocorrências de ‘clássico’, lemos os textos e encontramos mais dois termos:

*Comandado por Elias e Hernane, o Flamengo dominou o Fluminense e venceu por 3 a 2, de virada, neste domingo, o primeiro **Fla-Flu** do reformado Maracanã.*¹⁵⁰

*Ninguém gosta de perder, mas o Coritiba enxergou a derrota deste domingo (21) por 3 a 1 no clássico **Atletiba** como algo positivo.*¹⁵¹

O primeiro termo é utilizado para o confronto entre *Flamengo* e *Fluminense*, um dos maiores clássicos do futebol brasileiro, e o segundo é utilizado para o clássico entre *Atlético Paranaense* e *Coritiba*. Diante dos achados, perguntamo-nos se outros clássicos também teriam nomes específicos, e, como não encontramos outros nomes em nosso *corpus*, realizamos uma busca no *Google* para as palavras ‘clássico’, ‘futebol’ e ‘brasileiro’ e obtivemos uma lista bastante extensa, das quais destacamos os confrontos mais importantes:

¹⁴⁹ Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/2013/08/barcos-e-damiao-marcam-e-primeiro-gre-nal-da-arena-termina-empatado.html> >. Acesso em: 5 fev. 2015.

¹⁵⁰ Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/esportes/campeonato-brasileiro-2013/flamengo-vence-fluminense-de-virada-no-maracana-9468228> >. Acesso em: 5 fev. 2015.

¹⁵¹ Disponível em: < <http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/campeonato-paranaense/conteudo.phtml?id=1365393> >. Acesso: 5 fev. 2015

Capítulo 4

confronto	nome do clássico
São Paulo vs. Corinthians	Majestoso
Palmeiras vs. Corinthians	Derby Paulista
São Paulo vs. Santos	San-São
Ponte Preta vs. Guarani	Dérbi Campineiro
Juventus x Portuguesa	Dérbi dos Imigrantes
Atlético Mineiro vs. Cruzeiro	Galo contra Raposa
América Mineiro vs. Atlético Mineiro	Clássico das multidões
Bahia vs. Vitória	Ba-Vi
Ceará vs. Fortaleza	Clássico-Rei
Remo vs. Paysandu	Re-Pa
Rio Negro vs. Nacional-AM	Rio-Nal

Quadro 19: Clássicos do futebol brasileiro¹⁵².

O cruzamento de dados da pesquisa no *corpus* com a pesquisa no *Google* mostrou que embora existam termos específicos para designar vários clássicos do futebol brasileiro, esses termos não são utilizados frequentemente em notícias sobre resultados de partidas, mas sim para descrever a trajetória dos clássicos, geralmente em *blogs* que narram a história de um time.

Ao ler os nomes dos clássicos, o termo *derby* ou ‘dérbi’, utilizado para descrever os clássicos entre *Palmeiras* e *Corinthians* (*Derby Paulista*), *Ponte Preta* e *Guarani* (*Dérbi Campineiro*) e *Juventus* e *Portuguesa* (*Dérbi dos Imigrantes*), chamou a atenção, uma vez que a palavra em inglês – *derby* – é utilizada para designar diferentes tipos de corridas de cavalo e de motocicleta. Com exceção do ‘*Derby Paulista*’ e do ‘*Dérbi dos imigrantes*’, o termo é utilizado somente para descrever rivalidades entre times de cidades menores, pois mobilizam toda a cidade; por ser pequena, a cidade geralmente possui somente dois times grandes, como é o caso do ‘*Dérbi Campineiro*’ ou do ‘*Dérbi de Ribeirão Preto*’ entre o *Botafogo Futebol Clube* e o *Comercial Futebol Clube*.

Diante do achado, perguntamo-nos se, em inglês, *derby* seria o equivalente de ‘clássico’. Para responder a pergunta, geramos linhas de concordância para *derby* no *corpus* de inglês e encontramos 34 ocorrências. Apresentamos alguns exemplos abaixo:

*Tottenham 0 - Arsenal 1: Rosicky rocket seals **derby** win as Spurs come up short*¹⁵³

¹⁵²

Para lista completa acessar: http://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:Clássicos_do_futebol_brasileiro > Acesso: 6 fev. 2015.

Capítulo 4

*Manchester City 4 Manchester United 1: Demolition **derby**! Aguero strikes twice while Yaya and Nasri rub salt into Moyes' wounds as new boss endures embarrassment at the Etihad*¹⁵⁴

*Both Bristol clubs have united to condemn the violence and pitch invasion which marred last night's **derby** clash.*¹⁵⁵

*"It's a massive game between two title contenders. It's not going to define the season, but it's a big game, a **local derby**."*¹⁵⁶

*The **west Lancashire derby** has been played in all four tiers of the Football League and the clubs' stadiums are only 17 miles apart.*¹⁵⁷

*TOMAS ROSICKY'S stunning second-minute strike was enough to settle **the north London derby** in Arsenal's favour.*¹⁵⁸

***Merseyside derby**: Luis Suarez hit by moment of madness as Kevin Mirallas lucky to escape red card after horrific tackle*¹⁵⁹

*Scott McDonald's deflected effort gave Millwall a deserved win over Charlton in a cagey **south London derby**.*¹⁶⁰

Analisando as ocorrências, observamos dois fatores. Primeiramente, encontramos quatro ocorrências da colocação *local derby*, o que nos fez questionar se *local* seria utilizado para rivalidades locais e o termo *derby* seria utilizado para rivalidades entre dois times independentemente da localização geográfica. Observando os contextos em que os dois termos ocorrem, constatamos que ambos são utilizados exclusivamente para confrontos de times da mesma região; portanto, os dois termos são sinônimos. Já o termo *rivalry* é utilizado para designar confrontos

¹⁵³ Disponível em: <<http://www.express.co.uk/sport/football/465214/Tottenham-0-Arsenal-1-Rosicky-rocket-seals-derby-win-as-Spurs-come-up-short>>. Acesso em: 6 fev. 2015.

¹⁵⁴ Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/sport/football/article-2426897/Manchester-City-4-Manchester-United-1--Match-report-Sergio-Aguero-scores-twice-derby-win.html#ixzz3Qv3QKbFX>>. Acesso em: 6 fev. 2015.

¹⁵⁵ Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/sport/football/football-league/bristol-city-and-bristol-rovers-unite-to-condemn-violence-at-derby-8799461.html>>. Acesso em: 6 fev. 2015.

¹⁵⁶ Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/sport/football/teams/manchester-united/10324862/Manchester-derby-against-Man-City-not-Uniteds-biggest-game-of-the-season-Liverpool-is-says-Wayne-Rooney.html>>. Acesso em: 6 fev. 2015.

¹⁵⁷ Disponível em: <http://www.huffingtonpost.co.uk/2013/08/06/steward-horse-blackpool-preston_n_3711157.html>. Acesso em: 6 fev. 2015.

¹⁵⁸ Disponível em: <<http://www.express.co.uk/sport/football/465214/Tottenham-0-Arsenal-1-Rosicky-rocket-seals-derby-win-as-Spurs-come-up-short>>. Acesso em: 6 fev. 2015.

¹⁵⁹ Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/sport/football/news-and-comment/merseyside-derby-luis-suarez-hit-by-moment-of-madness-as-kevin-mirallas-lucky-to-escape-red-card-after-horrific-tackle-8959359.html>>. Acesso: 6 fev. 2015.

¹⁶⁰ Disponível em: <<http://www.bbc.com/sport/0/football/24089964>>. Acesso em: 6 fev. 2015.

Capítulo 4

entre grandes times de cidades diferentes, como, por exemplo, *Liverpool F.C.* and *Manchester United F.C. rivalry*. No entanto, o termo não é utilizado em notícias de resultados de partidas, mas somente em *sites* que discutem a rivalidade entre os times. Por esse motivo, não encontramos nenhuma ocorrência em nosso *corpus*.

O segundo fator que chamou a atenção é que, em inglês, diferentemente do que foi observado em português, as notícias utilizam os nomes dos *derbies*: *West Lancashire derby* (confronto entre *Blackpool F.C.* e *Preston North End F.C.*, ambos do condado de Lancashire), *North London derby* (entre os times *Arsenal* e *Tottenham Hotspur*, ambos da região norte de Londres), *Mereyside derby* (entre *Everton* e *Liverpool*, ambos da cidade de Liverpool) e *South London derby* (confronto entre dois dos quatro times do sul de Londres: *Charlton Athletic*, *Crystal Palace*, *Millwall* e *AFC Wimbledon*).

Das 34 ocorrências do termo, quatro fazem parte da colocação *local derby* e nove fazem parte de uma CLE que dá nome a um clássico específico, como os exemplos apresentados acima¹⁶¹.

Realizamos, então, uma pesquisa no *Google* com as palavras *derby*, *football*, *meaning* e *history* a fim de verificar a origem do termo. Encontramos inúmeros *blogs*, artigos e fóruns discutindo o assunto e observamos que a origem do termo é bastante controversa. Contudo, uma hipótese é compartilhada por vários autores. O termo teria derivado de uma partida anual disputada em *Derby*, Inglaterra, pelas paróquias *St. Peter's* e *All Saints* na terça-feira de carnaval. A competição, disputada pela última vez em 1946, mobilizava não só os membros da paróquia, mas também toda a população da cidade, e era caracterizada por grande rivalidade entre os torcedores, que, não raro, usavam de violência para manifestar suas preferências clubísticas. Segundo Franco Júnior (2007), mais do que rivalidade esportiva, esses *derbies* simbolizavam rivalidades ancestrais, oposições políticas, religiosas e étnicas. De acordo com o historiador, ainda hoje essas partidas são caracterizadas por enfrentamentos entre clubes ao mesmo tempo próximos e distantes. Próximos na localização geográfica: são divididos por bairros, algumas vezes ruas; e distantes devido à origem, aos discursos e às idealizações bastante distintas. Ademais, os

¹⁶¹ A lista completa dos clássicos do futebol inglês está disponível em: < http://en.wikipedia.org/wiki/Category:England_football_derbies >. Acesso em: 6 fev. 2015.

derbies ingleses são muitas vezes caracterizados por eventos violentos. Tal fato pode ser constatado durante a leitura dos textos em que o termo ocorre. Observemos trechos de uma notícia sobre um jogo entre *Bristol City* e *Bristol Rovers*:

*Another night of shame for British football: A dozen fans **arrested** and three officers **injured** as **violence** breaks out at Bristol*

*A fierce **local derby** was marred by **violence** and a pitch invasion last night as about 12 people were **arrested** and three police officers were **injured**.*

*'We warned before the match that we would not tolerate any form of **anti-social behaviour** or **violence**.*

*Police said known **hooligans** attached to both clubs were identified and so far around a dozen people had been **arrested**.*

*Mounted **police** were called in to clear the pitch at Ashton Gate after Bristol City fans celebrated their victory over rivals Bristol Rovers. Avon and Somerset **Police** said about 12 people were **arrested** and three officers received **medical treatment** for **non-serious injuries**.*¹⁶²

Como podemos observar, a rivalidade entre os times ultrapassa o tempo de jogo. Contudo, a fim de não generalizar resultados e estereotipar o futebol inglês como mais violento do que o futebol brasileiro, juntamos todos os textos em que o termo *derby* ocorre em uma pasta, de modo que esses textos passaram a constituir um *minicorpus*, e geramos uma *wordlist* para verificar as palavras recorrentes nesses textos. Poderíamos ter gerado *keywords*, mas optamos por trabalhar somente com a *wordlist*, uma vez que o *minicorpus* é composto somente por 21 textos, de forma que a análise da lista de palavras não demandou muito tempo.

Lendo a lista de palavras encontramos outros itens lexicais que também podem ser relacionados à violência: *injured* (10), *police* (9), *fight* (7), *violence* (6), *drunk* (4), *arrested* (4), *hooligans* (3), *antisocial* (1) e *injury* (1). Como podemos observar, o *lexical priming* do termo *derby* é muito frequentemente relacionado à violência, já que o contexto linguístico, social e situacional em que o termo ocorre evoca eventos como brigas, enfrentamentos entre torcidas e polícia. Realizamos o mesmo procedimento para os textos em que o termo ‘clássico’ ocorre no *subcorpus*

¹⁶² Disponível em: < <http://www.dailymail.co.uk/news/article-2412066/Bristol-Derby-football-violence-sees-12-fans-arrested-3-officers-injured.html#ixzz3QwOREnyh> >. Acesso em: 6 fev. 2015.

Capítulo 4

em português e não encontramos um grupo semântico específico como em inglês, mas apenas quatro ocorrências de ‘briga’, três de ‘torcida’ e duas de ‘polícia’.

Abordar o tema futebol e violência foge do escopo desta pesquisa. No entanto, ao pesquisar sobre a história do futebol, observamos que futebol e violência sempre caminharam juntos: um de seus antepassados mais antigos, o *tsu-chu* era praticado na China antiga como exercício militar; o Rei Eduardo II teve que decretar uma lei proibindo o esporte em 1314 devido ao barulho, à desorganização e, sobretudo, à violência gerada pela sua prática; o estádio do time inglês *Millwall* teve de ser fechado três vezes entre as décadas de 1920 e 1950 devido ao confronto entre grupos de *hooligans*. Esses são alguns exemplos que evidenciam a violência presente no esporte.

No livro ‘Sociologia do futebol’, o professor Richard Giulianotti aventou uma série de possíveis causas para a violência no futebol inglês e para o surgimento do *hooliganismo*¹⁶³ na Inglaterra. As causas são inúmeras e vão desde o conflito de classes marxista até uma especulação de que os *hooligans* inicialmente não eram violentos, e que a violência seria fruto de uma criação da mídia para vender mais jornais e lotar os estádios.

Enfim, como mencionado anteriormente, não nos cabe, neste trabalho, pesquisar sobre a violência no futebol inglês. Contudo, seguindo a teoria de *lexical priming* de Hoey (2004), acreditamos que, ao aprender um termo, o consulente de um dicionário deve aprender também seus colocados e o contexto situacional em que o termo ocorre. Nesse sentido, ao escrever sobre um *derby* em inglês, devemos ter consciência da rede de itens lexicais que o termo atrai, que é diferente daquela observada na utilização do termo no contexto brasileiro.

4.7 bichado

Ao analisar as *keywords*, chamou a atenção o termo ‘bichado’, com 194 ocorrências:

¹⁶³ O termo refere-se a um comportamento destrutivo e desregrado. Tal comportamento é comumente associado a fãs de futebol. Para definição completa acessar: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hooliganismo>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

Capítulo 4

*A imprensa soltou que Dagoberto,[sic] está machucado e que vai continuar no Cruzeiro sendo aquele jogador **bichado** que jogava no Internacional, mas vim aqui para esclarecer que é o contrario.*¹⁶⁴

*“Vou disputar a Série B de novo? Posso estar **bichado**, bêbado, qualquer coisa, mas garanto que não estou louco. Chega de Série B. Estou fora!”*¹⁶⁵

*Tem gente que fala que o Paulo Henrique Ganso está de má vontade, outros que ele está '**bichado**' e tem até algumas pessoas que dizem que ele tem sérios problemas psicológicos.*¹⁶⁶

*“Péssima contratação! jogador chinelinho, joelho **bichado**....”*¹⁶⁷

Nesse caso em particular, o conhecimento da área nos ajudou a inferir o significado do termo, que é utilizado para descrever um jogador que apresenta algum problema físico. Ainda assim, para confirmar a hipótese consultamos o dicionário *Aulete Digital* e o blog “A bela e a bola”¹⁶⁸, que apresentam definições para alguns termos do futebol. Observemos as definições:

1. *Que foi atacado por bicho (2) (lentilha bichada); BICHOSO*
2. *Pop. Diz-se de quem tem a saúde arruinada, tem problemas crônicos, está envelhecido e debilitado etc.*
3. *Pop. Esp. Diz-se de atleta que vive se machucando ou que tem problemas físicos permanentes*
4. *Pop. Diz-se do que apresenta defeito ou está estragado*
[F.: Part. de bichar.]¹⁶⁹

*Bichado: jogador que tem uma contusão ou moléstia crônica.*¹⁷⁰

Uma vez que as duas definições comprovaram nossa hipótese, passamos à busca por um equivalente para ‘bichado’ em inglês. Para tanto, geramos uma concordância para *injur**¹⁷¹, tradução direta para ‘machuc*’, a fim de encontrar um

¹⁶⁴ Disponível em: < <http://www.plantaodofutebol.com.br/2013/02/explicacao-da-contusao-de-dagoberto.html> >. Acesso em: 14 jan. 2015.

¹⁶⁵ Disponível em: < <http://oledobrasil.com.br/valdivia-sobre-interesse-do-flamengo-disputar-a-serie-b-de-novo-em-2014-estou-fora/> >. Acesso em: 14 jan. 2015.

¹⁶⁶ Disponível em: < <http://blogdoneto.blogosfera.uol.com.br/2013/02/08/o-que-realmente-acontece-com-o-ganso/> >. Acesso em: 14 jan. 2015.

¹⁶⁷ Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2013/08/com-estrela-alex-silva-boa-esporte-anuncia-pacotao-para-serie-b.html> >. Acesso em: 14 jan. 2015.

¹⁶⁸ Disponível em: < <http://abelaeabola.blogspot.com.au> >. Acesso em: 15 jan. 2015.

¹⁶⁹ Disponível em: < <http://www.aulete.com.br/bichado#ixzz3OksPcTQE> >. Acesso em: 15 jan. 2015.

¹⁷⁰ Disponível em: < <http://abelaeabola.blogspot.com.au/2009/08/dicionario-futeboles-ii.html> >. Acesso em: 15 jan. 2015.

¹⁷¹ Utilizamos a busca “*injur**” com o objetivo de obter ocorrências para *injury* e *injured*.

Capítulo 4

possível equivalente. A busca retornou 68 ocorrências. Analisamos as linhas de concordância, mas não encontramos nenhum possível equivalente. Encontramos, no entanto, o nome do jogador *Gareth Bale*¹⁷², que no ano de 2013 adquiriu reputação de ‘bichado’ devido às várias contusões que sofreu durante a temporada. Expandimos a linha de concordância e lemos o parágrafo que descrevia a situação de *Bale* no campeonato:

*Real say they detected the back **injury** during the player’s medical. **Bale** then appeared in the starting line-up against Villarreal just three days later, but has yet to start a second game*¹⁷³.

O jogador sofreu uma lesão, jogou uma partida, mas ainda não participou de outro jogo. Ler o parágrafo não contribuiu para encontrarmos o equivalente. Mas ao clicar na ocorrência para ter acesso ao texto integral, acessamos também o título da notícia:

*He’s not a **crock** ... Real knew about Bale’s back woes and deny he needs surgery as angry agent defends £86m star*

A palavra *crock*, que significa ‘cerâmica quebrada’ ou, em linguagem mais informal, ‘bobeira’ ou ‘asneira’, chamou a atenção, pois no contexto da notícia pode fazer referência a um jogador que está sempre ‘quebrado’. Geramos, então, linhas de concordância para *crock* e encontramos mais uma ocorrência:

*He has had messages on social media telling him he is a - “permanent **crock** with an average record”.*¹⁷⁴

A notícia, com o título “*Miserable Andy Carroll hits rock bottom following latest injury and abuse from West Ham fans*”, discute a condição física do jogador Andy Carroll, atacante do *West Ham United*, que sofreu consecutivas lesões e ficou fora durante os quatro primeiros meses da temporada de 2001/2012 do campeonato

¹⁷² Ressaltamos que sempre que não encontramos o equivalente procurado em nosso *corpus* (campeonato inglês), utilizamos o *corpus* de validação a fim de expandir o horizonte de busca. Neste caso, a ocorrência está presente em uma notícia sobre a compra do jogador *Gareth Bale* pelo *Real Madrid* publicada pelo jornal *Daily Mail*.

¹⁷³ Disponível em: < <http://www.dailymail.co.uk/sport/football/article-2455654/Gareth-Bale-need-surgery-hernia.html#ixzz3OliltUOy> >. Acesso em: 14 jan. 2015

¹⁷⁴ Disponível em: < <http://www.mirror.co.uk/sport/football/news/miserable-andy-carroll-hits-rock-3991758> >. Acesso em: 15 jan. 2015.

Capítulo 4

inglês. Na época, o jogador recebeu ameaças dos torcedores do *West Ham* via mídias sociais.

Após ler as duas notícias que apresentam a ocorrência de *crock* no *corpus*, realizar pesquisas no *Google* a fim de entender a situação dos jogadores – ambos com reputação de estarem sempre contundidos – e procurar no *Google* por mais ocorrências de *crock*, validamos o termo como equivalente de ‘bichado’.

4.8 retranca

Uma das ocorrências que observamos na lista de *keywords* foi o termo ‘retranca’ (102), utilizado para descrever um sistema de jogo em que o time se fecha na defesa com a maioria dos seus jogadores. Observemos os exemplos que seguem:

*O pior de tudo não é ver o Sheik perder um gol por completa incompetência. O pior foi ver o Corinthians completamente na **retranca**, apenas se defendendo contra os Bambis. Mais um 0 X 0 e graças ao Cássio. Lamentável.*¹⁷⁵

*Time do ano passado jogava com dez jogadores na **retranca**, jogava no erro dos adversários, a maioria dos jogos ganhou com gols de bola parada e no sufoco. Esse ano vai provar do próprio veneno. A libertadores do ano passado foi um acaso que caiu do céu.*¹⁷⁶

*Se usar o que conhecia vai conseguir o que já sabe, jogar na **retranca** fora de casa quando deveria atacar. Vai conseguir uns 2 a 0 no máximo e falar que não deu, isso se não perder!!!! É tudo ou nada!!! e já temos nada!!!!*¹⁷⁷

*No Morumbi, há uma semana, o São Paulo conquistou o direito de avançar no Copa Sul-Americana com um empate. Nesta quarta-feira, fora de casa, o time se agarrou a essa vantagem, ficou na **retranca** e garantiu a igualdade por 0 a 0 com o Atlético Nacional. O resultado basta para colocar o atual campeão na semifinal da Copa Sul-Americana.*¹⁷⁸

*No Olímpico, o Grêmio ainda sonhava com altos voos no Brasileiro, mas um empate sem gols com o Coritiba diminuiu as esperanças. O time paranaense armou uma forte **retranca**, e a rede não balançou em Porto Alegre.*¹⁷⁹

¹⁷⁵ Disponível em: < <http://www.corinthians.com.br/site/noticias/2013/10/13/18h14-id20728-cassio-pegar-penalti-no-fim-e-corinthians-empata-com-sao-paulo-no-morumbi.shtml> >. Acesso em: 3 fev. 2015.

¹⁷⁶ Disponível em: < <http://blog.jovempan.uol.com.br/fernandosampaio/corinthians-aposta-na-retranca-contr-o-boca-e-leva-castigo-no-la-bombonera/> >. Acesso em 21 jan. 2015.

¹⁷⁷ Disponível em: < <http://spfc.terra.com.br/forum2.asp?nID=246334> >. Acesso em: 3 fev. 2015.

¹⁷⁸ Disponível em: < <http://esportes.terra.com.br/sao-paulo/sao-paulo-fica-na-retranca-e-avanca-apos-empate-com-atletico-nacional,7039843e51032410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html> >. Acesso em: 3 fev. 2015.

¹⁷⁹ Disponível em: < <http://mais.uol.com.br/view/t2pjn3videvl/gremio-recebe-coritiba-e-fica-na-retranca-em-empate-sem-gols-0402CD9A366EE4993326?types=V,F&> >. Acesso em: 3 fev. 2015.

Capítulo 4

Ao analisar os exemplos acima e as outras ocorrências no *corpus*, constatamos que o termo tem sempre uma prosódia semântica negativa e um mesmo *lexical priming*. Nos três primeiros exemplos, torcedores do *Corinthians* e do *São Paulo F.C.* reclamam da retranca adotada pelos técnicos. Nos dois últimos exemplos, os jogos terminaram sem gol. Os contextos linguísticos e situacionais em que ocorrem são sempre os mesmos. No que se refere ao contexto linguístico, o termo sempre ocorre acompanhado da descrição de um jogo sem gols ou de comentários de torcedores que manifestam suas opiniões contra essa tática. Os contextos situacionais também são sempre os mesmos. Em ordem decrescente de frequência, o termo ocorre quando (1) um time já tem sua vaga garantida na fase seguinte de um campeonato e, por esse motivo, opta por “jogar na retranca”; (2) o time só precisa de um empate para avançar no campeonato; ou (3) o time não pode perder o jogo, pois a derrota o tiraria do campeonato.

Sem um ponto de partida para encontrar o equivalente de ‘retranca’ em inglês, geramos linhas de concordância para os termos *defender* (zagueiro), *defense* (defesa) e *back* (zagueiro, e também usado para descrever a área de defesa). A busca para os dois primeiros termos não retornou nenhum candidato a equivalente. Já a busca por *back* retornou oito ocorrências:

*Once they were 2-0 up, Liverpool **sat back**, although they could have scored a third just before the break, Sterling breaking through the middle before Coutinho curled a shot just over and beyond the far post.*¹⁸⁰

*It has been all Swansea in this opening 20 minutes as the home side relentlessly press the opposition at every opportunity. Ole Gunnar Solskjaer appears content to **sit back** and absorb the pressure with the pace of Kim, Zaha and Bellamy likely to be their biggest threat on the counter.*¹⁸¹

*City seem happy to **sit back** and allow Hull the ball, which is no surprise given Hull's lack of an attacking threat today.*¹⁸²

*Villa's gameplan is clearly to **sit back**, frustrate City and pick them off on the counter attack - but only one part of that is working so far.*¹⁸³

¹⁸⁰ Disponível em: < <http://www.independent.co.uk/sport/football/premier-league/norwich-2-liverpool-3-match-report-liverpool-go-five-points-clear-of-chelsea-at-top-of-premier-league-table-on-day-luis-suarez-hits-goal-number-30-9272130.html> >. Acesso em: 3 fev. 2015.

¹⁸¹ Disponível em: < <http://www.ibtimes.co.uk/live-premier-league-scores-updates-liverpool-0-0-arsenal-1435660> >. Acesso em: 3 fev. 2015.

¹⁸² Disponível em: < <http://www.dailymail.co.uk/sport/football/article-2580887/Hull-vs-Manchester-City-live-Premier-League.html> >. Acesso em: 3 fev. 2015.

Capítulo 4

*Gary Cahill says Chelsea won't **sit back** against Manchester City*¹⁸⁴

*It's very important to be an entertaining team but I would prefer we won 6-0 rather than 6-3. Every manager can think the way they want to think, maybe some managers prefer to score one and **sit back** but we will continue to keep trying to score goals because that's how we want to win.*¹⁸⁵

*This could be one of Liverpool's hardest games tonight, teams like Sunderland who go to Anfield will **sit back** and defend as deep as possible. Cardiff were fantastic on the break but conceded six, Sunderland will say tonight 'we don't care how much of the ball you have you're not going to break us down.'*¹⁸⁶

*Nobody was under orders to **sit back**," said Mel. "Spurs played well in this period and without meaning to, we kept falling back."*¹⁸⁷

Como podemos observar, em todos os exemplos os times se fecharam na defesa e não atacaram, ou seja, jogaram na 'retranca'. Nos primeiros seis exemplos os times optaram por jogar na retranca uma vez que ocupavam uma boa posição na tabela do campeonato ou não precisavam da vitória. No sétimo exemplo, *Sunderland*, time que vai jogar "fora de casa", nesse caso em *Anfield*, estádio do *Liverpool*, joga na retranca muito provavelmente devido à famosa "vantagem de jogar em casa" de que usufrui o time do *Liverpool*¹⁸⁸. No último exemplo, o jogador do *Tottenham Hotspur* diz que o time teve um bom desempenho, sem intenção de jogar na retranca, mas acabou atuando mais na defesa. Ao ler o parágrafo completo, observamos que o time empatou uma partida que poderia ter ganhado, já que, segundo o jornalista que escreveu a notícia, o adversário do *Tottenham Hotspur* tinha dificuldade para ganhar uma partida.

Em português o termo frequentemente ocorre com o verbo 'jogar', formando, assim, a CLE 'jogar na retranca'. No entanto, é comum que o termo ocorra

¹⁸³ Disponível em: < <http://www.dailymail.co.uk/sport/football/article-2621571/Manchester-City-vs-Aston-Villa-Sunderland-vs-West-Brom-live-Premier-League.html> >. Acesso em: 3 fev. 2015.

¹⁸⁴ Disponível em: < <http://www1.skysports.com/football/news/11668/9142800/premier-league-gary-cahill-says-chelsea-wont-sit-back-against-manchester-city> >. Acesso em: 3 fev. 2015.

¹⁸⁵ Disponível em: < <http://www.premierleague.com/en-gb/matchday/matches/2013-2014/epl.html/man-city-vs-arsenal> >. Acesso em: 3 fev. 2015.

¹⁸⁶ Disponível em: < <http://www.bbc.com/sport/0/football/26755523> >. Acesso em: 3 fev. 2015.

¹⁸⁷ Disponível em: < <http://www.independent.co.uk/sport/football/premier-league/west-bromwich-albion-3-tottenham-hotspur-3-match-report-baggies-throw-away-three-goal-lead-9256512.html> >. Acesso em: 3 fev. 2015.

¹⁸⁸ A vantagem de jogar em casa tem sido um importante objeto de estudo no futebol mundial. Estudos como o de Almeida, Oliveira e Silva (2011) analisam partidas e, por meio de métodos estatísticos, calculam o número de vitórias dos times quando jogam em casa e quando jogam fora de casa. Os resultados mostram que existe uma chance maior de vitória dos times que jogam em casa.

Capítulo 4

acompanhado de outras palavras, como, por exemplo, ‘ficar na retranca’. Já em inglês, não encontramos ocorrências de *back* com o significado de ‘retranca’ sem o verbo *to sit*. Então nos perguntamos se o verbo poderia ocorrer com outro colocado. A fim de responder a essa pergunta, geramos linhas de concordância para *sit* e *sat* e ordenamos as linhas pelo primeiro colocado à direita. Esse levantamento apontou três ocorrências do termo *SIT deep*:

*The first half started as expected; Tottenham dominating possession looking to thread a pass through the Sheriff defence. However the visitors **sat deep** and stifled Spurs by giving them no space to create. Tottenham were forced into shooting from distance with Moussa Dembele and Étienne Capoue coming the closest.*¹⁸⁹

*West Ham **sat deep** and were proving difficult to break down, but showed little attacking threat of their own and rarely got out of their own half.*¹⁹⁰

*Fulham's intention was obvious from the initial stages, as they **sat deep** and invited their opponents to attack, but they took a shock lead on a rare foray forward through Sidwell.*¹⁹¹

Como podemos observar, *SIT deep* foi usado como sinônimo de *SIT back* nos três exemplos acima.

Embora o termo em inglês possua um sinônimo, o número de ocorrências nesse idioma é significativamente inferior ao número de ocorrências em português. Sendo assim, para não generalizar nossa análise sobre a prosódia semântica e *lexical priming*, recorreremos ao *Google*. Realizamos uma busca para “*s*t back*” e *football* e também para “*s*t deep*” e *football* e analisamos os exemplos das cinco primeiras páginas de resultados, que confirmaram os achados do *corpus*. Assim, concluímos que (1) a prosódia semântica do termo em inglês é mais neutra do que em português; e (2) o *lexical priming* é o mesmo do termo em português, já que os contextos situacionais em que o termo é encontrado são quase sempre os mesmos: quando o time ocupa uma posição privilegiada na tabela do campeonato, e quando o time só precisa de um empate para avançar no campeonato. Um contexto situacional não encontrado em português refere-se à situação em que um time opta por “jogar na

¹⁸⁹ Disponível em: < <http://www.90min.com/posts/485858-tottenham-2-1-sheriff-lamela-finally-shows-his-class> >. Acesso em: 4 fev. 2015.

¹⁹⁰ Disponível em: < <http://www.premierleague.com/en-gb/matchday/matches/2013-2014/epl.match-report.html/man-city-vs-west-ham> >. Acesso em: 4 fev. 2015.

¹⁹¹ Disponível em: < <http://www.premierleague.com/en-gb/matchday/matches/2013-2014/epl.html/man-utd-vs-fulham> >. Acesso em: 4 fev. 2015.

Capítulo 4

retranca” ao realizar uma partida fora de casa. Além disso, não encontramos nem no *corpus* e nem nos resultados do *Google* torcedores ingleses reclamando da decisão do técnico por jogar na defesa.

Como mencionado acima, a prosódia semântica do termo é sempre negativa em português, ao passo que em inglês a prosódia pode ser negativa ou neutra. Das 37 ocorrências de ‘retranca’ em português, 21 são de comentários de torcedores criticando o sistema adotado pelo técnico. Já em inglês, somente uma das onze ocorrências é parte do comentário de um torcedor criticando essa tática. Sendo assim, parece que os torcedores ingleses aceitam melhor esse sistema de jogo do que os brasileiros.

Retomar o conceito forma-representação que o brasileiro tem de nosso futebol, aquele futebol bonito, alegre e cheio de dribles e gols, ajuda a entender a frustração do torcedor brasileiro ao ver seu time jogar somente no campo de defesa. Acreditamos que talvez esse seja o principal motivo da manifestação de indignação do torcedor nos comentários. O torcedor inglês, por sua vez, mais acostumado com um futebol de resultados, que conduza seu time à conquista do campeonato, raramente reclama quando o técnico adota um sistema mais fechado para garantir a posição na tabela.

4.9 elástico

Ao selecionar dribles para os estudos de caso, não poderíamos deixar de fora o famoso ‘elástico’, drible em que o jogador, com a bola grudada no pé e parado na frente do marcador, toca duas vezes com o mesmo pé na bola, mudando seu movimento de forma a enganar o adversário.

Apesar de ser um dos dribles mais bonitos do futebol, o número de ocorrências no *corpus* é relativamente baixo (7) e, portanto, não faz parte das palavras-chave. Só tivemos acesso a ele por meio da análise das linhas de concordância de ‘deu’, que ocorre 279 vezes no *corpus* e corresponde à palavra-chave número 276.

Geramos linhas de concordância de ‘elástico’ no *corpus* e constatamos que apenas duas ocorrências se referem ao drible ‘elástico’, enquanto as outras cinco fazem referência a um ‘placar elástico’:

*Com placar elástico, atleticanos não perdoam rivais: 'Ah... é jogo-treino'*¹⁹²

*O que chamou a atenção no placar elástico diante dos nordestinos foi a atitude da equipe paulista. Superior desde o apito inicial, o time do Morumbi comandou o jogo e contou com ótima exibição de Paulo Henrique Ganso, que marcou um golão no segundo tempo.*¹⁹³

*O placar elástico tirou o ímpeto da equipe catarinense, que assustou pouco o Palmeiras ao longo da partida. Nas melhores chances, em lances sequenciais aos 34min e aos 35min, Pablo ficou perto de diminuir o marcador, mas o Figueirense teve que se contentar em sofrer mais um aos 38min: em contra-ataque, Juninho saiu na grande área e tocou para Serginho só empurrar para as redes.*¹⁹⁴

*O Flamengo foi superior e soube explorar bem as jogadas pelo lado ... Ninguém esperava esse placar elástico, não fizemos um jogo para tomar de 4 a 0.*¹⁹⁵

*Com placar elástico, torcida Atleticana não perdoa rivais: 'Ah, é jogo-treino'*¹⁹⁶

Como podemos observar, um 'placar elástico' é um placar que apresenta uma grande diferença no saldo de gols. O termo é sinônimo de 'chocolate'. Ressaltamos, aqui, uma das maiores vantagens da pesquisa com *corpus*: o fenômeno da serendipidade, ou seja, fazer descobertas inesperadas, por acaso, ao investigar outro assunto.

Retomando o termo em questão, as únicas duas ocorrências no *corpus* em que o termo 'elástico' se refere ao drible ressaltam a dificuldade e a beleza nele envolvidas. Observemos os exemplos abaixo:

*Depois, Fred, já num estádio às escuras devido à iluminação precária, ainda deu elástico e quase fez um golão. Foi uma pena a bola não ter entrado. Mas o torcedor tricolor que se aventurou a torcer debaixo de chuva já estava feliz.*¹⁹⁷

*Ilzinho deu caneta de elástico no Roberto Carlos... Pra mim tem mais moral que qualquer um!*¹⁹⁸

¹⁹² Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/atletico-mg/noticia/2013/05/com-placar-elastico-torcida-atleticana-nao-perdoa-rivais-ah-e-jogo-treino.html> >. Acesso em: 28 jan. 2015.

¹⁹³ Disponível em: < <http://torcedores.com/noticias/4819-sao-paulo-vence-ultrapassa-corinthians-e-respira-no-brasileirao> >. Acesso em: 28 jan. 2015.

¹⁹⁴ Disponível em: < <http://esportes.terra.com.br/figueirense/palmeiras-goleia-figueirense-em-estrela-em-londrina-e-reencontra-vitoria,ac07407e58a91410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html> >. Acesso em: 28 jan. 2015.

¹⁹⁵ Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/jogo/copa-do-brasil-2013/23-10-2013/flamengo-botafogo.html> >. Acesso em: 28 jan. 2015.

¹⁹⁶ Disponível em: < <http://spfc.terra.com.br/news.asp?nID=99390> >. Acesso em: 28 jan. 2015.

¹⁹⁷ Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/jogo/carioca-2013/30-03-2013/fluminense-boavista.html> >. Acesso em: 28 jan. 2015.

Capítulo 4

No primeiro trecho, apesar de o estádio estar às escuras, o atacante Fred conseguiu dar um ‘elástico’ e quase marcou o gol. Embora não o tenha marcado, o jogador agradou os torcedores ao executar o drible. No segundo, trecho de um comentário de um torcedor, Ilsinho tem mais moral do que qualquer outro jogador por ter dado ‘caneta de elástico’ em Roberto Carlos. Nesse último exemplo, elástico não se refere ao drible em si, mas sim ao estilo¹⁹⁹ que Ilsinho aplicou a outro drible, a ‘caneta’²⁰⁰.

Ao questionar os especialistas sobre um possível motivo para a baixa frequência desse drible, obtivemos uma resposta bastante interessante: “Falar é fácil, fazer é difícil. Faz um tempão que não vejo um elástico no Brasileirão”.

Pesquisando sobre a história do drible na *internet*, encontramos um depoimento similar:

Não sei se acontece com vocês também, mas quando vejo um lance desses, ainda que o drible não tenha sido concluído, fico feliz. Parece que o lado lúdico e mágico do futebol de alguma forma se renova. Cá entre nós, em nome de um jogo moderno, objetivo, tático, onde o que importa é exclusivamente a vitória, jogadas assim estão cada vez mais raras.²⁰¹

O trecho acima, extraído do “Canelada F.B”, *site* sobre futebol que discute a rodada final dos campeonatos, o desempenho dos jogadores, da comissão técnica e da diretoria de clubes brasileiros e internacionais, segue a mesma linha de argumentação de Damo (1999) no que se refere ao antagonismo ‘futebol arte’ x ‘futebol força’. Segundo o autor, o futebol “bonito”, “com ginga” e “alegre” está gradativamente sendo ofuscado por um futebol de resultados, ou seja, que tem a vitória como objetivo exclusivo. Sendo assim, belas jogadas como o ‘elástico’, consideradas arriscadas devido ao alto grau de dificuldade que envolvem, são cada vez mais raras.

¹⁹⁸ Disponível em: < <http://estadiovip.com.br/47468/ilsinho-pode-voltar-ao-sao-paulo> >. Acesso em: 28 jan. 2015.

¹⁹⁹ Para executar a ‘caneta’, Ilsinho tocou duas vezes com o mesmo pé na bola, mudando seu movimento.

²⁰⁰ Vide item 4.13.

²⁰¹ Disponível em: < <http://canelada.com.br/futebolnomundo/rivelino-ronaldinhos-e-agora-cr7-a-arte-do-elastico-nao-pode-parar/> >. Acesso em: 28 jan. 2015.

Capítulo 4

O elástico, considerado um dos dribles mais espetaculares do futebol, exige técnica apurada e habilidade com a bola, e permite que o jogador crie uma superioridade perante o rival. Afinal, ao superar o defensor, o autor da manobra fica em posição vantajosa para continuar o ataque. De acordo com os especialistas e *sites* consultados, são poucos os jogadores que dominam o ‘elástico’; Rivelino, Romário, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo Fenômeno e Robinho são sempre citados entre os que executam o drible com perfeição.

Em grande parte dos *sites*, Rivelino é citado como inventor do ‘elástico’. No entanto, em entrevista o jogador esclarece que aprendeu a jogada com Sérgio Echi, seu companheiro no grupo de aspirantes do *Corinthians*. Rivelino diz ter apenas aperfeiçoado a criação de Echi.

Chamou a atenção o fato de Rivelino ter ficado famoso pelo ‘elástico’ e passar a ser conhecido como “rei do *Corinthians*” e “reizinho do parque” em tempos difíceis para o time, que não conseguia conquistar títulos. O único momento de glória que o *Corinthians* alcançou com Rivelino foi a conquista do Torneio Rio-São Paulo de 1966. Contudo, o primeiro lugar foi dividido com outros três times: Botafogo, Santos e Vasco. Enfim, o ponto a ser levantado aqui é que, embora o *Corinthians* estivesse passando por uma fase ruim, sem conseguir vitórias, muito menos títulos, seus jogadores arriscavam jogadas e dribles de risco. Ou seja, naquela época, diferentemente dos dias de hoje, prevalecia o futebol arte. Isso justifica a baixa ocorrência do termo no *corpus* em português, uma vez que nosso *corpus* de estudo é composto somente por textos atuais.

O próximo passo de nossa pesquisa foi identificar o equivalente de ‘elástico’ em inglês. Como não tínhamos um ponto de partida, analisamos todos os verbos desse *subcorpus*, uma vez que, em inglês, muitas vezes o substantivo que designa o drible é o mesmo que o verbo. A análise, bastante laboriosa, não retornou nenhum candidato a equivalente. Nossa segunda opção seria analisar os substantivos do *corpus*, mas a análise demandaria mais tempo do que a análise dos verbos. Como durante a análise em português constatamos que o drible exige muita habilidade e que pouquíssimos jogadores o executam, dentre eles Neymar e Cristiano Ronaldo na atualidade, e Ronaldinho Gaúcho há alguns anos, pesquisamos, no *Google*, jogos do Campeonato Europeu em que esses jogadores deram um ‘elástico’.

Capítulo 4

A pesquisa em português mostrou que Cristiano Ronaldo deu um elástico no turco *Hamit Altintop* durante uma partida Portugal x Turquia. Assim, realizamos uma busca no *Google* com as seguintes palavras de busca: “Cristiano Ronaldo”, *Portugal* e *Turkey* e obtivemos o seguinte resultado:

Figura 51: Resultado da busca no *Google* para as palavras: “Cristiano Ronaldo”, *Portugal* e *Turkey*.

O segundo *link* disponibilizado pelo *Google* chamou a atenção, pois continha o termo ‘elástico’ seguido de uma palavra, até então, por nós desconhecida: *flip-flap*²⁰². Clicamos no *link*, assistimos ao vídeo²⁰³ e verificamos que o drible dado por Cristiano Ronaldo era, de fato, o ‘elástico’. Para validar *flip-flap* como equivalente de ‘elástico’ realizamos outra pesquisa no *Google*, dessa vez para as palavras de busca “*flip-flap*” e *football*. A busca retornou 131.000 resultados, a grande maioria em forma de tutoriais de como executar o drible e vídeos do *YouTube* que registram o drible em uma partida. Fato interessante é que apesar do alto número de páginas que a pesquisa retornou, os tutoriais e, principalmente, os vídeos do *YouTube*, referem-se, na grande maioria, ao mesmo jogo. Isso comprova que o drible não é executado com

²⁰² Em uma das ocorrências do *Google* a palavra *skill* antecede o termo *flip-flap*, formando uma CLE. No entanto, por termos encontrado apenas uma ocorrência no *Google*, não incluímos a CLE em nosso dicionário.

²⁰³ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=lEo7qcl3XHs> >. Acesso em: 29 jan. 2015.

Capítulo 4

frequência em partidas oficiais e, quando o é, a mídia, os torcedores e os blogueiros se voltam para o acontecimento e registram o momento mágico. Observemos os exemplos abaixo:

*Paul Pogba pulled off a **glorious** flip flap skill for Juventus v Inter [GIF + Video]*²⁰⁴

*Isco (Spain U21) produces an **outrageous** flip flap and a perfect nuts v Russia U21 (GIF & Video)*²⁰⁵

*Neymar freaked out with his mate Willian after an **amazing** flip flap he did against Turkey.*²⁰⁶

*Playing on the inherent connection between Brazil and the home country of their mother-tongue Portugal, as well as the global brand of players like Ronaldinho and Luis Figo. This advert changed football more than most people would care to admit. Ronaldinho's **legendary** flip-flap was rife in world football in the aftermath of this ad.*²⁰⁷

Como mencionado algumas vezes no decorrer desta pesquisa, temos ciência das limitações de trabalhar com o *Google* para a busca de equivalentes e, principalmente, para a validação de CLEs das quais o termo faz parte. No entanto, não podemos deixar de mencionar que em todas as ocorrências do *Google* analisadas o termo é sempre acompanhado por um adjetivo de prosódia semântica positiva. Nos exemplos acima, *glorious*, *outrageous*, *amazing* e *legendary*. Também interessante é observar que o termo é grafado de duas formas: *flip flap* e *flip-flap*, sendo a primeira mais frequente.

Na busca que realizamos para “Cristiano Ronaldo”, *Turkey* e *Portugal*, observamos que o primeiro *link* na página de resultados também utiliza o termo ‘*elastico*’, cuja grafia foi adaptada para a língua inglesa, omitindo-se o acento agudo:

*Cristiano Ronaldo Amazing Skill **Elastico Flip-Flap** Portugal Vs Turkey*²⁰⁸

²⁰⁴ Disponível em: < <http://www.101greatgoals.com/gvideos/paul-pogba-pulled-off-a-glorious-flip-flap-skill-for-juventus-v-inter-gif-video/> >. Acesso em: 29 jan. 2015.

²⁰⁵ Disponível em: < <http://www.101greatgoals.com/blog/manchester-city-target-isco-spain-u21-produces-an-outrageous-flip-flap-v-russia-u21-gif-video/> >. Acesso em: 29 jan. 2015.

²⁰⁶ Disponível em: < <http://www.weloba.com/article/neymars-top-skills-in-some-videos-collection> >. Acesso em: 29 jan. 2015.

²⁰⁷ Disponível em: < <http://rwdmag.com/blog-the-top-10-world-cup-adverts-ever/> >. Acesso em: 29 jan. 2015.

²⁰⁸ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=IEo7qcl3XHs> >. Acesso em: 29 jan. 2015.

Capítulo 4

Por esse motivo, o passo seguinte foi confirmar se ‘*elastico*’ é, de fato, utilizado com frequência em inglês e se o termo possui outros sinônimos. Realizamos uma busca para ‘*elastico*’ e *football* no Google.uk e obtivemos mais de 35.000 ocorrências. Apresentamos alguns exemplos abaixo:

*Check out a video next in that Portuguese luminary Cristiano Ronaldo performs a ‘Elastico’ opposite Spain in their new accessible match. Portugal went upon to win a compare 4-0.*²⁰⁹

*How to do a **elastico** - Football skills tutorial*²¹⁰

*Zlatan Ibrahimovic fails to do an **elastico**, ends up hugging a Hammarby player*²¹¹

Após analisar 40 ocorrências de ‘*elastico*’ no Google, validamos o termo como sinônimo de *flip flap*. A análise dos vídeos do YouTube nos levou a outro possível equivalente: *flick-flack*. Observemos a figura 52:

Figura 52: Vídeo tutorial de como dar um ‘elástico’²¹².

Encontramos um *site* em que o termo *flick-flack* é apresentado como sinônimo de ‘elástico’. Para validar o candidato a equivalente, realizamos nova busca no

²⁰⁹ Disponível em: < <http://goalstage.com/cristiano-ronaldo-‘elastico’-against-spain---video/> >. Acesso em: 29 jan. 2015.

²¹⁰ Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=U2_8G6PFuKg >. Acesso em: 29 jan. 2015.

²¹¹ Disponível em: < <http://www.101greatgoals.com/gvideos/gif-zlatan-ibrahimovic-fails-to-execute-a-elastico-ends-up-hugging-a-hammarby-player/> >. Acesso em: 29 jan. 2015.

²¹² Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=I6vad40xckI> >. Acesso em: 29 jan. 2015.

Capítulo 4

Google. Dessa vez para “*flick-flack*” e *football*. Analisamos 50 dos 55.700 resultados e validamos o termo como sinônimo de *flip flap*.

Encontrados os equivalentes, retornamos ao *corpus* e geramos linhas de concordância para *flip flap*, *flip-flap*, *elastico* e *flick-flack*, na esperança de encontrar alguma ocorrência. Entretanto, não obtivemos nenhuma linha de concordância para essas palavras de busca.

Poderíamos interpretar o resultado da busca de forma negativa e entender que o *corpus* não está balanceado ou que não é representativo da terminologia do futebol em inglês. Contudo, dadas as raízes interdisciplinares de nossa pesquisa, acreditamos que a ausência do termo em inglês no *corpus* é resultado de dois fatores principais: 1) o estilo do futebol inglês, que prioriza resultados em detrimento de belas jogadas. Ademais, nenhum dos jogadores contemporâneos que executam o drible – Neymar, Cristiano Ronaldo²¹³ e Ronaldinho Gaúcho – joga na Inglaterra. Por esse motivo, a probabilidade de encontrar alguma ocorrência no *corpus* é, por natureza, bastante baixa; e 2) a forma-representação do futebol brasileiro. Embora a frequência de ‘elástico’ seja baixa no *corpus* e as ocorrências encontradas no Google descrevam quase sempre o mesmo ‘elástico’, não é raro encontrar ocorrências em inglês que estabelecem ligação entre a dificuldade e a plasticidade do drible com o futebol brasileiro. Observemos o exemplo abaixo:

A short history of the flip flap, by way of Japan and Algeria
*The elastico, or flip flap, is the property of Roberto Rivelino: that’s how the old story goes. That mustachioed Corinthians and Fluminense trickster—star of three World Cups for Brazil—is lauded as its flair-filled inventor; he was a player who loved (perhaps even lived) to tease and torment defenders, first with a tentative, deft little leftward flick, and then next with the obligatory darting switch back inside. It was a move full of purpose, and one that almost invariably resulted in the beating of a man, the setting up of a teammate, or the rifled shot at goal. Sometimes, just sometimes, he would even score.*²¹⁴

Apesar de o título mencionar Japão e Argélia, o exemplo foi retirado de um artigo sobre a origem do drible e relata a história de Rivelino, fazendo, em todo o

²¹³ O jogador Cristiano Ronaldo jogou no *Manchester United* de 2003 a 2009, e nosso *corpus* de estudo foi compilado nos anos de 2013 e 2014. Além disso, o jogador atingiu sua melhor fase a partir de 2009, quando conquistou títulos e prêmios, e ficou conhecido como jogador extremamente técnico e habilidoso.

²¹⁴ Disponível em: < <http://inbedwithmaradona.com/journal/2013/4/22/a-short-history-of-the-flip-flap-by-way-of-japan-and-algeria> >. Acesso em: 29 jan. 2015.

Capítulo 4

texto, inúmeras referências à genialidade do jogador. A figura que segue é a capa de uma compilação de ‘elásticos’ em um vídeo do *YouTube*:

Figura 53: Tutorial do *Youtube* com uma compilação de ‘elásticos’ executados por Ronaldo.²¹⁵

O exemplo, título de um tutorial do *YouTube* que demonstra como executar o drible por meio de uma compilação de ‘elásticos’ dados por Ronaldo, descreve o drible como uma “técnica impossível” executada por um jogador brasileiro.

Ao fim da análise, concluímos que ‘elástico’, um dos dribles mais respeitados do futebol, possui três equivalentes em inglês: *flip(-)flap*, *elastico* e *flick-flack*. Também constatamos que o drible raramente acontece em partidas oficiais e, quando algum jogador consegue executá-lo com perfeição, ganha espaço significativo na mídia, tanto profissional (jornais e periódicos esportivos), quanto amadora (vídeos do *YouTube* que são postados por fãs de futebol).

4.10 chocolate

²¹⁵ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=uVueW6X7TM0> >. Acesso em: 29 jan. 2015.

Capítulo 4

Um exemplo de termo que surgiu em um momento histórico específico é o termo “chocolate”, utilizado quando um time vence o outro com grande diferença de gols. Observemos o exemplo que segue:

*Gol da Alemanha! **Chocolate** sobre o Brasil vira piada na internet*
*Internautas fizeram de uma partida de video-game uma simulação do fatídico 7 a 1 da Alemanha no Brasil, inspirado no Barcelona x Fluminense, clássico da internet.*²¹⁶

A origem da expressão, que ocorre 161 vezes no *corpus*, é incerta; no entanto, a ideia de que tenha surgido em uma partida do Campeonato Brasileiro em 1981, em que o Vasco goleou o Internacional por 4 – 0, é compartilhada por muitos. Na época, o resultado foi considerado uma vingança pela derrota da final do Campeonato Brasileiro de 1979, em que o Internacional derrotara o Vasco. Na final de 1981, durante a derrota do Internacional, o narrador Washington Rodrigues teria tocado a música “El bodeguero”, do cubano Richard Egües, cujo refrão é “Toma chocolate / Paga lo que debes”.

Não encontramos, em nosso *corpus*, o equivalente em inglês para o termo. Decidimos, então, recorrer ao *Google* e procurar por partidas em que um time tivesse vencido por uma grande diferença de gols. Para tanto, observamos a tabela de resultados do campeonato inglês, selecionamos alguns jogos, lemos as notícias que descrevem as partidas e validamos o termo *cricket score* como equivalente de “chocolate”. Assim como o termo em português, *cricket score* foi utilizado para descrever goleadas:

*As a result, World Cup watchers could be excused for expecting Holland to wrack up a **cricket score** in tonight's 5pm kick-off against Australia, who were beaten by Chile in their opener.*²¹⁷

6:31am: 5-0

*Khedira scores Germany's fifth in the first half. An easy shot on target past Cesar. We joke about a **cricket score**, but sadly, that's the way it's headed.*

*Incredible scenes, I think everyone is stunned we're still 15 minutes from half time.*²¹⁸

²¹⁶ Disponível em: < <http://www.foxsports.com.br/videos/302603331928-gol-da-alemanha-chocolate-sobre-o-brasil-vira-piada-na-internet> > Acesso: 15 ago. 2014.

²¹⁷ Disponível em: < <http://www.westerngazette.co.uk/World-Cup-2014-preview-Manchester-United-Holland/story-21254978-detail/story.html> > Acesso: 8 jan. 2015.

²¹⁸ Disponível em: < <http://www.smh.com.au/fifa-world-cup-2014/world-cup-match-centre/world-cup-2014-germany-v-brazil-live-blog-20140708-3bjld.html> > Acesso: 8 jan. 2015.

Capítulo 4

O significado do termo é claro para qualquer inglês com um mínimo de conhecimento sobre críquete e sabe que um placar como 517 x 1 é comum nesse jogo. No entanto, para o brasileiro comum, que pouco ou nada entende de críquete, o termo não faz o menor sentido, já que seu significado só é alcançado por meio da análise do contexto sociocultural em que está inserido.

Os exemplos acima foram retirados de notícias sobre a partida que perdemos por 7x1 para a Alemanha na semifinal da Copa do Mundo de 2014. Em situações como essa, observamos a importância do corpus de validação da Copa do Mundo para a identificação de equivalentes não encontrados no *corpus* de estudo.

4.11 carregador de piano

Ao analisar os últimos itens das palavras-chave, a ocorrência ‘carregador’ chamou a atenção. Geramos, então, linhas de concordância para a palavra e observamos cinco ocorrências de ‘carregador de piano’. Vejamos o contexto de uma dessas ocorrências:

*Juvenal troca estrela por ‘carregador de **piano**’ e diz que Lucas é só sonho*²¹⁹

Como desconhecíamos o termo, recorremos ao *Google* para entender seu significado. Na busca, um dos *links* disponibilizados foi o do dicionário *Aulete digital*²²⁰, que apresenta as seguintes definições:

1 Fig. Pessoa trabalhadora, que recebe bem tarefas pesadas ou difíceis.

*2 Esp. Jogador que se dedica com afinco a suas funções, sem estrelismo.*²²¹

O dicionário, além de apresentar uma definição para o termo na língua geral, apresenta, também, uma definição para o termo dentro do domínio esportivo.

²¹⁹ Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/sao-paulo/noticia/2013/12/juvenal-troca-estrela-por-carregador-de-piano-e-diz-que-lucas-e-so-sonho.html> >. Acesso em: 15 abr. 2014.

²²⁰ Disponível em: < <http://www.aulete.com.br> >. Acesso em: 13 jan. 2015.

²²¹ Disponível em: < <http://www.aulete.com.br/carregador> >. Acesso em: 13 jan. 2015.

Também encontramos uma definição mais detalhada no livro *Cabeça-de-bagre: Termos, expressões e gírias do futebol* (RIBOLDI, 2008):

Carregador de piano: com pouca habilidade, mas tem muito fôlego e é eficiente para desarmar, tirar a bola do adversário e para realizar tarefas pesadas de seguir o oponente.

Consultamos, ainda, o *Yahoo!Respostas*²²², site em que os internautas fazem perguntas sobre diferentes assuntos e recebem respostas ao compartilhar fatos, opiniões e experiências pessoais, e analisamos as respostas para a pergunta: *O que significa carregar o piano no futebol?*²²³. Observemos as respostas:

The screenshot displays a Yahoo! Respostas thread. The question is "O que significa carregar o piano no futebol?" with a star icon. The update text says "Atualização : deem exemplos de jogadores que 'carregam o piano' tbm". There are 6 answers, sorted by "Classificada como mais alta".

- Galvão Bueno O Mais Clubista e Fanático** responded 2 months ago. His answer: "É o jogador que corre igual louco na marcação e se mata para os jogadores talentosos aparecerem. Normalmente é um primeiro volante, grosso, sem técnica, que só chega na base da bicuda na cara. Um bom exemplo é o Ralf do coríntia." It has 1 like and 0 dislikes.
- GALVÃO** responded 1 month ago. His answer: "JOAGR PELOS OUTROS". It has 0 likes and 0 dislikes.
- WallaceTds** responded 2 months ago. His answer: "Jogar pelo time inteiro, sacrificar-se pelos outros jogadores. Um exemplo era o Ralf do corinthians, teve um tempo que se abola não chegasse nele o resto do time não funcionava, e o cara também se arricava na defesa e no ataque." It has 0 likes and 0 dislikes.
- Ricio SCCP** responded 2 months ago. His answer: "O 'carregador de piano' é assim o centrocampista cuja função maior é estar em todo o lado e carregar a equipa, por assim dizer o piano, para a frente. Este carregar não é só o mero recuperar de bola para lançar a jogada." It has 0 likes and 0 dislikes.

Figura 54: Parte das respostas para a pergunta “O que significa carregar o piano no futebol?”.

²²² Disponível em: < <https://br.answers.yahoo.com> >. Acesso em: 13 jan. 2015.

²²³ Disponível em: < <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20141102152715AASTYPO> >. Acesso em: 13 jan. 2015

Capítulo 4

Com base nas definições dos dois dicionários e nas respostas do *Yahoo!Respostas*, podemos concluir que ‘carregador de piano’ é um jogador, na maioria das vezes um meia ou um centroavante, sem muita técnica, e que normalmente atua na marcação, mas que também ajuda no ataque. Ou seja, o jogador desempenha mais de uma função em campo, mas não tem a mesma fama de alguns de seus colegas de equipe. Entendido o significado e o uso do termo em português, o próximo passo foi tentar encontrar em nosso *corpus* um possível equivalente em inglês.

Primeiramente, por curiosidade levantamos linhas de concordância para a palavra *piano* em inglês e, como já esperávamos, não obtivemos nenhum resultado. Como sabíamos que um ‘carregador de piano’ é, frequentemente, um meia ou um centroavante, pedimos linhas de concordância para os termos *midfielder* [volante], *striker* [atacante] e *centre forward* [centroavante] alinhadas pelas três primeiras palavras à esquerda, devido à ordem dos adjetivos em inglês, e analisamos todas as ocorrências. Mais uma vez, não encontramos candidato(s) a equivalente(s). Por esse motivo, recorremos ao *Google* e, sem muitas alternativas de busca, pesquisamos pelo nome do jogador Ramires meio-campo do *Chelsea*, pois, enquanto conduzíamos a análise em português, deparamos com um artigo que descrevia Ramires como um carregador de piano:

Não é preciso entender de astrologia para constatar que Felipe Melo está longe de ser um astro, uma estrela, algo mais que um carregador de piano. ~~Dá pena dele.~~

Mas carregadores de piano são peças fundamentais na cabeça de quem pensa no futebol como Dunga, razão pela qual nada indica que Ramires deixará de ser só uma arma para o segundo tempo.

A vida é assim: começamos pedindo Hernanes, Ganso, Ronaldinho. Mas, diante da dureza da realidade, passamos a nos contentar com um jogador como Ramires. E com a absoluta convicção de que nem assim seremos atendidos.

blogdojuca@uol.com.br

Figura 55: Parte do artigo que descreve o jogador Ramires como carregador de piano.²²⁴

²²⁴ Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0906201014.htm> >. Acesso em: 06 jan. 2015.

Capítulo 4

Em inglês, a busca retornou vários *links* com a biografia ou descrições do jogador. O primeiro *link* direcionou para a entrada ‘Ramires’ na *Wikipedia* e, ao ler o primeiro parágrafo, deparamos com um termo que chamou a atenção: *box-to-box midfielder*. Observemos a descrição nesse *site*:

Ramires

From Wikipedia, the free encyclopedia

This name uses Portuguese naming customs. The first or maternal family name is Santos and the second or paternal family name is do Nascimento.

Ramires Santos do Nascimento (Brazilian Portuguese: [ʁaˈmĩɾes ˈsẽtus du nasiˈmẽtu]); born 24 March 1987), known as **Ramires**, is a Brazilian professional footballer who plays for English club **Chelsea** and the **Brazil national team**. A **midfielder**, he is comfortable playing in either the **centre** or right midfielder position. He normally plays as a **box-to-box midfielder** role because of his energy in supporting defensive and offensive play. His attacking and defensive mentality have led to comparisons to former Chelsea teammate **Michael Essien**.

Ramires began his career playing for Royal Sport Club. In 2005, he signed for **Joinville**, before joining **Cruzeiro**, whom he spent just over two seasons with, appearing in 61 league matches and scoring 10 times. In 2009, Ramires moved to Portugal and signed for **Benfica** from **Cruzeiro**. He spent one season with **Benfica** in which he helped them to the **Primeira Liga** title, five points clear of second-placed **Braga**. He then joined English club **Chelsea** in the summer of 2010 on a four-year contract. He made his **Chelsea** debut in a 2–0 win against **Stoke City** in late August 2010 and scored his first goal in a 4–0 victory against **Bolton Wanderers**.^[5]

Figura 56: Entrada ‘Ramires’ na *Wikipedia*.

Clicamos no *hiperlink* de *box-to-box midfielder* e encontramos a seguinte definição:

Box-to-box midfielder [\[edit\]](#)

The term **box-to-box midfielder** refers to central midfielders who have good mobility and are skilled at both defending and attacking.^[5] These players can therefore track back to their own **penalty box** to make tackles and block shots, and also run to the opponents' box to try and score.^[6]

Figura 57: Definição de *box-to-box midfielder* na *Wikipedia*.

Como podemos observar, a definição é bastante parecida com as definições de ‘carregador de piano’ em português. A única diferença é que a definição da *Wikipedia* não faz menção ao estrelato. Diferente do português, que usa um termo da língua geral no domínio do futebol, o termo em inglês faz referência às duas áreas do campo. Dessa forma, o *box-to-box midfielder* “carrega a bola” de uma área (defesa) até a outra (ataque).

Capítulo 4

Antes de validar *box-to-box midfielder* como equivalente de ‘carregador de piano’, realizamos uma busca no Google para “*box-to-box midfielder*” no ano de 2014 a fim de verificar quais jogadores são descritos como *box-to-box midfielders*. Apesar de ter filtrado os resultados para o ano de 2014, a busca retornou um artigo de 2012 intitulado *15 Best Box-to-Box Midfielders in the World Right Now*²²⁵. O artigo menciona jogadores como o próprio Ramires, além de Asturo Vidal, do *Juventus*, e Daniele De Rossi, do *Roma*, ambos com reputação de ‘carregadores de piano’. Sendo assim, validamos *box-to-box midfielder* como equivalente de ‘carregador de piano’.

Um achado interessante durante a pesquisa do equivalente em inglês foi o possível motivo pelo qual o termo possui baixa frequência tanto no *subcorpus* em português quanto no *subcorpus* em inglês: a função do meia, que atua tanto na defesa quanto no ataque, parece estar em declínio. Observemos os seguintes trechos:

*By contrast, Kroos is dynamic and hardworking. He can play at the back of midfield or at the front, in the centre or on the flank. He could almost certainly play as a box-to-box midfielder in a 4-4-2 if he ever were asked to do something so archaic. He is creative without being flash, breaks up play without being violent. He is physically robust without being a monster and astute in possession without over-reaching*²²⁶.

*The Question: is the box-to-box midfielder dead?*²²⁷

Nos dois trechos, a discussão do papel do ‘carregador de piano’ no futebol atual aponta para um possível fim desse tipo de jogador, que parece não encontrar lugar nos esquemas táticos adotados mais recentemente. Seguindo essa lógica, a baixa ocorrência dos termos nos dois *corpora* é perfeitamente justificada, uma vez que a presença desse tipo de jogador em campo é cada vez mais rara.

4.12 carretilha; lambreta

²²⁵ Disponível em: < <http://bleacherreport.com/articles/1005399-15-best-box-to-box-midfielders-in-the-world-right-now> >. Acesso em: 13 jan. 2015.

²²⁶ Trecho retirado de um artigo intitulado *The Question: How is interpretation of the playmaker role changing?* (Como a interpretação do papel dos jogadores está mudando?). Disponível em: <<http://www.theguardian.com/football/blog/2013/apr/04/playmaker-toni-kroos-mesut-ozil>>. Acesso em: 13 jan. 2015.

²²⁷ Título de um artigo que discute se a função ‘carregador de piano’ está morta. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/sport/blog/2009/apr/22/where-have-box-to-box-midfielders-gone>>. Acesso em: 13 jan. 2015.

Capítulo 4

Uma ocorrência que nos instigou a pesquisar mais sobre seus colocados foi o adjetivo ‘linda’, com 182 ocorrências. Geramos linhas de concordância para ‘linda’ a fim de encontrar padrões linguísticos e deparamos com a colocação ‘linda carretilha’, com duas ocorrências. Geramos, então, linhas de concordância para ‘carretilha’ e obtivemos um total de três ocorrências. Sabíamos de antemão que ‘carretilha’ é um drible em que o jogador puxa a bola com um calcanhar e a levanta com o outro, fazendo com que passe por cima do oponente, e a domina do outro lado, de modo a dar sequência à partida²²⁸.

Pesquisamos sobre o drible na *internet* e conversamos com especialistas da área. Tanto os *sites* quanto os especialistas definem o drible como um movimento de difícil execução, que exige alto grau de habilidade do jogador e seu uso é comumente associado à depreciação do adversário.

Durante a pesquisa realizada, deparamos com o termo ‘lambreta’, utilizado como sinônimo²²⁹ de ‘carretilha’. O termo não faz parte da lista de palavras-chave e ocorre uma única vez no *corpus*. Nesse caso, o nome do drible pode ser associado ao movimento que a linha de pesca faz quando o pescador solta a carretilha e joga a isca na água; no caso de ‘lambreta’, o nome pode ser associado à pedalada necessária para dar partida no motor do veículo.

No que se refere ao surgimento do drible, Kaneko, ex-ponta-direita do Santos, é conhecido como pai da ‘lambreta’ no Brasil. Em um jogo entre Santos e Botafogo-SP pelo campeonato Paulista de 1968, Kaneko, na linha de fundo, diante do lateral Carlucci, colocou a bola entre as duas chuteiras e, de calcanhar, a lançou sobre a cabeça do lateral. Em seguida, cruzou para a pequena área e Toninho Guerreiro, centroavante dotado de muita habilidade, balançou as redes do goleiro Dirceu Hugo da Roz. O Santos venceu e o jogo permaneceu na memória dos torcedores devido à jogada de Kaneko.

²²⁸ Para visualizar um vídeo com a execução do drible acesse: < <http://www.dailymail.co.uk/video/football/video-1054304/6-year-old-boy-shows-rainbow-flick.html> >. Acesso em: 6 jan. 2015.

²²⁹ Conforme discutido no item 1.4 uma das grandes vantagens de se trabalhar com a terminologia do futebol no Brasil é que nossa categoria de especialistas abrange desde acadêmicos de várias áreas que têm o futebol como objeto de estudo de suas pesquisas, até avôs, tios e conhecidos que são apaixonados pelo esporte. No caso de ‘lambreta’ e ‘carretilha’, utilizamos nosso conhecimento da área, assim como conversas com especialistas, para validar os dois termos como sinônimos.

Capítulo 4

Ao ler *sites* sobre futebol e *blogs* de aficionados pelo esporte, encontramos menções de ‘lambretas’ mais antigas. As mais populares são as de Carlinhos Ramos Leal, ponta do *Esporte*, sobre o lateral Jaiminho, do *Náutico*, no Campeonato Pernambucano de 1950, e a de Maurinho, ponta do *Fluminense*, sobre Barbozinha, do *Vasco*, em um clássico no Maracanã em 1960.

Dado bastante curioso é que, ao pesquisar o drible na *internet*, confirmamos as informações dadas pelos especialistas: ‘carretilha’ ou ‘lambreta’ é um movimento de difícil execução e é cada vez mais raro em partidas oficiais. Por esse motivo, o número de ocorrências no *corpus* é bastante baixo. Grande parte das ocorrências ressaltam a dificuldade e a beleza da jogada e, além disso, a maioria dos *links* faz referência a uma mesma partida, fato também confirmado nas ocorrências encontradas no *corpus*:

Alguém ainda vai quebrá-lo.

*Eu pensei dez vezes, ia quebrá-lo todo. No lance que ele ia tentar dar a **carretilha**, eu ia grudá-lo na tela. Uma coisa que eu não admito é falta de respeito, e Neymar estava faltando com respeito. Ele não precisa disso, não precisa fazer graça. Por isso, admiro o Ronaldinho Gaúcho e o Ronaldo Fenômeno. Sempre jogaram o futebol que jogaram sem menosprezar ninguém – declarou Nunes.*²³⁰

*Que bonito! Cicinho dá uma **lambreta** e encobre Zizão aos 12 do 1º tempo.*²³¹

Na primeira ocorrência, o drible não chegou a ser executado. Neymar ia dar a carretilha, mas desistiu e não executou o drible. Na segunda, retirada de uma narração em tempo real, o narrador embeleza a jogada de Cicinho, do Corinthians, sobre Zizão, da Ponte Preta. Observamos que todas as páginas da *internet* que mencionam o drible enfatizam a plasticidade da jogada. Notamos que adjetivos como ‘fantástico(a)’, ‘lindo(a)’ e ‘belo(a)’, e a locução adjetiva ‘de encher os olhos’ coocorrem frequentemente com ‘lambreta’ e ‘carretilha’. Ademais, encontramos também outros

²³⁰ Disponível em: <<http://blogs.band.com.br/marcondesbrito/2013/01/24/palmeiras-e-flamengo-admitem-publicamente-que-estao-na-pindaiba/>>. Acesso em: 6 jan. 2015.

²³¹ Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/globocom/tempo-real/v/que-bonito-cicinho-da-uma-lambreta-e-encobre-zizao-aos-12-do-1o-tempo/2363145/>>. Acesso em: 6 jan. 2015.

Capítulo 4

dois sinônimos: ‘lençol psicodélico’, utilizado pelos jornalistas²³², e ‘rodoblê’, como ficou conhecido entre os jogadores²³³.

Após entender a dinâmica do drible em português, o próximo passo foi procurar seu equivalente em inglês. Como sabíamos de antemão que o drible raramente ocorre em partidas oficiais e que, por esse motivo, o número de ocorrências provavelmente não seria alto, o primeiro passo foi analisar os *hapax legomena* na *wordlist* do *corpus* em inglês. Após descartar alguns candidatos a equivalente, chegamos ao termo *rainbow flick*. Observemos a ocorrência no *corpus*:

*Wow! Robinho pulls off a **rainbow flick** over Alexis Sanchez!*²³⁴

Após assistir ao vídeo que demonstra esse drible, validamos *rainbow flick* como equivalente de ‘lambreta’ e ‘carretilha’. Contudo, uma dúvida nos ocorreu: será que, assim como em português, o termo possui sinônimos em inglês?

Não foi possível responder à pergunta por meio da análise do *corpus* dada a baixa probabilidade de ocorrência do drible em uma partida. Além disso, já tínhamos descartado os outros possíveis equivalentes. Realizamos, então, uma busca no *Google* para “*rainbow flick*” e a primeira ocorrência da primeira página de resultados esclareceu nossa dúvida:

²³² Para informações mais detalhadas, acessar: < <http://santosfc.com.br/2010/03/ha-42-anos-ex-ponta-kaneko-dava-lencol-psicodelico-em-jogo-na-vila/> >. Acesso em: 6 jan. 2015.

²³³ Para informações mais detalhadas, acessar: < <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0299t.htm> >. Acesso em: 6 jan. 2015.

²³⁴ Vídeo do drible disponível em: < <http://www.101greatgoals.com/gvideos/wow-robinho-pulls-off-a-rainbow-flick-over-alexis-sanchez/> >. Acesso em: 6 jan. 2015.

Capítulo 4

Figura 58: Resultado da busca para “rainbow flick” no Google.

Clicamos no *link* da *Wikipedia*²³⁵ e lemos os sinônimos apresentados pelo *site*. Verificamos se algum deles estava presente em nosso *corpus* e não encontramos nenhuma ocorrência.

Conforme discutido anteriormente, sabemos que dificilmente encontraremos respostas para todas as perguntas de uma pesquisa em um *corpus*. Por esse motivo, realizamos buscas individuais no *Google* para cada um dos termos apresentados. Utilizamos a busca avançada, restringimos a pesquisa para *sites* de domínio *.uk* e validamos *rainbow kick*, *lambretta flick*, *lambretta dribble*, *reverse flick-over*, (*Ossie Ardiles' flick* e *Jay Jay Okocha* e *the Okocha* como sinônimos de *rainbow flick*²³⁶.

*His winning goal against Senegal in the quarterfinal will eternally remain one of the greatest moments in Turkish sporting history, and his robust performances as a substitute mirrored the tough, no-nonsense approach of the team. Yet Mansiz was not short on flair either, famously bamboozling all-time great Roberto Carlos with a stunning **rainbow kick** in the tournament before being hastily bundled to the ground by the Brazilian defender.*²³⁷

²³⁵ Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Main_Page>. Acesso em: 6 jan. 2015.

²³⁶ Não validamos alguns termos apresentados pela *Wikipedia*, pois não encontramos nenhuma ocorrência no *Google* com exceção da ocorrência na própria *Wikipedia*.

²³⁷ Disponível em: <<http://sports.yahoo.com/news/olympics--from-the-world-cup-to-the-olympics--ilhan-mansiz-s-unlikely-journey-152423720.html>>. Acesso em: 7 jan. 2015.

Capítulo 4

*Video: Neymar's brilliant **Lambretta flick***²³⁸

*South American football expert Tim Vickery joins H&J to wax lyrical about Tottenham target Leandro Damiao's rapid rise to prominence, and his trademark **Lambretta dribble**.*²³⁹

*The ball reached Rakitic on the half-way line and Pepe, who was completely outside his area, raced to the left flank to try to block the Croatian's counter-attack. The Portuguese centre-back was subjected to an unforgettable **reverse flick-over** and he tried helplessly and clumsily to keep up with Rakitic's charge.*²⁴⁰

*The game itself will always be remembered for a stunning goal from Glenn Hoddle, the famous high-flying volley from Ossie Ardiles' **flick** that rattled into the top corner of Gary Bailey's net.*²⁴¹

*Jay Jay Okocha, "the Okocha", football soccer move*²⁴²

Lambretta flick, lambretttta dribble e reverse flick-over descrevem o percurso realizado pela bola durante a execução do drible. Infelizmente, para validar os termos em inglês não contamos com a ajuda de especialistas, como foi possível proceder em relação aos termos em português. Contudo, nossas hipóteses puderam ser comprovadas ou não por meio de *blogs*, *fóruns* e *livros* disponíveis no *Google Books*²⁴³. Associamos *lambretta flick* e *lambretta dribble* ao movimento da bola, uma vez que o referencial é o mesmo em português. No caso de *rainbow flick*, encontramos uma explicação bastante interessante no livro *The Global Art of Soccer*²⁴⁴. Segundo Witzig (2006, p. 93), autor da obra, o drible é tão fantástico que sua execução, sobre o oponente, pode ser associada a um pintor que pinta um arco-íris. Novamente, devido à alusão ao movimento da bola, essa explicação se aplica também ao termo *rainbow kick*. Por fim, *reverse flick-over* descreve o percurso da

²³⁸ Disponível em: <<https://uk.eurosport.yahoo.com/video/15092011/58/neymar-brilliant-lambretta-flick.html>>. Acesso em: 7 jan. 2015.

²³⁹ Disponível em: <<http://talksport.com/radio/hawksbee-and-jacobs/blog/2011-09-21/tim-vickery-tottenham-target-leandro-damiao-lambretta-dribble#SPsh8QYxSV7Gy0jY.99>>. Acesso em: 7 jan. 2015.

²⁴⁰ Disponível em: <http://www.sport.net/what-bale-did-is-criminal_158342>. Acesso em: 7 jan. 2015.

²⁴¹ Disponível em: <<http://www.tottenhamhotspur.com/news/view-from-a-legend3-110909/>>. Acesso em: 7 jan. 2015.

²⁴² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Xp5kMTm6wnQ>>. Acesso em: 7 jan. 2015.

²⁴³ Disponível em: <<http://google.com.au/books>>. Acesso em: 7 jan. 2015.

²⁴⁴ Disponível em: <http://books.google.co.uk/books?id=H2T0ZD5S86QC&pg=PA25&vq=rainbow&dq=turkey+brazil+rainbow+carlos&source=gbs_search_s&cad=5&sig=ACfU3U1vKMi8u4NpTNCWK7IEWE3LR0ws-g#v=onepage&q=rainbow&f=false>. Acesso em: 7 jan. 2015.

Capítulo 4

bola na jogada. Já (*Ossie Ardiles' flick* e *Jay Jay Okocha* ou *the Okocha* fazem referência a jogadores que executavam o drible com maestria.

O drible aparece no filme 'Fuga para a vitória' (*Escape to Victory*), que relata a vida de prisioneiros de guerra em um campo nazista na Alemanha durante a segunda Guerra Mundial. Na narrativa, o major Karl von Steiner, que fora jogador da seleção alemã, decide realizar um jogo entre um time alemão e um combinado composto por prisioneiros. O ex-jogador argentino Osvaldo César Ardiles, conhecido na Inglaterra como Ossie Ardile, interpreta Carlos Rey, prisioneiro que 'dá uma lambreta' espetacular em um dos jogadores alemães.

O drible também ficou conhecido com *Jay Jay Okocha* ou *The Okocha* devido à desenvoltura com que o jogador nigeriano Augustine Azuka Okocha, mais conhecido como Jay-Jay Okocha, o executava. Okocha, maior craque da Nigéria, mudou-se para a Alemanha em 1993 para defender o *Borussia Neukirchen* e, mais tarde, o *Eintracht Frankfurt*, popularizando, em terras alemãs, o drible que, com o tempo, passou a levar seu nome. Okocha passou por outros cinco clubes ao longo de sua carreira. Jogou pelo *Fenerbahçe*, da Turquia, pelo *Paris Saint-Germain*, da França, pelo *Bolton Wanderers*, da Inglaterra, pelo *Qatar FC* e pelo *Hull City*, também na Inglaterra, onde, assim como na Alemanha, popularizou o drible.

Um achado interessante sobre o *rainbow flick* e seus sinônimos é que, assim como no Brasil, o drible é considerado de alta dificuldade e, embora existam várias ocorrências no *Google*, grande parte delas faz referência a uma mesma partida. Por exemplo, encontramos 25 ocorrências descrevendo a 'lambreta' que Roberto Carlos tomou do jogador Ilhan Mansız da Turquia na Copa de 2002. Ademais, a maioria das ocorrências não foi encontrada nas mesmas tipologias textuais que compõem nosso *corpus* de estudo (textos jornalísticos sobre resultados de partidas, narrações minuto a minuto, transmissão social e textos sobre compra e venda de jogadores), mas sim em tutoriais sobre como dar o drible ou em *sites* que tem o futebol como temática, mas que não possuem textos sobre resultados de partidas. Observemos os exemplos que seguem:

Figura 59: Tutorial do drible *Jay Jay Okocha* no *YouTube*

wikiHow
to do anything

Google Custom Search

Search

EDIT

Article Edit Discuss

Home » Categories » Sports

How to Do a Rainbow in Soccer

Edit Article

142,129 views 34 Editors Updated 4 weeks ago

Two Methods: ■ Practicing the Rainbow While Stationary ■ Using the Rainbow on the Field

The soccer rainbow is a flashy move that amazes the crowd and can double as an offensive tool to push the ball forward. It's a slightly tricky technique that involves using your foot to scoot the ball up your leg, then kicking it with your opposite heel so that it arcs neatly over your head. Read on to learn more about how to do a rainbow.

Method 2 of 2: Using the Rainbow on the Field

- 1 Dribble the ball fairly quickly towards a defender.** You can use the rainbow to switch the direction of the ball right when a defender is trying to steal it.

- 2 Place your dominant foot's heel in front of the ball while leaning forward a bit.** This is important because if you don't lean forward, the ball will go backwards.

- 3 Follow through with your foot.** Once the ball rolls up to knee level, follow through with your foot so that the ball gets some air as it rolls off of your leg. You want the ball to be positioned just over your heel. So if you used your right foot to roll the ball up your left leg, guide the ball off of your leg once it reaches the knee; it should float down just behind your left heel.

4 Land on your dominant foot as you kick the ball with your heel. Now the foot you used to roll the ball should land on the ground. At the same time, use the heel of your other foot to kick the ball upward with your heel. For right-handers, that means your right foot will hit the ground as your left heel kicks the ball, arcing it over your head.

- This process must happen very quickly in order to work properly. Practice rolling and kicking over and over until you're able to move your legs fast enough to get it right.
- You want to strike the underside of the ball in an upward motion to get it to arc up and over your head. Practice until the ball lands right in front of your body.
- Lean forward a bit as you land and kick. This will help the ball move in the right direction.

■ Method 2 of 2: Using the Rainbow on the Field

5 Lean forward and kick the ball with your heel. Do this as you land on your dominant foot. The ball should arc up and over the defender, and they will likely be confused about where it went, and you can run around the defender and continue moving with the ball.

Tips

- This is done while running, so don't stray too far from your natural step. It will just happen. Don't worry too much about where the ball will go. But don't run too fast or it will be difficult to roll the ball up.
- If, after a while, the ball just ends up being kicked in the air by the heel and lands behind you, try running at the ball to gain more momentum, but remember to keep the move as one motion. If you can easily get the ball to go over your head, a cool trick is to incorporate that with juggling, or if you run at the ball diagonally, you can sometimes get the ball to go over your shoulder or in a specific direction.
- The last step will take a long time to get right, the entire step should be one motion, and with practice, you will naturally do the step with ease.

Figura 60: Instruções de como executar o drible no site *Wikihow* em inglês.

The story is utter nonsense – revolving around the Nazis taking on a POW team in a bizarre exhibition match – but against the odds the finale is both entertaining and exhilarating, featuring the Ardiles’ flick, the Pele bicycle kick, and a truly great escape²⁴⁵.

O primeiro exemplo (figura 59) é um vídeo que ensina, passo a passo, como realizar o drible. Como discutido anteriormente, esse tipo de tutorial é muito comum em inglês devido ao modo como o futebol foi implementado na Inglaterra, sempre privilegiando o didatismo. Didatismo, esse, que só surgiu no futebol brasileiro mais recentemente por meio das escolinhas de futebol e que ainda não se manifestou na criação de tutoriais *on-line*.

²⁴⁵ Disponível em: < <http://au.ign.com/articles/2014/06/12/the-greatest-football-movies-ever-made> >. Acesso em: 7 jan. 2015.

Capítulo 4

Assim como o primeiro, o segundo exemplo (figura 60), extraído do *site WikiHow*, reflete a didática do futebol na Inglaterra. A *WikiHow* é uma comunidade da *Wikipedia* com guias de “*how-to*” (como fazer). No *site*, é possível encontrar diversos tipos de tutoriais, desde como dar um determinado drible no futebol, trocar o pneu de um carro e, até mesmo, treinar para ser um ninja ou dar um nó na haste da cereja com a língua. Assim como a *Wikipedia*, o *site* está disponível em diversas línguas e não faz distinção entre inglês britânico e inglês americano e nem entre português do Brasil e de Portugal²⁴⁶. Contudo, por ser um dos *sites* de pesquisa mais acessados do mundo, levamos em consideração as informações presentes na *Wikipedia* e na *WikiHow* em nossa análise. Na verdade, mais do que disponibilizar informações linguísticas, os dois *sites* são ótimas fontes para um melhor entendimento de como falantes nativos do inglês e do português vivem, relatam e entendem o futebol. A primeira diferença significativa entre a *WikiHow* em português e a *WikiHow* em inglês é que encontramos um artigo para a maioria dos dribles que procuramos em inglês, mas raramente para aqueles em português. Não encontramos dados exatos, mas acreditamos que a *WikiHow* em inglês possui um número de artigos bastante superior à versão em português, comprovando, de certa forma, o interesse das culturas inglesas em geral em aprender por meio de tutoriais, pois, nesse sentido, não podemos considerar somente a Inglaterra. Além disso, as instruções dadas em inglês para a execução dos dribles são sempre bem detalhadas, ao passo que as instruções em português são bem sucintas, demonstrando, novamente, como o conceito *high and low context cultures* ajuda a melhor compreender as diferenças nos gêneros textuais entre duas línguas ou culturas.

O terceiro exemplo foi retirado de um artigo intitulado *The greatest football movies ever made*²⁴⁷, que lista os melhores filmes de futebol existentes e os mais belos passes e dribles.

²⁴⁶ A *Wikipedia* utiliza o termo *soccer* (inglês americano) para se referir ao futebol a fim de diferenciá-lo do futebol americano, conhecido nos Estados Unidos como *football*. No entanto, sempre que uma busca pelo termo *football* é realizada, o internauta é direcionado para uma página de desambiguação onde clica no esporte que está procurando: *football* (futebol americano) ou *soccer* (*Association football*).

²⁴⁷ O artigo foi publicado em um *site* australiano, mas o autor morou na Inglaterra por sete anos e se descreve como aficionado pelo esporte, o que o enquadra em nossa categoria de especialistas.

Capítulo 4

Embora o número de ocorrências seja baixo nas duas línguas, o drible é frequentemente associado a jogadores brasileiros, que, por sua vez, são descritos como habilidosos. Observemos os exemplos abaixo:

*It is rarely used in modern professional football, as it has a relatively low success rate, **but players with high confidence and skill** may attempt it from time to time. **Brazilian players such as Neymar, Djalminha, Ronaldinho, Ronaldo and** are among those who have used this trick ...*²⁴⁸

*Wow! Barcelona **star Neymar** scores outrageous rainbow flick goal*²⁴⁹

Tal fato pode ser explicado pelo conceito forma-representação. Sendo assim, a alta incidência da ocorrência de nomes de jogadores brasileiros seguidos de suas aptidões com o drible pode ser resultado da imagem de futebol-arte, alegre e habilidoso que o inglês construiu ao longo dos anos sobre o futebol brasileiro.

4.13 rolinho; caneta; janelinha; sainha

São inúmeros os dribles no futebol: ‘da vaca’ (item 4.3), ‘rolinho’, ‘chapéu’, ‘pedalada’, ‘lambreta’, ‘elástico’ (item 4.9), ‘da foquinha’, entre muitos outros. Com 157 ocorrências, palavra-chave no *corpus* que chamou a atenção foi ‘rolinho’, termo que se refere a um drible em que um jogador rola a bola por baixo das pernas do adversário e corre pelo lado para buscá-la.

Após uma primeira classificação dos dribles encontrados, validamos ‘caneta’ (22 ocorrências), ‘janelinha’ (duas ocorrências), ‘sainha’ (duas ocorrências) e ‘saiote’ (uma ocorrência) como sinônimos de ‘rolinho’. Além das ocorrências no *corpus*, durante discussão com um dos pesquisadores do LUDENS, surgiram os termos ‘janela’ e ‘cana’.

Antes de tentar encontrar o equivalente de ‘rolinho’ em inglês, tentamos, sem muito sucesso, descobrir a origem do termo em português. Nossas pesquisas e conversas com historiadores não renderam nada além do óbvio: ‘rolinho’ descreve a trajetória da bola, que rola por baixo das pernas do adversário; o significado de

²⁴⁸ Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Rainbow_kick>. Acesso em: 8 jan. 2015.

²⁴⁹ Disponível em: <<https://uk.eurosport.yahoo.com/blogs/pitchside-europe/barcelona-star-neymar-scores-outrageous-rainbow-flick-in-charity-match-091149816.html>>. Acesso em: 8 jan. 2015.

Capítulo 4

‘janelinha’ e ‘janela’ pode estar associado às pernas abertas do adversário, que podem ser comparadas a uma janela aberta, onde a passagem está livre; ‘sainha’, ‘saia’ e ‘saio’ podem, de alguma forma, fazer alusão ao ato de a bola passar por baixo das pernas do marcador, assim como ‘rolinho’; os termos ‘cana’ e ‘caneta’ permaneceram sem explicação. Como podemos observar, em alguns casos a história do surgimento de um termo se perde no tempo.

O próximo passo foi a busca do equivalente em inglês. Uma primeira análise da lista de palavras-chave do *subcorpus* em inglês não contribuiu para a identificação do equivalente. Resolvemos, então, buscar textos em português que se referem a partidas dos campeonatos inglês e europeu em que um jogador tivesse ‘dado um rolinho’, para, posteriormente, procurar pelas mesmas partidas em inglês e ler os textos em busca do equivalente.

Nossa pesquisa foi bem sucedida e encontramos a palavra *nutmeg* descrevendo o ‘rolinho’. Mesmo não conseguindo descobrir as raízes do termo em português, resolvemos tentar entender o motivo pelo qual *nutmeg*, palavra em inglês para ‘noz-moscada’, é utilizada para descrever o drible.

Segundo Peter Seddon, autor do livro *The Language and Folklore of the World's Greatest Game*, o uso figurado de *nutmeg* surgiu na Inglaterra Vitoriana. Na época, era uma gíria utilizada para descrever uma situação em que alguém que fora trapaceado ficou com fama de estúpido, sem ação, assim como o jogador que “toma um rolinho”. Isso porque a noz-moscada era um importante produto de exportação para o país e, devido ao seu alto valor, alguns exportadores que queriam se dar bem misturavam a especiaria com pó de madeira a fim de lucrar mais. Dessa forma, *nutmeg* implicava um ato de habilidade e malícia por parte de um dos comerciantes e de estupidez por parte do outro. Ainda segundo o autor, o termo passou, em algum momento da história, a ser utilizado na linguagem do futebol para designar um drible que exige destreza e astúcia de um jogador e inocência, ou estupidez, do marcador.

Enfim, concluímos a análise de *nutmeg* levantando dois pontos: 1) o surgimento de alguns termos está atrelado a momentos históricos específicos; e 2) por mais atraente que seja a hipótese de que o drible é invenção brasileira, alguns relatos parecem contradizê-la. No entanto, em nosso trabalho não devemos e nem podemos ignorá-la, pois é uma hipótese bastante difundida entre pesquisadores, narradores,

Capítulo 4

jornalistas e apaixonados por futebol, sujeitos que reproduzem suas formas-representações para o grande público, tendo reflexo direto nos termos presentes em nosso *corpus*.

4.14 corte seco

Este estudo de caso analisa a problemática da identificação de equivalentes em inglês para alguns passes, toques e movimentos executados pelos jogadores.

O termo selecionado é ‘corte seco’, que apresenta 47 ocorrências em nosso *corpus* de português, número relativamente alto, pois, dada a variedade de dribles existentes no futebol, o número de ocorrências de cada drible tende a ser mais baixo. A maior parte dos dribles apresenta entre dezessete e 50 ocorrências. Chegamos ao termo ‘corte seco’ por meio da análise das linhas de concordâncias de ‘corte’ (154), última palavra-chave de nossa lista.

Corte seco é um drible em que o jogador finge que vai passar ou cruzar a bola, mas, em vez de chutá-la, arrasta a bola por trás do pé que está no chão com a parte de dentro do pé que realizaria o chute. Assim, corta para o outro lado e arranca, com o objetivo de despistar seu marcador.

Analizamos as palavras-chave e até mesmo a lista de palavras do *subcorpus* em inglês, mas não encontramos nenhuma ocorrência que, em um primeiro momento, pudesse ser considerada como possível equivalente de ‘corte seco’. Nesse caso, a alternativa foi selecionar os poucos vídeos do *YouTube* encontrados a partir da palavra de busca ‘corte seco’ seguida pela palavra ‘futebol’ e mostrá-los aos pesquisadores do LUDENS a fim de entender melhor a execução do drible que, até aquele momento, não estava muito clara. Um dos pesquisadores presentes na sala em que o grupo de estudos se reúne fez um comentário que, posteriormente, nos levou ao equivalente de ‘corte seco’: “Tinha um jogador holandês, que jogou no Ajax e no Barça, se não me engano na década de 70, que era conhecido por dar corte seco. Só que não lembro o nome do cara.” Sem muitas opções, entramos na *internet* e buscamos os jogadores dos times do Ajax na década de 70. Ao ler os nomes dos jogadores, outro pesquisador ali presente disse: “Cruyff! Ele é o cara do corte seco!”

Decidimos, então, por curiosidade, se não por falta de opção, realizar uma

Capítulo 4

busca para Johan Cruyff no *Google* e, ao ler os resultados retornados, uma ocorrência chamou a atenção. Observemos a figura 61:

Copa do Mundo 2014 - "Quem foi?": Johan Cruyff ...
globo.com/.../johan-cruyff.../3347752/
"Quem foi?": Johan Cruyff, comandante de uma das maiores revoluções da história do futebol ...

Os 30+ das Copas: 8º Johan Cruyff | Esporte Fino
esportefino.cartacapital.com.br/30-melhores-jogadores-copas-johan-cruy...
Os 30+ das Copas: 8º Johan Cruyff. Postado por Esporte Fino em 04/06/2014. 8 Cruyff. O maior jogador holandês de todos os tempos certamente se ...

O problema do Barcelona é Neymar, diz Johan Cruyff ...
diarionordeste.verdesmares.com.br/.../o-problema-do-barcelona-e-ney...
25/03/2014 - Um dos maiores ídolos da história do Barcelona, o holandês Johan Cruyff, 66, voltou a criticar Neymar, 22. Ex-jogador e ex-técnico do clube ...

Johan Cruyff - Zero Zero
www.zerozero.pt/treinador.php?id=609
Johan Cruyff. Médio. Percurso: Ajax, Barcelona, New York Cosmos [NASL], LA Aztecs, Washington Diplomats, Levante, Milan, Feyenoord ...

Planet World Cup - Legends - Johan Cruyff
www.planetworldcup.com/LEGENDS/cruyff.html Traduzir esta página
Johan Cruyff (Netherlands). Hendrik Johannes Cruyff, born in Amsterdam 1947, began his career at local club Ajax in 1964 where he quickly blossomed into a ...

World Cup: 25 stunning moments ... No25: the Cruyff Turn is ...
www.theguardian.com/.../world-cup-stunning-moments... Traduzir esta página
11/06/2014 - Cruyff At World Cup Johan Cruyff's exhibition of athletic, aesthetic, balletic brilliance in the 23rd minute against Sweden is one of football's most ...

Figura 61: Resultado de busca no *Google* para Johan Cruyff.

Clicamos no *link* para entender *Cruyff turn* e fomos direcionados para a seguinte página:

25 stunning World Cup moments

Previous Blog home Next

World Cup: 25 stunning moments ...

No25: the Cruyff Turn is born in 1974

When Johan Cruyff sold Jan Olsson the mother of all dummies with the subtlest of swerves, the Dutch captain's signature move became world-famous as the enduring symbol of Total Football

Johan Cruyff's exhibition of athletic, aesthetic, balletic brilliance in the 23rd minute

Posted by
Scott Murray
Wednesday 11 June
2014 10.00 BST
theguardian.com
Jump to comments
(311)

Football
Holland · Sweden · World Cup

Sport

Series
25 stunning World Cup moments

Figura 62: Página do jornal inglês *The Guardian* descrevendo a origem de um movimento conhecido como “Cruyff turn”²⁵⁰.

Lemos a reportagem do jornal inglês e realizamos uma busca no *YouTube* para “Cruyff turn” e, após assistir a vários vídeos que exibiam o movimento, validamos *Cruyff turn* como equivalente de “corte seco”.

Em inglês, o movimento foi nomeado em homenagem ao jogador holandês que o executava com perfeição. Existem hipóteses que defendem a ideia de que *Cruyff* teria executado o movimento pela primeira vez na Copa do Mundo de 1974, em um jogo da Holanda contra a Suécia, em cima do zagueiro Jan Olsson. Investigar a origem do drible foge do escopo desta pesquisa; contudo, acreditamos que esse tipo de informação, histórica e contextual, é fundamental para o entendimento do futebolês. Além disso, o achado comprovou uma hipótese levantada durante a análise dos textos: em inglês, existe uma tendência muito grande de nomear dribles, passes e movimentos em homenagem a jogadores como, por exemplo, *Zidane Roulette*²⁵¹, *The*

²⁵⁰ Disponível em: < <http://www.theguardian.com/football/blog/2014/jun/11/world-cup-stunning-moments-johan-cruyff-turn-1974> >. Acesso em: 13 jun. 2014.

²⁵¹ “360” em português.

Capítulo 4

*Ronaldo Chop*²⁵², *Rivelino's elastico*²⁵³, dentre outros.

4.15 cai-cai

Durante a análise do termo ‘falta’ (item 4.2), observamos que o número de faltas no Campeonato Brasileiro é bem maior do que no Campeonato Inglês e discutimos a reputação de ‘cai-cai’, frequentemente atribuída aos jogadores brasileiros. Como exposto anteriormente, não pretendemos estereotipar nossos jogadores afirmando que eles “cavam” mais faltas do que os ingleses. Contudo, acreditamos que a reputação a eles atribuída pode ser interpretada como resultado da forma-representação criada em torno de nosso futebol²⁵⁴. Enfim, essa diferença chamou bastante a atenção e, por esse motivo, decidimos verificar se o termo ocorria no *corpus*, já que não faz parte da lista de palavras-chave. Para tanto, geramos uma lista de concordâncias para o termo. A pesquisa retornou doze ocorrências e ao ler as notícias a fim de melhor entender a reputação do jogador brasileiro, um termo se destacou:

*Galliani deu entrevista sobre as críticas de José Mourinho, técnico do Chelsea, a Neymar e Balotelli. O português disse que simulações e o fato de os atacantes forçarem as expulsões de rivais são meios antiéticos de se jogar. O brasileiro, inclusive, já foi chamado de "piscineiro" por parte da imprensa e da torcida espanhola.*²⁵⁵

O trecho acima discute a polêmica atuação do jogador Neymar, atacante do clube catalão *Barcelona F.C.*, que possui reputação de simular faltas, e utiliza o termo ‘piscineiro’ como sinônimo de ‘cai-cai’. Diante da possibilidade de um termo sinônimo, geramos linhas de concordância para ‘piscineiro’ a fim de encontrar mais ocorrências do termo, mas nenhuma outra foi encontrada. Realizamos, então, uma busca para ‘piscineiro’ acompanhada da palavra ‘futebol’ no *Google*, que retornou 43.000 ocorrências. Observemos alguns exemplos:

²⁵² Não possui um termo específico em português. Apresentaremos um exemplo de termo que não possui equivalente em português no próximo item.

²⁵³ *Rivelino's elastico* é apenas um dos diversos nomes dado ao famoso “*elastic*” em inglês. Seus sinônimos são apresentados no item 4.9.

²⁵⁴ Vide item 1.4.1 para discussão completa.

²⁵⁵ Disponível em: < <http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/esporte/2013/10/09/cartola-do-milan-defende-piscineiro-neymar-e-quer-o-jovem-no-milan.htm> >. Acesso em: 20 jan. 2015.

Capítulo 4

*Outra estatística mostra que agora Neymar, quando sofre uma falta, ela realmente aconteceu, derrubando a fama de "piscineiro" que ganhou no seu primeiro ano na Europa.*²⁵⁶

*Nesta terça-feira, os dois maiores jornais esportivos da Catalunha compraram a briga e, para defender o brasileiro, apontaram o galês Gareth Bale, do Real Madrid, como o verdadeiro "piscineiro" do futebol mundial.*²⁵⁷

Devido ao grande número de páginas encontradas, não foi possível analisar todas as ocorrências. No entanto, a leitura das primeiras páginas de resultado do *Google* nos permitiu validar ‘piscineiro’ como sinônimo de ‘cai-cai’.

Lendo as páginas de resultado do *Google*, descobrimos que o termo ‘piscineiro’ é um empréstimo do termo ‘piscinero’ da língua espanhola. Observemos o seguinte trecho:

Neymar anotou seu primeiro gol no Campeonato Espanhol, deu uma assistência e participou da maior parte das jogadas ofensivas do Barcelona na contundente vitória por 4 a 1. Apesar disto, foi lembrado pela imprensa espanhola por ter reclamado de dois pênaltis, em lances nos quais desabou dentro da grande área, e a arbitragem mandou o jogo seguir. O atacante do Santos terá que lutar, agora na Espanha, contra o rótulo ou como eles dizem por lá, um ‘piscineiro’.(nossa ênfase)²⁵⁸

Para confirmar a hipótese, realizamos uma busca no *Google* Espanha (*Google.es*) com as palavras ‘Neymar’ e ‘piscinero’ e obtivemos resultados como:

²⁵⁶ Disponível em: < http://espn.uol.com.br/noticia/450547_menos-piscineiro-mais-forte-e-disciplinado-o-neymar-1415 >. Acesso em: 20 jan. 2015.

²⁵⁷ Disponível em: < http://espn.uol.com.br/noticia/364157_catalaes-rebatem-polemica-sobre-neymar-com-ataques-a-piscineiro-bale >. Acesso: 20 jan. 2015.

²⁵⁸ Disponível em: < <http://esporte.ig.com.br/futebol/2013-10-07/criticado-por-mourinho-cai-cai-de-neymar-ganha-destaque-na-espanha.html> >. Acesso em: 20 jan. 2015.

Figura 63: Resultado da busca no *Google.es* para as palavras ‘Neymar’ e ‘piscinero’.

Após entender o uso de ‘cai-cai’ e encontrar ‘piscineiro’, seu sinônimo em português, o próximo passo foi encontrar o equivalente em inglês. Sem saber como iniciar a busca, já que analisar todas as ocorrências de *foul*, *tackle* e *challenge* demandaria muito tempo, mas cientes de que uma tradução literal de ‘cai-cai’ dificilmente funcionaria na língua inglesa, geramos linhas de concordância para duas palavras de busca, ‘Bale’ e ‘Gareth’, pois sabíamos que o jogador Gareth Bale, ponta do *Tottenham Hotspur* na época em que o *corpus* foi compilado, é conhecido por simular faltas. A busca retornou cinco ocorrências para Bale e sete para Gareth. Expandimos as linhas de concordância de modo a ter acesso ao texto integral que, muito mais do que relatar a partida, discute a ética do comportamento de Bale, e a palavra *diver*, presente no relatório de partida de um jogo entre *Norwich City* e *Tottenham Hotspur* pela *Premier League* de 2013/2014, chamou a atenção:

*Norwich commit hard tackles and, had the boy got on to Gareth’s ankle, it’s an injury that takes him out for six months and you have a player who has a reputation as a **diver**, which is extremely disrespectful.*²⁵⁹

²⁵⁹ Disponível em: < <http://www.telegraph.co.uk/sport/football/competitions/premier-league/9837678/Norwich-City-1-Tottenham-Hotspur-1-match-report.html> >. Acesso em: 20 jan. 2015.

Capítulo 4

Lemos o texto integral, geramos as linhas de concordância para *diver* e, após analisar as seis ocorrências encontradas, validamos *diver* como equivalente de ‘cai-cai’ e ‘piscineiro’. Assim como o número de ocorrências de ‘falta’ é bem superior ao de seus equivalentes em inglês, o número de ocorrências de ‘cai-cai’ é o dobro do número de ocorrências de *diver*. Essa diferença já foi discutida detalhadamente na seção 3.1.3. Contudo, ao ler uma das notícias deparamos com uma informação que chamou a atenção:

Figura 64: Foto do jogador *Ashley Young*, à esquerda, ponta do *Manchester United*, simulando uma falta.

A legenda da foto ressalta o fato de a simulação de falta ter se tornado parte do futebol inglês moderno. Ou seja, se retomarmos o conceito forma-representação, existe a possibilidade de o número de ocorrências de *diver*, ou do verbo que descreve a ação (*to dive*), e até mesmo de faltas no Campeonato Inglês aumentar nos próximos anos. Não temos uma explicação científica para esse fato, mas acreditamos que a globalização do futebol, ou seja, a compra pelo futebol inglês e europeu de jogadores sul-americanos com a reputação de ‘cai-cai’, a convivência dos jogadores europeus com os sul-americanos e as próprias mudanças que o futebol inglês vem sofrendo nos

Capítulo 4

últimos anos podem contribuir para uma mudança significativa no estilo do futebol e, consequentemente, no número de ocorrências de alguns termos.

4.16 chinelinho

Ao analisar as linhas de concordância de ‘bichado’, observamos a palavra ‘chinelinho’:

*[...] péssima contratação! jogador **chinelinho**, joelho **bichado** [...].*²⁶⁰

A princípio, pensamos que ‘chinelinho’ seria um possível sinônimo de ‘bichado’. Para verificar nossa hipótese, geramos linhas de concordância para ‘chinelinho’ em nosso *corpus* de português e encontramos mais três ocorrências:

*Mais uma vez, nós santistas queremos agradecer ao São Paulo por ter comprado esta mala do Ganso. Estão vendo? Não jogou nada no São Paulo e já está começando a mesma palhaçada que fazia no Santos. Acredite no que estou falando, daqui a pouco vai pro Departamento Médico de novo. Esse é o verdadeiro **chinelinho**. Chupa Sãopaulinada, vocês queriam o cara? Agora aguenta.*²⁶¹

*Para Cereto, 'mago' Valdivia tem que fazer sumir o '**chinelinho**' no Palmeiras*²⁶²

*A maior mágica do Valdivia vai ser fazer desaparecer o "**chinelinho**". O Valdivia não consegue uma sequência de jogos no Palmeiras, apesar de ter conseguido agora, de seis jogos. O departamento médico está tendo um cuidado especial com ele, por isso será poupado, para não machucar de novo.*²⁶³

Ao ler os contextos, poderíamos concluir que ‘chinelinho’ seria sinônimo de ‘bichado’, pois todos fazem referência a um jogador contundido que não jogou um número significativo de partidas por seu time. Contudo, ao procurar no *Google* uma definição para o termo, descartamos a hipótese. Observemos as três definições abaixo:

²⁶⁰ Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2013/08/com-estrela-alex-silva-boa-esporte-anuncia-pacotao-para-serie-b.html> > Acesso em: 19 jan. 2015

²⁶¹ Disponível em: < http://www.lancenet.com.br/sao-paulo/Ganso-desmente-especulacoes-descarta-Tricolor_0_932906924.html > Acesso em: 19 jan. 2015

²⁶² Disponível em: < <http://sportv.globo.com/site/programas/redacao-sportv/noticia/2013/08/para-cereto-valdivia-precisa-fazer-sumir-o-chinelinho-no-palmeiras.html> >. Acesso em: 19 jan. 2015.

²⁶³ Disponível em: < <http://sportv.globo.com/site/programas/redacao-sportv/noticia/2013/08/para-cereto-valdivia-precisa-fazer-sumir-o-chinelinho-no-palmeiras.html> >. Acesso em: 19 jan. 2015.

Capítulo 4

a)

Significado de Chinelinho:

Jogador de futebol que faz corpo mole, simulando estar contundido.

Exemplo do uso da palavra Chinelinho:

*O cara é o maior chinelinho, pô! Se não quer mais jogar no time, pede pra ser vendido.*²⁶⁴

b)

O que é um jogador "chinelinho"?

Jogador chinelinho, é aquele jogador que vive entregue ao departamento médico, como não joga, não usa chuteira, por isso nome de chinelinho.

*Caso típico do Roger, que na temporada passada jogava no Flamengo, quando o time estava na pior sempre disse que tinha uma distensão, fato jamais comprovado por exames e avaliação médica.*²⁶⁵

c)

Os "Chinelinhos" do futebol

*Corpo mole, simulação de contusões e o famoso "migué": veja a lista dos maiores "chinelinhos" da história do futebol brasileiro*²⁶⁶

A primeira definição, do Dicionário Informal²⁶⁷, explica que ‘chinelinho’ é o termo utilizado para se referir a um jogador que faz corpo mole e que simula contusões. A segunda definição, do site *YahooRespostas*²⁶⁸, descreve um jogador que está sempre contundido, mas que não apresenta provas médicas de suas contusões e ainda explica a referência ao ato de o jogador usar mais chinelo do que chuteira. A terceira definição, manchete de uma notícia, é bastante parecida com a primeira: jogador que faz corpo mole, que simula contusões e que faz o possível para não jogar. Dessa forma, entendemos que, diferentemente do jogador ‘bichado’, que não joga porque está contundido, o jogador ‘chinelinho’ não joga porque simula contusões.

Entendido o significado do termo e seu uso em português, passamos à busca de um equivalente em inglês. Como em português encontramos as duas ocorrências no mesmo texto, tentamos procurar o equivalente nos textos em que encontramos o termo *crook*. No entanto, não encontramos nenhum possível equivalente. Decidimos, então, analisar, novamente as linhas de concordância de “*injur**”, mas nelas também

²⁶⁴ Disponível em: < <http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/chinelinho/943> >. Acesso em: 19 jan. 2015.

²⁶⁵ Disponível em: < <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080118133117AAAtfr0G> >. Acesso em: 19 jan. 2015.

²⁶⁶ Disponível em: < http://www.areah.com.br/cool/futebol/materia/77806/1/pagina_1/os-chinelinhos-do-futebol.aspx >. Acesso em: 19 jan. 2015.

²⁶⁷ Disponível em: < <http://www.dicionarioinformal.com.br> >. Acesso em: 19 jan. 2015.

²⁶⁸ Disponível em: < <https://br.answers.yahoo.com> >. Acesso em: 19 jan. 2015.

Capítulo 4

não conseguimos encontrar um equivalente do termo. Contudo, ao expandir as linhas, encontramos um termo que chamou a atenção:

*Gourcuff's new **injury** scare is just a latest in a long history of physical setbacks for **the playaker**. With a salary of £80,000-a-week combined with his **sicknote reputation**, it would be reasonable to argue that while Gourcuff may want to move to Arsenal, Arsenal wouldn't want to sign him*²⁶⁹

No parágrafo acima, o termo *sicknote reputation* foi utilizado para descrever o jogador Gourcuff, meia-atacante do *Lyon*, que mostrava interesse em ser transferido para o *Arsenal*, da Inglaterra. Lemos algumas outras notícias sobre Gourcuff e constatamos que o jogador está frequentemente contundido, não participa de um número significativo das partidas de seu time e, muitas vezes, os jornalistas esportivos e torcedores questionam sua condição física debilitada.

Para validar *sicknote reputation* como equivalente de 'chinelinho', realizamos uma busca no *corpus* para *sicknote*, mas não encontramos nenhuma outra ocorrência do termo. Recorremos, então, ao *Google* e buscamos a expressão "*sicknote reputation*" seguida da palavra *football* e restringimos a pesquisa a *sites* do Reino Unido. Encontramos 862 ocorrências e, após ler algumas notícias e analisar os contextos em que a expressão ocorre, validamos *sicknote reputation* como equivalente de 'chinelinho'.

O número de ocorrências dos termos no *corpus* é baixo nas duas línguas. No entanto, ao fazer uma pesquisa no *Google* por 'chinelinho' seguido da palavra 'futebol' no *Google* Brasil encontramos 56.800 ocorrências. Por razões óbvias, não lemos todas as ocorrências. Contudo, ao ler o contexto em que 'chinelinho' ocorre na página de resultados do *Google*, constatamos que a maioria tem o mesmo significado da ocorrência encontrada em nosso *corpus*. Acreditamos que o número de ocorrências seja baixo nos dois *subcorpora*, pois, como explicado na seção 3.1.3, apenas uma pequena parcela do *corpus* de estudo é composta por notícias que tratam da compra e da transferência de jogadores e é nesse tipo de notícias que jornalistas falam sobre a fama de 'chinelinho' dos jogadores.

Sabemos das limitações de se utilizar o *Google* para identificação de

²⁶⁹ Disponível em: < <http://www.101greatgoals.com/blog/lyon-president-aulas-gourcuff-would-take-pay-cut-for-arsenal-newcastle-end-gomis-chase/> >. Acesso em: 19 jan. 2015.

Capítulo 4

equivalentes tradutórios, mas, nesta pesquisa, somente utilizamos a ferramenta para confirmar hipóteses encontradas no *corpus* e para melhor entender o significado e uso de alguns termos. Nesse caso em particular, o *Google* contribuiu para a confirmação de uma hipótese prévia que levantamos ao conversar com especialistas: de que o jogador ‘chinelinho’ é mais comum no Brasil. Não pretendemos, de forma alguma, estereotipar jogadores brasileiros e ingleses. Entretanto, acreditamos que o estereótipo de “malandro” do jogador brasileiro justifique, de certa forma, o maior número de ocorrências de ‘chinelinho’ em *sites* em português. Além disso, evidenciou-se que o comportamento desses jogadores ocupa um espaço maior na mídia brasileira do que na mídia inglesa.

4.17 *the Matthews move*

Como já mencionado anteriormente, nossa pesquisa parte do português para o inglês. Entretanto, no decorrer da análise observamos que os tópicos abordados pelos textos são diferentes nas duas línguas. Por esse motivo, acreditamos que, em uma pesquisa futura, deveremos realizar a análise também do inglês para o português a fim de identificar termos, colocações e CLEs que nos auxiliem a identificar os tópicos mais comuns nos textos em inglês. Esse processo ainda não está sendo realizado formalmente, mas a todo momento analisamos a lista de palavras-chave do *subcorpus* em inglês no processo de identificação de equivalentes. Durante uma de nossas análises, deparamos com a colocação *the Matthew’s move*, que apresenta 22 ocorrências no *subcorpus* em inglês e, como no momento estávamos trabalhando com a categoria de passes, consideramos importante investigar o uso do termo em inglês e tentar estabelecer um equivalente em português. Observemos uma das linhas de concordância de “*the Matthews move*” expandida:

*“My dad made me watch old Betamax video tapes that focused on skill and technique. It involved a Dutch coach called Wiel Coerver. He was in charge of Feyenoord in the 1970s and he created the Coerver coaching technique. In terms of dribbling, it focused on misdirection – so the defender moved one way and you could go the other. It’s things like **the***

Capítulo 4

*Matthews move, the Rivelino move and the Maradona move – I used to practise it all in the front garden.*²⁷⁰

Lemos todas as linhas de concordância da ocorrência, expandimos os contextos e acessamos os textos integrais, mas não entendemos o funcionamento do termo, pois, como no exemplo acima, as ocorrências não são explicativas. Em todos os casos a menção ocorre em depoimento de algum jogador, sem descrever o movimento em si. Por esse motivo, mais uma vez recorremos ao *YouTube* para entender o drible. A busca retornou vários vídeos com um tutorial de como executar o *The Matthews move*. A figura 65 mostra um dos vídeos:

Figura 65: Vídeo com tutorial de como executar o *The Matthews move*.

O vídeo, representado pela foto acima, descreve a jogada em detalhes, enumerando os movimentos que o jogador deve realizar para executar o drible²⁷¹. Além de assistir a alguns dos vídeos que a busca retornou, realizamos uma pesquisa no *Google* a fim de encontrar mais informações sobre o drible. A figura 66 mostra um

²⁷⁰ Disponível em: < <http://www.coerver.co.uk/blog/2014/02/20/sturridge-hails-the-coerver-influence-on-skills-development/> >. Acesso em: 15 jan. 2015.

²⁷¹ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=7UVm3kAfSdM> >. Acesso em: 20 jun. 2014.

Capítulo 4

tutorial com fotos da execução do drible e também apresenta uma explicação do movimento:

Matthews move

The Matthews is a very effective move, especially when the defender is jockeying. Initially, the attacker pushes the ball with his instep, then he suddenly cuts to the outside. It's important to combine these two steps together without pausing in between.

Figura 66: Tutorial com fotos de como executar *The Matthews move*.

Após ler diversas explicações e assistir aos vídeos, entendemos o drible: movimento em que um jogador, frequentemente um atacante ou armador, dá um ou dois toquinhos com a parte de dentro do pé na bola, corta e conduz a bola na direção oposta com a parte de fora do pé e arranca. Entendido o drible, o próximo passo foi buscar seu equivalente em português. Analisamos as palavras-chave, mas não encontramos nenhum equivalente. Verificamos os jogos em que *The Matthews move* ocorre no *subcorpus* em inglês e procuramos reportagens sobre os mesmos jogos em português, tanto em nosso *corpus* quanto no *Google*, e, ainda assim, não chegamos a nenhum possível equivalente. Reunimo-nos, então, com os pesquisadores do LUDENS na esperança de que pudessem nos auxiliar de alguma forma, já que, como descrito anteriormente, de uma forma ou de outra todos estudam futebol e são apaixonados pelo esporte. No entanto, dessa vez não chegamos a um equivalente. Ao contrário, a resposta dada por todos os presentes foi unânime: “Isso não tem nome em português”. Um dos pesquisadores continuou: “Se você quiser, pode dizer que é conduzir ou carregar a bola, mas não tem nome específico”. Naquele momento, um dos pesquisadores sugeriu que entrássemos em contato com o professor da escolinha

Capítulo 4

de futebol do PRODHE 272 para agendar uma visita ao projeto e exibir vídeos de movimentos e dribles para os quais não encontrávamos equivalentes em português.

No dia 17 de abril de 2014, visitamos o projeto e exibimos dez vídeos para uma turma de dezesseis crianças entre sete e quatorze anos. As crianças reagiram de forma bastante similar aos pesquisadores quando assistiram ao vídeo de “*The Matthews move*”. Disseram que não tinha nome, ou que não sabiam o nome; uma das crianças deu uma resposta bastante peculiar: “Sei lá, carregar, conduzir, levar, chamamos do que queremos, isso não tem nome não!”.

Em inglês, o drible foi nomeado em homenagem ao ex-jogador Sir Stanley Matthews, conhecido como mago do drible. Stanley foi o primeiro jogador de futebol profissional a ser nomeado Cavaleiro do Império Britânico por serviços prestados ao esporte e jogou sua última partida em 1965, aos 50 anos. Stanley era muito rápido e habilidoso e frequentemente realizava o movimento acima descrito para driblar seus oponentes; daí a homenagem a ele prestada.

Outra característica interessante sobre o futebol inglês que observamos durante a análise dos dribles, passes e movimentos é a didática. Em inglês, encontramos tutoriais *on-line* de como executar vários movimentos e dribles, quer sejam populares ou pouco conhecidos. Fizemos várias buscas com nomes de dribles em português no *YouTube* e no *Google* a fim de tentar encontrar algo parecido, mas não encontramos tutoriais e pouquíssimas são as explicações sobre os dribles.

Como vimos no item 1.2, a didática do futebol inglês reflete a forma como o futebol foi implementado na Inglaterra, da mesma forma que a “falta de didática” no futebol brasileiro é resultado da importação do futebol para o Brasil. Enfim, o modo pelo qual a implementação e a propagação do futebol se deram na Inglaterra e no Brasil nos auxiliou a entender a existência de alguns termos em inglês, dada a necessidade de nomeação devido a sua característica didática, e a ausência da nomenclatura para alguns movimentos e dribles em português.

²⁷² Programa de Desenvolvimento Humano pelo Esporte. Disponível em: <<http://educandopelo esporte.blogspot.com.br/p/o-prodhe.html#.U6Sb0BZpuOM>>. Acesso em: 16 jan. 2015.

Capítulo 5 – Modelo de dicionário

Apresentamos, neste capítulo, o modelo de dicionário elaborado durante a pesquisa. Primeiramente, justificamos a escolha do termo ‘dicionário’ em detrimento de ‘glossário’ ou ‘vocabulário’. Em seguida, apresentamos a organização dos dados e, ao final, mostramos a micro e a macroestrutura do dicionário.

5.1 Por que dicionário e não glossário?

A problemática da classificação de obras lexicográficas é abordada por vários estudiosos, dentre eles, Rey-Debove (1971), Haensch (1982), Pais (1984), Boutin-Quesnel *et al.* (1985), Rivera Dominguez (1985), Barbosa (2001) e Barros (2004).

Durante o doutorado, embora não tenhamos cursado uma disciplina específica sobre Terminografia ou Lexicografia, lemos, exaustivamente, sobre o assunto a fim de denominar, da maneira mais apropriada possível, o produto final de nossa tese. Durante as leituras, deparamos com diversas possibilidades de nomeação, entre elas: ‘vocabulário’, ‘dicionário terminológico’, ‘dicionário técnico’, ‘glossário’, ‘dicionário especial’, ‘vocabulário técnico-científico’, ‘dicionário de língua de especialidade’, ‘dicionário de língua científica’ e ‘dicionário de língua técnica’.

Para Barbosa (2001, p. 26), não existe clareza quanto às fronteiras conceituais, denominativas e definicionais dos termos ‘dicionário terminológico’, ‘vocabulário’ e ‘glossário’. Segundo Haensch (1982), o uso arbitrário dessas denominações por parte de diferentes autores contribui para o uso indiscriminado dos termos.

A Norma ISO (*International Standardization Organization*)²⁷³ 1087, “*Terminology/Vocabulary*”, “*Terminologie/Vocabulaire*” apresenta a seguinte definição para os três tipos de obra:

dicionário: Coleção estruturada de unidades lexicais com informações linguísticas sobre cada uma delas;

²⁷³ Organização Internacional para Padronização.

dicionário terminológico (termo tolerado: dicionário técnico): Dicionário que contém dados terminológicos de um ou mais domínios específicos;
vocabulário (termo tolerado: glossário): Dicionário terminológico que contém a terminologia de um domínio específico ou de domínios afins e baseado no trabalho terminológico. (BARBOSA, 2001, p. 24-25).²⁷⁴

Observando as definições de ‘dicionário terminológico’ e ‘vocabulário’, podemos constatar que a norma apresenta dois termos para obras de mesma natureza e função. Não fica clara a distinção, se é que ela existe, entre os termos. Lemos, também, o texto original em inglês da norma, que, apesar de esclarecer algumas ambiguidades provenientes da tradução, não se mostrou conclusivo para distinguir os termos.

Ao analisar as definições da ISO, Barros (2004, p. 140) relata que a única diferença entre ‘dicionário técnico’ e ‘vocabulário’ é que este é organizado com base em um trabalho terminológico, definido pela ISO como “atividade relativa à sistematização e à representação dos conceitos, assim como à apresentação das terminologias, de acordo com princípios e métodos estabelecidos” (ISO 1087, 1990: 13 *apud* BARROS, 2004, p. 140).

Embora não exista uma terminologia uniforme e consensual da Terminologia, encontramos dois pontos em comum entre a maior parte das definições existentes. Primeiramente, parece existir um consenso na definição de ‘dicionário’: esse tipo de obra reúne lexemas e apresenta, para cada um deles, verbetes que descrevem suas diferentes significações. Entretanto, o mesmo consenso não existe para a caracterização de obras lexicográficas específicas, como os ‘dicionários técnicos’ e os ‘vocabulários’. Outro ponto em comum entre alguns teóricos é o entendimento de que o termo ‘glossário’ se refere a uma obra que tem como objetivo representar a situação

²⁷⁴ No original: “**dictionary**: Structured collection of lexical units with linguistic information about each of them / **dictionnaire**: répertoire structuré d’unités lexicales comportant des informations linguistiques sur chacune d’entre elles;

terminological dictionary: (admitted term: **technical dictionary**): Dictionary containing terminological data from one or more specific subject fields / **dictionnaire terminologique** (terme toléré: **dictionnaire technique**): Dictionnaire qui comprend des données terminologiques relatives à un ou plusieurs domaines particuliers;

vocabulary (admitted term: **glossary**): Terminological dictionary containing the terminology of a specific subject field or of related subject fields and based on terminology work / **vocabulaire**: Dictionnaire terminologique basé sur un travail terminologique, qui presente la terminologie d’un domaine particulier ou de domaines associés”.

Capítulo 5

lexical de um único texto manifestado, sendo, dessa forma, sincrônica, sintópica²⁷⁵ e sinfásica²⁷⁶.

Estabelecer uma distinção para os termos acima discutidos foge do escopo de nossa pesquisa. Contudo, achamos importante nos posicionar diante da problemática em prol de um futuro consenso conceptual e denominativo das obras lexicográficas em questão.

Ante o exposto, com o objetivo de não utilizar os termos indiscriminadamente e conferir clareza a nossa pesquisa, adotamos os termos ‘dicionário terminológico’ e ‘dicionário técnico’ como sinônimos para designar nossa obra terminográfica, composta por dados terminológicos de uma área específica (futebol) e que tem como base o trabalho terminológico.

5.2 Ficha terminológica

Em pesquisas terminológicas, as informações relevantes e pertinentes sobre as unidades terminológicas levantadas são armazenadas em fichas, que são preenchidas de acordo com um protocolo criado pelo pesquisador ou grupo de pesquisa (BOUTIN-QUESNEL *et al.*, 1985, p. 28). Essas fichas, que antigamente eram feitas em papel, hoje são, em sua maioria, elaboradas em formato eletrônico.

O modelo varia de acordo com os dados que estarão presentes no verbete. Dessa forma, sua composição é sempre dinâmica e, embora alguns teóricos, como Dubuc (1978) e Barros (2004), apresentem modelos de ficha bastante completos que podem ser replicados em outras pesquisas, os campos selecionados sempre variam de acordo com a necessidade do registro de informações.

Barros (2004) aponta dois modelos de ficha: o de referências bibliográficas e o de referências terminológicas. No primeiro devem ser registradas as fontes dos dados em que o termo ocorre, como, por exemplo, autor e título da obra, local de

²⁷⁵ Diz-se de relativa uniformidade de dialetos dentro de um mesmo espaço ou região geográfica. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/sint%C3%B3pico#ixzz3fnZcT8LD>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

²⁷⁶ Diz-se de uniformidade no estilo ou na expressão linguística. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/sinf%C3%A1sico#ixzz3fnatnEwh>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

Capítulo 5

publicação, editora, ano de publicação, número de páginas etc. No segundo devem ser registrados os dados terminológicos.

Vale ressaltar que em nossa pesquisa não foi preenchida a ficha de referências bibliográficas, pois todas essas informações estão presentes no cabeçalho criado para o *corpus* e são de fácil acesso para consulta.

Com base no modelo de obra terminográfica que construímos, qual seja um dicionário de futebol bilíngue e bidirecional, selecionamos onze componentes para nossa ficha terminológica.

Em uma obra bilíngue, os termos são apresentados na língua de partida – no nosso caso, em português –, e equivalente(s), exemplos e outras informações são apresentados na língua de chegada (inglês). E assim o fizemos em nossa obra que, por ser bidirecional, teve o mesmo tratamento na outra direção, isto é, do inglês para o português.

Durante o preenchimento das fichas terminográficas, por questão de organização optamos por seguir o mesmo procedimento utilizado nos estudos de caso: primeiro, esmiuçávamos o significado e o uso do termo em português para, posteriormente, trabalhar com seu(s) equivalente(s) em inglês. Dessa forma, primeiramente preenchemos as fichas em português e, em um segundo momento, dedicamo-nos ao preenchimento das fichas em inglês. Os campos selecionados para a composição da ficha terminográfica são:

1) *Unidade terminológica na língua de partida (LP)*: a unidade terminológica de nosso dicionário pode ser formada por um termo ou por uma combinatória léxica especializada (CLE) que tenha sido extraída do *corpus* de estudo em português;

2) *Número de ocorrências no corpus*: o número de ocorrências de um termo é determinante em qualquer pesquisa com *corpus*, desde o momento da extração de termos até a organização dos verbetes. Nos casos de termos sinônimos, a escolha do termo principal e de suas remissivas deu-se pelo número de ocorrências dos termos; daí a importância do registro do número de ocorrências na ficha terminográfica;

3) *Classe gramatical*: visto que trabalhamos com um modelo de dicionário que possui dezessete verbetes e não com a obra completa, as categorias gramaticais restringiram-se àquelas dos termos que compõem os estudos de caso: substantivo, adjetivo, verbo, sintagma adjetivo e sintagma verbal. Temos ciência de que, uma vez expandida, a obra contará com outras categorias gramaticais;

4) *Definições do termo encontradas na web*: para o preenchimento das fichas em português, coletávamos definições em português, e para o preenchimento das fichas em inglês, coletávamos definições em inglês. Essas definições serviram de base para a construção das definições presentes em nosso dicionário;

5) *Exemplos*: Preenchemos nossa ficha terminográfica com até três exemplos de cada verbete extraídos do *corpus* de estudo;

6) *CLEs*: Em nosso modelo de dicionário há dois tipos de entradas: 1) entradas formadas por um termo – simples ou composto (ex.: ‘rolinho’ e ‘carregador de piano’); e 2) entradas formadas por uma CLE (ex.: gol, [FAZER|MARCAR] [um|o]). Nos verbetes formados por um termo, não apresentamos, formalmente, as CLEs em que o termo ocorre. No entanto, sempre que possível registramos essas CLEs nas fichas e selecionamos exemplos em que aparecem. Acreditamos que um levantamento formal das CLEs de cada termo deve ser realizado posteriormente;

7) *Informações Enciclopédicas*: Esse campo compreende informações históricas e culturais que não são imprescindíveis para a compreensão do significado do termo, mas que retratam seu surgimento ou sua história, contribuindo, dessa forma, para o entendimento de diferenças no uso do termo nas duas línguas;

8) *Remissivas*: campo que contém referências a outros termos do dicionário. Trabalhamos com dois tipos de remissivas: 1) mesmo que (*same as*), utilizada para sinônimos; e 2) ver também (*see also*), utilizada para ligar um termo a uma CLE composta pelo mesmo termo;

Capítulo 5

9) *Figura*: nesse campo, inserimos uma figura que contribui para o entendimento do significado de um termo;

10) *Vídeo*: esse campo contém o *link* de um vídeo que auxilia na compreensão do significado de um termo, geralmente de um drible ou de uma jogada;

11) *Equivalente tradutório*: campo composto pelos equivalentes tradutórios encontrados durante a análise dos dados.

Salientamos que nem todos os campos da ficha terminológica são utilizados na composição da obra final, mas que todos contribuíram para a organização e construção dos verbetes. Ademais, os elementos não utilizados podem ser úteis caso desejemos inserir mais informações nos verbetes futuramente.

Segue o modelo da ficha terminológica criada para a presente pesquisa, preenchida com o termo ‘rolinho’:

1. Termo LP	rolinho	2. No. oc. corpus	157
3. Classe gramatical	substantivo		
4. Definições	“este drible é quando o jogador rola a bola por debaixo das pernas de quem o está marcando e corre pelo lado para buscar a bola.” “Esse drible tem como característica desmoralizar o adversário e levantar a torcida!” “Jogar a bola entre as pernas do jogador adversário.” “O drible feito pelos jogadores que faz a bola passar pelo vão da perna do adversário.”		
5. Exemplos	“Romelu Lukaku created the second just before half-time with a powerful run leaving Arsenal’s defence – and midfield – entirely in his wake. He set up Steven Naismith, who looked suspiciously offside, but nevertheless finished neatly with a nutmeg through the goalkeeper’s legs.” “Deu uma pedalada e passou por Diogo Goiano, fez que ia para cima de Lucas Claro, mas deu um rolinho e o evitou.” “O Maestro envolveu os adversários dentro da área, deu um rolinho no último antes de encobrir o goleiro Jefferson.” “Bem marcado, ainda tomou um rolinho do jovem Ganso, para delírio do olimpo.”		
6. CLEs	rolinho, DAR um rolinho, TOMAR um		
7. Informações Enciclopédicas			
8. Remissivas	mesmo que ‘sainha’, ‘caneta’ e ‘janelinha’		
9. Figura			
10. Vídeo	https://www.youtube.com/watch?v=Zld4FmhP8sA		
11. Equivalente tradutório	nutmeg		

Capítulo 5

Abaixo, apresentamos o modelo de ficha terminológica preenchida com *nutmeg*, equivalente de ‘rolinho’:

1. Termo LP	<i>nutmeg</i>	2. No. oc. corpus	
3. Classe gramatical	<i>noun</i>		
4. Definições	<p><i>“A nutmeg (or tunnel, sometimes just meg in British English slang) is a technique used in association football, field hockey or basketball, in which a player kicks, rolls or throws the ball between an opponent's legs (feet). This can be done in order to pass to another player, to shoot on goal, or to carry on and retrieve it.”</i></p> <p><i>“In football/soccer when you dribble the ball between the defender's legs.”</i></p> <p><i>“an occasion when a player kicks the ball through an opponent's legs.”</i></p>		
5. Exemplos	<p><i>“Romelu Lukaku created the second just before half-time with a powerful run leaving Arsenal's defence – and midfield – entirely in his wake. He set up Steven Naismith, who looked suspiciously offside, but nevertheless finished neatly with a nutmeg through the goalkeeper's legs.”</i></p>		
6. CLEs			
7. Informações Enciclopédicas	<p><i>The Oxford English Dictionary defines ‘nutmeg’ as a Victorian slang that means “to be tricked or deceived, especially in a manner which makes the victim look foolish’.” In his book “The Language And Folklore Of The World's Greatest Game”, Peter Seddon points out that the term ‘nutmeg’ comes from duplicitous practice in the nutmeg trade. He states: “Nutmegs were such a valuable commodity that unscrupulous exporters were to pull a fast one by mixing a helping of wooden replicas into the sacks being shipped to England” and “being nutmegged soon came to imply stupidity on the part of the duped victim and cleverness on the part of the trickster.” The term soon started to be used in football, implying that the player whose legs the ball had been played through had been nutmegged.</i></p>		
8. Remissivas			
9. Figura			
10. Vídeo	https://www.youtube.com/watch?v=g_I8CdKZ5Vo		
11. Equivalente tradutório	‘rolinho’, ‘sainha’, ‘caneta’ and ‘janelinha’		

Sempre que possível, as fichas terminográficas foram preenchidas com dados extraídos do *corpus* de estudo. Entretanto, recorreremos à *web* nas ocasiões em que o *corpus* não disponibilizava as informações que procurávamos, caso dos exemplos de um termo em inglês que não apresenta nenhuma ocorrência no *corpus* e das definições desses termos.

No próximo item, explicamos detalhadamente cada elemento que compõe o verbete do dicionário.

Capítulo 5

5.3 O dicionário

Apresentamos, a seguir, a estruturação do dicionário. Primeiramente, apresentamos a macroestrutura da obra e, em seguida, discorremos detalhadamente sobre cada elemento que compõe o verbete.

5.3.1 Macroestrutura

A macroestrutura pode ser entendida como a organização interna de uma obra (BARROS, 2004). O tipo de organização adotada depende diretamente da natureza do projeto e da estruturação das informações presentes no verbete.

De modo geral, os dicionários costumam apresentar uma introdução com as características gerais da obra, os critérios adotados para sua elaboração, seus objetivos e outras informações julgadas relevantes para o consulente. Além desses elementos, é de praxe a apresentação de abreviaturas e símbolos utilizados na obra.

Em nosso modelo de dicionário, elaboramos um texto introdutório com as principais características da obra:

INTRODUÇÃO

É fato que o futebol é o esporte mais praticado do mundo. É jogado em todo o Brasil por camadas sociais distintas e em diferentes espaços: campos de várzea, quadras, praias, ruas, escolas, clubes etc. Enfim, é parte do cotidiano de muitos brasileiros.

Embora muitos o associem somente com lazer, o futebol é uma área de especialidade, tanto no Brasil quanto em outros países. Portanto, possui uma linguagem própria para descrever o universo a ele relacionado. Essa linguagem é específica e repleta de referências históricas e culturais, que não podem ser desconsiderados na tradução.

A fim de auxiliar tradutores, jornalistas, acadêmicos, curiosos e fãs do futebol a compreender e produzir um texto sobre futebol em português e inglês, criamos o *Dicionário de termos culturais do futebolês*. A obra, fruto dos três anos de nossa pesquisa de doutorado, conta com termos e fraseologias²⁷⁷ culturalmente marcadas do domínio do futebol.

²⁷⁷ Utilizamos o conceito de CLE para a pesquisa, no entanto achamos mais conveniente utilizar o termo ‘fraseologia’, que é mais conhecido, na introdução da obra terminográfica. Dessa forma, entendemos

Compilamos o maior número possível de verbetes. No entanto, face à amplitude de tal empreitada, entendemos que este é um trabalho que será constantemente aprimorado e ampliado. Assim, o material aqui apresentado não reflete a versão final do projeto, uma vez que um de nossos objetivos foi criar uma obra que estivesse sempre aberta a novas intervenções.

O dicionário foi compilado de acordo com os princípios da Linguística de *Corpus*, ou seja, os termos e fraseologias foram extraídos de um *corpus* eletrônico sobre futebol.

Um *corpus* é um conjunto de textos pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, compilado segundo critérios específicos e que possa ser considerado representativo de uma língua ou variedade linguística. Em nosso caso, o *corpus* é composto por cinco categorias, ou seja, cinco conjuntos de textos: resultados de partidas, descrição de partidas minuto a minuto, relatos de partidas com comentários de internautas, notícias sobre compra e venda de jogadores e técnicos e notícias sobre a situação dos times nos campeonatos.

Para que o *corpus* fosse representativo, compilamos aproximadamente um milhão de palavras em cada língua a partir de textos em português brasileiro e inglês britânico extraídos de jornais nacionais, revistas esportivas, jornais esportivos, revistas sobre futebol, *sites* sobre futebol e tabloides.

Diante da impossibilidade de descrever toda a terminologia do futebol nesta obra, termos característicos da linguagem oral podem estar ausentes, assim como outros, mais comuns, que possuem uma tradução direta para o inglês ou que não são culturalmente marcados.

A seleção dos termos foi feita por meio da análise da lista das palavras-chave do *corpus*, que resulta da comparação do *corpus* de estudo com um *corpus* de referência (*corpus* de língua geral e bem maior do que o *corpus* de estudo). Nessa comparação, as palavras que possuem frequência relativa estatisticamente mais relevante no *corpus* de estudo sobressaem revelando a temática do *corpus*. Assim, em uma lista de palavras-chave de um *corpus* de futebol, itens como **gol**, **bola** e **goleiro** estarão presentes.

Trabalhar com as palavras-chave nos permite selecionar os termos significativamente mais recorrentes, fator de extrema importância para qualquer compilação terminológica. No entanto, trabalhar com termos frequentes e fornecer seus equivalentes na língua de chegada não garantem a utilidade da obra, já que uma das maiores preocupações dos tradutores e de qualquer pessoa que produz um texto em uma língua de especialidade é utilizar o termo de forma adequada. Ou seja, muitas vezes o produtor do texto conhece o termo na língua-alvo, mas não sabe como utilizá-lo. Tomemos como exemplo a fraseologia ‘FAZER um gol’, que tem ‘MARCAR um gol’ como um de seus sinônimos. O equivalente mais frequente em inglês, como o leitor deve imaginar, é ‘SCORE a goal’. Contudo, a língua inglesa apresenta outras 39 formas equivalentes para ‘fazer um gol’.

O principal objetivo desta obra é proporcionar ao usuário o máximo possível de informações, que levem a um melhor entendimento do texto especializado sobre futebol. O resultado de anos de investigação é um dicionário bilíngue bidirecional com as seguintes características:

fraseologias como expressões que contém um termo e que são formadas por mais de uma palavra, como, por exemplo, ‘FAZER uma falta’.

- ✓ termo em português/inglês
- ✓ classe gramatical
- ✓ equivalente em inglês/português
- ✓ definição
- ✓ exemplo
- ✓ explicações históricas e culturais
- ✓ sinônimos
- ✓ figuras
- ✓ vídeos

De modo geral, o consulente de um dicionário especializado bilíngue almeja encontrar informações sobre o significado de um termo, seu equivalente na outra língua e como ele é utilizado. Esperamos responder a essas questões com este dicionário.

Ainda no que se refere à macroestrutura, a lista de entrada dos verbetes foi elaborada em ordem alfabética contínua, ou seja, apóstrofos e hifens presentes em alguns termos foram ignorados.

Os verbetes, que reúnem as informações sobre os itens terminológicos, são compostos por duas partes: a entrada e o enunciado terminográfico. A entrada corresponde a um item lexical que pode corresponder a um termo simples, composto ou mesmo a uma CLE, e o enunciado terminográfico reflete as informações sobre o item lexical em questão.

Para Barros (2004, p. 55), os elementos do enunciado terminográfico deveriam fornecer informações suficientes para a total compreensão do significado de uma entrada. No entanto, ao definir um termo, muitas vezes o dicionário utiliza unidades lexicais ou terminológicas não familiares ao leitor. Nesses casos, o consulente necessita de informações adicionais para compreender o conteúdo semântico da entrada. Em nossa pesquisa, optamos por utilizar o sistema aberto de cadeia interpretante, ou seja, as acepções dos termos presentes nos enunciados definitórios

Capítulo 5

restringem-se ao domínio do futebol. Por exemplo, os termos ‘drible’ e ‘jogada’, embora não sejam entradas, são utilizados em alguns enunciados definitórios, e, em nosso dicionário, seus significados limitam-se às suas acepções no domínio do futebol.

5.3.2 Microestrutura

De acordo Barros (2004), a microestrutura de um dicionário refere-se à organização dos dados presentes em um verbete. Para a autora, o lexicógrafo ou terminólogo deve considerar três elementos principais durante a elaboração da microestrutura da obra, a saber:

- a) o número de informações transmitidas pelo enunciado terminográfico;
- b) a característica das informações nos verbetes de uma mesma obra;
- c) a ordem em que essas informações estarão dispostas.

No que se refere ao número de informações, Rey-Debove (1971, p. 155) estipula que todo verbete deve ser composto por no mínimo três tipos de informações: a entrada, a classe gramatical e uma definição. Naturalmente, o programa de informações do verbete pode compreender outros tipos de informações, como, por exemplo, equivalente em outra língua, no caso de dicionários bilíngues, colocações, notas informativas, exemplos etc. A inclusão desses e de outros elementos depende da natureza da obra.

A fim de garantir homogeneidade e linearidade à obra, as informações presentes nos verbetes devem ser uniformes. Dessa forma, os campos para os elementos que compõem o enunciado definitório devem ser os mesmos em todos os verbetes. Entretanto, o lexicógrafo ou terminólogo tem a liberdade de não preencher um ou mais campos. Por exemplo, em nosso caso o campo para o elemento ‘vídeo’ está disponível para preenchimento em todos os verbetes. Contudo, só o utilizamos quando julgamos que o recurso audiovisual contribui para o entendimento da definição do termo, como no caso dos dribles, pois, para um consulente que não está familiarizado com o futebol, entender o significado de um drible lendo apenas a

Capítulo 5

definição, que narra o movimento que o jogador faz com o corpo e o percurso da bola, pode não ser suficiente para a total compreensão do conteúdo semântico da entrada.

A ordem em que os elementos são apresentados também é de extrema importância para garantir a homogeneidade da obra. Em nosso caso, o *software* utilizado nos permite alterar essa ordem a qualquer momento (vide item 3.4.2).

Vários lexicógrafos abordam a temática e a composição da microestrutura de um verbete. Dentre eles, Bugueño Miranda e Farias (2006), Barros (2004), Welker (2004), Hausmann e Wiegand (1989) e Rey-Debove (1971). Para a construção de nosso modelo de dicionário, utilizamos as três premissas de Barros (2004) mencionadas acima e compartilhamos a mesma ideia de Welker (2004, p. 109) no que diz respeito à composição da microestrutura: desde que estabeleça um padrão, o lexicógrafo ou terminólogo tem a liberdade de elaborar o tipo de microestrutura que melhor se ajuste à obra. Caso essa padronização não ocorra, a leitura dos verbetes poderá tornar-se uma tarefa árdua.

Nos itens que seguem apresentamos os elementos que compõem a microestrutura do dicionário.

5.3.2.1 Entrada

Em Terminologia, ‘entrada’ é a unidade linguística que recebe o tratamento terminológico. As entradas que compõem nosso dicionário foram extraídas a partir da lista de palavras-chave do *corpus* de estudo em português. Diferentemente da maioria dos dicionários, onde as entradas são formadas por um único signo linguístico, no modelo de dicionário aqui apresentado as entradas são formadas (1) por um termo, como, por exemplo, ‘gol’ e ‘drible da vaca’, ou (2) por uma CLE, como, por exemplo, ‘FAZER um gol’.

No primeiro caso, temos entradas formadas por termos simples (‘gol’) e por termos compostos (‘drible da vaca’), que constituem, em sua maioria, sintagmas nominais, verbais ou adjetivos. No segundo caso, incluímos CLEs como entradas e não como subentradas de verbetes formados por um único termo, pois, não raras vezes, a CLE apresenta uma ocorrência tão alta em determinada língua de especialidade que seu significado não constitui a soma de todos seus componentes,

isto é, a CLE adquire um sentido como um todo. Nesses casos, Barros (2004, p. 158) recomenda que se conserve a ordem sintagmática normal, ou seja, a ordem na qual a CLE foi encontrada no discurso no momento da recolha do termo. Seguindo essa lógica, a entrada da CLE ‘fazer um gol’, ordem sintagmática encontrada nos textos, seria ‘FAZER um gol’. Entretanto, acreditamos que, na maioria dos casos, ao procurar pela CLE em um dicionário, o consulente guia-se pelo termo ‘gol’, pois ‘gol’ é a palavra de conteúdo que o consulente conhece. Por esse motivo, decidimos alterar a ordem sintagmática na elaboração dos verbetes de modo que a entrada da CLE ‘fazer um gol’ seja ‘gol, FAZER um’. Ressaltamos, ainda, que criamos referências cruzadas em nosso dicionário. Dessa forma, ao consultar o verbete ‘gol’ o consulente encontrará uma referência cruzada para ‘gol, FAZER um’. Além disso, também incluímos verbos sinônimos e artigos definidos ou indefinidos que também coocorrem com o termo na composição das CLEs. Tomada essa decisão, a entrada da CLE em questão passa a ser ‘gol, [FAZER|MARCAR] [um|o]’. Nesses casos, o verbo ou o artigo mais frequente sempre aparece primeiro, seguido do(s) item(ns) menos frequente(s).

Em casos de polissemia, isto é, quando um termo possui mais de uma acepção, optamos por construir duas entradas distintas. No caso de ‘gol’, abrimos uma entrada para o termo ‘gol’ que se refere à estrutura física e uma entrada para o termo ‘gol’ que se refere aos pontos marcados por uma equipe durante o jogo. Por fim, abrimos outra entrada para a CLE ‘gol, [FAZER|MARCAR] [um|o]’.

Em casos de sinonímia, como em ‘rolinho’, ‘caneta’, ‘janelinha’ e ‘sainha’, a entrada principal é a que apresenta a maior chavicidade no *corpus*. Nesse caso, o termo ‘rolinho’ constitui a entrada principal e os demais termos são a eles direcionados por meio de uma referência cruzada (item 4.13).

Uma das grandes vantagens de trabalhar com o *software TLex* é que ele permite a customização das fontes e dos estilos de todos os elementos do verbete. Desse modo, realizamos os devidos ajustes para que as entradas estejam em negrito, na cor azul e separadas do enunciado terminográfico por um espaço. Todas são apresentadas em letra minúscula e em suas formas não marcadas, ou seja, no infinitivo para os verbos e no masculino singular para substantivos e adjetivos.

Capítulo 5

A figura 67 mostra as entradas dos dois verbetes de ‘gol’ e do verbete ‘gol, [FAZER|MARCAR] [um|o]’:

Figura 67: Entrada dos dois verbetes de ‘gol’ e do verbete ‘gol, [FAZER|MARCAR] [um|o]’.

5.3.2.2 Categoria gramatical

O quadro 20 apresenta as cinco categorias gramaticais identificadas entre os termos. A coluna da esquerda mostra as categorias gramaticais em português e a coluna da direita em inglês, com seus respectivos exemplos²⁷⁸:

português		inglês	
adjetivo	chinelinho	<i>adjective</i>	-----
sintagma nominal	carregador de piano	<i>noun phrase</i>	<i>cricket score</i>
sintagma verbal	MARCAR um tento	<i>verb phrase</i>	<i>SIT [back deep]</i>
substantivo	gol	<i>noun</i>	<i>challenge</i>
verbo	FINALIZAR	<i>verb</i>	<i>SCORE</i>

Quadro 20: Categorias gramaticais identificadas entre os termos.

A informação sobre a categoria gramatical aparece em *itálico*, na cor preta, entre parênteses, e separada da entrada e das outras informações do enunciado

²⁷⁸ Os exemplos apresentados não são equivalentes tradutórios.

Capítulo 5

definitório por espaço. Destacamos, na figura abaixo, a categoria gramatical dos dois verbetes de ‘falta’ e da CLE ‘falta, [FAZER|COMETER] uma’:

Figura 68: Destaque da categoria gramatical dos dois verbetes de ‘falta’ e da CLE ‘falta, [FAZER|COMETER] uma’.

5.3.2.3 Equivalente(s)

Como explicado no item 2.3.2, consideramos equivalente um termo ou CLE que funcione no texto de chegada como funciona no texto de partida (TAGNIN, 2007, p. 1). No modelo de dicionário proposto, o equivalente é apresentado após a categoria gramatical, em itálico, na cor verde e separado do elemento que o antecede e do elemento seguinte por espaço. Quando um termo possui mais de um equivalente, os equivalentes são apresentados em conjunto, em ordem de frequência e separados por ponto e vírgula (;). A figura 69 destaca os equivalentes de *nutmeg* em português:

Figura 69: Destaque dos equivalentes de *nutmeg* em português.

Capítulo 5

A formatação e o estilo apresentados acima foram utilizados para os equivalentes de todos os verbetes, com exceção do verbete da CLE ‘gol, [FAZER|MARCAR] [um|o]’, pois o termo possui 39 CLEs equivalentes em inglês e cada uma dessas CLEs possui um significado específico e evoca um tipo de gol ou modo distinto de fazer o gol (vide item 4.1). Por esse motivo, criamos um estilo e formatação específicos para esse verbete. A figura 70 destaca os equivalentes de ‘gol, [FAZER|MARCAR] [um|o]’:

Figura 70: Destaque dos equivalentes de ‘gol, [FAZER|MARCAR] [um|o]’.

Como podemos observar, inicialmente o dicionário apresenta *SCORE* (*{a|the} goal*) como equivalente. No entanto, nas informações enciclopédicas²⁷⁹ encontramos uma breve explicação sobre o fato de a língua inglesa possuir diferentes expressões equivalentes para ‘gol, [FAZER|MARCAR] [um|o]’, e que essas expressões foram agrupadas em campos semânticos com o intuito de evidenciar um melhor contraste de seus significados. Em seguida, o dicionário exhibe os grupos semânticos e as expressões que os compõem. Cada grupo semântico é apresentado na cor rosa e em letras maiúsculas, seguido de uma explicação; as expressões que compõem cada grupo são apresentadas na linha abaixo com a mesma formatação dos equivalentes.

²⁷⁹ Item 5.3.2.6.

Capítulo 5

5.3.2.4 Definição

A parte mais laboriosa da construção do dicionário foi a elaboração das definições. Segundo a norma ISO 1087, definição é “um enunciado que descreve um conceito e que permite distingui-lo de outros conceitos no interior de um sistema de conceitos”. Na teoria, a definição proposta pela norma ISO nos parece bastante clara. No entanto, na prática, ou seja, no momento de construir um enunciado definatório, tivemos certa dificuldade. Para sanar essa dificuldade e responder às inúmeras indagações que surgiam à medida que tentávamos definir um verbete, debruçamo-nos sobre os estudos de definições em Terminologia.

O primeiro passo para a construção das definições do dicionário foi entender a diferença entre ‘definição’ e ‘descrição’, ainda um tanto quanto obscura, para, em um segundo momento, esmiuçar o conceito de ‘definição’ e, posteriormente, adotar uma definição do termo ‘definição’, dentre as tantas existentes.

Rey (1977, p. 42) distingue com clareza os termos ‘definição’ e ‘explicação’. Para o autor, a definição explicita todos os traços pertinentes de significado ou todos os traços conceptuais pertinentes, e nada além disso. A descrição, por outro lado, deve conter traços pertinentes e pode conter traços não pertinentes, isto é, pode conter informações extras que vão além dos traços conceptuais essenciais. Com base na explicação de Rey, entendemos que a definição deve conter apenas informação essencial para o entendimento do significado de um termo. Se acrescentarmos mais informações teremos uma descrição, não uma definição. Entendida essa diferença, o próximo passo foi compreender, de forma mais ampla, o conceito ‘definição’ que, segundo Tebé (1996), é relativamente bem documentado, quer em normas, quer em estudos terminológicos. Para tanto, consultamos os trabalhos de Barros (2004), Sager (1990), Cabré (1993), Rey (1979) e Wüster (1998).

Apresentar um estudo detalhado sobre o entendimento do termo ‘definição terminológica’ de cada um dos teóricos acima foge do escopo de nossa pesquisa. Contudo, acreditamos que o primeiro passo para construir um enunciado definatório é entender o conceito ‘definição’ em sua totalidade. Para facilitar a compreensão do termo, compilamos uma tabela com as definições encontradas:

Capítulo 5

teórico	definição
Barros (2004, p. 159)	“Paráfrase sinonímica que exprime o conceito designado pela unidade lexical ou terminológica por meio de outras unidades linguísticas”.
Sager (1990)	Processo de descrever um conceito linguisticamente tendo como base uma lista de características que transmitem o significado desse conceito.
Cabré (1993, p. 196)	“Enunciado que descreve uma noção e que, dentro de um sistema nocional, permite diferenciá-la de outras noções”.
Rey (1979)	Junção entre uma definição lexicográfica e uma descrição enciclopédica com o objetivo de evocar um conceito de uma língua de especialidade.
Wüster (1985, p. 55)	“Descrição de um conceito por meio de outros conceitos, usualmente feita por meio de palavras”.

Quadro 21: Definições de ‘definição terminológica’ encontradas.

Embora cada definição apresente sua particularidade, todas têm em comum o fato de que ‘definição’ descreve um conceito de uma área de especialidade. Esse foi o ponto de partida para elaborar a nossa definição do termo. Somamos a isso o fato de que uma definição explícita somente os traços pertinentes, ou essenciais, de um significado, deixando de lado características não essenciais. Nesse momento, deparamos com o que Finatto (2001, p. 286) aponta como uma das grandes dificuldades da elaboração de uma definição terminológica: selecionar o que é essencial frente ao acessório.

Partimos do princípio de que para selecionar os traços pertinentes é necessário levar em consideração três fatores essenciais: o domínio específico em questão, o perfil do produto terminográfico e o público-alvo. No que se refere ao domínio específico, o futebolês pode ocupar os dois extremos em uma linha que define o grau de especialização de uma língua de especialidade, pois é, ao mesmo tempo parte do cotidiano de muitos brasileiros e ingleses, e obscuro para a parcela da população que não se interessa pelo esporte. Dessa forma, acreditamos que alguns termos, por mais que carreguem características culturais e históricas, são conhecidos por muitas pessoas, até mesmo por aquelas que não demonstram interesse pelo esporte. Tomemos como exemplo o caso do termo ‘gol’ ou da CLE ‘gol, [FAZER|MARCAR] [um|o]’. cremos que ambos têm seu significado compreendido até mesmo por alguém que não admire, assista ou leia sobre futebol. No entanto, essa realidade não é compartilhada por outros termos como ‘bichado’, por exemplo, cujo significado é compreendido somente por pessoas que entendem um pouco mais sobre o assunto.

Quanto ao perfil do produto terminográfico, consideramos os seguintes fatores:

Capítulo 5

- a) a obra terminográfica é digital e poderá, futuramente, ser disponibilizada *on-line*, ou seja, não precisamos nos restringir a limitações de espaço, fator bastante comum em obras impressas;
- b) o propósito principal da obra é tratar de termos culturalmente marcados, que por natureza apresentam dificuldade na tradução. Por esse motivo, temos como objetivo definir o conceito de um verbete da forma mais clara possível. No entanto, temos que ser cuidadosos para não incluir na definição traços não essenciais, que podem ser incluídos no elemento ‘informações enciclopédicas’ (item 5.3.2.6).

Elaboramos um modelo de dicionário terminográfico tendo em mente um público-alvo que tenha ao menos um conhecimento básico sobre o tema, uma vez que uma pessoa desinteressada pelo tema ou que não necessite compreender ou escrever sobre futebol não se interessará pela obra. Acreditamos, também, que a mínima necessidade de compreensão ou produção de um texto nesse domínio específico vem acompanhada de um conhecimento mínimo da área. Levamos, ainda, em consideração o fato de que, além de um público de conhecimento médio, especialistas sobre o assunto podem se interessar pela obra e, nesse caso, os dados recolhidos durante a análise dos verbetes e que não foram incluídos na definição por apresentarem informações acessórias não devem ser descartados, mas sim apresentados nas informações enciclopédicas.

Para fechar o entendimento do conceito ‘definição’, compartilhamos a visão de Finatto (2001, 129), para quem o enunciado definitório é “a voz de alguém e a voz de uma área do conhecimento” que deve ser mediada e entendida como reflexo e produto de condições socioculturais, comunicativas e pragmáticas.

Após apresentar diferentes abordagens para o significado de ‘definição’ em dicionário terminológico, julgamos interessante, para o propósito deste trabalho, apresentar o conceito de definição aqui adotado. Ressaltamos, entretanto, que não temos como objetivo questionar as definições já existentes, mas, por uma questão de linearidade da tese, mostramos, abaixo, nosso entendimento de definição terminológica:

Capítulo 5

Enunciado que descreve o conceito de um termo de especialidade por meio de unidades linguísticas e que se limita a oferecer informações essenciais para a compreensão do conceito descrito.

A definição apresentada é resultado da junção de algumas das definições presentes no quadro 21 e tem como objetivo nortear a elaboração das definições do modelo de dicionário construído.

O modo de definição do termo varia de acordo com o domínio e com a característica do termo descrito. No entanto, Barros (2004, p. 165) apresenta uma fórmula que nos pareceu ideal pela Terminologia. A fórmula em questão é composta por duas partes: *gênero próximo* + *diferenças específicas*. Essa fórmula identifica o termo como parte de um conjunto e, em seguida, o distingue de outros elementos pertencentes a esse mesmo conjunto. Observemos a definição de *diver*:

Figura 71: Destaque para a definição de *diver*.

Primeiramente, identificamos o termo como parte de um grupo, nesse caso, ‘jogadores’, e, em seguida, o diferenciamos do grupo apresentando suas características específicas: ‘que tem reputação de simular faltas’.

Existem diversos tipos de definição, e poderíamos listar todos os modelos encontrados durante a pesquisa. Contudo, entendemos que cada modelo pode ter sua especificidade e aplicabilidade justificadas pela natureza da obra terminográfica. Em nosso dicionário, trabalhamos, sempre que possível, com o modelo de definição por compreensão, que segue aquele apresentado por Barros (2004). Em uma definição por compreensão, as características restritivas são apresentadas com o objetivo de

Capítulo 5

diferenciar o conceito descrito dos outros conceitos pertencentes ao mesmo grupo, conferindo-lhe um caráter único. Podemos observar essa dinâmica na definição da figura 71, em que o jogador *diver* é diferenciado de todos os outros jogadores pelo seu hábito de simular faltas.

Expostos o conceito e o modo de definição adotados, explicamos, brevemente, o procedimento utilizado para a elaboração das definições.

Utilizamos as definições extraídas da *web* para compilar as definições dos verbetes. Por exemplo, no caso do termo ‘rolinho’, consideramos as seguintes definições:

- a) “este drible é quando o jogador rola a bola por debaixo das pernas de quem o está marcando e corre pelo lado para buscar a bola.”
- b) “Esse drible tem como característica desmoralizar o adversário e levantar a torcida!”
- c) “Jogar a bola entre as pernas do jogador adversário.”
- d) “O drible feito pelos jogadores que faz a bola passar pelo vão da perna do adversário.”

e aplicamos o modelo de definição por compreensão. Primeiramente, diferenciamos ‘rolinho’ de todos os outros elementos do mesmo grupo (‘drible’) para, em seguida, apresentar suas características restritivas: “rolar a bola por baixo das pernas do adversário e correr pelo lado para buscá-la”. Chegamos à seguinte definição: “Drible em que o jogador rola a bola por baixo das pernas do adversário e corre pelo lado para buscá-la”.

No modelo de dicionário proposto, as definições são separadas do elemento anterior (‘equivalente’) por ponto e vírgula (;) e do elemento seguinte (‘exemplos’) por barras duplas (//). São grafadas em verde e aparecem em itálico.

5.3.2.5 Exemplo(s)

Para os teóricos da LC como Tagnin (2005), Berber Sardinha (2004), Bowker e Pearson (2002) e Sinclair (1991), uma das grandes vantagens, senão a maior, de pesquisas em LC é trabalhar com a língua em uso, ou seja, a maneira como a língua é

efetivamente utilizada por seus usuários. Em se tratando de um modelo de dicionário compilado de acordo com os princípios da LC, é de se esperar que os exemplos nele presentes tenham sido retirados do *corpus*. Ao selecionar os exemplos, procuramos, sempre que possível, escolher aqueles que contribuíam para a compreensão do significado do termo ou CLE. No entanto, dado o alto grau de especialidade do *corpus* de estudo, a maior parte dos exemplos não expandia a informação contida na definição. Em um primeiro momento, recorremos ao *Google* para buscar exemplos mais explicativos. Contudo, após as primeiras buscas constatamos que textos sobre futebol não são de natureza explicativa; são, em sua maioria, narrações de acontecimentos, sejam esses em campo ou nos “bastidores” do futebol. O único gênero textual que se mostrou explicativo foi a crônica futebolística. No entanto, além de não fazer parte de nosso *corpus*, frequentemente as crônicas utilizam os termos típicos do futebol de forma mais criativa.

Dada a dificuldade de encontrar exemplos que acrescentassem alguma informação à definição elaborada, aceitamos a natureza dos gêneros textuais com os quais trabalhamos e extraímos, quando possível, os exemplos do *corpus*, salvo em casos em que buscávamos exemplos de um equivalente em inglês que não apresentava ocorrência no *corpus*. Nesses casos, extraímos os exemplos de textos encontrados no *Google* e armazenamos os textos em uma pasta para, em momento oportuno, serem inseridos no *corpus*.

Disponibilizamos até três exemplos para cada verbete, sendo que 80% dos verbetes apresenta somente um exemplo, os outros 20% são casos em que a CLE possui um item intercambiável, como, por exemplo, os verbos ‘fazer’ e ‘cometer’ na CLE ‘falta, [FAZER|COMETER]’. Nesse verbete, apresentamos dois exemplos, um com cada verbo. Observemos a figura 72:

Capítulo 5

Figura 72: Destaque para os exemplos de ‘falta, [FAZER/COMETER]’.

Também disponibilizamos mais de um exemplo no caso de termos com mais de um equivalente na outra língua, caso de *nutmeg*:

Figura 73: Destaque para os exemplos dos equivalentes de *nutmeg* em português.

Cada exemplo aparece em itálico, na cor verde musgo, e é separado do elemento anterior e do termo seguinte por barras duplas (/). O símbolo “Ex.:" sempre antecede o primeiro exemplo, e, no caso de mais de um exemplo, utilizamos a barra individual (/) para delimitar cada um.

5.3.2.6 Informações enciclopédicas

O campo ‘informações enciclopédicas’ contém informações históricas, culturais e dados de cunho mais geral que auxiliam na compreensão do significado de um termo ou que acrescentam informações relevantes à definição.

A figura 74 exemplifica a informação enciclopédica do termo *dummy*, que tem como equivalente ‘drible da vaca’ em português:

Capítulo 5

Figura 74: Destaque da informação enciclopédica do termo *dummy*.

Nesse caso, a informação enciclopédica narra, brevemente, a origem do termo em português.

A figura 75 exemplifica um caso em que a informação enciclopédica auxilia o consulente a compreender a definição:

Figura 75: Destaque da informação enciclopédica do termo 'carretilha'.

No caso de 'carretilha', a informação enciclopédica auxilia o consulente a entender a origem dos nomes do drible por meio da descrição do movimento que o jogador faz com o corpo e por meio da descrição da trajetória da bola.

As informações enciclopédicas são grafadas em preto, separadas do elemento anterior por barras duplas (//) e do elemento seguinte por espaço.

Capítulo 5

5.3.2.7 Remissivas

O sistema de remissivas estabelece as relações semântico-conceptuais entre os verbetes de uma obra terminográfica, ligando variantes e fornecendo um conhecimento mais amplo e detalhado sobre os termos ou CLEs (BARROS, 2004).

Para Barros (2004), a construção de um sistema de remissivas segundo critérios estabelecidos é fundamental para garantir a uniformidade de uma obra terminográfica.

Adotamos dois tipos de remissivas: 1) ‘mesmo que’ (*same as*): utilizada para sinônimos; e 2) ‘ver também’ (*see also*): utilizada para ligar um termo (ex.: ‘gol’) a uma CLE formada pelo mesmo termo (ex.: gol, [FAZER|MARCAR] [um|o]). Uma vez que seguimos os princípios da LC para a análise dos termos e construção do dicionário, no caso de sinônimos utilizamos o termo com o maior número de ocorrências no *corpus* como a entrada principal; seus sinônimos podem ser acessados pela referência ‘mesmo que’.

As remissivas são os últimos elementos grafados no verbete e aparecem em negrito e itálico e na cor verde escura. O *software Tlex* permite a inclusão de remissivas nos verbetes desde que todos os termos tenham uma entrada. Dessa forma, para remeter o termo ‘carretilha’ (item mais frequente no *corpus*) ao termo ‘lambreta’ (item menos frequente no *corpus*), criamos uma entrada para ‘lambreta’. A figura 76 mostra a referência cruzada entre ‘lambreta’ e ‘carretilha’:

Capítulo 5

Figura 76: Referência cruzada entre ‘lambreta’ e ‘carretilha’.

Ao final do verbete ‘lambreta’ encontramos a informação *article is cross-referenced from* seguido do verbete principal (‘carretilha’) na linha abaixo, recuado à esquerda. O *software* adiciona essa informação automaticamente quando o terminológico cruza duas referências.

Se consultarmos ‘carretilha’, encontraremos ao final do verbete a informação: *article has cross references to >>* seguido do verbete ‘lambreta’ na linha de baixo, recuado à direita.

5.3.2.8 Vídeo

Embora em teoria a informação contida na definição deva ser suficiente para que o consulente entenda o significado do termo ou CLE, esse nem sempre é o caso. Em alguns dicionários, tanto de língua geral quanto especializados, os exemplos acrescentam, indiretamente, informações que contribuem para a compreensão do significado do termo. No entanto, como exposto anteriormente, tal fato não ocorreu em nossa pesquisa. Por esse motivo, optamos por adicionar vídeos em alguns verbetes, sobretudo nos verbetes de dribles e jogadas. Acreditamos que um consulente não familiarizado com futebol pode ter o significado de um termo ou CLE esclarecido

Capítulo 5

ao assistir a um vídeo que mostre detalhadamente a dinâmica do movimento da bola ou do movimento executado pelo jogador.

Durante a seleção dos vídeos, optamos sempre pelos de caráter mais didático, como, por exemplo, o que mostra um profissional ensinando passo a passo a execução de um drible ou uma compilação de determinado drible.

Infelizmente, por questões óbvias não será possível visualizar os vídeos presentes nos verbetes. Contudo, disponibilizamos os vídeos de dribles presentes no dicionário em um CD anexo. É importante enfatizar que o programa *TLex* permite a inserção de vídeos e imagens na obra desde que os arquivos estejam salvos no computador em que o *software* está instalado. O elemento vídeo, quando presente, aparece em forma de *link* no final do verbete seguido de seu endereço. Para visualizar o vídeo, basta que o consulente clique no ícone:

Figura 77: Modo de visualização do elemento ‘vídeo’ no *TLex*.

5.3.2.9 Imagem

Acreditamos que a ilustração de alguns termos pode auxiliar o consulente na compreensão dos significados, como, por exemplo, no caso do termo ‘gol’ quando este se refere à estrutura física. Observemos o verbete ‘gol’:

Capítulo 5

Figura 78: Verbetes ‘gol’.

Assim como o elemento ‘vídeo’, o elemento ‘figura’ é disponibilizado no fim do verbete, seguido do endereço eletrônico do qual a figura foi extraída.

Considerações finais

O presente trabalho partiu da hipótese de que os diferentes jeitos de jogar, a história do futebol em cada cultura, a apropriação cultural das regras na Inglaterra e no Brasil e outros fatores de ordem histórico-social contribuíram para a criação do léxico do futebol em português e inglês. Propusemo-nos a observar o léxico do futebol tendo como pano de fundo a história do esporte em cada cultura, pois acreditamos que as terminologias são influenciadas por fatores contextuais. Fatores, esses, que devem ser considerados durante o ato tradutório.

A natureza terminológica do trabalho e o desejo de auxiliar o tradutor deram origem ao objetivo de nossa pesquisa: criar um modelo de glossário de futebol composto por verbetes marcados por diferenças culturais entre o Brasil e a Inglaterra.

Para alcançar os dois objetivos propostos, estabelecemos seis passos: compilar um *corpus* comparável de futebol no par de línguas português e inglês, composto por textos de campeonatos ingleses e brasileiros; explorar o *corpus* e fazer um levantamento das palavras-chave mais frequentes; selecionar os termos e combinações léxicas especializadas (CLEs) culturalmente marcados; estabelecer possíveis equivalentes para os termos e CLEs; criar definições para os termos e CLEs; e criar um modelo de dicionário composto por termos e CLEs culturalmente marcados.

Inicialmente, discutimos os seis passos seguidos para alcançar os objetivos. Em seguida, refletimos sobre a hipótese em que nos baseamos para a execução da pesquisa e apresentamos outras duas hipóteses que surgiram durante a análise. Ao final, tecemos comentários gerais sobre o objetivo principal de nossa tese e apresentamos algumas considerações sobre questões de interdisciplinaridade.

O primeiro passo, compilar o *corpus* de estudo, demandou mais trabalho do que esperávamos. Ainda no início da pesquisa, tivemos que modificar sua composição, pois, a princípio, trabalharíamos com dois *subcorpora*: um contemporâneo, formado por textos coletados no período de 2006 a 2010 durante nossa pesquisa de mestrado, e que foi ampliado com textos da Copa das Confederações (2013) e da Copa do Mundo (2014); e outro, histórico, composto por

Considerações finais

textos sobre resultados de partidas das fases finais das copas de 1930 a 2014. Essa compilação teve de ser alterada por dois motivos principais: 1) para identificar particularidades do futebol brasileiro e do futebol inglês não precisaríamos somente de um *corpus* comparável em português e inglês, mas sim de um *corpus* comparável composto por textos sobre campeonatos brasileiros e campeonatos ingleses; 2) a compilação do *corpus* histórico mostrou-se muito laboriosa. Não conseguimos acesso aos textos que pretendíamos coletar dentro do recorte proposto. Ademais, quando encontrávamos os textos, estes estavam em formato .pdf e o *software* conversor não reconhecia os caracteres, fator que dificulta, ou, em nosso caso, impossibilita a compilação do *corpus*.

Além da composição, tivemos que repensar os campeonatos dos quais coletaríamos os textos, já que, como detalhado anteriormente a configuração dos campeonatos no Brasil e na Inglaterra difere bastante.

A diferença do número de palavras dos textos em inglês e português foi explicada pelo conceito de *high* e *low-context cultures*, segundo o qual a quantidade de informação linguística necessária para transmitir o significado varia de acordo com a cultura. O Brasil pertence à categoria de países *high-context*, caracterizados por deixar grande quantidade de elementos contextuais implícitos. Por esse motivo, informações que estão subentendidas na fala ou, como em nosso caso, em um texto, contribuem de forma efetiva para a transmissão do significado. A Inglaterra, por outro lado, pertence à categoria de países *low-context*, caracterizados por explicitar os elementos contextuais e debater exaustivamente os assuntos, de modo que não resem dúvidas que deem margem a uma interpretação equivocada. Os textos em português apresentam um relato sucinto, enfatizando os gols e dando pouco destaque para as jogadas, focando, dessa forma, o resultado em detrimento dos meios, até mesmo nas narrações minuto a minuto. Já os textos em inglês descrevem a partida com riqueza de detalhes e quase sempre apresentam, além de um apanhado geral, a descrição dos lances mais importantes, enfatizando, assim, a importância dos meios e do resultado.

A mesma diferença no grau de detalhamento dos resultados de partidas, das descrições de partidas e dos relatos de partidas com comentários de internautas também foi observada nas notícias sobre compra e venda de jogadores e técnicos e nas notícias sobre a situação dos times nos campeonatos. Além das particularidades

Considerações finais

dos países de *high* e *low-context*, destacamos o interesse e o hábito do torcedor inglês de comentar a partida junto com o narrador, prática que não se mostrou popular no Brasil.

O segundo e o terceiro passos, fazer um levantamento das palavras-chave mais frequentes e selecionar os termos e CLEs culturalmente marcados, foram realizados de forma semiautomática. O levantamento das palavras-chave foi feito automaticamente pelo *software WordSmith Tools* por meio da comparação com o *corpus* de referência. Já a seleção dos termos culturalmente marcados, que constituem os estudos de caso, foi feita manualmente por meio da análise da lista de palavras-chave e subsequente eliminação de nomes de times e de jogadores, palavras que faziam referência a campeonatos, palavras gramaticais, numerais e advérbios.

Conforme exposto anteriormente, temos ciência de que alguns termos culturalmente marcados não foram abordados em nossa análise. Contudo, acreditamos que tal fato não constitua um ponto negativo, já que nosso objetivo não foi compilar uma obra completa de termos culturalmente marcados, mas sim mostrar a importância de fatores sociais, históricos e culturais na construção de uma terminologia e registrar esses fatores em um modelo de dicionário. Além disso, os resultados finais dependem de uma série de decisões tomadas pelo pesquisador durante o percurso da pesquisa. Assim, os termos selecionados refletem a composição do *corpus* de estudo, a metodologia de análise e as decisões mais específicas, como, por exemplo, a exclusão de nomes de times e de jogadores.

O quarto passo, estabelecer possíveis equivalentes para os termos e CLEs, demandou mais trabalho e tempo do que o esperado. A princípio acreditávamos que trabalhar com um *corpus* comparável balanceado asseguraria, de certa forma, a identificação de equivalentes tradutórios na língua de chegada. É fato que a maior parte dos equivalentes foi encontrada por meio da análise do *corpus* de estudo, tanto por meio da análise das linhas de concordância da tradução *prima facie*, quanto de um possível colocado do termo em inglês, de um sinônimo do termo em português, de um já candidato a equivalente em inglês, das linhas de concordância das etiquetas gramaticais ou da análise das palavras-chave do *subcorpus* em inglês. No entanto, conforme detalhado no item 3.5.3, tivemos que utilizar outros dois mecanismos de

Considerações finais

busca para identificar alguns equivalentes: pesquisa na *internet* pelo *Google* e conversa com especialista.

A pesquisa na *internet* mostrou-se bastante eficaz tanto para um melhor entendimento do significado dos termos em português, quanto para a busca de seus equivalentes em inglês. Além disso, recorremos ao *YouTube* durante toda a pesquisa a fim de compreender melhor os dribles. As consultas a especialistas da área também foram produtivas, pois, durante essas conversas, obtivemos informações mais específicas sobre os termos e CLEs significativamente recorrentes no *corpus*, fator que contribuiu sobremaneira para a identificação de alguns equivalentes. Em suma, apesar de utilizarmos três ferramentas de busca para encontrar equivalentes tradutórios, a busca em nosso *corpus* provou-se bastante eficaz e foi suficiente para a identificação dos equivalentes da maioria dos termos e CLEs.

A fim de executar o quinto passo, criar definições para os termos e CLEs, fizemos pesquisas mais extensas na *internet*. Acessamos sites esportivos, *blogs* de fãs de futebol e alguns dicionários *on-line*; também examinamos crônicas, enciclopédias e todo tipo de fonte que apresentasse definições para os termos e CLEs que estudávamos. Registramos as definições encontradas nas fichas terminológicas e, a partir dessas definições, elaboramos nossa própria definição. Após elaborar as definições, conversávamos, sempre que possível, com pesquisadores de futebol e jornalistas esportivos a fim de validar a definição. Quando não tínhamos um especialista à disposição, conversávamos com familiares, amigos e conhecidos, todos fãs de futebol.

O sexto passo, criar um modelo de dicionário composto pelos verbetes marcados por diferenças culturais entre Brasil e Inglaterra, foi realizado parcialmente. Isto é, criamos um modelo de glossário dentro das limitações de tempo da pesquisa. Esse modelo é composto por nove elementos: entrada, categoria gramatical, equivalente, definição, exemplo, informações enciclopédicas, dois tipos de remissivas – ‘mesmo que’ e ‘ver também’ –, vídeo e imagem.

Cremos que o modelo de verbete resultante auxiliará os consulentes que tenham como objetivo ler ou escrever sobre futebol em português ou inglês e, ao mesmo tempo, entender um pouco mais sobre as particularidades do futebol brasileiro e do futebol inglês. Naturalmente, outros elementos, tais como os colocados e as

Considerações finais

CLEs mais comuns em que os termos ocorrem, ou, ainda, um indicador de frequência do termo ou CLE podem ser incluídos no verbete; as possibilidades da montagem de um verbete são inúmeras. Em nossa pesquisa selecionamos os elementos que julgamos mais relevantes. Enfim, como exposto anteriormente, um dos grandes desafios da compilação de dicionários baseados em *corpus* é, diante de todas as informações que o *corpus* evidencia, selecionar as mais relevantes para compor o verbete, sem deixar que o dicionário perca sua característica de obra lexicográfica ou terminográfica e se transforme em uma enciclopédia.

Nossa hipótese inicial de que os diferentes jeitos de jogar, a história do futebol em cada cultura, a apropriação cultural das regras na Inglaterra e no Brasil e outros fatores de ordem histórico-social contribuíram para a criação do léxico do futebol em português e inglês foi confirmada, como podemos observar detalhadamente nos estudos de caso. Embora o futebol brasileiro esteja passando por uma série de mudanças, a forma-representação do “futebol-arte” ainda prevalece no imaginário do brasileiro. Observamos tal fato em dois níveis. Primeiramente, nas próprias palavras-chave do *subcorpus* em português. Conforme discutido em alguns estudos de caso, como, por exemplo, no ‘drible da vaca’ e no ‘rolinho’ e seus sinônimos, a ocorrência dos termos que designam esses dribles em português é mais frequente do que as ocorrências que designam esses mesmos dribles no *subcorpus* em inglês, embora a frequência dos dribles em partidas não nos pareça muito maior no campeonato brasileiro do que no campeonato inglês²⁸⁰. Também observamos o binômio “futebol-arte” x “futebol-força” na análise do *minicorpus* compilado para investigar a hipótese de que o futebol inglês é mais ‘pegado’ e ‘rápido’ do que o futebol brasileiro. O futebol brasileiro ainda é associado com palavras como ‘drible’, ‘criatividade’, ‘espontaneidade’, ‘habilidade’, ‘beleza’ e ‘ginga’, ao passo que o futebol inglês é quase que exclusivamente associado com palavras de força e rapidez.

Ainda no que se refere ao binômio “futebol-arte” x “futebol-força”, observamos que, embora os pesquisadores de futebol reconheçam que tanto o futebol jogado pelo Brasil quanto o futebol jogado pela Inglaterra apresentem características de um futebol globalizado, já que equipes do mundo inteiro usam modelos

²⁸⁰ Para afirmar tal hipótese, levantada com base em conversas com especialistas, teríamos que realizar um estudo sobre a frequência de dribles nos campeonatos no Brasil e na Inglaterra.

Considerações finais

semelhantes (SOARES & LAVISOLO, 2003, p. 140) e os times são compostos por jogadores de diversas nacionalidades, essa imagem de “futebol-arte” está presente até mesmo no imaginário dos pesquisadores, já que esses usam com frequência as palavras mencionadas no parágrafo anterior para se referir ao nosso futebol. Contudo, para que tal hipótese fosse comprovada seria necessário conduzir um estudo com os artigos, livros e teses que abordem o assunto. Nesse caso, a LC poderia ser utilizada a fim de levantar as palavras utilizadas por esses autores para falar sobre o futebol brasileiro analisando o contexto histórico-cultural em que as obras foram produzidas e as colocações e CLEs em que as palavras ocorrem.

Após seguir os seis passos acima descritos e comprovar nossa hipótese, alcançamos o objetivo final de nossa tese: criar um modelo de dicionário de futebol composto por verbetes marcados por diferenças culturais entre Brasil e Inglaterra. O modelo de dicionário foi criado levando em consideração as particularidades dos dois futebolis e está aberto a alterações. Assim como qualquer obra lexicográfica, um formato final do dicionário só poderá ser estabelecido uma vez que o projeto editorial e o meio de publicação forem definidos.

Ainda que não seja o objetivo do trabalho, a pesquisa nos permitiu realizar algumas reflexões sobre LC, Terminologia e Tradução Técnica. A LC mostrou-se aporte metodológico valiosíssimo para a extração terminológica. Mais do que isso, a LC guiou-nos durante toda a pesquisa, desde a hipótese levantada até as conclusões finais e propiciou o surgimento de novas hipóteses. Por esse motivo, acreditamos que, dependendo da forma como é utilizada e dos objetivos da pesquisa, a LC é muito mais do que um conjunto de práticas metodológicas. No que se refere à Terminologia, constatamos que os fatores culturais, o contexto e a finalidade de uso influenciam de forma direta o funcionamento de uma língua de especialidade.

Last but not least, após todas as leituras concluídas, as reflexões realizadas no percurso de nossa pesquisa e a experiência com a busca de equivalentes tradutórios para termos e CLEs da linguagem do futebol em português e inglês, acreditamos que o debate sobre ser ou não a Tradução Técnica influenciada por condicionantes culturais já foi suficientemente discutido para se concluir que, assim como qualquer outro gênero textual, o texto especializado é culturalmente condicionado. A pergunta que deveria ser feita é: Como estabelecer um conjunto de práticas que auxilie

Considerações finais

tradutores e estudiosos da tradução a considerar elementos culturais e históricos na busca de equivalentes tradutórios de diferentes línguas de especialidade?

Acreditamos que os procedimentos metodológicos seguidos em nossa pesquisa podem servir como ponto de partida para futuras pesquisas. Entretanto, adaptações no processo podem fazer-se necessárias conforme o domínio estudado.

Encerramos nossas considerações finais com uma breve reflexão sobre interdisciplinaridade. Para que o objetivo final de nossa pesquisa fosse alcançado, lançamos mão de diferentes abordagens teóricas e metodológicas. Utilizamos a LC como metodologia e aporte teórico para a observação da linguagem; fizemos uso de ferramentas computacionais e métodos estatísticos para analisar o *corpus*; lançamos mão dos Estudos da Tradução para identificar os equivalentes dos termos e CLEs, bem como para selecionar as informações pertinentes a cada cultura e que deveriam constar no modelo de dicionário proposto; recorremos à Terminologia para entender os princípios que regem o futebolês e para elaborar o modelo de dicionário; cursamos a disciplina “História Social do Futebol: Impulso Lúdico, Composição e Significações”, ministrada no Departamento de História da Universidade de São Paulo, para aprender sobre a história do futebol; e recorremos ao conceito forma-representação, do antropólogo Luiz Henrique de Toledo, para interpretar as diferenças no comportamento dos termos em português e inglês. Enfim, gostaríamos de ressaltar a importância do diálogo entre linguistas em geral, entre eles tradutores, terminólogos e linguistas de *corpus*, com pesquisadores de outras áreas a fim de expandir os horizontes de pesquisas de mestrado e doutorado.

“It was an initiation into the love of learning, of learning how to learn [...] as a matter of interdisciplinary cognition - that is, learning to know something by its relation to something else.”
(Leonard Bernstein)

Referências bibliográficas

- AIJMER, Karin; ALTENBERG, Bengt. (eds.) *English Corpus Linguistics: studies in honour of Jan Svartvik*. London: Longman, 1991, p. 8-29.
- ALMEIDA, Gladis M. de B. O percurso da Terminologia: de atividade prática à consolidação de uma disciplina autônoma. *TRADTERM*, São Paulo, n. 9, p. 221-222, 2003.
- ALMEIDA, Lucas G. de; OLIVEIRA, Marcos L. de; SILVA, Cristiano D. da. Uma análise da vantagem de jogar em casa nas duas principais divisões do futebol brasileiro. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 25, n.1, p. 49-54, 2011.
- ANCHIMBE, Eric. Blend it like a banana: Representing the ecology in live football commentaries. IN: LAVRIC, Eva; GERHARD, Pisek; SKINNER, Andrew. *The Linguistics of Football*. Tübingen: Gunter Narr, 2008.
- STADLER, Wolfgang. (org.) *The Linguistics of Football*. Tübingen: Gunter Narr Verlag Tübingen, 2008.
- ASENSIO, Roberto M. Specialised translation: a concept in need of revision. *Babel*, v. 53, n. 1, p. 48-55, 2007.
- AZENHA JR., João. *Tradução técnica e condicionantes culturais: primeiros passos para um estudo integrado*. São Paulo: Humanitas, 1999.
- BAAYEN, R. Harald. Lexis, Word Frequencies, and Text Type. IV-V Jornades de corpus linguistics 1996–1997. *Proceedings...* Barcelona, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 1998, p. 87-102.
- BAKER, Mona. Corpus linguistics and translation studies: Implications and applications. IN: BAKER, Mona; FRANCIS, Gill; TOGNINI-BONELLI, Elena. (eds.) *Text and Technology: In Honour of John Sinclair*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993, p. 233-250.
- BAKER, Mona. *In other words: a coursebook on translation*. London/New York: Routledge, 1992.

Referências bibliográficas

- _____. *Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research*. *Target*, v. 7, n. 2, p. 223-243, 1995.
- _____. Corpus-based Translation Studies: The Challenges that Lie Ahead. IN: SOMERS, Harold. (ed.) *Terminology, LSP and Translation: Studies in Language Engineering in Honour of Juan C. Sager*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1996.
- _____; KAPLAN, Robert E. Translated! A new breed of bilingual dictionaries. *Babel*, v. 40, n. 1, p. 1-11, 1994.
- BAKER, Paul. *Using Corpora in Discourse Analysis*. London: Continuum, 2006.
- _____. Querying keywords: questions of difference, frequency and sense in keywords analysis. *Journal of English Linguistics*, v. 32, n. 4, p. 346-359, 2004.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, I. M. (org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. 2 ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.
- BARNBROOK, Geoff; MASON, Oliver; KRISHNAMURTHY, Ramesh. *Collocation: applications and implications*. London: Palgrave Macmillan, 2013.
- BARROS, Lídia A. *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004.
- BEAUGRANDE, Robert-Alain; DRESSLER, Wolfgang U. *Introduction to Text Linguistics*. London: Longman, 1981.
- BERBER SARDINHA. Lingüística de Corpus: Histórico e problemática. *Revista D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000.
- _____. *Lingüística de corpus*. Barueri: Manole, 2004.
- BEVILACQUA, Cleci. *A fraseologia jurídico-ambiental*. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, UFRGS, 1996.
- _____; MACIEL, Anna M. B.; RAMOS, Patrícia C. R.; SCHEEREN, Cláudia; KILLIAN, Cristiane. CLEs da linguagem jurídica: as combinatórias discursivas do texto legislativo brasileiro. IN: ALVAREZ, Maria L. O. (org.)

Referências bibliográficas

- Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. v. 2. Campinas: Pontes Editores, 2012, p. 241-253.
- BLAIS, Esther. La phraséologie. Une hypothèse de travail. *Terminologies Nouvelles*, v. 10, p. 50-56, 1993.
- BOUTIN-QUESNEL, Rachel; BÉLANGER Nycole; KERPAN Nada; ROUSSEA, Louis-Jean. *Vocabulaire systématique de la terminologie*. Québec: Publications du Québec, 1985. [Cahiers de l'Office de la langue française].
- BOWKER, Lynne. Exploring the potential of corpora for raising language awareness in student translators. *Language Awareness*, v. 8, n.3, p. 160-173, 1999.
- _____; PEARSON, Jennifer. *Working with specialized language: a practical guide to using corpus*. London/New York: Routledge, 2002.
- BUGUEÑO MIRANDA, Félix Valentín; FARIAS, Virgínia Sita. Informações discretas e discriminantes no artigo léxico. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 18, p. 115-135, 2006.
- BYRNE, Jody. *Technical Translation: Usability Strategies for Translating Technical Documentation*. Dordrecht: Springer, 2006.
- CABRÉ, Maria T. [1999] *La Terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Barcelona: IULA, 2005.
- _____; LORENTE, Mercè.; ESTOPÀ, Rosa. Terminología y Fraseología. V Simposio de Terminologia Iberoamericana. *Actas...*, Colégio de México, Ciudad de México, 1996, p. 67-81.
- CARDOSO, Maurício. Futebol na raça. *Veja*, São Paulo, n.1528, 7 jan. 1998.
- CARVALHO, Luciana. *A tradução de binômios nos contratos de common law à luz da linguística de corpus*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) —Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- CASTELLANI FILHO, Lino. *Futebol em mosaico: evolução histórica – evolução técnica e tática*. Apostila. 1982.
- DAMATTA, Roberto. (org.). Esporte na sociedade: Um ensaio sobre o futebol brasileiro. IN: DAMATTA, Roberto. *Universo do Futebol*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.

Referências bibliográficas

- DAMO, Arlei S. Ah! Eu sou gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, 1999.
- _____. *Do dom a profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- DAOLIO, Jocimar. *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Editora Autores Associados, 2005.
- DAYRELL, Carmen. Corpora no Ensino de Inglês Acadêmico: Padrões Léxico-Gramaticais em Abstracts de Pós-graduandos Brasileiros. IN: TAGNIN, Stella E. O; VIANA, Vander. *Corpora no Ensino de Línguas Estrangeiras*. São Paulo: HUB Editorial, 2011.
- DESMET, Isabel. *Pour une approche terminologique des sciences sociales et humaines*. Les sciences sociales et humaines du travail en portugais et en français. 1996. Tese (Doutorado)-Université Paris-Nord (Paris XIII), Paris, 1996. 2 v.
- DUBUC, Robert. [1992] *Manual práctico de Terminología*. Trad. Ilena Cabrera. Providencia: RiL, 1999.
- DUNNING, Eric. As ligações sociais e a violência no desporto. IN: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992, p. 327-354.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- FINATTO, Maria José Bocorny. *Definição terminológica: fundamentos teórico-metodológicos para sua descrição e explicação*. 2001. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- _____. B. Exploração terminológica com apoio informatizado: perspectivas, desafios e limites. IN: ISQUERDO, Aparecida N.; ALVES, Ieda M. (org.). *As Ciências do Léxico*. v. 3. Campo Grande/São Paulo, 2007, p. 447-458.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses – Futebol, Sociedade, Cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Referências bibliográficas

- GAUDIN, François. *Pour une socioterminologie Dès prolemes semantiques aux pratiques institutionnelles*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen, 1993.
- GERBER, Regina M. Recursos eletrônicos e pesquisas envolvendo LC. IN: GERBER, Regina M.; VASILÉVSKI, Vera. (orgs.) *Um Percurso para pesquisas com base em corpus*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.
- GIGLIO, Sérgio S.; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). *Revista de História*, São Paulo, v. 163, p. 293-350, 2010.
- GLEDHILL, Christopher. Collocation and genre analysis. The discourse function of collocation in cancer research abstracts and articles. *Zeitschrift für Anglistik und Amerikanistik*, v. 1, p. 1-26, 1995.
- GOLDBLATT, David. *The Ball is Round: A Global History of Soccer*. New York: Riverhead Books, 2008.
- GOUADEC, Daniel. Nature et traitement des entités phraséologiques. *Terminologie et phraséologie. Acteurs et aménageurs: Actes de la deuxième Université d'Automne en Terminologie*. Paris: La Maison du Dictionnaire, p. 167-193, 1994.
- GRÉCIANO, Gertrud. Vers une modélisation phraséologique: acquis et projets d'EUROPHRAS. *Terminologies Nouvelles*, v. 10, p. 16-22, 1993.
- GREEN, Geoffrey. *Soccer: The World Game*. London: Phoenix House Limited, 1953.
- GUEDES, Simoni Lahud. Discursos autorizados e rebeldes no futebol brasileiro. *Esporte e Sociedade*, v.6, n.16. Nov/2010.
- HAENSCH, G. Tipologia de las obras lexicográficas e aspectos prácticos de la elaboración de diccionarios. IN: ETTINGER, S. et al. *La lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía practica*. Madrid: Gredos, 1982.
- HALL, Edward. T. *Beyond Culture*. New York: Anchor Press/Doubleday, 1976.
- _____. *The Silent Language*. New York: Anchor Press/Doubleday, 1990.
- HALLIDAY, Michael. System and function in language. *Selected papers*, London, p. 101-135, 1978.
- HANKS, Patrick. Contextual Dependency and Lexical Sets. *International Journal of Corpus Linguistics*, v.1, n. 1, p. 75-98, 1996.

Referências bibliográficas

- HAUSMANN, Franz Josef; WIEGAND, Herbert Ernst. Component Parts and Structures of General Monolingual Dictionaries: A survey. IN: HAUSMANN, Franz Josef; REICHMANN, Oskar; WIEGAND, Herbert Ernst; ZGUSTA, Ladislav et al. *Wörterbücher, dictionaries, dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie*. Band 1. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1989, p. 328-360.
- HEID, Ulrich. Décrire les collocations: deux approches lexicographiques et leur application dans un outil informatisé. *Terminologie et traduction*, Bruselas, v. 2, n. 3, p. 523-548, 1992.
- _____. On ways words work together - topics in lexical combinatories. IN: MARTIN, W. [et al.]. *Proceedings of the 6th Euralex International Congress on Lexicography* (EURALEX 1994), Amsterdam, The Netherlands, 1994, p. 226-257.
- _____. Towards a corpus-based dictionary of German noun-verb collocations. IN: FONTENELLE, T. et.al. (org.) Euralex'98. *Proceedings...* Université de Liège, 1998, p. 513- 522.
- HELAL, Ronaldo; MURAD, Mauricio. Alegria do Povo e Don Diego: um ensaio sociológico sobre o êxtase e a agonia de heróis do futebol. *Pesquisa de Campo no 1 - Núcleo de Sociologia do Futebol*, Rio de Janeiro, , 1995.
- _____; GORDON, Cesar. A crise do futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI. *Eco-Pos – Publicação da Pós-Graduação em comunicação e cultura*, Rio de Janeiro, UFRJ, n. 1, v. 5, 2002.
- HOEY, Michael. Lexical priming and the properties of text. IN: PARTINGTON, Alan; MORLEY, John; HAARMAN, Louann (Eds.). *Corpora and Discourse*. Bern: Peter Lang, 2004, p. 382-412.
- HOFFMANN, L. *Llenguatges d'especialitat. Selecció de textos*. In: BRUMME, Jenny. (dir.). *Llenguatges d' especialitat. Selecció de de textos* de Lothar Hoffmann. Barcelona: IULA/UPF, 1998.
- HOLANDA, Allan Pinheiro; MENESES, Anelise F. de; MAPURUNGA, Patrícia V. R.; DE LUCA, Marcia L. M. M.; COELHO, Antonio C. D; MENESES, Anelise F. de; MAPURUNGA, Patrícia V. R.; DE LUCA, Marcia L. M. M.; COELHO, Antonio C. D. Determinantes do nível de disclosure em clubes

Referências bibliográficas

- brasileiros de futebol. *Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 2-17, 2012.
- HOLMES, James S. The Name and Nature of Translation Studies. *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*, Amsterdam, p. 67-80, 1988.
- HUNSTON, Susan. *Corpora in Applied Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- KATAN, David. *Translating Cultures: an Introduction for Translators, Interpreters and Mediators*. Manchester/Northampton: St. Jerome Publishing, 2004.
- KENNEDY, Graeme. *An introduction to corpus linguistics*. London: Longman, 1998.
- _____. Phraseology and language pedagogy: Semantic preference associated with English verbs in the British National Corpus. IN: MEUNIER, Fanny; GRANGER, Sylviane. (eds) *Phraseology in Foreign Language Learning and Teaching*. Amsterdam: John Benjamins, 2008, p. 21-41.
- KINGSCOTT, Geoffrey. Technical Translation and Related Disciplines. *Perspectives: Studies in Translatology*, v. 10, p. 247-255, 2002.
- KRIEGER, Maria da G.; FINATTO, Maria J. B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.
- KROEBER, Alfred L.; KLUCKHOHN, Clyde. *Culture: a Critical Review of Concepts and Definitions*. Cambridge: Papers of the Peabody Museum, v. XLVII, n. 1, 1952. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/230913406/Kroeber-y-Kluckhohn-1952-Culture-a-critical-review-of-concepts-and-definitions#scribd> > Acesso em: 21 ago. 2015.
- KÜBLER, Natalie; ASTON, Guy. Using corpora in translation. IN: O'KEEFFE, Anne; MCCARTHY, Michael. (eds.) *The Routledge handbook of Corpus Linguistics*. Abingdon/New York: Routledge, 2010.
- LAINÉ, Claude.; PAVEL, Sylvia.; BOILEAU, Monique. La phraséologie - nouvelle dimension de la recherche terminologique. *Travaux du module canadien du RINT. L'Actualité terminologique*, Canada, v. 25, n. 3, p. 5-9, 1992.
- LAVIOSA, Sara. *Corpus-based translation studies: theory, findings, applications*. Amsterdam/New York: Rodopi, 2002.

Referências bibliográficas

- LEECH, Geoffrey. The state of the art in corpus linguistics. N: SVARTVIK, Jan. *English Corpus Linguistics*. London/New York: Longman, 1991.
- _____. Introducing corpus annotation. IN: GARSIDE, Roger; LEECH, Geoffrey; McENERY, Anthony. (eds.) *Corpus Annotation*. London: Longman, 1997, p. 1-18.
- _____. Developing linguistic corpora: a guide to good practice. Adding Linguistic Annotation. Lancaster: Lancaster University, 2004. Disponível em: < <http://www.ahds.ac.uk/creating/guides/linguistic-corpora/chapter2.htm> > Acesso: 2 ago. 2015.
- LEITH, Alex. *Over the moon, Brian – The Football Language*. London: Boxtree, 1998.
- L'HOMME, Marie-Claude. Caractérisation des combinaisons lexicales spécialisées par rapport aux collocations de langue générale. IN: FONTENELLE, T. et al. Euralex'98. *Proceedings...* Liège: Université de Liège, 1998, p. 513-522.
- _____; BERTRAND, Claudine. Specialized lexical combinations: should they be described as collocations or in terms of selectional restrictions? [Ninth EURALEX International Congress, EURALEX 2000. Proceedings...](#) Stuttgart, Germany, Aug. 8-12, 2000, p. 497-506.
- LEONCINI, Marvio P.; SILVA, Márcia T. da. Entendendo o Futebol como um Negócio: um estudo exploratório. *Gestão e Produção*, São Carlos, v. 12, n. 1, p. 11-23, 2005.
- LOY, John W; KENYON, Gerald S; McPHERSON, Barry D. *Sport, Culture and Society: a Reader on the Sociology of Sports*. London: Macmillan, 1969.
- MAIA, Belinda. Terminology and Translation-Bringing Research and Professional Training Together Through Technology. META Symposium - For a Proactive Translatology. *Proceedings...* Université de Montréal, 2005, p. 7-9.
- MANCA, Elena. From phraseology to culture: qualifying adjectives in the language of tourism. IN: RÖMER, Ute; RAINER, Schulze. *Patterns, Meaningful Units and Specialized Discourses*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin, 2010, p. 105–122.
- MARPLES, Morris. *A History of Football*. London: Secker & Warburg, 1954.

Referências bibliográficas

- MARTIN, Willy. Remarks on Collocations in sublanguages. *Terminologie et traduction*, Bruselas, vol. 2, n.3., p. 157-164, 1992.
- MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MATUDA, Sabrina. *A fraseologia do futebol: um estudo bilingue português-inglês direcionado pelo corpus*. 2011. 304 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês)—Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- MÁXIMO, João; PORTO, Luís R. *A história ilustrada do futebol brasileiro*. São Paulo: Edibras, 1968.
- McENERY, Tony; XIAO, Richard; TONO, Yukio. *Corpus-based Language Studies: an Advanced Resource Book*. London/New York: Routledge, 2006.
- _____; HARDIE, Andrew. *Corpus Linguistics: method, theory and practice*. Edinburgh: Cambridge University Press, 2012.
- MELO, Victor Andrade de. *História da história da Educação Física e do esporte no Brasil: panorama, perspectivas e propostas*. Revista Eletrônica de História do Brasil, Juiz de Fora, v.1, n.1, 1997. Disponível em: <<http://www.boletimef.org/biblioteca/574/Historia-da-educacao-fisica-e-do-esporte-no-Brasil>>. Acesso em: 17 fev. 2015.
- MUNDAY, Jeremy. *Introducing Translation Studies. Theories and applications*. London/New York: Routledge, 2001.
- OAKES, Michael. *Statistics for Corpus Linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1998.
- PAIS, Cidmar T. Aspectos de uma tipologia dos universos de discurso. *Revista Brasileira de Lingüística*, São Paulo, v. 7, p. 43-65, 1984.
- PALUMBO, Giuseppe. The use of phraseology for training and research in the translation of LSP texts. IN: MAIA, Belinda; HALLER, Johann; ULRICH, Marguerita. (eds.) *Training the Language Services Provider for the New Millenium*. III Encontros de Tradução de Astra-FLUP, *Anais...* Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003, 199-211.
- PAVEL, Sylvia. La phraséologie en langue de spécialité. Méthodologie de consignation dans les vocabulaires terminologiques. *Terminologies Nouvelles*,

Referências bibliográficas

- v.10, p. 67-82, 1993. Disponível em <
http://www.termiumplus.gc.ca/didacticiel_tutorial/francais/contributions_sp/1993_phraseologie_f.htm>. Acesso em: 14 fev 2015.
- PESANT, Ghislaine; THIBAUT, Estelle. Terminologie et cooccurrence en langue du droit. *Terminologies Nouvelles*, v. 10, p. 23-35, 1993.
- RAMOS, Graciliano. Alexandre e outros heróis. 32. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1990.
- REBECHI, Rozane Rodrigues. *A Tradução da Culinária Brasileira para o Inglês: um Estudo sob o Enfoque da Linguística de Corpus*. 2015. Tese (Doutorado em Letras) —Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- REY, Alan. Le lexique: images et modèles, du dictionnaire à la lexicologie. Paris: Armand Colin, 1997.
- _____. *La terminologie. Noms et notions*. Paris: Presses Universitaires de France, 1979.
- REY-DEBOVE, Josette. *Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains*. La Haye: Mouton, 1972.
- RIBOLDI, Ari. *Cabeça-de-bagre: termos, expressões e gírias do futebol*. Porto Alegre: AGE, 2008
- RIVERA DOMINGUEZ, Ligia. El vocabulário popular religioso. La concepción popular del diablo. *Cuadernos de Trabajo*, Puebla, n. 9. , p. 45-55, 1985.
- ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Edusp/Perspectiva, 1993.
- SAGER, Juan C. *A Practical Course in Terminology Processing*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.
- SANTORINI, B. *Part-of-Speech tagging guidelines for the Penn Treebank Project*. 1991. Disponível em: <http://www.ims.uni-stuttgart.de/projekte/corplex/TreeTagger/Penn-Treebank-Tagset.pdf>>. Acesso em 7 mar. 2015.
- SAPIR, Edward; IRVINE, Judith T. *The Psychology of Culture: A Course of Lectures*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1994.

Referências bibliográficas

- SCHAETZEN, Caroline de. Un accès rapide aux collocations. *Terminologies Nouvelles*, n. 10, p. 103-114, 1993.
- SCOTT, Mike. *WordSmith Tools* version 4, Oxford: Oxford University Press, 2004.
- _____; TRIBBLE, Christopher. *Textual patterns: key words and corpus analysis in language education*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006.
- _____. *WordSmith Tools* version 6. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- SINCLAIR, John. Naturalness in Language. IN: AARTS, Jan; MEIJS, Willem. (eds.) *Corpus Linguistics: Recent developments in the use of computer corpora in English Language Research*. Amsterdam: Rodopi, 1984, p. 203-210.
- _____. *Corpus, Concordance, Collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- SOARES, Antônio J. *A modo de resposta*. *Estudos Históricos*, n. 23, p. 163-173, 1999. Disponível em: <bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/2091/1230>. Acesso em: 28 jul. 2015.
- _____; LOVISOLO, Hugo R. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, n.1, p. 129-143, 2003.
- TAGNIN, Stella. E. O. *O jeito que a gente diz: combinações consagradas em inglês e português*. São Paulo: Disal, 2013.
- _____. *O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas*. São Paulo: Disal, 2005.
- _____. A identificação de equivalentes tradutórios em corpora comparáveis. I Congresso Internacional da ABRAPUI. *Anais...*, Minas Gerais, 2007. Disponível em: < identificação de equivalentes tradutórios em corpora comparáveis. I Congresso Internacional da ABRAPUI. *Anais*> Acesso: 11 ago. 2015.
- TEBÉ, Carles. Bancos de dados terminologicos. *Terminometro: La Terminologia en España*, número especial, p. 65-68, 1996.
- TEIXEIRA, Elisa Duarte. 2008. *A linguística de corpus a serviço do tradutor: proposta de um dicionário de culinária voltado para a produção textual*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês)–FFLCH/, USP, São Paulo, 2008.

Referências bibliográficas

- TEMMERMAN, Rita. *Towards a new way of terminology description. The socio-cognitive approach*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.
- TOGNINI-BONELLI, Elena. *Corpus linguistics at work*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.
- _____. *Theory and Practice*. Birmingham: TWC Trask, 1996.
- _____. *Corpus Linguistics at work*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- TOLEDO, Luiz Henrique. de. *No país do Futebol*. São Paulo: Zahar, 2000.
- _____. A cidade vista de dentro (e de fora) de uma bola de gude: esportes, jogos e passatempos na metrópole. IN: MAGNANI, José Guilherme Cantor. et. al. (Org.). *São Paulo 450 anos: uma viagem por dentro da metrópole*. São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 2005, p. 143-146.
- _____. *Lógicas no Futebol*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.
- TRIBBLE, Christopher. Genres, keywords, teaching. Towards a pedagogic account of the language of project proposals. *Rethinking language pedagogy from a corpus perspective*. BURNARD, Lou; McEnery, Tony. (eds.) Frankfurt: Peter Lang, 2000, p. 74-90.
- TROMPENAARS, Fons; HAMPDEN-TURNER, Charles. *Riding the Waves of Culture: Understanding Cultural Diversity in Business*. London/Santa Rosa: Nicholas Brealey Publishing Limited, 1997.
- ULRYCH, M. The impact of multilingual parallel concordancing on translation. *Practical Applications in Language Corpora. Proceedings ...* Łódź: Łódź University Press, 1997, p. 421-235.
- VIANA, Vander V.; TAGNIN, Stella E. O. (org.) *Corpora na Tradução*. São Paulo: HUB Editorial, 2015.
- VILLELA, Jorge L. M. Por uma etnografia da pelada: descrição de um caso. *Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol. Futebol e Cidadania*, n. 05, p. 69-96, 1997.
- WELKER, Herbert A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.
- [WISNIK, José Miguel](#). The Riddle of Brazilian Soccer: Reflections on the Emancipatory Dimensions of Culture. *Review: Literature and Arts of the Americas*, issue 73, v. 39, n. 2, p. 198–209, 2006.

Referências bibliográficas

- _____. *Veneno remédio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- WITZIG, Richard. *The Global Art of Soccer*. New Orleans: CusiBoy Publishing, 2006
- WRIGHT, Sue E.; WRIGHT, Leland D. *Scientific and technical translation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.
- WÜSTER, Eugen. *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica*. Trad. Maria Teresa Cabré. Barcelona: IULA, 1998.
- ZANETTIN, Federico. *Translation-driven corpus: corpus resources for descriptive and applied translation studies*. Manchester/Kinderhook: St. Jerome, 2012.
- ZAVAGLIA, Adriana; AZENHA, João; REICHMANN, Tinka. Cultural markers in LSP translation. IN: BAUMANN, Klaus-Dieter (Hg.). *Fach - Translat – Kultur: Interdisziplinäre Aspekte der vernetzten Vielfalt*. Band 2. Berlin: Frank und Timme, 2011, p. 785-808.

Anexo 1

bichado (adjective) *crock* *A player who is injured; usually chronically injured.*// *Ex.:He's not a crock. Real knew about Bale's back woes and deny he needs surgery as angry agent defends £86m star. (Mail Online)*//

cai-cai (noun) *diver* *A player who pretends to have been tripped or impeded by an opposing player.*// *Ex.:Neymar Back in October, Sky Sports' Revista de La Liga panel discussed whether Neymar is a diver, or victim of unfair challenges.. (bleacher report)*// **same as piscineiro**

caneta (noun) *nutmeg* *A trick in which a player rolls the ball through the opponent's legs.*// *Ex.:Romelu Lukaku created the second just before half-time with a powerful run leaving Arsenal's defence – and midfield – entirely in his wake. He set up Steven Naismith, who looked suspiciously offside, but nevertheless finished neatly with a nutmeg through the goalkeeper's legs. (The Guardian)*// **same as rolinho, jalelinha, sainha**

carregador de piano (noun phrase)

1 box-to-box midfielder *A player who both defends and attacks, influencing the game at both ends of the pitch.*// *Ex.:By contrast, Kroos is dynamic and hardworking. He can play at the back of midfield or at the front, in the centre or on the flank. He could almost certainly play as a box-to-box midfielder in a 4-4-2 if he ever were asked to do something so archaic. He is creative without being flash, breaks up play without being violent. He is physically robust without being a monster and astute in possession without over-reaching. (The Guardian)*//

carretilha (noun) *rainbow kick; lambretta flick; lambretta dribble; reverse flick-over; Ossie Ardile's flick; Jay Jay Okocha; the Okocha* *A trick in which a player steps over the ball and flicks it off the ground from behind him, and forward over his head in an arc.*// *Ex.:His winning goal against Senegal in the quarterfinal will eternally remain one of the greatest moments in Turkish sporting history, and his robust performances as a substitute mirrored the tough, no-nonsense approach of the team. Yet Mansiz was not short on flair either, famously bamboozling all-time great Roberto Carlos with a stunning rainbow kick in the tournament before being hastily bundled to the ground by the Brazilian defender. (YAHOO! Sports) / Wow! Robinho pulls off a rainbow flick over Alexis Sanchez! (YouTube) / See Neymar's brilliant Lambretta flick (YouTube) / South American football expert Tim Vickery joins H&J to wax lyrical about Tottenham target Leandro Damiao's rapid rise to prominence, and his trademark Lambretta dribble. (talkSPORT) / The ball reached Rakitic on the half-way line and Pepe, who was completely outside his area, raced to the left flank to try to block the Croatian's counter-attack. The Portuguese centre-back was subjected to an unforgettable reverse flick-over and he tried helplessly and clumsily to keep up with Rakitic's charge. (sportnode) / The game itself will always be remembered for a stunning goal from Glenn Hoddle, the famous high-flying volley from Ossie Ardiles' flick that rattled into the top corner of Gary Bailey's net. (skySPORTS) / Jay Jay See: Okocha, "the Okocha", football soccer move (YouTube)*// *Lambretta flick, lambretta dribble, rainbow kick, rainbow flick and reverse flick-over can be associated to the trajectory of the ball. Lambretta flick and*

Anexo 1

lambretta dribble illustrate the movement to start the motor scooter engine. Rainbow kick and rainbow flick illustrate the rainbow the player paints over his opponent's head when pulling off the trick. Reverse flick-over also depicts the trajectory of the ball as the trick is performed while running forward with the ball, and is done by rolling the ball up the back of one leg with the other foot, before flicking the standing foot upwards to propel the ball forward and over the head. The trick was also named after two former players who mastered it: Osvaldo César Ardiles, known in Britain as Ossie Ardiles, and Jay Jay Okocha. The rainbow kick appears in a famous sequence in the 1981 film *Escape to Victory*, when the trick is used by the character played by Ossie Ardiles which led to the name of "Ardiles flick". It was also named after Jay Jay Okocha, a former skilled Nigerian player who often used the trick to deceive his opponent. *same as lambreta*
<https://www.youtube.com/watch?v=CVVIdk7qKcY>

cera, FAZER (verb phrase) *time, STALL for Situation in which a player wastes time, dives or exchanges passes with other players without building up a head of steam.*// *Ex.:The Nou Camp is a cauldron of whistles, as though this is an attempt to stall for time. As though Arsene Wenger's grand plan was "let's all pretend to be hurt until we're allowed into the next round." And here's some cheery news... (The Telegraph)*//

chinelinho (noun) *sicknote reputation A player who pretends to be injured in order not to play.*// *Ex.:Gourcuff's new injury scare is just a latest in a long history of physical setbacks for the playaker. With a salary of £80,000-a-week combined with his sicknote reputation, it would be reasonable to argue that while Gourcuff may want to move to Arsenal, Arsenal wouldn't want to sign him. (101 great goals)*//

chocolate (noun) *cricket score A victory of a team by a large number of goals.*// *Ex.:Khedira scores Germany's fifth in the first half. An easy shot on target past Cesar. We joke about a cricket score, but sadly, that's the way it's headed. (Mail online)*//

clássico (noun) *derby A match between two rivals, usually from the same area.*// *Ex.:Manchester City 4 Manchester United 1: Demolition derby! Aguero strikes twice while Yaya and Nasri rub salt into Moyes' wounds as new boss endures embarrassment at the Etihad (Mail Online)*// The origin of the term is somewhat obscure, but it is widely reported that the term originates from the town of Ashbourne, Derbyshire, England where, in the early 12th century, two teams from opposite ends of the town played a rough and tumble game called the Royal Shrovetide Football Match. The match, between the 'uppers' and the 'downers' - townspeople from opposite sides of the river, was played every Shrove Tuesday and Ash Wednesday. The goal of the game was to get a painted leather ball into the opposition's goal by fair means or foul. The goals were three miles apart and were on the sites of mills and a goal was scored when a player stroke the mill wheel three times with the ball. There were few rules and there were no fouls or penalties. Needless to say there were many injuries and intense rivalry. It is believed that there were about 400 players who would all meet in two local pubs and spend a couple of hours drinking before the kick-off. This practice appears to have died out with the advent of organized sport in the late 18th, early 19th centuries. Except in the Derbyshire village of Ashbourne where the match is still played. Nowadays, derbies are heated affairs and violence seems to be a part of the fixture. However the matches they encompass are considered to be the best in the sport. Some derbies are known to go beyond the sport due to their references to wider cultural, religious and political issues. In Britain there are specific terms to refer to some derbies. E.g.: the term "North London derby" is used to refer to a derby between Millwall F.C. and West Ham

United F.C.. Too see a complete list of English derbies go to:
http://en.wikipedia.org/wiki/Local_derbies_in_the_United_Kingdom

corte seco (noun phrase) *Cruyff turn* A trick in which a player, instead of kicking the ball, drags it behind his planted foot with the inside of his crossing foot, turns through 180 degrees, and accelerates away from the defender.// Ex.:The highlight of his first-half performance arrived just four minutes later when, after dropping deep to receive the ball, he pulled off a pretty Cruyff turn in the centre of the pitch, drove forward and found a team-mate out wide. (Mail Online)// The trick was named after the famous Dutch player Johann Cruyff and it became famous during the 1974 FIFA World Cup in the Netherlands' match against Sweden. It was soon widely copied by other players around the world and it still remains one of the most commonly used dribbling tricks in the modern game.
https://www.youtube.com/watch?v=M2RfLz1gy_c

drible da vaca (noun phrase) *dummy* A trick in which a player kicks the ball to one side of his opponent, then sprints around him to continue the attack.// Ex.:Oooh! Neymar tried the Pele no-touch dummy 1970 trick against Espanyol, but got cynically taken out by the keeper! (101 great goals)// <https://www.youtube.com/watch?v=eVmc4SvEQoo>

elástico (noun) *flip(-)flap; elastico; flick-flack* A trick in which a player pushes the ball towards his dominant side, then quickly moves the dominant foot around the ball and uses its interior to push the ball to his non-dominant side.// Ex.:Neymar freaked out with his mate Willian after an amazing flip flap he did against Turkey. (Weloba) / Zlatan Ibrahimovic fails to do an elastico, ends up hugging a Hammarby player. (YouTube) / Now at Bradford, the winger pulled off a dazzling bit of skill in their weekend clash with Port Vale. He bamboozled his marker with a flick-flack, a trick which makes opponents think you're going one way before you quickly change direction while they're disoriented. (101 great goals)// The flip(-)flap is claimed to be the property of Roberto Rivelino, a former Brazilian footballer and one of the stars of Brazil's 1970 FIFA World Cup team. However, the player himself says he learned the trick from his friend Sérgio Echi, who played with him in the Corinthians youth team in '64. The flip(-)flap is often described as the most Brazilian of all tricks and used to be performed by high profile players like Romário, Ronaldo and Ronaldinho. <https://www.youtube.com/watch?v=SMXn5hpxaxE>

EMPATAR (verb) *EQUALISE; DRAW; TIE*. An action in which a player scores a goal and his team reaches the same score as their opponent.// Ex.:Seven minutes is a long time in a Merseyside derby, however. Even after Sturridge equalised with a glancing header from Gerrard's free-kick with a minute of normal time left, there was still time for Suárez to bring another sharp save from Howard and the exciting Deulofeu to test Mignolet again at the other end. (The Guardian) / It meant Liverpool had no option but to field a strong side sporting only three changes from the side that fought back to draw 2-2 with Aston Villa last weekend. (Liverpool Echo) / The Spurs player tied the match 2-2 in the 65th minute with a wonderful 30-yard free-kick that ripped into the Vale top corner at speed. (101 great goals)//

falta (noun) *foul; challenge; tackle* A breach of the laws of the game.// Ex.:The number of fouls committed by Premier League players has dropped by 22% since 2006, according to figures released for the first time. (BBC) / Swansea City could also do with a tough-tackling midfielder. Only two sides have made fewer challenges per match (16.5) than them and only Leicester City have faced more shots against them on their travels this season, 18.7 on average. (Premier League) / Reds midfielder Lucas made a tackle every 21.2 minutes in the Premier League last year. (sky SPORTS)// **SEE falta, [FAZER|COMETER] uma**

falta, [FAZER|COMETER] uma (verb phrase) to foul; to tackle; to challenge *Situation in which a player breaks the laws of the game.*// Ex.:In May 2011, Adam, then playing for Blackpool, fouled Tottenham's Gareth Bale. The challenge injured Bale's ankle ligaments badly enough to see him stretchered off and miss the end of the season. (The Guardian) / Touré limped off injured after only 14 minutes and Liverpool's striker Daniel Sturridge also damaged his hamstring when he was tackled by Pablo Zabaleta after refusing to release the unmarked Suárez. (The Guardian) / The left back gives it away but City come forward again through Toure, who must be wondering who these clowns he's suddenly playing with are. Richards overlaps and crosses. It's cleared and Milner is lucky not to get a second yellow for challenging the defender. (The Telegraph)//

FINALIZAR (verb) SCORE ({a|the} goal) An action in which a player scores a goal.// Ex.:O atacante, contudo, se redimiou dois minutos depois. Após articulação de Ganso com Léo, Kardec recebeu passe curto na entrada da área e finalizou para as redes. (Gazeta do Povo)// The verb FINALIZAR may also be used in situations where a player shoots goalwards but doesn't score.

gol¹ (noun) goal Area between the goal line, the goal posts, and the cross bar, which team players must pass the ball into in order to score points.// Ex.:The Frenchman flicks towards Howard's goal but it doesn't trouble the keeper. (Mail Online)// **SEE gol²**

http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-642646473-rede-de-gol-colmeia-fabricamos-sobe-medidafabricante-_JM

gol² (noun) goal A point a team scores when the ball crosses the goal line between the goalposts and below the crossbar.// Ex.:It was a match to remember for Ross Barkley, 19, who scored a stunning goal from outside the penalty area, his first for Everton. (Premier League)//

gol, [FAZER|MARCAR] [UM|O] (verb phrase) SCORE ({a|the} goal) An action in which a player scores a goal.// Ex.:Jack Wilshere scored a goal of true beauty to ensure ugly days ahead for Norwich manager Chris Hughton. (Daily Star) / The midfielder, who signed from Bayern Munich last summer, scored with a well-struck shot early in the second half. (Derby Telegraph)// English has a wide variety of synonymous expressions to describe a goal. In this dictionary, they are divided into semantic groups which allows us to actively compare and contrast the similar expressions. It is important to emphasize that although they are used in the same context, their meaning is usually associated with a specific characteristic of the verb that is part of the expression. *same as FINALIZAR, tento, MARCAR um* <https://www.youtube.com/watch?v=Cny6dMGXtaw>;

SCORING: The meaning of these expressions can be related to the act of adding points to a team's score.

SCORE ({a|the} goal); **NOTCH** {his ORDINAL|CARDINAL}(goal)

// Ex.:Sergio Aguero scored within a minute of coming off the bench. (Mail Online) / Rooney notched his fifth goal of the season and showed that United are serious contenders to retain their Premier League crown despite the loss of Cristiano Ronaldo during the summer. (Manchester United MAD)//;

VIOLENCE: These expressions are formed by verbs denoting violence and are often used to emphasize the strength with which a player shoots goalwards.

FIRE {home | in (a goal) | (the ball) past [goalkeeper]} into the net}

// Ex.:The Serb fired home past Joe Hart to score the only goal of the game, with the visitors hitting the woodwork three times as they secured a massive three points in the title race. (Goal) / Strike partner Emmanuel Adebayor selflessly opted to play the Spaniard in before Soldado took a touch and fired the ball past David Marshall with the outside of his right boot. (GOAL)//

HAMMER {in | home}

// Ex.:Chelsea's sixth and final blow was hammered home in the 70th minute. (Goal)//

SLAM {(the ball) past [goalkeeper] | in | into the roof of the net}

// Ex.:An even contest at the Stade Velodrome swung Arsenal's way in the 65th minute when their French hosts were made to pay for a defensive error, as Jeremy Morel's pitiful attempted clearance inside his own box was pounced upon by Walcott, who slammed the ball past Steve Mandanda in goal. (World Football) / Arsenal made no mistake after the break - Olivier Giroud showing great composure to put them in front - before Podolski got his second of the night to wrap things up as he slammed into the roof of the net. (SKY Sports) //

BLAST IN (a goal)

// Ex.:The first three run over the ball before the fourth touched it back for the fifth player to blast in. (Daily Star)//

LASH home {(a goal) | into an empty net}

// Ex.:Then another Liverpool old-boy, Charlie Adam, lashes home from the edge of the box to make it 2-2 on the stroke of half-time. (The Guardian)//

SMASH home

// Ex.:Jon Flanagan smashed home a superb goal to break the backs of Tottenham and give momentum to the rout which saw the end to Andre Villas Boas' tenure at Spurs. (Daily Star)//

STAB the ball {home | past [goalkeeper]}

// Ex.:Fourth-placed Spurs, under the management of Gerry Francis, took the lead against United, who were fighting for the title with Newcastle United, when Teddy Sheringham stabbed the ball past goalkeeper Peter Schmeichel. (Premier League)//

POKE {the ball home|home past [goalkeeper]}

// Ex.:Mignolet failed to keep hold of a Ki Sung-Yueng effort from the edge of the box, and Giaccherini reacted quicker than the visitors' defenders to poke the ball home. (Premier League)//

KNOCK {the ball {into the net | in | home}} / **NUMBER goals**

// Ex.:It was a terrific stop from Jack Butland just before Sturridge knocked the ball home from close-range. (SKY Sports) / It doesn't stop there, though – as a player Poyet knocked in four goals in 11 games against the Magpies.(Four Four Two) //

THUMP {home | past [goalkeeper]}

Anexo 1

// Ex.:De Jong let fly in hope from outside the box, and when his effort deflected high into the box, the French international showed great strength and desire to shake off his marker, bring the ball under control and thump past Guzan into the roof of the net. (The Independent)//

CLIP the ball into the net

// Ex.:Nolan struck in the 50th minute when he collected Kevin Davies' cross-cum-shot and clipped the ball into the net. (BBC)//

THUNDER a goal home

// Ex.:And finally, with 15 minutes to go, their luck ran out. Good work from Mekki and Molesley down the left channel saw the ball run to Oyeleke, who thundered the ball home from 22 yards inside the near post. (Get Hampshire)//;

EFFORTLESS ACTIONS: These expressions are formed by verbs that depict actions that are easy to carry out.

SLIDE {home his ORDINAL (goal) | the ball home}

// Ex.:Both sides were chasing the win and it looked to be heading Southampton's way in the 88th minute when substitute Leandre Griffit found himself clear of the defence and held his nerve to slide home his second goal for the club. (The Chesterfield Post)//

SWEEP {home | the ball into the net}

// Ex.:The tide mostly flowed the same way after the break, although Niclas Jensen might have restored City's interest when he shot wide of an open goal. Soon the Pensioners were in total control when Terry flicked on Hasselbaink's corner for Mario Stanic to sweep into the net. (Chelsea FC)//

DINK in [a goal]

// Ex.:The World Player of the Year dinked in the winner in the 77th minute as Barca desperately poured forward after Andoni Iraola had cancelled out David Villa's early opener with a 49th-minute penalty. (ahram online)//

TUCK home (a goal)

// Ex.:The summer signing volleyed home after 14 minutes, crossed for Frazer Wright to head home before half-time, and tucked home a third from Danny Invincibile's low cross in the second half. (The Telegraph)//

STROKE a shot past [goalkeeper]

// Ex.:The striker controls, edges past Alex down the inside-right channel and into the box, and strokes a sure shot past Cech and into the bottom left-hand corner of the net. Wonderful football - and it came from nothing, after a very slow start indeed by the home side! (The Guardian)//;

SPEED: these expressions are formed by verbs that show the speed with which the footballer shoots goalwards or the speed of the ball.

TAP {in|home}

// Ex.:The Zurich defence were expecting a shot but instead the Argentinian forward squared it for Raul to tap home from six yards. (The Telegraph)

FIZZ [the ball past goalkeeper|a sidefooter at goal]

// Ex.:Stones were under too much self imposed pressure during a distinctly dodgy period of play but turned the game around 10 minutes later; skipper Wes Parker had seen enough and charged down the flank, crossed expertly for McGleish who was well placed to fizz the ball past Borough keeper Erbil Bozkurt to break the deadlock. (Wealdstone F.C.)//

SNATCH [a goal]

// Ex.:But the early pressure soon dissipated and Celtic's task, already tough, grew even more difficult when Braga snatched an away goal in the 21st minute. (SKY Sports)//;

MOVEMENT: This group of expressions is formed by verbs that depict the movement of the ball towards the goal.

SLOT {home([agoal])|(theball)into{an|the} empty net|past[goalkeeper]| in}

// Ex.: *Robinho, who was the game's outstanding player, then provided one of the assists of the championship so far as he threaded a delightful ball to Elano in the 72nd minute before the midfielder slotted home a second. (SKY SPORTS)*

DRILL (the ball) home

// Ex.: *After Davies missed a header, Van Persie cushioned a lovely lay-off into Rooney's path and he drilled the ball home low into the corner for his fifth United goal of the season. (Mail Online)//*

BURY the ball past [goalkeeper]

// Ex.: *For good measure, Fabregas popped in a peach for his second and Arsenal's fifth as he ran up field, picked his spot and buried the ball past Howard. (Click Liverpool)//*

HOOK in ([a goal])

// Ex.: *When defender Marius Zaliukas hooked in the second shortly after the break, belief they were capable of a sensational result coursed through the home ranks. (Scotsman)//*

STEER the ball past [goalkeeper]

// Ex.: *His pass picks out the run of Osman who steers the ball past Schwarzer. (Football UK)//;*

COMPLETION: These expressions are formed by verbs that depict the act of completing an action.

FINISH (off) (a goal)

// Ex.: *The much-maligned Cleverley finished off a classy goal and looked sharp in the middle, seizing upon Villa mistakes in a 3-0 Man United win. (Talk Sport)*

DELIVER a goal

// Ex.: *It's been 25 years since a match between these two teams delivered a goal and it doesn't look like we're going to get one tonight. (The Guardian)//;*

HEADER: These expressions describe goals scored by heading the ball into the net.
NOD {home (into an empty goal) | in | into the net}; // Ex.: *Benteke nodded home to set up a thrilling finale. (Mirror)*

HEAD (the ball) {home|past (goalkeeper)|into the (roof of the) net};

// Ex.: *The visitors were then gifted a goal as Guaita only succeeded in punching Gabi's corner onto the head of Garcia who headed into the roof of the net. (Football UK)//*

{HAMMER | POUND} a header into the net.

// Ex.: *The towering forward Jan Koller pounded a header into the net to start the scoring on a counterattack in the fifth minute. (Mail Online)//;*

ACHIEVEMENT: These expressions are formed by verbs that emphasize the action of reaching a goal.

NET [a goal]

// Ex.: *Liverpool's season is firmly back on track after Yossi Benayoun netted a hat-trick in Saturday's 4-0 Premier League home win over Burnley. Substitute Stefan Maierhofer netted a late consolation for Wolves. (My Liverpool F.C.)*

BAG [a goal]

// Ex.: *Dave Kitson is finally beginning to find his feet at Stoke as he bagged the winner in a 1-0 victory over Sunderland at the Britannia Stadium. Drogba was a real menace throughout,*

Anexo 1

heading just over from a Jose Bosingwa cross before bagging the all-important goal. (Football 365)//

NICK [a goal]

// Ex.: Birmingham City had the early Premier League leaders begging for the final whistle before Aaron Lennon nicked a winner for Tottenham deep into stoppage time. Lions fans were already leaving the Den when Paul Shaw nicked a consolation goal on 79 minutes but the roar that went up when Tim Cahill (right) made it 3-2 within seconds brought many back. (Tottenham Hot Spur Mad)//;

POSITION: This expression shows the position of the ball after the goal is scored
NESTLE {in | into} the (back of the) net

// Ex.: Not a brilliant penalty-struck low and only a few feet to the left of the centre of the goal, but Julio Cesar went the other way and the ball nestled in the back of the net. (The Guardian)

janelinha (noun) *nutmeg* A trick in which a player rolls the ball through the opponent's legs.// Ex.: Romelu Lukaku created the second just before half-time with a powerful run leaving Arsenal's defence – and midfield – entirely in his wake. He set up Steven Naismith, who looked suspiciously offside, but nevertheless finished neatly with a nutmeg through the goalkeeper's legs. (The Guardian)// **article is cross-referenced from rolinho**

lambreta (noun) *rainbow kick; lambretta flick; lambretta dribble; reverse flick-over; Ossie Ardile's flick; Jay Jay Okocha; the Okocha* A trick in which a player steps over the ball and flicks it off the ground from behind him, and forward over his head in an arc. **article is cross-referenced from carretilha**

piscineiro (noun) *diver* A player who pretends to have been tripped or impeded by an opposing player.// Ex.: Neymar Back in October, Sky Sports' Revista de La Liga panel discussed whether Neymar is a diver, or victim of unfair challenges.. (bleacher report)// **same as cai-cai**

retranca, JOGAR na (verb phrase) [back|deep], *SIT Tactics* in which a team doesn't attack, only defends and waits for counter-attack opportunities.// Ex.: City seem happy to sit back and allow Hull the ball, which is no surprise given Hull's lack of an attacking threat today. (Mail Online) / The first half started as expected; Tottenham dominating possession looking to thread a pass through the Sheriff defence. However the visitors sat deep and stifled Spurs by giving them no space to create. Tottenham were forced into shooting from distance with Moussa Dembele and Étienne Capoue coming the closest. (90 MIN)//

<http://canelada.com.br/caneladas-taticas/uma-copa-de-retranca/>

rolinho (noun) *nutmeg*; *A trick in which a player rolls the ball through the opponent's legs.*// *Ex.:Romelu Lukaku created the second just before half-time with a powerful run leaving Arsenal's defence – and midfield – entirely in his wake. He set up Steven Naismith, who looked suspiciously offside, but nevertheless finished neatly with a nutmeg through the goalkeeper's legs.* The Oxford English Dictionary defines 'nutmeg' as a Victorian slang that means to be tricked or deceived, especially in a manner which makes the victim look foolish. In his book "The Language and Folklore of the World's Greatest Game", Peter Seddon points out that the term 'nutmeg' comes from duplicitous practice in the nutmeg trade. He states: "Nutmegs were such a valuable commodity that unscrupulous exporters were wont to pull a fast one by mixing a helping of wooden replicas into the sacks being shipped to England" and "being nutmegged soon came to imply stupidity on the part of the duped victim and cleverness on the part of the trickster." The term soon started to be used in football, implying that the player whose legs the ball had been played through had been nutmegged. *same as sainha, caneta, janelinha* <https://www.youtube.com/watch?v=k-rPdiHNnek>

sainha (noun) *nutmeg* *A trick in which a player rolls the ball through the opponent's legs.*// *Ex.:Romelu Lukaku created the second just before half-time with a powerful run leaving Arsenal's defence – and midfield – entirely in his wake. He set up Steven Naismith, who looked suspiciously offside, but nevertheless finished neatly with a nutmeg through the goalkeeper's legs. (The Guardian)*// *article is cross-referenced from rolinho*

técnico (noun) *manager; coach* *Professional who is responsible for running a football club or a national team. The manager may also serve as the coach of the team.*// *Ex.:After this latest stumble at home, United manager David Moyes presented his own assessment: 'We played well,' he said. (Mail Online) / 'Dinosaur coach' David Moyes reveals Robin van Persie is fit and ready to go - despite criticism of 'Jurassic' training methods. (The Independent)*// In UK the manager of a team has two responsibilities: 1) to run a football club and 2) to coach the team. These responsibilities tend to be divided in most countries, hence the title of manager is almost exclusively used in British football. In Brazil, the professional who coaches the team is the "técnico" and the professional who manages the team is the "dirigente". The term "coach" is sometimes used to emphasize the trainer responsibility of coaching a team, as we can see in the second example. Besides the differences in the responsibilities attributed to these professionals in the UK and in Brazil, we should bear in mind that the structures of football clubs differ significantly in these countries. The majority of football clubs in England are unincorporated associations comprising a group of individuals bound together by the constitution or rules of the club. The clubs have a company status in which their ownership resides with the shareholders and that the shareholders are motivated by profit, hence they are organized like companies and have positions that do not exist in Brazilian clubs. On the other hand, in Brazil teams are organized as non-profit sport associations and their organization may differ from team to team. *same as treinador*

Anexo 1

<http://www.empregoerenda.com.br/editorias/formacao-profissional/1637-treinador-de-futebol>

tento, MARCAR um (verb phrase) *SCORE* (*{a|the}* goal) *An action in which a player scores a goal.*// Ex.: Artur, aos 47min, marcou um tento de cabeça em impedimento. (Radio Maranatha FM)//

treinador (noun) *manager; coach* *Professional who is responsible for running a football club or a national team. The manager may also serve as the coach of the team.*

Anexo 2

[back|deep], SIT (sintagma verbal) *retranca, JOGAR na Sistema de jogo em que o time se fecha na defesa com a maioria dos seus jogadores.*// Ex.:O S. Paulo jogou na retranca contra o Santos e segurou o empate. (Gazeta do povo)//

<http://canelada.com.br/caneladas-taticas/uma-copa-de-retranca/>

BAG [a goal] (sintagma verbal) *gol, [FAZER|MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.; esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

REALIZAÇÃO: As expressões que compõem essa categoria semântica são formadas por verbos que pertencem à categoria de realização, entendida aqui como consecução, ou seja, o ato de alcançar um objetivo.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

NET [a goal]; NICK [a goal];

BLAST IN (a goal) (sintagma verbal) *gol, [FAZER|MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.; esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

VIOLÊNCIA: O sintagma compõe um grupo de expressões formadas por verbos que transmitem a ideia de ação violenta. Essas expressões frequentemente enfatizam a força com que o jogador chuta ao gol.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

FIRE {home | in (a goal) | (the ball) past [goalkeeper] into the net}; HAMMER {in | home}; SLAM {(the ball) past [goalkeeper] | in | into the roof of the net}; LASH home {(a goal) | into an empty net}; SMASH home; STAB the ball {home | past [goalkeeper]}; POKE {the ball home|home past [goalkeeper]}; KNOCK {the ball {into the net | in | home}} / NUMBER goals; THUMP {home | past [goalkeeper]}; CLIP the ball into the net; THUNDER a goal home;

box-to-box midfielder (sintagma nominal) *carregador de piano Jogador, frequentemente um meia ou centroavante, sem muita técnica, que normalmente atua na marcação, mas que também ajuda no ataque.*// Ex.:Juvenal troca estrela por 'carregador de piano' e diz que Lucas é só sonho (Globo Esporte)//

BURY the ball past [goalkeeper] (*sintagma verbal*) *gol, [FAZER\MARCAR] [UM\O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.; esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

MOVIMENTO: As expressões que compõem esse campo semântico são formadas por verbos que descrevem o movimento que a bola faz para dentro do gol.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

SLOT {home([agoal])|(theball)into{an|the} empty net|past[goalkeeper]| in}; **BURY** the ball past [goalkeeper]; **HOOK** in ([a goal]); **STEER** the ball past [goalkeeper];

CHALLENGE (*verbo*) *falta, [FAZER\COMETER] Ato de infringir as regras do jogo cometido por um jogador. esta entrada é referência cruzada de FOUL*

challenge (*substantivo*) *falta Situação em que um jogador infringe as regras do jogo. esta entrada é referência cruzada de foul*

CLIP the ball into the net (*sintagma verbal*) *gol, [FAZER\MARCAR] [UM\O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.; esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

VIOLÊNCIA: O sintagma compõe um grupo de expressões formadas por verbos que transmitem a ideia de ação violenta. Essas expressões frequentemente enfatizam a força com que o jogador chuta ao gol.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

FIRE {home | in (a goal) | (the ball) past [goalkeeper]| into the net}; **HAMMER** {in | home}; **SLAM** {(the ball) past [goalkeeper] | in | into the roof of the net}; **BLAST IN** (a goal); **LASH** home {(a goal) | into an empty net}; **SMASH** home; **STAB** the ball {home | past [goalkeeper]}; **POKE**{the ball home|home past [goalkeeper]}; **KNOCK** {the ball {into the net | in | home}} / **NUMBER** goals; **THUMP** {home | past [goalkeeper]}; **THUNDER** a goal home;

cricket score (*sintagma nominal*) *chocolate// Ex.:Gol da Alemanha! Chocolate sobre o Brasil vira piada na internetInternautas fizeram de uma partida de video-game uma simulação do fatídico 7 a 1 da Alemanha no Brasil, inspirado no Barcelona x Fluminense, clássico da internet. (FOX Sports)// A origem da expressão é incerta, no entanto, a ideia de que tenha surgido em uma partida do Campeonato Brasileiro, em 1981, em que o Vasco goleou o Internacional por 4 – 0 é compartilhada por muitos. O resultado foi, na época, considerado uma vingança pela derrota da final do Campeonato Brasileiro de 1979, em que o Internacional tinha derrotado o Vasco. Na final de 1981, durante a derrota do Internacional, o narrador Washington Rodrigues teria colocado no ar a música “El bodeguero” do cubano Richard Egües, cujo refrão é “Toma chocolate / Paga lo que debes”. Vitória de um time sobre outro com uma grande diferença de gols*

crock (*substantivo*) *bichado Jogador que apresenta algum problema físico; geralmente crônico.// Ex.:A imprensa soltou que Dagoberto, está machucado e que vai continuar no Cruzeiro sendo aquele jogador bichado que jogava no Internacional, mas vim aqui para esclarecer que é o contrario. (Plantão do Futebol)//*

Cruyff turn (*sintagma nominal*) *corte seco Drible em que um jogador finge que vai passar ou cruzar a bola, mas, em vez de chutá-la, arrasta a bola por trás do pé que está no chão com a parte de dentro do pé que realizaria o chute.// Ex.:O meia do Cruzeiro deu um*

corte seco no defensor e finalizou com precisão de fora da área, no canto esquerdo do Rodrigo Posso, fazendo 1 a 0 para o Maior de Minas. (Globo Esporte)// <https://www.youtube.com/watch?v=U1k7DGqRF5g>

DELIVER a goal (sintagma verbal) gol, [FAZER\MARCAR] [UM\O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol. ; *esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

COMPLETUDE: As expressões que compõem essa categoria semântica são formadas por verbos que carregam o sentido de completar, realizar uma tarefa, assim como o verbo “finalizar” em português.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

FINISH (off) (a goal);

derby (substantivo) *clássico Duelo futebolístico de grande rivalidade realizado, frequentemente, por dois times de um mesmo estado.// Ex.:Fla domina o clássico, faz gol de letra e vence o Flu no Maracanã: 3 a 2 (Globo Esporte)//* Clássicos são caracterizados por enfrentamentos entre clubes ao mesmo tempo próximos e diferentes. Próximos na localização geográfica, divididos por bairros, algumas vezes ruas e diferentes devido a origens, discursos e idealizações bastante distintos, fato que, não raramente, pode contribuir para a presença de violência nessas partidas. Alguns clássicos possuem nomes específicos, como, por exemplo, Atletiba, termo utilizado para o clássico entre Atlético Paranaense e Coritiba. O termo, utilizado mais frequentemente para confrontos estaduais, também pode ser utilizado para designar confrontos interestaduais, no entanto esse uso não é frequente. O termo derby ou dérbi é utilizado, em português, para descrever rivalidades entre times de cidades menores, pois mobilizam toda a cidade, uma vez que, por ser pequena, a cidade possui somente dois times grandes, como é o caso do ‘Dérbi Campineiro’ ou do ‘Dérbi de Ribeirão Preto’ entre o Botafogo Futebol Clube e o Comercial Futebol Clube. Para visualizar a lista completa de clássicos brasileiros acesse: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Anexo:Clássicos de futebol do Brasil&action=edit&redlink=1>

DINK in [a goal] (sintagma verbal) gol, [FAZER\MARCAR] [UM\O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.; *esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

FACILIDADE: O sentido principal das expressões que compõem esse grupo semântico recai sobre a facilidade com que o gol foi feito. Na realidade, a facilidade não caracteriza o gol, mas sim a trajetória da bola, a posição do jogador ou o toque que o jogador dá na bola.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

SLIDE {home his ORDINAL (goal) | the ball home}; SWEEP {home | the ball into the net}; TUCK home (a goal); STROKE a shot past [goalkeeper];

diver (substantivo) *cai-cai; piscineiro Jogador que tem reputação de simular faltas.// Ex.:Neymar enfrenta fortes críticas na Espanha por supostamente simular faltas. Parte da imprensa local acusa o brasileiro de ser cai-cai. (UOL esportes) / Nesta terça-feira, os dois maiores jornais esportivos da Catalunha compraram a briga e, para defender o brasileiro, apontaram o galês Gareth Bale, do Real Madrid, como o verdadeiro piscineiro do futebol mundial. (UOL esportes)//*

DRAW (verbo) *EMPATAR* Ato de fazer um gol de modo a igualar o placar da partida. *esta entrada é referência cruzada de EQUALISE*

DRILL (the ball) home (sintagma verbal) gol, [FAZER|MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.; *esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

MOVIMENTO: As expressões que compõem esse campo semântico são formadas por verbos que descrevem o movimento que a bola faz para dentro do gol.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

SLOT {home([agoal])|(theball)into{an|the} empty net|past[goalkeeper] in}; HOOK in ([a goal]); STEER the ball past [goalkeeper];

dummy (substantivo) *drible da vaca* Drible em que o jogador toca ou chuta a bola para um lado do adversário e corre para buscá-la pelo outro.// Ex.:Na primeira, o atacante deu um belo ‘drible da vaca’ no marcador e cruzou para Robinho, que se jogou na bola, mas não alcançou. (Gazeta Esportiva)// Nos primórdios do futebol brasileiro as partidas eram jogadas em campos improvisados, muitas vezes em pastos e, frequentemente, os jogadores tinham que driblar vacas que invadiam o campo para comer tocando a bola para um lado e correndo para buscá-la pelo outro. Por esse motivo, o drible ficou conhecido como drible da vaca. <https://www.youtube.com/watch?v=eVmc4SvEQoo>

elastico (substantivo) *elástico* Drible em que o jogador, com a bola grudada no pé e parado na frente do marcador, toca duas vezes com o mesmo pé na bola, mudando seu movimento, de forma a enganar seu adversário. *esta entrada é referência cruzada de flip(-)flap*

EQUALISE (verbo) *EMPATAR* Ato de fazer um gol de modo a igualar o placar da partida. // Ex.:O Corinthians empatou com um gol do atacante Didi, após um cruzamento do meia Renaldo pela esquerda. (Folha de S. Paulo)// *same as DRAW, TIE*

FINISH (off) (a goal) (sintagma verbal) gol, [FAZER|MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol. ; *esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

COMPLETUDE: As expressões que compõem essa categoria semântica são formadas por verbos carregam o sentido de completar, realizar uma tarefa, assim como o verbo “finalizar” em português.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

DELIVER a goal;

FIRE {home | in (a goal) | (the ball) past [goalkeeper] into the net} (sintagma verbal) gol, [FAZER|MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol. ; *esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

VIOLÊNCIA: O sintagma compõe um grupo de expressões formadas por verbos que transmitem a ideia de ação violenta. Essas expressões frequentemente enfatizam a força com que o jogador chuta ao gol.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

HAMMER {in | home}; SLAM {(the ball) past [goalkeeper] | in | into the roof of the net}; BLAST IN (a goal); LASH home {(a goal) | into an empty net}; SMASH home; STAB the ball {home | past [goalkeeper]}; POKE{the ball home|home past

[goalkeeper]]; KNOCK {the ball {into the net | in | home}} / NUMBER goals; THUMP {home | past [goalkeeper]]; CLIP the ball into the net; THUNDER a goal home;

FIZZ [the ball past goalkeeper|a sidefooter at goal] (*sintagma verbal*) *gol, [FAZER|MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol; esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

VELOCIDADE: As expressões que formam esse grupo são compostas por verbos que enfatizam a velocidade do gol; não somente a velocidade com que o jogador recebe e chuta ao gol, mas também a rapidez dos toques até o momento do gol.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

TAP {in|home}; SNATCH [a goal];

flick-flack (*noun*) *elástico Drible em que o jogador, com a bola grudada no pé e parado na frente do marcador, toca duas vezes com o mesmo pé na bola, mudando seu movimento, de forma a enganar seu adversário. esta entrada é referência cruzada de flip(-)flap*

flip(-)flap (*substantivo*) *elástico Drible em que o jogador, com a bola grudada no pé e parado na frente do marcador, toca duas vezes com o mesmo pé na bola, mudando seu movimento, de forma a enganar seu adversário.// Ex.:No segundo tempo, a seleção brasileira continuou jogando em alto nível. Com 8 minutos, Willian deu um elástico incrível, passando por dois jogadores adversários e conseguindo criar uma bela jogada. (Esporte Interativo)// Rivelino, ex-futebolista que atuava como meia, é citado como inventor do ‘elástico’. No entanto, em uma entrevista, o jogador disse que aprendeu a jogada com Sérgio Echi, seu companheiro no aspirantes do Corinthians que jogou somente onze jogos no time principal. Rivelino diz ter aperfeiçoado a criação de Echi. O drible, considerado um dos mais espetaculares do futebol, exige técnica apurada e habilidade com a bola; permite que o jogador crie uma superioridade perante o rival, pois, ao superar seu defensor, fica em posição vantajosa para continuar a manobra de ataque. São poucos os jogadores que dominam o ‘elástico’; Rivelino, Romário, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo Fenômeno e Robinho são sempre citados entre os que executam o drible com perfeição. same as *elastico, flick-flack* <https://www.youtube.com/watch?v=xrAlCpAjsJw>*

FOUL (*verbo*) *falta, [FAZER|COMETER] Ato de infringir as regras do jogo cometido por um jogador. // Ex.:Segundo as expulsões do jogo, Simon acredita que Fábio Santos pegue mais jogos de gancho do que Guerrero, pois cometeu uma falta mais grave. (FOX sports) / Aos 22 minutos, o Galo saiu em contra-ataque pelo meio, e Carlos lançou para Guilherme, mas o árbitro auxiliar indicou impedimento. Aos 24, Dátolo cobrou falta fechada da direita na área do Fluminense, e Diego Cavalieri afastou. Em seguida, o atacante Luan fez falta em Wágner e levou o primeiro cartão amarelo da partida. (ESPN)// same as **TACKLE, CHALLENGE***

foul (*substantivo*) *falta Situação em que um jogador infringe as regras do jogo.// Ex.:Fifa contraria brasileiros: nem todo toque de mão é considerado falta. (O jornal de hoje)// same as *challenge, tackle; SEE FOUL**

goal' (*substantivo*) *gol Espaço retangular limitado por uma baliza horizontal e duas balizas verticais, às quais se prende uma rede, e demarcado por uma linha paralela à baliza horizontal.// Ex.:O centroavante avançou em direção ao gol do Tigre, demorou a finalizar, ignorou companheiro que o acompanhava e acabou desarmado. (Terra Esportes)//*

http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-642646473-rede-de-gol-colmeia-fabricamos-sobe-medidafabricante-_JM

goal² (substantivo) *gol Ponto que um time faz quando a bola ultrapassa por completo a linha do gol.// Ex.:Era o 21º gol dele na competição. Artilheiro! Mas o Grêmio é o Grêmio. Um ainda garoto Ronaldinho avançou pela esquerda, deixou o marcador e marcou um lindo gol: 1 a 2. (Imortais do Futebol)//*

HAMMER {in | home} (sintagma verbal) *gol, [FAZER\MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.; esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

VIOLÊNCIA: O sintagma compõe um grupo de expressões formadas por verbos que transmitem a ideia de ação violenta. Essas expressões frequentemente enfatizam a força com que o jogador chuta ao gol.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

FIRE {home | in (a goal) | (the ball) past [goalkeeper] into the net}; LAM {(the ball) past [goalkeeper] | in | into the roof of the net}; BLAST IN (a goal); LASH home {(a goal) | into an empty net}; SMASH home; STAB the ball {home | past [goalkeeper]}; POKE{the ball home|home past [goalkeeper]}; KNOCK {the ball {into the net | in | home}} / NUMBER goals; THUMP {home | past [goalkeeper]}; CLIP the ball into the net; THUNDER a goal home;

{HAMMER | POUND} a header into the net (sintagma verbal) *gol, [FAZER\MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.; esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

GOLS DE CABEÇA: As expressões que compõem essa categoria semântica são formadas por verbos que narram gols de cabeça.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

NOD {home (into an empty goal) | in | into the net}; HEAD (the ball) {home|past (goalkeeper)|into the (roof of the) net};

HEAD (the ball) {home|past (goalkeeper)|into the (roof of the) net} (sintagma verbal) *gol, [FAZER\MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.; esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

GOLS DE CABEÇA: As expressões que compõem essa categoria semântica são formadas por verbos que narram gols de cabeça.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

NOD {home (into an empty goal) | in | into the net}; {HAMMER | POUND} a header into the net;

HOOK in ([a goal]) (sintagma verbal) gol, [FAZER\MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.; *esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

MOVIMENTO: As expressões que compõem esse campo semântico são formadas por verbos que descrevem o movimento que a bola faz para dentro do gol.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

SLOT {home([agoal])|(theball)into{an|the} empty net|past[goalkeeper]| in}; DRILL (the ball) home; BURY the ball past [goalkeeper]; STEER the ball past [goalkeeper];

Jay Jay Okocha (sintagma nominal) lambreta; carretilha Drible em que o jogador puxa a bola com um calcanhar e a levanta com o outro, fazendo a bola passar por cima do oponente e dominando-a do outro lado, de modo a dar sequência à partida. *esta entrada é referência cruzada de rainbow kick*

KNOCK {the ball {into the net | in | home}} / NUMBER goals (sintagma verbal) gol, [FAZER\MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.; *esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

VIOLÊNCIA: O sintagma compõe um grupo de expressões formadas por verbos que transmitem a ideia de ação violenta. Essas expressões frequentemente enfatizam a força com que o jogador chuta ao gol.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

FIRE {home | in (a goal) | (the ball) past [goalkeeper]| into the net}; HAMMER {in | home}; SLAM {(the ball) past [goalkeeper] | in | into the roof of the net}; BLAST IN (a goal); LASH home {(a goal) | into an empty net}; SMASH home; STAB the ball {home | past [goalkeeper]}; POKE{the ball home|home past [goalkeeper]}; THUMP {home | past [goalkeeper]}; CLIP the ball into the net; THUNDER a goal home;

lambretta dribble (sintagma nominal) lambreta; carretilha Drible em que o jogador puxa a bola com um calcanhar e a levanta com o outro, fazendo a bola passar por cima do oponente e dominando-a do outro lado, de modo a dar sequência à partida. *esta entrada é referência cruzada de rainbow kick*

lambretta flick (sintagma nominal) lambreta; carretilha Drible em que o jogador puxa a bola com um calcanhar e a levanta com o outro, fazendo a bola passar por cima do oponente e dominando-a do outro lado, de modo a dar sequência à partida. *esta entrada é referência cruzada de rainbow kick*

LASH home {(a goal) | into an empty net} (sintagma verbal) gol, [FAZER\MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.; *esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

VIOLÊNCIA: O sintagma compõe um grupo de expressões formadas por verbos que transmitem a ideia de ação violenta. Essas expressões frequentemente enfatizam a força com que o jogador chuta ao gol.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

FIRE {home | in (a goal) | (the ball) past [goalkeeper]| into the net}; HAMMER {in | home}; SLAM {(the ball) past [goalkeeper] | in | into the roof of the net}; BLAST IN (a goal); SMASH home; STAB the ball {home | past [goalkeeper]}; POKE{the ball home|home past [goalkeeper]}; KNOCK {the ball {into the net | in | home}} /

NUMBER goals; THUMP {home | past [goalkeeper]}; CLIP the ball into the net; THUNDER a goal home;

manager¹ (substantivo) *dirigente Profissional que gerencia um time.*// Ex.:*Dirigente do Timão diz que renovação com Guerrero está encaminhada. (Lancenet)*// A função do “manager” do futebol inglês não existe no futebol brasileiro uma vez que no Brasil os clubes são associações desportivas, não empresas, como na Inglaterra. Por esse motivo, a hierarquia empresarial adotada no futebol inglês não encontra um único correspondente direto no futebol brasileiro.

manager² (substantivo) *técnico; treinador Profissional que treina um time.*// Ex.:*Com a partida se encaminhando para seus minutos finais, o técnico Muricy Ramalho sacou Felipe Anderson e “Patito” Rodríguez, lesionado, para as entradas de Bernardo e João Pedro, respectivamente. (Placar) / Na volta para a etapa complementar, o treinador Muricy Ramalho trocou Giva por André, no Santos. No São Caetano, Martine sacou Pirão, que havia recebido cartão amarelo no primeiro tempo, para a entrada de Rogério. (Placar)*// A função do “manager” do futebol inglês não existe no futebol brasileiro, uma vez que no Brasil os clubes são associações desportivas, não empresas, como na Inglaterra. Por esse motivo, a hierarquia empresarial adotada no futebol inglês não encontra um único correspondente direto no futebol brasileiro.

Foto: Divulgação

<http://www.emplogerenda.com.br/editorias/formacao-profissional/1637-treinador-de-futebol>

NESTLE {in | into} the (back of the) net (sintagma verbal) *gol, [FAZER\MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.; esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

POSITION: This expression shows the position of the ball after the goal is scored.

NET [a goal] (sintagma verbal) *gol, [FAZER\MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.; esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

REALIZAÇÃO: As expressões que compõem essa categoria semântica são formadas por verbos que pertencem à categoria de realização, entendida aqui como consecução, ou seja, o ato de alcançar um objetivo.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

BAG [a goal]; NICK [a goal];

NICK [a goal] (*sintagma verbal*) *gol*, [FAZER|MARCAR] [UM|O]; *tento*, MARCAR *um*; FINALIZAR *Ato de fazer um gol*; *esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

REALIZAÇÃO: As expressões que compõem essa categoria semântica são formadas por verbos que pertencem à categoria de realização, entendida aqui como consecução, ou seja, o ato de alcançar um objetivo.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

NET [a goal]; BAG [a goal];

NOD {home (into an empty goal) | in | into the net} (*sintagma verbal*) *gol*, [FAZER|MARCAR] [UM|O]; *tento*, MARCAR *um*; FINALIZAR *Ato de fazer um gol*; *esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

GOLS DE CABEÇA: As expressões que compõem essa categoria semântica são formadas por verbos que narram gols de cabeça.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

HEAD (the ball) {home|past (goalkeeper)|into the (roof of the) net}; {HAMMER | POUND} a header into the net;

NOTCH {his ORDINAL|CARDINAL}(goal) (*sintagma verbal*) *gol*, [FAZER|MARCAR] [UM|O]; *tento*, MARCAR *um*; FINALIZAR *Ato de fazer um gol*; *esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

PONTUAÇÃO: A expressão é utilizada para pontuar os gols e seu significado recai sobre o ato de adicionar gols ao placar de uma partida.

nutmeg (*substantivo*) *rolinho; caneta; janelinha; sainha Drible em que o jogador rola a bola por baixo das pernas do adversário e corre pelo lado para buscá-la.// Ex.:Deu uma pedalada e passou por Diogo Goiano, fez que ia para cima de Luccas Claro, mas deu um rolinho e o evitou. (SporTV) / Recuperado, Neymar treina, leva uma 'caneta' e vira piada para Marcelo. (Globo Esporte) / Maxi entrou no segundo tempo justamente na vaga de Zé. Em 35 minutos, somou duas finalizações. Em uma delas, deu ainda uma janelinha em Renato Silva e só não marcou por chutar em cima do goleiro Alessandro. (Globo Esporte) / O bola cheia de hoje, foi o estreante Leandro que jogou bem, deu uma sainha no marcador e no final do jogo quase fez um gol. (Globo Esporte)// <https://www.youtube.com/watch?v=JXBk8XMvx10>*

Ossie Ardile's flick (*sintagma nominal*) *lambreta; carretilha Drible em que o jogador puxa a bola com um calcanhar e a levanta com o outro, fazendo a bola passar por cima do oponente e dominando-a do outro lado, de modo a dar sequência à partida. esta entrada é referência cruzada de rainbow kick*

POKE{the ball home|home past [goalkeeper]} (*sintagma verbal*) *gol*, [FAZER|MARCAR] [UM|O]; *tento*, MARCAR *um*; FINALIZAR *Ato de fazer um gol*; *esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

VIOLÊNCIA: O sintagma compõe um grupo de expressões formadas por verbos que transmitem a ideia de ação violenta. Essas expressões frequentemente enfatizam a força com que o jogador chuta ao gol.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

FIRE {home | in (a goal) | (the ball) past [goalkeeper]| into the net}; HAMMER {in | home}; SLAM {(the ball) past [goalkeeper] | in | into the roof of the net}; BLAST IN

(a goal); LASH home {(a goal) | into an empty net}; SMASH home; STAB the ball {home | past [goalkeeper]}; KNOCK {the ball {into the net | in | home}} / NUMBER goals; THUMP {home | past [goalkeeper]}; CLIP the ball into the net; THUNDER a goal home;

rainbow kick (*sintagma nominal*) *lambreta; carretilha* *Drible em que o jogador puxa a bola com um calcanhar e a levanta com o outro, fazendo a bola passar por cima do oponente e dominando-a do outro lado, de modo a dar sequência à partida.*// *Ex.:Que bonito! Cicinho dá uma lambreta e encobre Zizao aos 12 do 1º tempo. (Globo TV) / Alguém ainda vai quebrá-lo. Eu pensei dez vezes, ia quebrá-lo todo. No lance que ele ia tentar dar a carretilha, eu ia grudá-lo na tela. Uma coisa que eu não admito é falta de respeito, e Neymar estava faltando com respeito. Ele não precisa disso, não precisa fazer graça. Por isso, admiro o Ronaldinho Gaúcho e o Ronaldo Fenômeno. Sempre jogaram o futebol que jogaram sem menosprezar ninguém – declarou Nunes. (Globo Esporte)*// No caso de ‘carretilha’, o nome do drible pode ser associado ao movimento que a linha de pesca faz quando o pescador solta a carretilha e joga a isca na água; no caso de ‘lambreta’ e no caso de ‘lambreta’, o nome pode ser associado à pedalada necessária para iniciar o motor do veículo. *same as lambretta flick, lambretta dribble, reverse flick-over, Ossie Ardile’s flick, Jay Jay Okocha, the Okocha* <https://www.youtube.com/watch?v=CVVIdk7qKcY>

reverse flick-over (*sintagma nominal*) *lambreta; carretilha* *Drible em que o jogador puxa a bola com um calcanhar e a levanta com o outro, fazendo a bola passar por cima do oponente e dominando-a do outro lado, de modo a dar sequência à partida. esta entrada é referência cruzada de rainbow kick*

SCORE ({a|the} goal) (*sintagma verbal*) *gol, [FAZER\MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR ato de fazer um gol*// *Ex.:O Palmeiras fez um gol aos 43 do 2º tempo. (Globo Esporte) / Carlinhos Madureira arriscou de longe e marcou um belo gol pelo Paysandu. (Youtube) / No último teste antes da Copa, Brasil vence a Sérvia com gol solitário de Fred, que, caindo, marcou o tento homenageando o Fluminense! (Blog Milton Neves) / Aos 44, Leandro passou para Tiago Real. A bola ainda desviou em Tiago Garça, mas caiu no meia palmeirense, que finalizou e ampliou: 3 a 0. (Palmeiras Online)*// O verbo “finalizar” também pode ser utilizado em situações em que o jogador chuta para o gol, mas não marca. O inglês possui várias expressões que podem ser utilizadas para descrever um gol, sendo que a mais frequente é SCORE ({a|the} goal. Neste dicionário, dividimos as expressões em categorias semânticas a fim de facilitar o entendimento e comparação. Ressaltamos que, diferentemente do inglês, o português não possui a mesma variedade de expressões. Por esse motivo, embora as expressões possuam particularidades em seus significados em inglês, o equivalente em português não apresenta a mesma distinção. *same as NOTCH {his ORDINAL\CARDINAL}(goal), FIRE {home | in (a goal) | (the ball) past [goalkeeper]} into the net}, HAMMER {in | home}, SLAM {(the ball) past [goalkeeper] | in | into the roof of the net}, BLAST IN (a goal), LASH home {(a goal) | into an empty net}, SMASH home, STAB the ball {home | past [goalkeeper]}, POKE{the ball home|home past [goalkeeper]}, KNOCK {the ball {into the net | in | home}} / NUMBER goals, THUMP {home | past [goalkeeper]}, CLIP the ball into the net, THUNDER a goal home, SLIDE {home his ORDINAL (goal) | the ball home}, SWEEP {home | the ball into the net}, DINK in [a goal], TUCK home (a goal), STROKE a shot past [goalkeeper], TAP {in|home}, FIZZ [the ball past goalkeeper|a sidefooter at goal], SNATCH [a goal], SLOT {home([agoal])|(theball)into{an|the} empty net|past[goalkeeper]} in}, DRILL (the ball) home, BURY the ball past [goalkeeper], HOOK in ([a goal]), STEER the ball past [goalkeeper], FINISH (off) (a goal), DELIVER a goal, NOD {home (into an empty goal) | in | into the net}, HEAD (the ball) {home|past (goalkeeper)|into the (roof of the) net},*

{HAMMER | POUND} a header into the net, NET [a goal], BAG [a goal], NICK [a goal], NESTLE {in | into} the (back of the) net <https://www.youtube.com/watch?v=NFHSY-UCqY8>

sicknote reputation (sintagma nominal) *chinelinho Jogador que simula contusões e que faz o possível para não jogar.// Ex.:Mais uma vez, nós santistas queremos agradecer ao São Paulo por ter comprado esta mala do Ganso. Estão vendo? Não jogou nada no São Paulo e já está começando a mesma palhaçada que fazia no Santos. Acredite no que estou falando, daqui a pouco vai pro Departamento Médico de novo. Esse é o verdadeiro chinelinho. Chupa Sãopaulinada, vocês queriam o cara? Agora aguenta. (Lancenet)//*

SLAM {(the ball) past [goalkeeper] | in | into the roof of the net} (sintagma verbal) *gol, [FAZER|MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.; esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

VIOLÊNCIA: O sintagma compõe um grupo de expressões formadas por verbos que transmitem a ideia de ação violenta. Essas expressões frequentemente enfatizam a força com que o jogador chuta ao gol.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

FIRE {home | in (a goal) | (the ball) past [goalkeeper]} into the net; HAMMER {in | home}; BLAST IN (a goal); LASH home {(a goal) | into an empty net}; SMASH home; STAB the ball {home | past [goalkeeper]}; POKE {the ball home|home past [goalkeeper]}; KNOCK {the ball {into the net | in | home}} / NUMBER goals; THUMP {home | past [goalkeeper]}; CLIP the ball into the net; THUNDER a goal home;

SLIDE {home his ORDINAL (goal) | the ball home} (sintagma verbal) *gol, [FAZER|MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.; esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

FACILIDADE: O sentido principal das expressões que compõem esse grupo semântico recai sobre a facilidade com que o gol foi feito. Na realidade, a facilidade não caracteriza o gol, mas sim a trajetória da bola, a posição do jogador ou o toque que o jogador dá na bola.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

SWEEP {home | the ball into the net}; DINK in [a goal]; TUCK home (a goal); STROKE a shot past [goalkeeper];

SLOT {home([agoal])|(theball)into{an|the} empty net|past[goalkeeper]} in} (sintagma verbal) *gol, [FAZER|MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.; esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

MOVIMENTO: As expressões que compõem esse campo semântico são formadas por verbos que descrevem o movimento que a bola faz para dentro do gol.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

DRILL (the ball) home; BURY the ball past [goalkeeper]; HOOK in ([a goal]); STEER the ball past [goalkeeper];

SMASH home (sintagma verbal) *gol, [FAZER|MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.; esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

VIOLÊNCIA: O sintagma compõe um grupo de expressões formadas por verbos que transmitem a ideia de ação violenta. Essas expressões frequentemente enfatizam a força com que o jogador chuta ao gol.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

FIRE {home | in (a goal) | (the ball) past [goalkeeper] into the net}; HAMMER {in | home}; SLAM {(the ball) past [goalkeeper] | in | into the roof of the net}; BLAST IN (a goal); LASH home {(a goal) | into an empty net}; STAB the ball {home | past [goalkeeper]}; POKE {the ball home|home past [goalkeeper]}; KNOCK {the ball {into the net | in | home}} / NUMBER goals; THUMP {home | past [goalkeeper]}; CLIP the ball into the net; THUNDER a goal home;

SNATCH [a goal] (sintagma verbal) *gol, [FAZER|MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.*

VELOCIDADE: As expressões que formam esse grupo são compostas por verbos que enfatizam a velocidade do gol; não somente a velocidade com que o jogador recebe e chuta ao gol, mas também a rapidez dos toques até o momento do gol.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

TAP {in|home}; FIZZ [the ball past goalkeeper|a sidefooter at goal];

STAB the ball {home | past [goalkeeper]} (sintagma verbal) *gol, [FAZER|MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.; esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

VIOLÊNCIA: O sintagma compõe um grupo de expressões formadas por verbos que transmitem a ideia de ação violenta. Essas expressões frequentemente enfatizam a força com que o jogador chuta ao gol.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

FIRE {home | in (a goal) | (the ball) past [goalkeeper] into the net}; HAMMER {in | home}; SLAM {(the ball) past [goalkeeper] | in | into the roof of the net}; BLAST IN (a goal); LASH home {(a goal) | into an empty net}; SMASH home; POKE {the ball home|home past [goalkeeper]}; KNOCK {the ball {into the net | in | home}} / NUMBER goals; THUMP {home | past [goalkeeper]}; CLIP the ball into the net; THUNDER a goal home;

STEER the ball past [goalkeeper] (sintagma verbal) *gol, [FAZER|MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.; esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

MOVIMENTO: As expressões que compõem esse campo semântico são formadas por verbos que descrevem o movimento que a bola faz para dentro do gol.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

SLOT {home([agoal])|(theball)into{an|the} empty net|past[goalkeeper] in}; DRILL (the ball) home; BURY the ball past [goalkeeper]; HOOK in ([a goal]);

STROKE a shot past [goalkeeper] (sintagma verbal) *gol, [FAZER|MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.; esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

FACILIDADE: O sentido principal das expressões que compõem esse grupo semântico recai sobre a facilidade com que o gol foi feito. Na realidade, a facilidade

não caracteriza o gol, mas sim a trajetória da bola, a posição do jogador ou o toque que o jogador dá na bola.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

SLIDE {home his ORDINAL (goal) | the ball home}; SWEEP {home | the ball into the net}; DINK in [a goal]; TUCK home (a goal);

SWEEP {home | the ball into the net} (sintagma verbal) gol, [FAZER|MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.; *esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

FACILIDADE: O sentido principal das expressões que compõem esse grupo semântico recai sobre a facilidade com que o gol foi feito. Na realidade, a facilidade não caracteriza o gol, mas sim a trajetória da bola, a posição do jogador ou o toque que o jogador dá na bola.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

SLIDE {home his ORDINAL (goal) | the ball home}; DINK in [a goal]; TUCK home (a goal); STROKE a shot past [goalkeeper];

TACKLE (verbo) falta, [FAZER|COMETER] Ato de infringir as regras do jogo cometido por um jogador. *esta entrada é referência cruzada de FOUL*

tackle (substantivo) falta Situação em que um jogador infringe as regras do jogo. *esta entrada é referência cruzada de foul*

TAP {in|home} (sintagma verbal) gol, [FAZER|MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.; *esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

VELOCIDADE: As expressões que formam esse grupo são compostas por verbos que enfatizam a velocidade do gol; não somente a velocidade com que o jogador recebe e chuta ao gol, mas também a rapidez dos toques até o momento do gol.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

FIZZ [the ball past goalkeeper|a sidefooter at goal]; SNATCH [a goal];

The Matthews move (sintagma nominal) Movimento em que o jogador dá um toque na bola ligeiramente para a esquerda com o interior do pé direito. Se o defensor se move nessa direção, o jogador usa o exterior do pé direito para apertar a bola no lado direito do defensor, saltando por ele e continuando pelo lado.// Ex.:My dad made me watch old Betamax video tapes that focused on skill and technique. It involved a Dutch coach called Wiel Coerver. He was in charge of Feyenoord in the 1970s and he created the Coerver coaching technique. In terms of dribbling, it focused on misdirection – so the defender moved one way and you could go the other. It's things like the Matthews move, the Rivelino move and the Maradona move – I used to practise it all in the front garden. (FourFourTwo)// Embora seja executado por jogadores brasileiros, “The Matthews move” não possui um equivalente em português. Quando o movimento é realizado, jornalistas esportivos normalmente utilizam os termos “ginga”, “drible” e “corte” para descrevê-lo. Em inglês o termo homenageia o jogador Stanley Matthews, futebolista inglês, que executava o drible com perfeição. <https://www.youtube.com/watch?v=0YySw0pnEWE>

the Okocha (substantivo) lambreta; carretilha Drible em que o jogador puxa a bola com um calcanhar e a levanta com o outro, fazendo a bola passar por cima do oponente e

dominando-a do outro lado, de modo a dar sequência à partida. esta entrada é referência cruzada de rainbow kick

THUMP {home | past [goalkeeper]} (sintagma verbal) gol, [FAZER\MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.; *esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

VIOLÊNCIA: O sintagma compõe um grupo de expressões formadas por verbos que transmitem a ideia de ação violenta. Essas expressões frequentemente enfatizam a força com que o jogador chuta ao gol.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

FIRE {home | in (a goal) | (the ball) past [goalkeeper] into the net}; HAMMER {in | home}; SLAM {(the ball) past [goalkeeper] | in | into the roof of the net}; BLAST IN (a goal); LASH home {(a goal) | into an empty net}; SMASH home; STAB the ball {home | past [goalkeeper]}; POKE {the ball home|home past [goalkeeper]}; KNOCK {the ball {into the net | in | home}} / NUMBER goals; CLIP the ball into the net; THUNDER a goal home;

THUNDER a goal home (sintagma verbal) gol, [FAZER\MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.; *esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

VIOLÊNCIA: O sintagma compõe um grupo de expressões formadas por verbos que transmitem a ideia de ação violenta. Essas expressões frequentemente enfatizam a força com que o jogador chuta ao gol.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

FIRE {home | in (a goal) | (the ball) past [goalkeeper] into the net}; HAMMER {in | home}; SLAM {(the ball) past [goalkeeper] | in | into the roof of the net}; BLAST IN (a goal); LASH home {(a goal) | into an empty net}; SMASH home; STAB the ball {home | past [goalkeeper]}; POKE {the ball home|home past [goalkeeper]}; KNOCK {the ball {into the net | in | home}} / NUMBER goals; THUMP {home | past [goalkeeper]}; CLIP the ball into the net;

TIE (verbo) EMPATAR Ato de fazer um gol de modo a igualar o placar da partida. *esta entrada é referência cruzada de EQUALISE*

time, STALL for (sintagma verbal) cera, FAZER Situação em que um jogador retarda a reposição da bola, simula contusões ou troca passes estéreis a fim de passar o tempo.// Ex.: Visivelmente exaustos, os chilenos tentaram ganhar tempo, fazendo cera para forçar a decisão nos pênaltis. A torcida percebeu e soltou gritos de "timinho!" (Terra esportes)//

TUCK home (a goal) (sintagma verbal) gol, [FAZER\MARCAR] [UM|O]; tento, MARCAR um; FINALIZAR Ato de fazer um gol.; *esta entrada é referência cruzada de SCORE ({a|the} goal)*

FACILIDADE: O sentido principal das expressões que compõem esse grupo semântico recai sobre a facilidade com que o gol foi feito. Na realidade, a facilidade não caracteriza o gol, mas sim a trajetória da bola, a posição do jogador ou o toque que o jogador dá na bola.

expressões que pertencem ao mesmo campo semântico:

SLIDE {home his ORDINAL (goal) | the ball home}; SWEEP {home | the ball into the net}; DINK in [a goal]; STROKE a shot past [goalkeeper]